



TUDO
COMEÇA
COM UMA
LUTA



MANOEL DEL RIO

TUDO COMEÇA COM UMA LUTA





MANOEL DEL RIO

**TUDO
COMEÇA
COM UMA
LUTA**



**EDIÇÃO DO
AUTOR**

SÃO PAULO, 2020

Copyright © 2020 *Manoel Del Rio* - Todos os direitos reservados.

Organização editorial

Heluíza Silva

Capa

Laura Borges Del Rio

Diagramação

Israel Dias de Oliveira

Fotografias

Arquivo pessoal e divulgação

Revisão

Heloisa Silva de Carvalho, Heluíza Silva e Maiara Dassan Schiavon

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

R585t RIO, Manoel Del.

Tudo começa com uma luta / Manoel Del Rio. — São Paulo:
Edição do autor, 2020.

1. Problemas sociais 2. Moradia 3. Questões do bem-estar
social I. Título

CDU 364.6

CDD 361.1

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada, reproduzida por meios acadêmicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do autor.

Editor

ISRAEL DIAS DE OLIVEIRA
Rua Manuel Ramos Paiva, 429
São Paulo - SP
Fone: (11) 95497-4044
www.livro-reportagem.com.br

*Dedico este livro a todas/os ativistas das lutas por
justiça, especialmente os sem tetos.*



AUTONOMIA

“Bem diz Eclesiastes: algumas vezes tem o ser humano domínio sobre outro ser humano para desgraça sua”. O melhor de tudo, acrescento eu, é possuir-se a gente a si mesmo”.

Machado de Assis

TEORIA E PRÁTICA

“Não se aprende, Senhor! Na fantasia, sonhando, imaginando ou contemplando, se não vendo, estudando e lutando”.

Camões

CIÊNCIA

“Tudo que acontece tão somente porque existe luta. Isto é, cada coisa traz dentro de si mesma um antagonismo que faz com que se mova do que é para o que não é. Tudo está se movendo. O que existe é o movimento”.

Mao Tsé-Tung

SUMÁRIO

PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO	15
PREFÁCIO À 1ª EDIÇÃO	17
INTRODUÇÃO	21
O DEMÔNIO TOMOU CONTA DO MUNDO	
Março de 1991.....	23
DE QUE ORGANIZAÇÃO PRECISAMOS?	
Setembro de 2020.....	25
CORONAVÍRUS: O MAL NÃO ANDA SOZINHO	
25 de março de 2020.....	32
NÃO PODEMOS ESPERAR, PRECISAMOS DE NOSSAS MORADIAS	
08 de março de 2018.....	39
DESAFIOS PARA O PT E AS FORÇAS PROGRESSISTAS	
07 de fevereiro de 2019.....	41
MULHERES NEGRAS NA FRENTE	
01 de junho de 2018.....	49
TRAGÉDIA DOS SEM TETOS DEIXA OS REIS NUS	
Maio de 2018.....	54
AS REGALIAS DO JUDICIÁRIO DO BERÇO AO CAIXÃO	
30 de março de 2018.....	58
AS PROFUNDEZAS DO GOLPE DE 2016	
15 de junho de 2017.....	62
SEM TETOS: AO COMBATE	
Novembro de 2016.....	67
CHUPINS DESTROEM O BRASIL	
Novembro de 2016.....	70
SUPERLUCROS E CRISE ECONÔMICA	
Janeiro de 2016.....	72
EXPLORAÇÃO MINERAL NO BRASIL: "A MÁQUINA DE ACABAR COM TUDO"	
30 de novembro de 2015.....	79

PRESTES MAIA DESAPROPRIADO: A ÁGUA ROMPEU A PEDRA 12 de novembro de 2015.....	86
DIA 30 DE AGOSTO NA PAULISTA, O POVO TRAVOU UMA BOA LUTA 1º de setembro de 2015	89
OS SUPERFATURADOS E A CORRUPÇÃO 8 de maio de 2015	94
JOGOS PAN-AMERICANOS 2015: CUBA EM PRIMEIRO LUGAR Maio de 2015.....	99
DIREITO À MORADIA NÃO TEM FILA Maio de 2015.....	102
HISTÓRIA DO 1º DE MAIO E A NOSSA LUTA DE HOJE 1º de maio de 2015.....	105
DIREITO À MORADIA TEM QUE VALER Maio de 2015.....	109
O PT E A LUZ NO FIM DO TÚNEL 21 de abril de 2015.....	112
TERCEIRIZAÇÃO: “SÃO DOIS PATRÕES NAS COSTAS DO TRABALHADOR” Abril de 2015.....	122
PRESSÃO DOS CICLISTAS FAZ JUDICIÁRIO SUSPENDER LIMINAR QUE IMPEDIA CONSTRUÇÃO DE CICLOVIAS EM SÃO PAULO Março de 2015	125
O CARNAVAL NÃO É BRINCADEIRA 21 de fevereiro de 2015	127
IPTU: “QUANDO PENSO NO FUTURO NÃO ESQUEÇO DO PASSADO” Dezembro de 2014	130
ELEIÇÕES 2014: Novos Desafios 29 de outubro de 2014	133
400 KM DE CICLOVIAS: SÃO PAULO NO RUMO CERTO Setembro de 2014	136
SENTENÇA DE REINTEGRAÇÃO DE POSSE NÃO FAZ JUSTIÇA Agosto de 2014	139
A COPA E A REMESSA DE LUCROS 27 de maio de 2014.....	144
EPIDEMIA DE DENGUE EM SÃO PAULO VEM DE PRÉDIOS E TERRENOS ABANDONADOS 21 de maio de 2014	146
A COPA É NOSSA: NÃO VAMOS PERDER 16 de maio de 2014.....	149
OCUPAÇÃO DOS SEM-TETOS: UM GRANDE CANTEIRO DE OBRAS 18 de abril de 2014	154

50 ANOS DA DITADURA MILITAR 9 de abril de 2014.....	156
LEITURAS OBRIGATÓRIAS 6 de fevereiro de 2014.....	161
55 ANOS DA REVOLUÇÃO CUBANA 2 de fevereiro de 2014.....	169
"ROLEZINHO" NA CICLOFAIXA 22 de janeiro de 2014.....	171
SAÚDE EM CUBA 25 de novembro de 2013.....	173
GANÂNCIA ESTÁ INVIABILIZANDO MORADIA POPULAR NO CENTRO DE SÃO PAULO 25 de outubro de 2013.....	175
COMBATER PRIVILÉGIOS 2 de outubro de 2013.....	179
UMA NOVA VIRADA CULTURAL PARA SÃO PAULO 21 de setembro de 2013.....	181
PEDALANDO NO CENTRO DE SÃO PAULO 21 de agosto de 2013.....	184
UM PT TRISTE 1º de julho de 2013.....	186
O ESGOTAMENTO DO LULISMO 25 de junho de 2013.....	192
LUTA PELA REDUÇÃO NO PREÇO DAS TARIFAS DE TRANSPORTE PÚBLICO 16 de junho de 2013.....	195
AS MANIFESTAÇÕES DE RUA E A LUTA POPULAR 11 de junho de 2013.....	198
6ª CONFERÊNCIA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: QUEM MUDA A CIDADE SOMOS NÓS. REFORMA URBANA JÁ 3 de junho de 2013.....	204
DAQUI NÃO SAIO, DAQUI NINGUEM ME TIRA 22 de dezembro de 2012.....	207
NINGUEM DORMINDO NAS RUAS 22 de dezembro de 2012.....	210
MORADIA PROVISÓRIA NOS IMÓVEIS OCUPADOS Dezembro de 2012.....	212
VIOLÊNCIA ECONÔMICA: A MÃE DE TODAS AS VIOLÊNCIAS 22 de novembro de 2012.....	215
CASA, COMIDA E ROUPA LAVADA 9 de setembro de 2012.....	217

FIM DAS OLIMPIADAS: "OS PRIMEIROS SÃO OS ÚLTIMOS" 1º de setembro de 2012	219
EDUCAÇÃO É TUDO: COM CASA, COMIDA E ROUPA LAVADA 23 de junho de 2012.....	222
BOLSA MILIONÁRIOS: IMENSO CUSTO BRASIL 20 de junho de 2012	224
MUSEU DA DEMOCRACIA: COMO OS MORADORES DA CIDADE HOMENAGEARAM LÊNIN 8 de maio de 2012	227
PROGRAMA INTEGRADO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À POBREZA 05 de maio de 2012.....	229
MORADIA PERTO DO TRABALHO 12 de abril de 2012.....	236
CIDADE LIMPA É A QUE TEM SEU LIXO RECICLADO 11 de abril de 2012	238
CIDADES COMPACTAS 4 de abril de 2012.....	240
LEMBRANÇAS DO PROFESSOR AZIZ AB'SÁBER 29 de março de 2012.....	245
A FALTA DE CRECHES COMPROMETE O FUTURO DAS CRIANÇAS Março de 2012	248
CRECHES É A PRIORIDADE 29 de fevereiro de 2012	250
CENTRO INTEGRADO DE TRATAMENTO DO CRACK 11 de janeiro de 2012.....	253
SALVE LULA, VIVA DILMA! 10 de janeiro de 2012.....	256
INCÊNDIO NA FAVELA DO MOINHO: UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA 25 de dezembro de 2011.....	259
INDIGNADOS E OFENDIDOS OCUPAM WALL STREET 28 de novembro de 2011.....	262
REPOVOAR O CENTRO PARA ESTIMULAR A INCLUSÃO SOCIAL E COMBATER AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS 20 de novembro de 2011	264
RENDA DO PETRÓLEO DEVE IR PARA EDUCAÇÃO, MORADIA E EMPREGO 19 de setembro de 2011	267
CRECHE URGENTE: FALTAM 174.168 MIL VAGAS EM SÃO PAULO 19 de novembro de 2011.....	270
MORADIA COMO EIXO ESTRUTURANTE DE INCLUSÃO SOCIAL DA CIDADE 1º de novembro de 2011.....	271

EM GENEBRA NÃO RECICLAR LIXO É DELITO Outubro de 2011	274
TODOS OS DIAS DAS CRIANÇAS Outubro de 2011	276
A FORÇA ESPORTIVA DE CUBA 9 de setembro de 2011	278
HOSPITAL DO CRACK: A LUTA PELA VIDA 1º de agosto de 2011.....	280
BOA NOVA: BOLSA EDUCAÇÃO 24 de junho de 2011	282
AS TAXAS MÉDIAS DE RENDA E DESEMPREGO 19 de junho de 2011	284
LUTA DOS SEM TETOS FIXA POPULAÇÃO DE MENOR RENDA NO CENTRO DE SÃO PAULO 9 de junho de 2011	287
RECURSOS PARA ELIMINAR OS GARGALOS DA EDUCAÇÃO 27 de maio de 2011	290
"A POBREZA ANIQUILA O FUTURO" 18 de maio de 2011	292
DISTRITOS DO CENTRO GANHAM HABITANTES 5 de maio de 2011	294
DESAFIOS DE VENCER A MISÉRIA Maio de 2011.....	297
CARTA ABERTA À CORREGEDORIA GERAL DA UNIÃO 27 de abril de 2011.....	299
ENCHENTES NAS CIDADES BRASILEIRAS 27 de janeiro de 2011	303
SÃO PAULO TEM 2 MILHÕES E 172 MIL PESSOAS MORANDO EM FAVELAS. NO BRASIL SÃO 11,4 MILHÕES 23 de janeiro de 2011	306
O SOM AO REDOR: UM BELO FILME 21 de janeiro de 2011	310
REINTEGRAÇÃO DE POSSE: A SENTENÇA DE MORTE Novembro de 2010.....	311
PROPOSTA DE PROGRAMA HABITACIONAL Maio de 2010	313
PEDRAS NO CAMINHO DA JUVENTUDE E A POLÍTICA DE EMPREGO PARA REALIZAÇÃO DE SERVIÇOS COMUNITÁRIOS 8 de fevereiro de 2008.....	324
HOMENS E MULHERES DE BEM 31 de janeiro de 2006	328

PREFÁCIO PARA O LIVRO-REPORTAGEM DE ERIK SANTANA	
Maio de 2005.....	331
SEM TETO, UM ETERNO MIGRANTE	
Outubro de 2003.....	333
"QUERIA TER UMA CASA. AQUI, DORMEM TODOS AMONTOADOS"	
Maio de 2003.....	337
APRESENTAÇÃO DO LIVRO A FOME EM SÃO PAULO	
Dezembro de 2002.....	341
PARA UMA REFORMA URBANA E HABITACIONAL	
10 de dezembro de 2000.....	345
A LUTA POR MORADIA	
Dezembro de 2000.....	349
"DO PÂNTANO NASCE A FLOR" - PERSPECTIVA DA LUTA POR MORADIA NA CIDADE DE SÃO PAULO (1998)	
Dezembro de 1998.....	355
INTRODUÇÃO AO LIVRO "CORTIÇOS" – UMA REALIDADE QUE NINGUÉM VÊ	
Abril de 1998.....	361
OS PATRÕES ENCHERAM O COFRE DE LUCROS E APROFUNDARAM A MISÉRIA DOS TRABALHADORES	
Dezembro de 1997.....	365
LATIFUNDIÁRIOS FUZILAM MAIS UM	
Junho de 1993.....	368
EPIDEMIA DE CORRUPÇÃO, DESEMPREGO E BAIXOS SALÁRIOS ESPALHAM A CÔLERA PELO BRASIL	
Abril de 1993.....	369
DESEMPREGO E BAIXOS SALÁRIOS ENCHEM AS RUAS DE MISERÁVEIS	
Março de 1993.....	371
PATRÕES AUMENTAM A EXPLORAÇÃO	
Junho de 1993.....	373
O GOLE DE CADA UM	
Outubro de 1986.....	376
UM POUCO DE MINHA HISTÓRIA.....	381
FOTOGRAFIAS & TRAJETÓRIA	
Início de Tudo.....	388
Na Luta Sindical.....	392
Anos 90.....	395
Anos 2000.....	398



PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO

No livro *Tudo começa com uma luta*, o autor e companheiro, Manoel Del Rio, nos convida a revisitar, a partir de sua trajetória, a luta das organizações de trabalhadores/as em defesa de direitos.

Um livro esplêndido! Ora, analítico com dados e estatísticas. Resultado de muitas leituras e pesquisas. Ora, revisitando a teoria revolucionária clássica. Sempre construindo a educação popular, observando a necessidade de fortalecer as organizações dos trabalhadores/as, as pessoas, lutando pela garantia de direitos, incentivando o protagonismo do sujeito histórico.

A clareza advinda da narrativa do autor espelha seu perfil ideológico, comprometido com as lutas por justiça social, cidadania, igualdade, fraternidade, bandeiras de enfrentamento ao atual sistema capitalista, opondo-se frontalmente contra toda e qualquer exploração, especulação e opressão que vise à concentração de renda e violências contra os mais vulneráveis.

Sua perspectiva visionária torna seus textos e caminhos percorridos surpreendentes e atuais, a fim de enfrentar as discriminações impostas pelo sistema atual, como: homofobia, racismo e machismo, já estabelecidos no seio da sociedade.

Assim, o autor com base em uma vida dedicada às lutas sociais, vinculada à defesa dos direitos humanos e com sua experiência como operador do direito, nos apresenta com avaliações, propostas e sugestões sobre os mais diversos temas. A segunda edição do livro, proporciona elementos para a reflexão sobre o momento atual e nos convida a pensar, a partir da história, em formas de organização para enfrentamento da atual crise do capital.

Já dizia Monteiro Lobato: “um país se faz com homens e livros” e “quem mal lê, mal ouve, mal fala e mal vê”. Logo, convido a todos/as a ler o livro *Tudo começa com uma luta*, para certificar minha simples narrativa quanto ao conteúdo desta obra.

Por Sebastião Bezerra Sobrinho, advogado e defensor do direito à moradia digna.

São Paulo, setembro de 2020.

PREFÁCIO À 1ª EDIÇÃO

O livro *No meio do redemoinho*: a luta é sempre, de Manoel Del Rio, vem a público e quer compartilhar com o leitor uma preocupação central de seu pensamento: a condição de vida das pessoas. Crianças, jovens, mulheres e homens adultos ou idosos, próximos do despejo ou morando em condições precárias, quando não, já em situação de vulnerabilidade social, são preocupações permanentes do advogado, político e também escritor, que em textos analíticos e didáticos, se propõe a desmascarar as causas de tamanho infortúnio social.

Não há dúvida: os artigos de Manoel Del Rio são inspirados por um tenaz humanismo — sua legítima consideração pelo ser humano não se curva, nem diante da morosidade do poder público, na adoção de políticas habitacionais urgentes sempre proteladas, nem perante à ganância dos especuladores imobiliários que, ao elevar o

valor dos imóveis às alturas, inviabilizam o acesso à moradia para as pessoas que dela necessitam.

Esta obra expõe uma indignação sincera relativa às questões que afetam o cotidiano da vida das pessoas: os baixos salários, quando não o desemprego, o *habitat* em moradias precárias, quando não apenas a rua como lar; a precariedade da educação ou as condições alimentícias deficitárias. Tudo isso decorre, conforme bem demonstra Manoel Del Rio, de consequências concretas do modo de produção capitalista que impacta de forma destrutiva a vida dos trabalhadores.

No entanto, os escritos do Manoel Del Rio não são ditados por argumentos ranzinzas instilados de ódio ou coisa que o valha, ao contrário, os textos são habitados por uma insatisfação responsável, fundamentada em dados estatísticos, norteadas pela aplicação do Direito, com escopo teórico associado à vivência de anos de militância, bem como inúmeras referências no campo da literatura e da poesia, o que faz de seus artigos, não meros textos informativos, mas instrumentos de transformação comprometidos com o ser humano.

O livro *No meio do redemoinho: a luta é sempre dispõe*, então, de treze capítulos em que, Manoel Del Rio, irá versar sobre política e meio ambiente, mobilidade urbana e saúde, moradia e esporte, participação popular e cultura, direitos humanos e educação, transporte e miséria, avaliando sempre sob o ângulo do trabalhador o que deve ser melhorado e de que forma isso pode ser feito. O último capítulo, aliás, é o que, especificamente, estabelece propostas.

É interessante observar que, além de sólido domínio sobre os temas, o autor não se limita a analisar estes tópicos apenas relativos à cidade de São Paulo, o que já estaria de bom tamanho, mas amplia sua reflexão em termos

de Nação e, por fim, faz considerações dialéticas mais generalizantes, articulando problemas específicos com aspectos universais; é o caso, por exemplo, em que a luta específica por moradia deve ser compreendida enquanto processo amplo de luta contra o capitalismo internacional, que é a causa econômica, isto é, a matriz, deste problema que acomete a humanidade.

Consequentemente, o livro resgata a importância de projetos coletivos, importantes para que, mediante a unidade de ação os trabalhadores e as forças progressistas em geral (sociais, sindicais, estudantis e intelectuais), possam se fortalecer e fazer frente às investidas das forças conservadoras, pois, fato é que: “Ninguém sobreviverá sozinho”.

Por fim, quero convidar a todos que leiam o livro e certifiquem-se do que digo. Lembro apenas que, enquanto Mário de Andrade escreveu para sua *Paulicéia Desvairada*, um prefácio intitulado “Interessantíssimo” e Manuel Bandeira, para as *Obras Primas da Lírica Brasileira*, definiu seu prefácio como “Levianíssimo”, ao prefácio *No meio do redemoinho*: a luta é sempre, me darei por satisfeito se tiver sido, ao menos, “justíssimo”.

Charles Gentil



INTRODUÇÃO

Em 2016 reuni diversos textos escritos para boletins de sindicatos, associações e movimentos sociais e outros para consumo político ou para publicação no blog www.manoeldelrio.com e publiquei no livro No meio do redemoinho. E como a edição se exauriu e ninguém desqualificou nenhuma matéria da publicação, resolvi ampliar e fazer outro volume. Agora, com alguns textos atuais e outros mantidos da edição anterior.

No primeiro exemplar organizei as matérias por assunto, mas neste novo livro disponibilizei os textos por data. Publicado por ordem cronológica decrescente, aberto pelo escrito mais antigo. Deste modo, o leitor pode começar pelo assunto que mais lhe interessar. De trás, para a frente, da frente para o fim, do meio para início ou fim.

A linguagem utilizada está de acordo com as circunstâncias do momento da elaboração da matéria. Sempre apresentando os contrastes sociais e os desafios de nossas vidas.

*Boa leitura.
São Paulo, setembro de 2020.*



O DEMÔNIO TOMOU CONTA DO MUNDO

Março de 1991

Texto extraído do Boletim Bate Forte

A vida de quem ganha o pão com o suor do próprio rosto está um verdadeiro inferno. Os salários, só neste primeiro ano do governo Collor, foram saqueados, perderam seu valor. O desemprego atingiu 850 mil pessoas só na Grande São Paulo.

Com os salários reduzidos a pó e sem emprego para ganhar a vida, milhares de trabalhadores e suas famílias apodrecem em vida. Não se alimentam direito, não têm onde morar, a saúde fica abalada, ficam indefesos frente a todos os tipos de doenças: meningite, dengue, febre amarela, tuberculose e outras.

Isto ocorre não só no Brasil, mas também em países da América Latina: nossos irmãos e irmãs do Paraguai, Chile, Bolívia, Peru, Colômbia, México... e mesmo nossos irmãos e irmãs da África e Ásia têm o mesmo destino de nosso povo. Porque estas regiões da terra estão condenadas a bombear sangue humano para os países ricos.

Todos os anos, bilhões e bilhões de dólares são enviados para os países imperialistas. Porém, os trabalhadores dos países ricos também estão na pior. Nos Estados Unidos, 20 milhões de pessoas estão abaixo da linha de pobreza; na Europa, os imigrantes são tratados como escravos; no Japão, o trabalhador é como um burro de carga.

O desemprego e o rebaixamento dos salários atingem os trabalhadores e trabalhadoras do mundo inteiro. O nível de vida de quem produz as riquezas do mundo está caindo.

Isto ocorre porque o sistema capitalista tomou conta do mundo. E para que este monstro viva e se fortaleça, ele precisa chupar o sangue e sacrificar milhões de trabalhadores.

No Brasil, as elites brasileiras e o governo Collor cumprem o papel que o monstro capitalista lhes determinou, que é sacrificar e matar os que vivem de salários.

Os trabalhadores do mundo todo precisam destruir e esconjurar o demônio capitalista. Enquanto essa tarefa não for executada, nossa vida não será fácil.

Os trabalhadores do ABC e do porto de Santos que se revoltaram contra o desemprego foram vitoriosos. Isto mostra que, se o povo todo for pro pau contra as injustiças, o demônio capitalista será vencido.

DE QUE ORGANIZAÇÃO PRECISAMOS?

Setembro de 2020

Em 15 de agosto de 2020, o Congresso Nacional aprova: "FUNDO DO PRÉ-SAL TEM DESTINO ALTERADO". Para BRASODUTO, vão R\$ 97 bi e para governadores e prefeitos bancarem despesas, R\$ 145 bi, antes esse fundo iria para a saúde e educação". R\$ 242 bi retirado da saúde e da educação nos próximos 20 anos. A destinação desses recursos, direcionados para a saúde e educação, foi aprovada nos governos do PT.

Depois do golpe de 2016 as medidas econômicas que retiram direitos dos trabalhadores/as são constantes. Debilitaram ainda mais a previdência social, esvaziaram a frágil CLT, atacaram o SUS mandando embora 15 mil médicos e ampliaram os cortes nos investimentos da saúde. Com a epidemia do COVID 19 ficou clara a importância do SUS, entretanto a falta de insumos, equipamentos e profissionais da saúde dificultou o atendimento de centenas de vida. Acabaram com os programas

habitacionais e agrediram a educação. Modificaram, os golpistas, a sistemática de correção do salário mínimo, que vinha recompondo seu valor. Doravante, depois do golpe de 2016, em 20 anos o salário mínimo (2036) valerá 1/3 (um terço) do que deveria valer. E desde o golpe e agora com intensidade, os preços dos produtos de consumo social aumentam entre 100% e até mais de 200% (cem e duzentos por cento). Sobem o dobro ou até o triplo do preço: a carne, o arroz, o feijão, o óleo, o gás de cozinha, a gasolina, os remédios. Enquanto, os salários estão congelados. Volta a velha frase: enquanto os preços sobem pelo elevador os salários empacam na escada. O desemprego atinge milhões de pessoas. Segundo IBGE (PNAD/COVID 19) 41 milhões estão sem emprego. Multiplica-se o trabalho precário.

Sem nenhum direito trabalhista e salário abaixo do mínimo. Destruíram a indústria naval, a indústria petroquímica, entregaram o Petróleo para as corporações internacionais. Estão destruindo qualquer possibilidade de desenvolvimento sustentável do Brasil. De modo planejado destroem as florestas e disseminam a catástrofe ambiental que é o agronegócio da agricultura brasileira. O retrocesso arquitetado pelas forças (burguesas) conservadoras eliminou e continua destruindo direitos fundamentais dos trabalhadores/as. Direitos conquistados com muito sacrifício e muita luta. Muitos desses direitos conquistados a mais de 100 (cem) anos. O golpe de 2016 organizou o assassinato das condições de vida dos trabalhadores. Morrem de doenças curáveis, morrem de fome ou tem uma existência com profundos danos em seu corpo e sua alma. Os ataques às condições de vida dos trabalhadores/as são antigos, permanentes e profundos. Nenhum governo alinhado com os direitos dos trabalhadores/as e com o pro-

gresso do Brasil, suporta o ataque dos conservadores (burguesia brasileira e aliados imperialistas). Logo que o PT/Lula assumiu a presidência a desestabilização e o bloqueio de políticas progressistas foram orquestrados. Retiraram o imposto que assegurava recursos para a saúde e mapeava a lavagem de dinheiro da burguesia, do tráfico de drogas, falcatruas de banqueiros e movimentação financeira de credos religiosos. Em seguida, tentaram derrubar o PT/Lula com a montagem das falsas acusações do mensalão. Utilizaram-se de um ministro do Supremo indicado por Lula, o Sr. Barbosinha. Não atingindo o intento passaram a impor diversas políticas antipopulares como a desoneração da folha de pagamento, exigência de vários tipos de isenção fiscal incluindo isenção para bens de luxo. Em seguida, estruturaram a Lava Jato, operação assessorada pela CIA/FBI americanas e por corporações nacionais. Não conseguiram demolir o governo Dilma /PT de imediato, mas sedimentaram o caminho para o golpe de 2016. Este tendo sua continuidade com a prisão do Lula e a fraude eleitoral de 2018. A jornalista Eleonora sintetizou bem a ação das forças conservadoras:

“O golpe é isso!

O objetivo é esmagar os pobres, derrubar empresas nacionais, extinguir ideias de independência. Em suma, transferir riqueza da sociedade para poucos, numa regressão fulminante. Previdência, Petrobras, SUS, tudo. Tudo é implodido com a conversa que não há dinheiro!”

Eleonora de Lucena,
Folha de São Paulo, em 27/07/2016.

QUEM NÃO ATACA NÃO VENCE

Diante desses fatos expostos acima é necessário intervir para transformar essa realidade e criar o seu oposto, onde a vida humana e o amor às pessoas sejam o polo orientador da sociedade.

Durante o andamento do golpe de 2016, em todos seus passos, para trás e para frente, organizou-se muita resistência. Ocorreram grandes mobilizações, atos, passeatas, deitou-se saliva nas redes sociais. Entretanto, nada foi contundente ao ponto de deter as agressões dos conservadores. O sujeito histórico (os trabalhadores) não reagiu aos danos sofridos. As experiências históricas apontam: “tudo que é reacionário é sempre igual: se não o golpeias não cai”.

Este período histórico do Brasil está apontado um desafio imenso para os trabalhadores/as e forças progressistas. O que construímos até o momento não é suficiente para assegurar os direitos fundamentais das pessoas. De um modo geral as lutas sociais têm conquistado e mantido alguns direitos. Mas é incapaz de evoluir e realizar transformações necessárias. Atingir reformas estruturais, progressistas mesmo dentro dos parâmetros capitalistas.

“A organização verticalizada, corporativa está impossibilitada de enfrentar os desafios de classe da sociedade contemporânea”. (Ricardo Antunes).

O capitalismo moderno com o advento da internet transformou a maquinaria moderna, com sua inteligência artificial, num grande autômato. Com seus tentáculos espalhados pelo mundo. Órgãos de criação, operação e de serviços pulverizados, funcionando em todos os cantos do planeta. Este grande autômato é dirigido pela oligarquia tecnoburocrática das economias dominantes com a subserviência das burguesias e tecnoburo-

cracias das economias dominadas. Os trabalhadores/as são apenas um apêndice desse grande autômato. Sofrem o constrangimento da solidão e de péssimas condições de trabalho e serão descartados por força de qualquer circunstância. Não há indicação de que as forças conservadoras estancarão sua gula de continuar tirando os direitos dos trabalhadores/as. Pelo contrário, o massacre deve continuar. Para os trabalhadores/as sobrarão menos emprego formal, mais desemprego e trabalho precário. A proteção previdenciária será cada vez menor. As políticas públicas serão cada vez mais “meia boca”. O capitalismo moderno não oferecerá condições de vida apropriada para os trabalhadores/as. Para o Brasil está reservado o papel de fornecedor de matérias primas, a preço vil, para as economias dominantes. E de rapinagem das riquezas naturais.

Frente a esta situação os trabalhadores/as deverão romper o cerco e construir organizações horizontais próprias. Se desvincular definitivamente das garras do Estado Burguês. Unir todos trabalhadores/as (metalúrgicos, químicos, têxteis, comerciários, sem tetos, desempregados, profissionais da educação, da saúde, dos transportes, agricultores e da limpeza. Reunir-se por bairros, regiões, cidade ou campo. Que se aglutinem embaixo de uma árvore, numa esquina, numa garagem. Estabeleçam quais são as necessidades e partam para a luta direta: por saúde, educação, moradia, emprego e iluminação, etc. Articular-se com outras regiões, tornar sua luta mais abrangente e procurar melhorar as condições de trabalho e salário dos trabalhadores/as.

Construir organizações próprias e autônomas. Ninguém deve se iludir com os atrativos do estado burguês. A burguesia brasileira é antipatriota, antinacional, não se alinham a nenhuma política pública que permita um

mínimo de progresso. A unidade e a luta direta das organizações próprias fazem com que as coisas se movam e mudem. Não podemos esquecer os princípios que devem carregar nossas organizações: como a igualdade, a solidariedade e a democracia que assegure o direito de participar, decidir e executar. A emancipação dos trabalhadores/as deve ser obra deles próprios e o esforço para alcançar emancipação não deve ter novos privilégios. Travar a luta política pelos espaços institucionais, conselhos, legislativo, executivo, judiciário e nas forças de segurança. Tendo como referência o acúmulo de forças em sua luta por justiça. Aplicar a metodologia da ação coletiva e reflexão. Repetir muitas vezes: o processo da prática ao conhecimento e do conhecimento à prática.

EVOLUIR PARA FORMAS ORGANIZATIVAS MAIS COMPLEXAS

A luta por políticas públicas é necessária para assegurar os direitos fundamentais das pessoas. Entretanto, somente elas não são suficientes para superar as mazelas do capitalismo. São necessárias ações de desenvolvimento de uma nova concepção de mundo. Que tenha o ser humano como o bem maior. Que seja abolido todas as formas de preconceitos e discriminação. Que a igualdade seja soberana e seja abolida toda forma de humilhação. Que a preservação do meio ambiente seja perene. Que a liberdade e a justiça não sejam palavras vazias. Nossas organizações tem a missão de transformar os seres humanos com o exemplo do bem. “A direção da caminhada é mais importante que o tamanho do passo.” Para tanto devemos estruturar, grupos de trabalhadores/as, de intelectuais e profissionais de diversas áreas vinculados à prática / luta local e mais geral. Reali-

zar atividades esportivas, culturais de diversos ramos de artes. Grupos de estudos, para que o povo se aproprie de conhecimentos científicos e novos valores sociais e humanos, de diversas áreas da ciência e educação, de quem está na escola ou fora dela.

Constituir uma comunidade que aponte um novo dia/mundo, de igualdade e de justiça para todos os seres humanos.

CORONAVÍRUS: O MAL NÃO ANDA SOZINHO

25 de março de 2020

Existem muitos ditados que expressam bem a situação atual como: “desgraça pouca é bobagem”, ou o castigo veio a cavalo” ou ainda “urubu quando está azarado o de baixo suja o de cima”.

Pois é, a corona vírus veio em um momento que a economia capitalista mundial e brasileira estão derretendo. De um modo geral os governos procuram salvar os capitalistas. Mesmo que isto signifique matança generalizada da população pobre e dos trabalhadores em especial.

No Brasil, a corona vírus pegou o país numa crise moral, econômica e política acelerada. A burguesia brasileira optou pela submissão às corporações internacionais, destruição da proteção dos trabalhadores e acabar com os investimentos sociais. Destruiu a indústria naval, a petroquímica e qualquer possibilidade de desenvolvimento nacional. A burguesia quer os trabalhadores livres para

sugar até a última gota de seu suor. Para executar o serviço sujo, escolheu Temer/Bolsonaro uma quadrilha burguesa facínora, crápulas e que tais, com ramificações no exército, judiciário, nas mídias e falsos pastores.

O golpe de 2016 veio para escancarar o saque aos recursos públicos. O que já faziam antes do golpe, de abocanhar polpudos recursos públicos para seus negócios. Com o golpe de 2016, eles esbandalharam tudo. Se apropriaram dos recursos da educação, de investimentos sociais e especialmente da saúde pública. Acabaram com o programa Mais Médicos, paralisaram a construção de hospitais e unidades básicas de saúde. Cortaram os investimentos em equipamentos e profissionais da saúde. Recentemente voltou a epidemia de febre amarela e de sarampo e não se encontra vacina. Cortaram o fornecimento de remédios para diabetes e pressão. Seja, o que já não estava bom, piorou.

As epidemias atacam sempre os mais fracos. Os organismos que estão debilitados. Gente que moram em péssimas condições, os desempregados ou recebem salários abaixo do valor de seu trabalho. Pessoas que não se alimentam apropriadamente (passam fome). Dados apontam que 17 pessoas morrem de fome todo dia. Morrem em situação de penúria. Tem o corpo, mas com impacto de imensos danos. Em síntese, não tem garantido seus **direitos fundamentais**. Por esses dias saiu uma pesquisa no jornal apontando que os ricos vivem em média 25 anos mais que os pobres. Isto se deve ao fato de que os burgueses se apropriam das melhores terras, melhores casas, comida farta, melhor tratamento de saúde, não expõem seus corpos ao sofrimento que os trabalhadores passam.

Analisando as estatísticas, encontramos milhares de mortes por doenças curáveis. Especialmente doenças

que atacam os pobres como a dengue que matou mais de 700 pessoas, no último ano. Mortes por hepatite, malária, pela gripe H1N1 que mata duas mil pessoas por ano, cinco por dia. Desastrosamente pela tuberculose. São 4500 pessoas mortas por ano. Em média 12 pessoas por dia. E olha que tem antibiótico e vacina. São doenças que atacam os organismos humanos enfraquecidos pelas mazelas do capitalismo e seu liberalismo econômico.

O coronavírus está se alastrando a passos largos no Brasil, já fez dezenas de vítimas. A mídia predominante comanda o espetáculo. Difundem o pânico na sociedade, mas procura ocultar as causas da pandemia. Ao mesmo tempo não aponta caminhos para sairmos do buraco. O que falam: Fiquem em casa. Nas condições atuais, como vão viver os 150 milhões de brasileiros que vivem do seu trabalho? Os 14 milhões de desempregados, os 40 milhões de subempregados, os sem tetos, os que recebem menos que o suficiente para viver? Medidas emergenciais e mudanças profundas nas políticas públicas e na economia precisam ser tomadas.

A burguesia e seu governo colocaram o povo num beco sem saída. **Se não morrer contaminado pela corona vírus e outras doenças, morrerá de fome ou carregam sequelas para o resto da vida.**

É isso que a burguesia, seu governo, o Judiciário, a mídia predominante e todas as forças conservadoras tem para oferecer aos trabalhadores. Carece lembrar que a Itália, país mais atingido pela epidemia até o momento, o trumpismo/bolsonarismo chegou lá antes com a operação mãos limpas: aqui foi a lava jato. Aí em seguida veio o Berlusconi, o Pepe Grillo e agora o governo liberal de Manzini. **Nos países onde a direita comanda e impera o liberalismo econômico o arraso é total.**

Frente a esta catástrofe não podemos nos aquietar, não esperar nada de bom dos golpistas, com ou sem Bolsonaro. Buscar maneiras de se comunicar e fortalecer nossas organizações **próprias**. Conduzir o povo para **organizar sua autodefesa** e defender suas vidas. **Unir** os desempregados, os trabalhadores da cidade e do campo, os sem tetos e abandonados em geral. Partir para a luta direta procurar arranjar soluções para nossas vidas e articular nossa **rede de solidariedade popular**.

Formar comitês virtuais na rua, no bairro, na empresa. A paralisia é a morte para todos nós. Repito: a burguesia está usando a pandemia para destruir nossas organizações, destruir nossos direitos, destruir nossas vidas. A burguesia quer reinar, superar o fracasso do capitalismo em cima de nossos cadáveres.

Cientes de nossos compromissos com nossas vidas, nossos irmãos e nossa família, podemos nos guiar pelas seguintes diretrizes. No rumo que o Papa Francisco apontou: “Colocar a economia a serviço do povo”.

1) Medidas de caráter emergencial:

1.1 - Ampliação do bolsa família em atendimentos e valores concedidos, abrangendo autônomos e desempregados;

1.2 - Isenção do pagamento de água, luz e aluguel para baixa renda e desempregados;

1.3 - Requisitar os imóveis abandonados. Adequar e construir rapidamente para moradia de quem não tem casa. Ligados a esses projetos habitacionais desenvolver um plano arrojado de saneamento básico;

1.4 - Construir centros integrados de desenvolvimento social para acolhimento, tratamento de saúde, intensas atividades educacionais esporte, para a população em

situação de rua No Brasil são 103 mil pessoas. Utilizar o quartel do Parque Dom Pedro e várias carcaças de hospitais e galpões abandonados nas cidades;

1.5- Disponibilizar sanitários públicos com bebedouros e banhos nas principais praças da cidade.

1.6- Investimento maciço no Sistema Único de Saúde-SUS:

1.6.1- Contratação de milhares de profissionais da saúde e volta do programa mais médicos;

1.6.2- Produção (acionar Indústria) de equipamentos e insumos para saúde;

1.6.3- Produzir vacinas e remédios em geral. Investir em pesquisa e tecnologia;

1.6.4- Ampliar a rede hospitalar, as unidades básicas de saúde. Estender em todo território nacional o programa Saúde da Família-PSF.

OBS: O governo ordenou que o Banco Central repasse 1,2 trilhões (um trilhão e duzentos bilhões de reais) para os banqueiros. Redirecionar esses recursos para a saúde. Trazer para aplicar na saúde os ganhos do petróleo, e lucro das estatais. Em período de crise do capital, os governos procuram salvar os capitalistas e suas propriedades.

2) Ampliar medidas de geração de empregos que criem bens sociais. A destruição dos empregos vai matar tanto quanto as epidemias, então:

2.1- Construir centrais de reciclagem em todas as cidades e regiões. Transformar o lixo em renda e gerar empregos;

2.2- Investimento maciço na produção de alimentos no campo, combinado com um programa de restauração ambiental. Com recuperação dos rios (Tietê, Paraná, São

Francisco, Xingu, Tocantins, e tantos outros) reflorestar e recuperar as fontes de água;

2.3- Extinguir o analfabetismo, ninguém fora da escola formal desde a infância. Ligar as universidades com o programa educacional. Incluir a educação ambiental e noções básicas de direitos para desenvolver valores humanos com o respeito e amor ao próximo. Adotar o princípio da teoria e prática. Que a escola não sirva para ascensão individual e depois pisar no próximo. Não esquecer: os valores do capitalismo não servem para os trabalhadores, não servem para a humanidade, não servem para o planeta.

3-Não se faz omelete sem quebrar os ovos. **Precisamos compreender que não há possibilidade de construir uma sociedade justa deixando um pequeno grupo de pessoas obtendo lucros corruptos, salários também corruptos e todo tipo de privilégio. Gandhi apregoava: “Pão comido sem trabalho é pão roubado” assim:**

3.1- Taxar as grandes fortunas;

3.2- Auditoria na dívida pública e tirar a teta da boca dos rentistas e banqueiros;

3.3- Extinguir os salários corruptos do executivo, legislativo, judiciário e das forças de segurança. Ninguém recebendo mais que cinco salários mínimos. Extinguir também as aposentadorias corruptos.

4) Tarefas das forças progressistas:

4.1- Vincular-se ao povo para consolidar e desenvolver suas **organizações próprias**;

4.2- Remover Bolsonaro, Mourão, e todo o grupo golpista do governo, do judiciário, das forças de segurança, da mídia e desmascarar os falsos pastores;

4.3- Democratizar os meios de comunicação;

4.4- Anular as PECS, medidas adotadas após o golpe de 2016 que congelou o salário mínimo, destruiu a previdência, retira recursos da saúde, da educação, e assistência social. Mudar toda política econômica.

“Quando a necessidade
é premente os bens são comuns”

São Tomás de Aquino.

NÃO PODEMOS ESPERAR, PRECISAMOS DE NOSSAS MORADIAS

08 de março de 2018

*Excelências
Do Executivo
Do Legislativo
Das forças de segurança
Mulheres e Homens de bem*

Nós, mulheres negras e brancas trabalhamos duro para o sustento de nossos filhos e de nós mesmas. Trabalhamos como: cozinheira, costureira, gari, doméstica, arrumadeira, nos serviços de limpeza, nos hospitais, comércio, nas escolas, cuidadoras, motorista, metalúrgicas, têxteis. Estamos dando duro em uma infinidade de produção e serviços para manter de pé toda sociedade. Além disso, cuidamos de nossas moradias, de nossos idosos e criamos nossos filhos. E, apesar desta labuta diária que consome nossa vida, não somos reconhecidas, não somos valorizadas. E apesar desse trabalho duro, dessa imensa jornada de trabalho, de desrespeito em longos trajetos no transporte público, não ganhamos o suficiente para suprir as nossas necessidades e de nossos filhos. Sofremos a violência diária dos baixos salários insuficientes para nossas necessidades e incompatível com a importância de nosso trabalho. Somos humilhadas diariamente

pois não conseguimos nos alimentar apropriadamente, tratar da saúde, ter lazer, nem tempo para estudar. E combinado com esses infortúnios devido a precariedade de nossas vidas, não conseguimos assegurar um futuro diferente para nossos filhos. Percebemos claramente, que o sofrimento que nossos pais passaram e que nós estamos enfrentando, estão reservados para nossos filhos e netos. São gerações sucessivas condenadas violentamente pelo trabalho humilhante, salários abaixo de nossas necessidades. Somos enclausuradas em territórios e moradias inóspitas para a vida humana.

Sentimos e acompanhamos, em nosso dia a dia, que as pessoas que utilizam nosso trabalho e se apropriam das riquezas por nós produzidas, são preguiçosas e irresponsáveis. São totalmente inúteis e danosas para nossa vida e de nossos filhos. São delinquentes, criminosos de sangue frio executando políticas econômica e social que os enriquece sem trabalho e não se importam com a miséria e a morte das trabalhadoras. São desumanos e anti-cristãos.

Frente a este cenário catastrófico para nossas vidas e de nossos filhos, resolvemos correr atrás de nossos DIREITOS. Sabemos que nossa legislação garante o nosso Direito à moradia digna. Por isso, ocupamos este imóvel abandonado sem função social, para ser nossa casa. Pleiteamos a sua desapropriação, sem indenização ao injusto possuidor e adequá-lo à nossas famílias.

DESAFIOS PARA O PT E AS FORÇAS PROGRESSISTAS

07 de fevereiro de 2019

Tempo sinistro ronda a vida dos trabalhadores e trabalhadoras. A política econômica do governo eleito é a continuidade e aprofundamento de medidas do governo golpista de 2016. Visam destruir e diminuir ainda mais o poder de compra dos salários. Intensifica a precarização do trabalho por meio da terceirização, pejetização, trabalho ocasional, intermitente ou flexíveis e trabalho isolado. Cria um número imenso de trabalhadores/as chamados “sobrantes”, sem emprego, sem seguridade social e sem perspectiva futura.

Combinada com a precarização do trabalho e os salários pagos abaixo do valor da força de trabalho, apresenta-se a ausência completa de investimentos em políticas públicas como educação, saúde, transportes, moradia, saneamento, etc. Acrescido a essas políticas catastróficas para os trabalhadores, ampliam a rapina das riquezas nacionais (minérios, petróleo, madeira, etc.). Promovem

a destruição das florestas, dos rios e da costa marítima. Entregam as estatais para as corporações nacionais e internacionais. Aplicam a exploração predatória de nossas terras. Os recursos públicos são drenados para a agiotagem dos banqueiros e parasitas em geral. É um cenário arrasador para a vida dos trabalhadores/as e compromete o futuro de nossa pátria.

Este conjunto de elementos reais e econômicos aprofundará o sofrimento de milhões de trabalhadores/as que viverão sem um mínimo de dignidade social, com seus direitos fundamentais violados. Afirmam os técnicos da área que sofrem de carência multidimensional. Seja, passa fome, mora mal, não trata dos dentes, e também não conseguem estudar. Os impactos desses fatores na compleição física e espiritual resultam em danos devastadores. Trabalhadores estão enclausurados no exército industrial de reserva do país.

Embora os trabalhadores/as estejam abandonados de seus direitos fundamentais (o que a pessoa precisa para viver), não estão esquecidos pela máquina de propaganda e tropa de choque do sistema de servidão. Pode não ter emprego, comida, mas tem um rádio, televisão, um celular para difundir a concepção de mundo de exploração, alienação e morte das trabalhadoras/es. Fazem as vítimas abraçarem causas contrárias às suas vidas e seus próprios direitos. Atacarem aqueles que os defendem. Aplicam o método: “dividir para reinar”. Dividem homens e mulheres, negros e brancos, torcidas de futebol, jovens e crianças, adultos e idosos, por religião, por orientação sexual, por toda ordem de preconceitos: racismo, machismo, autoritarismo. Dividem as trabalhadoras/es para manter o domínio de todas/os e impedir a sua união.

Mas entre os endinheirados não tem divisão. O modo de se apropriar do trabalho alheio é o mesmo na Índia,

China, México, Japão, Europa, EUA, Argentina, África, Brasil, etc. Entre eles não tem religião, não tem nação, não torce para time de futebol, etc.

Bem, dentro desse quadro de sofrimento dos trabalhadores/as ocorrem muitas buscas. Os trabalhadores/as procuram saídas possíveis. Ninguém gosta de sofrer calado. Na maioria das vezes envolvem-se em atividades que não solucionam seus problemas - não muda a base material econômica causadora de seus sofrimentos. Muitos/as abraçam a crença na **ESPERANÇA MÁGICA** oferecida por seitas religiosas ou mesmo se enterrando nos jogos de azar. Imaginando-se milionário da noite para o dia.

Outros se afundam nas **alegrias abstratas** com a utilização de drogas ou diversões passageiras, nos pancadões, torcidas de futebol (“estou feliz, meu time ganhou”) ou programas de rádio e televisão como dança dos famosos ou torcida no BBB/ A fazenda. Encontramos ainda aqueles que descambam para a contravenção, abraçando um caminho sem volta. De um modo geral, os trabalhadores/as serão exauridos por longas jornadas de trabalho, com salário insuficiente para viver com dignidade ou desemprego. Como afirma Adam Smith: “SEM SALÁRIO REAL JUSTO, NÃO HÁ JUSTIÇA”.

Está claro que as corporações internacionais (imperialismo) e a burguesia brasileira já decidiram e traçaram os caminhos para o Brasil. O estado nacional deve servir aos interesses privados, de banqueiros, dos chamados empresários e seus managements (gerências), de uma tropa de choque privilegiada encastelados na máquina pública do Estado: judiciário, forças de segurança, executivo e legislativo, mídia predominante, universidades, seitas religiosas, etc. E nenhuma proteção ou compromisso com os trabalhadores/as. É uma classe social totalmente desumanizada. Praticam uma

concepção de mundo totalmente contrária aos avanços da civilização moderna. Para eles, essa classe social repugnante, os trabalhadores/as devem-lhes a vida e trabalhar até a morte. Nenhuma preocupação social ou proteção dos trabalhadores/as.

Este cenário traz imensos desafios para o PT - Partido dos Trabalhadores e as forças progressistas em geral. Cabe observar que as forças progressistas, as instituições populares ou sindicais e o próprio PT não foram capazes de se contrapor ao golpe de 2016, a ofensiva eleitoral de 2016 e 2018, a prisão do nosso líder/Lula. E as medidas econômicas de retiradas de direitos dos trabalhadores/as. A realidade atual passa a exigir muito mais de todos nós. O que fizemos até agora não basta. As formas organizativas dos trabalhadores: cooperativas, sindicatos e grupos populares estão enfraquecidas e incapazes de enfrentar as forças “modernas” do mercado e defender seus interesses. As vias eleitorais também foram exauridas. Se há possibilidade de eleger forças progressistas, o processo é fraudado para impedir os avanços eleitorais. Se ainda assim as forças progressistas obtêm sucesso, desenvolve-se um jogo sujo para destruir a gestão popular no governo. Isso é uma constatação. Mas, deve-se continuar participando dos processos eleitorais acumulando forças e aperfeiçoando as organizações dos trabalhadores.

Entretanto, é necessário desenvolver e aplicar um PROGRAMA (econômico, político, social e cultural) que aponte um Projeto para os Trabalhadores/as. O Programa de Ação do Partido dos Trabalhadores não pode se separar dos problemas que rondam a vida dos trabalhadores. É preciso estimular a ampliação dos movimentos de base já existentes, favorecer a formação de novos militantes organizados autonomamente em núcleos de bairro, associações, empresas, escolas, hospitais, movi-

mentos sociais. Organizados de modo horizontal, sem corporativismo ou atrelados ao Estado burguês.

O Programa do Partido deve ter conteúdo das reais necessidades dos trabalhadores/as, que estão aprisionados pela ordem existente. Este Programa deve contemplar projetos ambiciosos de políticas públicas universais: da saúde, educação, moradia, mobilidade, trabalho, segurança alimentar, cultural, valorização dos salários e melhores condições de trabalho. Políticas públicas que propiciem a efetividade dos direitos fundamentais das pessoas.

Combinado com estes projetos de Políticas Públicas, trabalhar e desenvolver um conjunto de medidas de transformações estruturais como:

I - Um projeto de Previdência Social de efetiva proteção dos trabalhadores/as e eliminação das aposentadorias corruptas dos privilegiados;

II - Um projeto de Reforma Administrativa que viabilize a valorização de profissionais da saúde, da educação, da limpeza pública, da segurança, que prestam serviços diretos à população. E combater os privilégios (salários e benefícios corruptos) existentes na máquina pública (executivo, legislativo, judiciário, mídia predominante, etc.). Divulgar mapa com a relação das pessoas que recebem salários ou benefícios injustos e trabalhar pelos cortes dessas mamatas.

III - Um projeto de transformação na agricultura, cuja política agrícola deve apoiar os produtores de alimentos. Neste sentido o MST está apontando o caminho;

IV - Um projeto de reforma tributária. Quem tem mais paga mais. Quem tem menos paga menos;

V - Um projeto de reforma financeira, taxando a agiotagem e apoiando o financiamento da produção. E iniciativas de desenvolvimento econômico e social;

VI – Um projeto de proteção, preservação e recuperação do meio ambiente;

VII – Lutar por salários que garantam a plena alimentação, saúde, educação e bem-estar das famílias trabalhadoras. Buscar a redução planejada da jornada de trabalho. Formular uma nova CLT;

VIII – Trabalho para todos por meio de obras públicas planejadas como: reforma urbana, habitacional, de saneamento e transformações agrárias que criem oportunidades de trabalho para amplas camadas sociais;

IX – Relações externas multilaterais com todas as áreas e países. Rejeição de qualquer iniciativa imperialista, bloqueios econômicos, blocos protecionistas, agressões militaristas e guerra entre os povos;

X – Ter em mente que não há como caminhar com os interesses burgueses. Construir forças próprias;

XI – O desenvolvimento do Programa Democrático e Popular deve contemplar aspectos culturais e princípios de sustentação de uma nova concepção de mundo baseada na solidariedade, igualdade e democracia entre os trabalhadores/as;

De posse de um Programa Democrático e Popular que será a arma e a munição de nossa militância e de nosso Partido, podemos trabalhar as formas de organização partidária, quais sejam:

1º) Fortalecimento de nosso partido/PT

- a classe trabalhadora precisa de um partido político para disputar o poder, educar os trabalhadores/as;
- difundir seu PROGRAMA e uma nova concepção de mundo norteados pelos princípios da solidariedade, igualdade e democracia entre os trabalhadores/as;

2º) Organização partidária

- a militância deve se organizar nos diretórios zonais, municipais, etc. Deve-se constituir unidades de ação

de acordo com as necessidades de cada região. Trabalhar, estimular as organizações populares em suas lutas locais e gerais. Constituir em cada território Núcleos de Luta por Justiça;

3º) Trabalhar o fortalecimento de vários braços do partido

- disputar os espaços de poder: os conselhos, o executivo, legislativo. Eleger vereadores, e prefeitos 2020;
- promover filiações e intensificar a participação nos diretórios e atividades do partido;
- fundir espaço institucional partidário/parlamentar com lutas sociais. Trabalhar a organização horizontal dos trabalhadores (estáveis, precarizados, desempregados). Trabalhar a totalidade da classe que vende sua força de trabalho como mercadoria. Trazer o sujeito histórico (trabalhadores) para a luta política;
- estruturar a comunicação: ágil, rápida, mobilização, difundir novos valores, analisar a realidade crítica, ordem do dia;
- construir proposta robusta de formação de militantes: para transformar, para garantir, para defender nosso programa, nossa concepção de mundo;

4º) Outras tarefas necessárias para o momento:

4.1- Criar grupos de auto-defesa para proteger nossas lideranças e nossas atividades

- não se trata de organizar a violência. Trata-se de auto-defesa de modo pacífico. Nossa luta é por direitos dentro da legalidade (*este tema pode ser melhor debatido e estudado*);

4.2- Contribuir para a construção de uma frente ampla progressista

- não devemos perder tempo com unionismo sem **ação direta** ou atividades que não resultam em ganhos concretos e não desenvolve experiências de fortalecimento dos trabalhadores/as;

- unir-se para implementar o **programa democrático e popular** (definir as linhas centrais do programa), unir as forças progressistas, organizar os trabalhadores/as, em sua totalidade de modo horizontal, formais, precarizados, desempregados e travar a **luta direta**). Defesa de políticas públicas que assegurem os direitos fundamentais das pessoas;

- unir-se para buscar transformações estruturais conforme nosso programa.

4.3- Libertar Lula

- tarefa imediata e urgente. Ninguém pode compactuar com essa prisão. É um processo judicial fraudulento, uma mentira, uma armação das forças conservadoras para destruir Lula. Devemos desenvolver novas formas de pressão. Combinar diversas ações, entre elas: acampar em frente aos tribunais, inclusive STF/ Supremo Tribunal Federal. E paralização da produção nas fábricas.

*“Nem só de pragmatismo vive o ser humano,
mas de toda convicção que cimenta
as ações em seu coração.”*

(Machado de Assis)

MULHERES NEGRAS NA FRENTE

01 de junho de 2018

A sociedade atual impõe sacrifícios para as trabalhadoras e trabalhadores em geral. Especificamente no Brasil, com sua base econômica podre, onde os salários estão abaixo do valor da força de trabalho. Seja, não garante as necessidades básicas dos trabalhadores e trabalhadoras. Para manter esses péssimos salários, empurram milhões de pessoas para o inferno do desemprego e do trabalho informal. Neste caldeirão do bruxo capitalista, todos trabalhadores e trabalhadoras são tosquiados diuturnamente. Entretanto, as mulheres sofrem os efeitos da dupla jornada de trabalho, cuidam dos idosos, criam os filhos e ficam responsáveis pela reposição da força de trabalho. Bem, é uma vida de escravas e escravos alforriados “livres”.

Esta base material podre é sustentada por uma concepção de mundo que sufoca as trabalhadoras e trabalhadores pela violência do desemprego, da doutrina

jurídica, de certas doutrinas religiosas e finalmente das armas. Se uma forma de violência falha, a outra funciona. Acrescido a estas formas de violência se agrega a violência simbólica que tem como objetivo convencer os oprimidos e submetidos à servidão humana de que aquela situação degradante é correta e de que sempre foi assim. Durante os tempos de opressão e violência contra os trabalhadores foi construído um aparato de instrumentais que procura humilhar, manter a auto estima em baixa dos trabalhadores e trabalhadoras para estes convencerem a si mesmos e os seres que pensam diferente de que aquela situação é natural: seja, um ser humano escravizar o outro. Uns terem tudo e quem trabalha não ter nada.

As principais peças do arcabouço de opressão e servidão dos trabalhadores e trabalhadoras consiste em mantê-los divididos, aplicando a violência do racismo para separar nacionalidades, etnias, regiões, negros e negras de seus companheiros e companheiras trabalhadoras. A outra forma da violência é o machismo para separar as mulheres dos homens e inferiorizar as mulheres. Aplicam-se ainda outras formas de discriminação que atinge todos os trabalhadores e trabalhadoras como a inferioridade cultural, tipo: “Você não estudou, por isso tem que lavar a latrina”, ou ainda, a discriminação pela opção sexual.

Diante deste quadro da servidão e da opressão capitalista aos trabalhadores e trabalhadoras, a incidência do preconceito e violência tem uma carga maior sobre as mulheres. No trabalho, os salários são menores, as funções são inferiores, sofrem dupla jornada de trabalho. Sofrem violência física e sexual. Enfim, são penalizadas por um conjunto de agressões cotidianas.

Dentro do conjunto de opressão sobre as trabalhadoras e trabalhadores e das mulheres em geral, se apresenta de forma acentuada a violência contra o povo negro e

especialmente contra as mulheres negras. Respaldados pelo racismo, se aplica os mais variados tipos de violência. Os piores salários, as funções inferiores, desemprego acentuado, repressão policial, para as mulheres negras dupla jornada de trabalho, violência física e sexual, bloqueio de oportunidades entre tantas atrocidades.

Este aparato de dominação, de servidão e opressão dos trabalhadores e trabalhadoras com incidência maior para mulheres e em especial para as mulheres negras é catastrófico para a humanidade e precisa ser superado. Esta superação será conquistada a partir do protagonismo das mulheres negras em conjunto com mulheres brancas que sofrem intensamente a incidência do racismo, do machismo, do autoritarismo e a dominação cultural, entre tantas nuances de opressão.

Nesse sentido é necessário a organização própria das mulheres negras imbuídas de princípios e valores que apontem caminhos de libertação de si mesmas, das mulheres trabalhadoras em geral e também dos companheiros homens trabalhadores, aprisionados pelos grilhões da concepção de mundo contemporâneo.

Deve nortear a ação do grupo de Mulheres Negras da FLM o princípio da solidariedade. Criar instrumental de ação de fortalecimento daquelas e/ou aqueles que se encontram em situação de fragilidade social.

Outro princípio basilar da ação do grupo de mulheres negras é a construção da igualdade entre mulheres e homens que ocorrerá através de amplas lutas sociais e de combate permanente do preconceito, discriminação e qualquer forma de violência.

O grupo de mulheres negras deve pautar-se ainda pelo princípio da democracia, como forma de combater o autoritarismo. Todas participam, decidem e executam. E acolher ainda o princípio da universalidade de

suas bandeiras de lutas. Suas conquistas serão a semente da libertação de todo ser humano. Não se trata de excluir mulheres brancas ou homens do seu grupo. Todo corporativismo está condenado ao fracasso. Mas somar esforços entre negras, negros, brancas, brancos que estejam de acordo com a abolição da opressão e da servidão humana. E que desejem construir a fraternidade entre os seres humanos.

Definido os princípios é necessário trabalhar um programa, um rumo para ação do grupo e para manter a unidade das mulheres negras.

Programa de ação

Para o aperfeiçoamento desse programa se faz necessário realizar debates, seminários, estudo ou pesquisa sobre a situação e necessidades dos componentes do grupo. Mas podemos apontar um rol de possibilidades existentes no grupo de mulheres negras da FLM, quais sejam:

1. **TRABALHO:** emprego e profissionalização das mulheres;
2. **MORADIA:** reivindicações próprias e participação nos movimentos já existentes;
3. **ESTUDO:** oportunidade de estudo para si e suas famílias, creches para os filhos;
4. **SAÚDE:** apoio médico, psicológico, social, etc.;
5. **CULTURA:** grupo de teatro, assistir peças, filmes, músicas, shows, literatura...
6. **LAZER:** Festas, danças, praticar esportes;
7. **PROGRAMA DE FORMAÇÃO:** estudo;

P.S. Deve ser considerado que não existe conquista sem luta. Então a melhoria de vida e libertação das correntes da opressão ocorrerá por meio de um combate permanente com nós mesmos e contra as garras da opressão do sistema da sociedade contemporânea.

*“Seu dotô, muito obrigado de sua grande
Atenção
Escutando esse passado que serve até de lição.
Neste mundo de vaidade, critério, honra e bondade
Não tem nada como a cô
Eu morro falando franco, tanto preto como
Branco
Pertence a Nosso Sinhô.*

(Verso de Patativa de Assaré, em Vicença e Sofia).

TRAGÉDIA DOS SEM TETOS DEIXA OS REIS NUS

Maio de 2018

O incêndio e desabamento do Edifício Wilton Paes de Almeida ocorrido no dia 1^a de maio, na esquina da Av. Rio Branco com o Largo do Paissandu, bem no centro de São Paulo, escancarou a catástrofe habitacional cotidiana que atinge perto de quatro milhões de pessoas na cidade mais rica do país. No imóvel abandonado pelos poderes públicos há mais de 20 anos, moravam, aproximadamente, cento e cinquenta famílias. Mulheres, crianças, adolescentes, homens e idosos, por absoluta falta de opção, fizeram daquele espaço suas moradias. Quem passava por ali, não tinha como não ver. Pessoas sem tetos se acomodavam na calçada, embaixo das marquises e ali dormiam. Moradores do edifício saíam na porta, sentavam por ali, ficavam conversando, crianças chutavam bolas, outros reciclavam materiais recolhidos das ruas. Havia canos que despejavam esgotos na divisa com a Igreja da Rio Branco, outro cano estourado

despejava água suja na outra esquina. De dentro da edificação exalava um cheiro forte. Era um cenário que ninguém tinha o direito de se omitir para resolver a situação ou condenar preconceituosamente aquelas famílias. Ali estava uma pequena fotografia do Brasil. Brasil injusto, violento com seus trabalhadores. Aquelas pessoas já tinham seus direitos fundamentais e sagrados queimados pelas chamas da avareza, da gula das classes privilegiadas do Brasil. Sabemos que esta tragédia não será a última. Porquê o Brasil dirigido, comandado por crápulas, criminosos encastelados em todos os poros da sociedade está aprofundando a miséria social, não há empregos, salários aviltantes, políticas públicas desapareceram.

O poder público e a mídia predominante estão dominados por avarentos, preconceituosos e de adeptos da violência para atacar os sem tetos. Não há projeto de desenvolvimento do Brasil onde se inclua os trabalhadores nos processos produtivos e de atendimento de suas necessidades.

No dia da tragédia e até hoje (04/05/18) as famílias se acomodaram no pátio do Largo. Estão recebendo muita solidariedade de última hora. Para ali afluíram outros sem tetos. Mas, andando pelo entorno, encontram-se corpos estendidos pelas calçadas. Alheios ao desastre e a todo “vucovuco” da região. Estão ali na avenida Rio Branco, rua Santa Efigênia, avenida São João, avenida Ipiranga, por ali, por todas as ruas. Em São Paulo, são perto de vinte e cinco mil pessoas em situação de rua, no Brasil chega a cem mil. Estão ali, ninguém os nota. O fogo direto que devorou seus direitos continua corroendo seus corpos enrolados em plásticos, papelão ou farrapos de cobertor, mas sem chamas e nem fumaça. Então não são notados. Não eram foco de ninguém. Mas, existem, estão ali.

Depois do ocorrido afluíram para o local, claro, os bombeiros, que demorou para iniciar o combate ao sinistro. Muitos equipamentos precários, sem escada de alcance. O que se fala é que demorou para agir. A mídia predominante com helicópteros, drones, equipes instaladas no local disseminando veneno contra os sem tetos. Dizia a mídia predominante: Eram drogados, marginais, jogavam lixo no poço do elevador, cobravam aluguel. Falavam, em outras palavras, é preciso colocar a polícia em cima deles e desalojar todas as ocupações. Os sem tetos são bandidos invasores. Tinham veneno de todo tipo para atacar os sem tetos em geral e culpar as próprias vítimas de um infortúnio. A FLM fica indignada com esse tipo de imprensa e podemos afirmar que a maioria dos bandidos mora nas mansões e palácios da cidade.

Há um ditado que diz: “O mal não tem dono”, ou seja, a tragédia era culpa das próprias vítimas. Os donos do mal ficavam escondidos atrás da artilharia da mídia predominante. Mas, quem quer enxergar sabe que o mal tem dono. São aqueles que mantêm essa economia podre. Onde os trabalhadores trabalham até a morte e não ganham o suficiente para viver. Onde os privilegiados forjam Leis para obter vantagens como do auxílio moradia do judiciário e do legislativo de R\$ 4.378,00 mensais, entre outros absurdos. Esse desemprego criminoso, esses salários miseráveis, a falta de políticas públicas, a falta de moradia. A proteção descabida do judiciário e das forças de segurança dessas propriedades sem função social. Encobrir a causa do infortúnio dos sem tetos não é atitude inteligente. Se não quiserem se envergonhar com novos sinistros adotem as propostas dos sem tetos organizados.

Neste momento, é possível implementar emergencialmente:

1. Atender em projetos habitacionais as famílias de ocupações que estão em situação de risco;

2. Requisitar, conforme a Lei, artigo 5º, inciso 25, da Constituição Federal e artigo 228, parágrafo 3º, do Código Civil, os prédios abandonados, adequá-los rapidamente e atender as famílias. No caso das famílias do edifício incendiado, requisitar o espigão da Avenida São João, 601. Ali tem 330 apartamentos abandonados por quase 20 anos. Disponibilizar terrenos abandonados para que as famílias façam suas casas de alvenaria, com assessorias de projetos habitacionais;

3. Recursos: Que o lucro dos bancos e empresas seja taxado em 10% e estes recursos destinados à moradia. Ex: o Bradesco lucrou 5 bilhões no primeiro trimestre do ano. Em 12 meses deve lucrar 20 bilhões. Se pegar de todos os bancos haveria muitos recursos para solucionar essa vergonha nacional. E não pesaria nada para essas empresas. Utilizar o estoque de impostos de 500 bilhões de reais sonogados, FURTADOS, por ano. Que também é responsável pelo infortúnio dos sem tetos. Coibir esta prática corriqueira dos privilegiados e milionários.

4. Deixar de pagar o “Bolsa Moradia” de R\$ 4.378,00 mensais para o Judiciário e do Legislativo e aplicar em moradia social. Para ser coerente os beneficiários dessa escandalosa “Bolsa” deveriam abrir mão espontaneamente. Esse privilegio também é responsável pela tragédia sofrida pelos sem tetos. Em tempo: utilizar os 70 bilhões de reais de remessas de lucro enviados para o exterior. Em pouco tempo acabaria o drama habitacional dos sem tetos. Nem haveria necessidade de sentenças violentas e forças armadas para encurrular os sem tetos.

Finalmente, a FLM se coloca à disposição para trabalhar constantemente para a viabilização de projetos habitacionais para famílias sem tetos. Daqui pra frente, tomando conhecimento de qualquer possibilidade que possa afetar as famílias sem tetos, vamos nos colocar à disposição para resolver a situação.

AS REGALIAS DO JUDICIÁRIO DO BERÇO AO CAIXÃO

30 de março de 2018

Conta a história que em Roma antiga tinha um PRETOR ROMANO chamado Lucius Antonius Rufus Appius. Pretor era magistrado ou juiz de nossos dias. Sempre julgava favoravelmente a quem lhe subornava (pagava mais). Assinava suas sentenças de modo abreviado: LARAPPIUS. A prática injusta desse juiz deu origem a palavra LARÁPIO, gatuno, ladrão. Qualquer semelhança com nosso judiciário não é mera coincidência. Então, vejamos:

Na semana passada juízes realizaram greve pela continuidade do pagamento do auxílio moradia de R\$ 4.378,00 mensais. Tendo imóvel próprio no município ou não. Essa avareza dos membros do judiciário revela imensos privilégios da magistratura.

Começando pelo teto salarial de R\$ 33.763,00 mensais.

Convém ressaltar que são 17 salários anuais. São 12 do ano, mais 13º salário, mais um para cada mês de férias,

como são 2 meses de férias. Um para cada mês e mais um extra para cada semestre de produtividade. Isto já se constitui uma mordomia mais que extravagante. Daria para pagar três médicos do Mais Médicos, ou quinze professores da rede pública e seus miseráveis salários, ou trinta garis que limpam a podridão da cidade. Oito vezes mais que o salário real e necessário para uma família de quatro pessoas viver de quatro mil reais mensal. Cabe mencionar que o teto salarial de R\$ 33.763,00 é imoral e ilegítimo uma vez que ultrapassa as necessidades de um ser humano. Além desse polpudo salário vitalício familiar que passa de pais para filhos, acrescenta-se os penduricalhos. Seja, o que vem pendente aos rendimentos mensais.

O nome penduricalho não é apropriado para a situação, vez que o montante em muitos casos ultrapassa o salário de R\$ 33.763,00. E muitos membros do judiciário recebem setenta, oitenta, cem e até mais de cem mil reais mensais. Seja, o pendente ultrapassa o principal. Mas, vamos ao rol das mamatas.

1. Bolsa Moradia de R\$ 4.738,00. Tendo imóvel ou não no município onde atua;

2. Diária de R\$ 1.225,43 quando o serviço é fora da cidade de origem. Em muitos casos recebem Bolsa Moradia e essa “diariazinha” que é maior que o salário mínimo.

3. Diária Internacional. Se a serviço a diária é de U\$ 741,30 mais de dois mil reais. Por isso, o Janot, o **Barbosinha**, o Moro e outros gostam tanto de viajar para o exterior;

4. Dois meses de férias – 60 dias;

5. Auxílio Saúde: 10% dos R\$ 33.763,00 igual a R\$ 3.300 para o titular e esposa e mais 5% para cada filho;

6. Educação: Auxílio creche de 5% do ordenado igual R\$ 1.650,00 e o mesmo percentual até os 24 anos.

7. Auxílio livro até R\$ 15 mil por ano.

8. Auxílio alimentação de até R\$ 3.047,00 mensais, em muitos casos 5% do salário;

9. Auxílio Transporte: Se não tem carro disponível mais 5% do salário;

10. Auxílio Maternidade de 180 dias mais 90 dias de amamentação.

Existem outros privilégios como passaporte diplomático, custeio de pós-graduação, licença prêmio, auxílio paletó, isenção de imposto de renda; cota aérea de mais de 50 mil anuais, folgas de 88 dias, etc. E quando morrem quem banca o funeral é o erário público.

Aqui está a razão do judiciário brasileiro ser o mais caro do mundo. Consome 1,2% do PIB. Enquanto nos EUA são 0,14%, na Alemanha, 0,32% e na Itália 0,19% dos seus PIB's (Produto Interno Bruto).

E mais, no Brasil a tutela jurisdicional serve para poucos. O povo pobre não tem acesso à justiça.

O judiciário alega que tudo isso é legal. Que está na LOMAN (Lei Orgânica de Magistratura). Pode ser legal, mas não é legítimo. Não é legítimo porque ninguém deve legislar em causa própria. E todas as Leis, em sua elaboração devem obedecer determinados princípios como o princípio da troca de equivalência, princípio do próprio capitalismo que funciona nos países de sociedade mais equilibrada. Simplificadamente funciona assim: você troca a mercadoria que vale X por outra do mesmo valor. Entretanto, os membros do judiciário recebem salários e benefícios imensamente acima do que vale o trabalho deles. PÃO COMIDO SEM TRABALHO É PÃO ROUBADO. Se o juiz tem porque o gari, o metalúrgico, o pedreiro, o carpinteiro, o professor, os trabalhadores que pegam no pesado não têm? Deve seguir ainda o princípio da justiça. Entretanto, o que temos são privilégios que vão do berço ao caixão. Essas regalias da máquina

pública não encontram respaldo nos princípios do ordenamento jurídico, mas também ferem os direitos sagrados, porque se constitui em avareza que se combina com a gula e a luxúria, três dos sete pecados capitais. Ora, um ser humano avarento é desprovido de humanidade e incapaz de fazer justiça. Sempre estarão defendendo a si mesmos, os ricos e prejudicando os pobres.

Essa casta que se locupleta no Judiciário custa perto de 70 bilhões anuais ao povo brasileiro. Cada um de nós desembolsamos R\$ 400,00 reais para pagar as mamatas do Judiciário. Poderíamos usar melhor esses recursos. Pagar o salário do Mais Médicos para os membros do Judiciário, Ministério Público, Juízes, Desembargadores e tirar os penduricalhos. Seja, reduzir o custo total do Judiciário pela metade. De 70 bilhões para 35 bilhões. Com os outros trinta e cinco bilhões podemos a título de exemplo fazer:

- 350 mil moradias por ano, gerando mais de 900 mil empregos;
- 27 mil creches que atenderia 2 milhões e 700 mil alunos e geraria 600 mil empregos.
- Atender os 100 mil brasileiros que vivem nas ruas. Utilizando os 2 bilhões e 600 milhões de reais. Ainda sobrava para fazer outras coisas.

Pois bem, podemos fazer mais escolas, apoiar a agricultura familiar, produzir mais alimentos e acabar com a fome de vez.

Finalmente, podemos observar que os trabalhadores podem viver bem neste país, mas para isso precisamos tirar os privilegiados de nossas costas. A pior ambição de um ser humano é desejar colher o que nunca plantou. E o espírito do LARAPIUS romano baixou nos membros do Judiciário brasileiro.

AS PROFUNDEZAS DO GOLPE DE 2016

15 de junho de 2017

Avança a luta pelo “Fora Temer, já! ”. Governo constituído por golpistas de larga monta. Apeararam a Dilma e o PT do governo na mão grande. O presidente golpista Temer e os políticos em geral sofrem a fúria da população. Mas tanto o golpista Temer como sua base parlamentar são apenas a aparência do golpe.

Os golpistas abrangem todas as frações da burguesia brasileira, as corporações internacionais (imperialismo) e a tropa de choque do executivo, legislativo, judiciário, forças de segurança e a mídia predominante, composta por crápulas da pior espécie. A união dos golpistas tem objetivos claros: estabelecer política econômica e social criminosa. Aniquilar os salários promovendo a matança generalizada de trabalhadores e violação aberta e planejada de direitos para integrar o setor produtivo industrial às cadeias produtivas globais.

Ocorre que a indústria (ferro velho nacional) não consegue competir no mercado global, mesmo possuindo um dos mais baixos salários do mundo. Embora a taxa de lucro brasileira seja elevada, o peso do setor parasitário: rentismo em geral (juros, aluguéis, máquina pública, propaganda, remessa de lucros) exigem que os lucros da base produtiva sejam superiores aos padrões internacionais, dificultando a concorrência com o setor produtivo global.

Frente a este panorama capitalista, a burguesia procura salvar a si e suas propriedades e se integrar de joelhos aos imperialistas. Subserviente, entregam nossas riquezas e devastam o território nacional, ao mesmo tempo que sangram os trabalhadores.

Para tanto, estão destruindo a já limitada CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), a capenga Previdência, retirando recursos da saúde, da educação. Manterão algumas migalhas de direitos sem nenhuma importância. Essa política econômica da morte para os trabalhadores vem acompanhada por ataques ferozes as lideranças e organizações dos trabalhadores. Lideranças populares incluindo Lula que se cuidem. A política econômica dos golpistas não oferece nenhuma perspectiva para os trabalhadores, mesmo que a economia cresça. Pois com ela se aprofundará a exploração e a miséria.

A opção assumida pelos golpistas não será removida por movimentações artificiais. Por maior que seja as movimentações contrárias aos golpistas, eles continuam delinquindo no congresso, no judiciário e na mídia predominante. Eles não se importam com a revelação da podridão do presidente Temer, do Congresso, do judiciário e da própria mídia predominante. Continuam firmes ampliando a política social criminosa contra os trabalhadores. Procuram aumentar a já insuportável

miséria nacional. Nivelar com os salários mais baixos de outras economias como da Índia, China, Egito, mexicanos, filipinos, vietnamitas, etc. Ampliam vergonhosamente o número de desempregados. Deixam milhares de pessoas morrerem por doenças curáveis. Jogam milhões de famílias para morar no meio do esgoto, em habitações precárias.

A política econômica e social criminosa é comandada por assassinos genocidas. Não oferece nenhuma perspectiva para os trabalhadores. Se a economia voltar a crescer é para aumentar o lucro deles. Não vai melhorar em nada o sofrimento do trabalhador. A miséria tomará conta de amplo tecido social. Como afirma o escritor George Orwell, autor de “1984”: a miséria aniquila o futuro. O desespero, a fome, empurrará muitos para a apatia e desesperança, outros para a criminalidade. E os enriquecidos disseminarão a mentira e a luta armada contra aqueles que não se aquietarem. A desumanização geral trará dias angustiantes para os trabalhadores.

Resta o trabalho incansável de construir um Projeto para os Trabalhadores. Imbuídos de valores humanos, sob o império do princípio da igualdade, solidariedade, da justiça e tendo o trabalho como referência. Trabalho no sentido humano que ele contém.

A burguesia brasileira necessita, para a brutal exploração dos trabalhadores, corromper toda máquina pública (judiciário, mídia predominante, executivo, legislativo e forças de segurança) com suas malas cheias de sangue de quem trabalha. Corrompem tudo, são delinquentes contumazes. Impõem uma concepção de mundo desprovida de qualquer migalha de humanidade. A democracia deles só serve quando eles ganham a eleição. Se perdem, por mais limitado que seja o governo popular, eles procuram destruir. Já estão ameaçando sabotar a eleição de 2018.

CONSTRUIR UM PROJETO PARA OS TRABALHADORES

Neste momento é necessário tirar algumas lições. Está claro que não se pode contar com nenhuma fração da burguesia para implementar reformas estruturais, mesmo capitalista. A burguesia não assume nenhuma medida progressista, por mínima que seja. É atual a velha formulação: “A emancipação dos trabalhadores é obra deles próprios”.

As forças populares, os trabalhadores e forças progressistas precisam estruturar movimentos de massas em luta por justiça. Isolados ou grupos corporativos não terão salvação. Alguns desafios se apresentam:

- As forças progressistas precisam desenvolver um programa que aponte um **Projeto para os Trabalhadores. Que coloque a economia a serviço do povo. Realizar um conjunto de medidas para desenvolver o Brasil e incluir os trabalhadores no processo produtivo nacional;**

- Realizar as reformas estruturais como reforma agrária para produzir alimentos, gerar empregos, com amplo programa educacional de técnicas agrícolas e preservação ambiental;

- Seguir nas reformas estruturais como a urbana, habitacional, financeira, fiscal, administrativa, eliminando os privilégios da máquina pública. Estas questões devem ser amplamente debatidas, aprofundadas e ampliadas;

No âmbito das organizações sociais é necessário enfatizar que no quadro atual não há salvação isolada ou de modo corporativo. É preciso desenvolver ações de massa. Para tanto é necessário construir organizações de base no seio do povo: bairros, meio rural, empresas, em todos os poros da sociedade. Estruturar grupos de auto-defesa para se defender na mesma proporção da agressão. Grupos de comunicação para municiar os lutadores

de informações das lutas, denunciar as agressões sofridas e os contrastes a serem superados.

Essas organizações devem carregar em seu ventre a luta por justiça, igualdade e democracia, onde todos participam, todos decidem, todos executam.

É necessário colocar o sujeito histórico em cena, com suas organizações de base consistentes e avançar para tomar o destino do Brasil em suas mãos. Lutar pela democracia significa antes de tudo modificar a intolerável situação econômica e social que atinge a maioria da população brasileira. O valor da liberdade se consagra com o valor da igualdade, não havendo como divorciar os direitos de liberdade dos direitos de igualdade.

Os sindicatos, pós reforma trabalhista estão condenados. O tempo que lhe resta deve trabalhar todas questões operárias. Carece de mudar a concepção sindical. Deve trabalhar junto com forças populares, assumir a organização de desempregados. Organizar a luta por moradia para suas bases e outras bandeiras, além da puramente salarial e de condições de trabalho.

Nas condições atuais, as forças populares, os trabalhadores e forças progressistas não devem esperar ou ajeitar nada com a burguesia e seu Estado. Os golpistas devem intensificar a repressão, as mentiras e ceder algumas migalhas de direitos quando acossados pelo povo, mas nada substancial.

Deste modo, os trabalhadores por meio da ação das massas e da luta direta, articulado com as forças progressistas, procurar resolver seus problemas e do povo em geral.

A história nos ensina: A vida pune aqueles que se atrasam!

SEM TETOS: AO COMBATE

Novembro de 2016

Texto extraído do boletim Quem não luta, tá morto!

A violência contra os trabalhadores/as se espalha. A PEC 241/55, aprovada no Congresso faz o salário mínimo virar pó.

Se corrigido pela sistemática atual, em 2036 o salário mínimo valerá R\$ 7.082,06. Com a PEC 241/55 cairá para R\$ 2.439,76. Será comido ano a ano. Em 20 anos, em 2036, perderá R\$ 4.642,30. Esta desvalorização do salário impactará negativamente no rendimento de todos os trabalhadores/as. Domésticos, operários, funcionários públicos, prestadores de serviços e aposentados. A violência econômica já bate na porta de quem vive do trabalho e baterá mais forte daqui para frente. O desemprego já atinge 12 milhões de pessoas. Esta situação ligada ao trabalho informal e aos baixos salários que não cobrem as necessidades das pessoas levam o caos na vida dos trabalhadores.

Combinado com o ataque aos salários a PEC 241/55 busca aniquilar a Previdência, a Saúde, a Educação e a

Assistência Social. Isto tudo para aumentar a exploração dos trabalhadores, impondo-lhes um massacre econômico e social.

Para isso, aprimoram uma máquina de opressão mortífera. Nos últimos cinco anos foram assassinadas no Brasil: 278.839 pessoas. Lá na guerra da Síria foram assassinadas 256.124 pessoas. Ou seja, matou-se mais no Brasil do que no mesmo período lá na Guerra. É uma situação desastrosa tanto para os sírios quanto para os brasileiros.

O quadro econômico se aprofundará e agravará a fome e a desesperança para os trabalhadores.

Os sem tetos serão atingidos em cheio. A máquina opressiva do Estado — Forças de Segurança, Judiciário e mídia oficial, etc. agirão para protegerem as propriedades, aqueles que mandam no Estado e os interesses econômicos em geral.

Aos trabalhadores e sem tetos só resta o combate. Combater pelos seus direitos e pela Justiça.

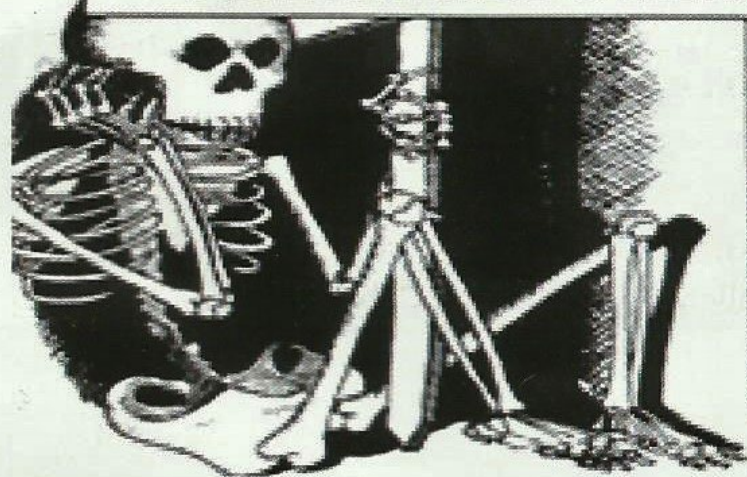
Ocupar as propriedades abandonadas, buscando um refúgio para proteger suas famílias e lutar por justiça.

A justiça agora se expressa pela ocupação das propriedades fora da lei. Das propriedades sem função social e que impede que milhões de trabalhadores tenham uma casa para morar.

Enquanto isso, os estudantes ocupam as escolas e travam uma luta justa para salvar a Educação. Nós sem tetos, ocupamos imóveis abandonados fora da lei para assegurar a justiça social e conquistar nossa moradia.

Irmanamo-nos todos: estudantes, sem tetos e trabalhadores na luta por justiça. Esta ação de ocupação de imóveis abandonados tem como fundamento a proteção de nossos filhos e de nossas famílias.

**NUNCA OCUPEI
IMÓVEL ABANDONADO
E FIQUEI ASSIM
DE TANTO
PAGAR ALUGUEL**



CHUPINS DESTROEM O BRASIL

Novembro de 2016

Texto extraído do boletim Quem não luta, tá morto!

Chupim é um pássaro que coloca seus ovos em ninho alheio. Especialmente no ninho do tico-tico. Ali seus ovos são chocados e seus filhotes criados pela ave enganada. O chupim não executa nenhum trabalho, nem para chocar muito menos criar seus filhotes.

Hoje, muito se fala na crise do Brasil. Mas se ocultam as suas causas. A nossa realidade deixa claro que os chupins humanos — brasileiros e estrangeiros — é que destroem o Brasil. São os chupins do mercado financeiro. São cerca de 30 milhões de pessoas — brasileiros e estrangeiros — uns mais outros menos, que chupam os cofres públicos perto de R\$ 1.000.000.000.000,00 (um trilhão de reais), todos os anos.

Não realizam nenhum trabalho. São até piores que o pássaro. O chupim pelo menos bota o ovo. E os chupins do mercado financeiro nem ovo bota. As suas finanças



acumuladas são subtraídas dos valores criados pelos trabalhadores. Antes que os chupins / parasitas acabem com o Brasil, precisamos acabar com ele.

SUPERLUCROS E CRISE ECONÔMICA

Janeiro de 2016

Um projeto para os trabalhadores

A situação econômica e política do Brasil continua incerta em 2016. Entender esse quadro é uma questão desafiadora, mas necessária para nossa caminhada.

Nos últimos anos, os grupos econômicos nacionais articulados com as empresas globais destilam ataques impiedosos contra os governos do PT, em especial contra a presidenta Dilma. Quais as razões das agressões? A questão do pré-sal, da valorização do salário mínimo, do Bolsa Família, da política de energia, dos juros em patamar mais baixo, embora alto? Deve ter esses ingredientes, mas parece que o buraco é mais embaixo.

Analisando a política econômica de 2014 da presidenta Dilma/PT não encontramos aparentemente motivos para os grupos econômicos nacionais e internacionais desejarem descartar a presidenta e o PT. O ministro

Mantega, em 2014, transferiu imensos recursos públicos para esses grupos econômicos e estabeleceu a chamada política anticíclica (em resposta à crise cíclica do capitalismo). Para impedir o avanço da recessão e da inflação, transferiu bilhões de reais que foram parar nos cofres dessa parasitada capitalista e esterilizou massa gigantesca de recursos públicos.

Vejam sinteticamente algumas dessas medidas:

1 - Desoneração/redução da folha de pagamento que isenta empresas de recolher tributos, especialmente para a previdência. É impossível compreender como política anticíclica, vez que os empresários beneficiados obtêm superlucros em suas atividades. É o caso da construção civil, automobilística etc. E o equívoco permanece por meio de complemento salarial pago pelo governo para “evitar” demissões que continuam a acontecer. Estamos pagando para trabalhar.

2 - Redução de impostos para bens de consumo de luxo, por exemplo, do IPI para carros. Também não encontramos razão nessa política anticíclica. Expandir a venda de bens de luxo nunca foi política anticíclica.

3 - Subsídio às exportações com o mercado internacional inundado de produtos primários e em queda de seus preços. Aqui envolve o subsídio ao agronegócio. Não há explicação para essa política anticíclica. Não há fundamento econômico que respalde essa medida.

4 - Subsídio para aquisição de máquinas com o programa de sustentação de investimento. Nos últimos anos atingiu mais de R\$ 214 bilhões, no último ano mais de 20 bilhões. Pergunto: com uma economia em recessão, caindo a produção, por que um empresário compraria máquinas?

5 - A política de juros altos, embora a taxa tenha atingido seu patamar mais baixo dos últimos anos, ainda era

a maior taxa do mundo. O que ajudou a continuar fluindo recursos públicos para o cofre dos especuladores financeiros. Ora, que sentido tem essa alta taxa de juros? Se em outros países, para combater a crise, a taxa de juros está próxima de zero. O Japão pratica a taxa de juros negativa.

Explico: essas medidas anticíclicas adotadas em 2014 transferiram perto de R\$ 500 bilhões aos cofres dessa gente. E não atingiram os objetivos traçados, como manter o crescimento econômico e combater a inflação, mas criou um desequilíbrio nas contas públicas de R\$ 242 bilhões.

Esse desequilíbrio nas contas públicas poderia ser corrigido sem traumas em 2015. Mas isso não ocorreu. Adotou-se, em 2015, a política de ajuste que agravou a crise econômica e aprofundou a recessão, o desemprego e a ingovernabilidade.

O diagnóstico do novo governo sobre a crise econômica e os remédios necessários em 2015 quase matam o paciente. Deixou-o cambaleante, acamado. O diagnóstico do governo apontava que era necessário cortar gastos para reequilibrar as contas públicas. Especialmente gastos sociais (saúde, educação, assistência social, previdência etc.). Os juros foram elevados para a estratosfera de 14,5%, esterilizando enormes recursos públicos para pagar a parasitalha geral. Em 10 meses — de janeiro a outubro/2015 — atingiu R\$ 426 bilhões, quase o dobro do déficit criado por Mantega, em 2014.

Na verdade, a política econômica de 2015 foi um fracasso retumbante: a inflação continuou firme, houve a paralisação econômica, a recessão se aprofundou e os cortes nos recursos sociais entraram por um ralo sem fim, o que causou a falência das finanças públicas. O déficit de Mantega de 2014, que foi de 242 bilhões, passou em 2015 para 446 bi, quase o dobro. O fracasso de 2015 reside na

política econômica de 2015, do famigerado Levy.

Em 2014 e 2015 foram aplicadas políticas econômicas definidas pelo “mercado”. Está claro que há um desafio para o PT. Sabemos que essas políticas econômicas não têm o aval do partido. Mas há necessidade de definição da política econômica do Partido dos Trabalhadores.

Entrando em 2016, o que virá pela frente?

Barbosa, o novo ministro vai continuar na mesma toada, cortando investimentos sociais necessários para os trabalhadores e transferindo bilhões aos cofres da parasitalha nacional e internacional. É primário verificar que a crise nas finanças públicas não é ocasionada pelos investimentos sociais (saúde, educação, assistência social, previdência etc.), mas decorre da transferência massiva de recursos públicos para os diversos ramos do chamado empresariado: mais de R\$ 500 bilhões/ano.

Essa transferência ocorre em diversas direções por meio de juros estratosféricos, subsídios, isenções de impostos e todo tipo de facilidades criadas para essa pequena, privilegiada e insaciável parte da sociedade.

Neste momento, o que se esboça são as chamadas REFORMAS PARA ESTABILIZAÇÃO DA ECONOMIA, expressas pelo rebaixamento ainda maior dos diretos trabalhistas, e por cortes nos investimentos sociais, piorando as condições de vida já combalidas dos trabalhadores. Segundo a inteligência da parasitalha, isso é necessário para manter a dívida pública estável. Entretanto, na outra ponta, o poder público continuará transferindo bilhões para os cofres dos parasitas por meio de juros estratosféricos, subsídios a isto e aquilo, isenção de impostos.

Fala-se em linhas de crédito para renovar frota de carros, para manter os superlucros das montadoras. Essas políticas não vão diminuir a inflação, ativar a economia e melhorar as finanças públicas, pois já não

surtiram efeitos em 2014/2015. Pelo andar da carruagem, não há nenhuma política anticíclica consistente ou que vá em direção da proteção das já frágeis condições de vida dos trabalhadores.

Fica evidente que o Estado Nacional está dominado em todos os seus poros (governo, judiciário, forças de segurança, legislativo, universidades, mídia) pelas empresas nacionais e globais de todos os ramos, articulada com uma casta de funcionários com imensos privilégios dentro da máquina pública e imprensa.

Neste momento, a crise capitalista tem como projeto fragilizar ainda mais o Estado Nacional para se apropriar sem freios das riquezas nacionais e aprofundar a exploração dos trabalhadores. Esse projeto não serve para o Brasil, não serve para os trabalhadores e para a população em geral.

Há necessidade de um Programa que vá em direção de um projeto para os trabalhadores.

Os desafios são extremos. Mas para os trabalhadores e para o bem do Brasil, é necessário dar um cavalo de pau nos rumos da economia brasileira. Os recursos públicos esterilizados nos cofres da parasitalha em geral, nacional e internacional, privilegiados da máquina pública e previdência, podem ser aplicados em um programa de investimentos no desenvolvimento das forças produtivas, aplicado, operacionalizado diretamente pelo capital variável: os trabalhadores.

E o que se poderia fazer com os R\$ 500 bilhões que foram para os cofres da parasitalha?

Bem, as forças progressistas poderiam definir um programa do Partido dos Trabalhadores caminhando na direção de um projeto para os trabalhadores. Esse proje-

to poderia iniciar pela realização da tão necessária reforma agrária. Direcionar a produção agrícola para a produção de alimentos, o que seria um estímulo direto ao pequeno produtor. Desenvolver amplo programa educacional no campo, com escolas técnicas espalhadas pelo território nacional. Essas escolas devem ser implantadas na roça para combinar o estudo com a prática agrícola, combinar com a educação ambiental para reflorestar áreas devastadas, pela monocultura, recuperar rios. Implantar produção sem agrotóxicos. Articular a circulação desses alimentos direto para a população urbana. Essas iniciativas trariam imensos benefícios para os trabalhadores em geral.

Na área urbana, realizar um grande projeto de saneamento básico articulado com a produção de moradias e equipamentos sociais para educação e saúde, combinado com programa de educação ambiental. Estas e outras ações caminhariam na direção de políticas anticíclicas. Criariam milhões de empregos e disponibilizariam bens sociais para o capital variável (os trabalhadores).

Deve-se ainda dar início à eliminação de privilégios dentro da máquina pública: executivo, legislativo, judiciário, previdência. Não há como conviver com esses privilégios existentes. São benefícios e salários corruptos. A verdadeira reforma da previdência começa com a eliminação das aposentadorias corruptas.

Mapear riquezas, supersalários, propriedades das forças conservadoras que atacam os direitos dos trabalhadores. Explicitar quem são corruptos e inimigos de nossa classe.

Para desenvolver o Brasil com equidade social, é necessário caminhar na direção expressa pelo Papa Francisco:

“Colocar a economia em benefício do povo e cuidar da mãe terra.”

Neste momento, percebe-se que não é possível manter os superlucros e os privilégios dentro da máquina pública, previdência e imprensa e ao mesmo tempo melhorar a vida dos trabalhadores. Sendo assim, as forças progressistas devem implementar um projeto nacional que atenda aos anseios dos trabalhadores para terminar de vez essa vergonhosa miséria social.

**“A miséria é o cativeiro de homens e mulheres livres.
Marchemos para a abolição da miséria no Brasil”.
(Afonso Arinos).**

EXPLORAÇÃO MINERAL NO BRASIL: “A MÁQUINA DE ACABAR COM TUDO”

30 de novembro de 2015

(Foto Agência Brasil de Notícia)



O rompimento da barragem de lama tóxica em Mariana, Minas Gerais, é devastador e revelador ao mesmo tempo. Essas barragens apreendem quantidades imensas de rejeitos da mineração. São compostos de água, lama e venenos do mineral que ficam ali aprisionados, devastam extensas áreas locais. O rompimento de uma dessas barragens é desastroso: a lama tóxica percorrerá mais de 500km no rio Doce e atingirá centenas de quilômetros de praias do estado do Espírito Santo. Destruiu parte da cidade de Mariana, vidas humanas e animais, além de ter matado o Rio Doce. A lama impregnada nas margens em toda extensão do rio, toda vez que chover, continuará contaminando o rio e o mar por vários anos. É uma monstruosidade.

Notícias revelam que há uma terceira barragem, maior, trincando para se romper. E que existem mais de 400 desses depósitos tóxicos no estado de Minas Gerais.

A exploração mineral no Brasil é uma inconsequência nacional sem precedentes. É de arrepiar, a exploração mineral no estado do Pará, em cidades como Carajás e Parauapebas e Serra do Navio, no Amapá, são parte do território brasileiro (em formato de minério) transferidos para as indústrias globais. No caso dos minérios, 70% servem para produzir armas de destruição e bens de luxo desnecessários para a humanidade. Destroem a mãe terra no processo produtivo e seus produtos, acabam com a vida na face da terra.

A insanidade não para. Acabou de ser construído um MINERIODUTO com 525km. Vai de Alvorada de Minas ao Porto de Açu, em São João da Barra, no Rio de Janeiro. Este patrocinado pela empresa Anglo Americana. Mais a Samarco, essa das barragens rompidas, também tem seus Mineriodutos.



(Foto Agência Brasil de Notícia)

Minerioduto funciona assim: faz-se a sucção de água do rio. O minério é transformado em lama e bombeado até o Porto. Destruirá o meio ambiente nas duas pontas: na montanha de onde sai o produto e no Porto onde ocorre a separação da água dos minérios. Curiosamente e desastrosamente, a Anglo Americana “destaca a importância do sistema em termos ambientais por substituir caminhões e trens”. Que bela importância! Onde será depositada a água envenenada do minerioduto? Nas praias, com certeza! Bombeará milhões de metros cúbicos de água direto para o mar. Isso provoca a crise hídrica. Não fiquemos nervosos, continuemos nosso relato.

A exploração mineral no Brasil está sintetizada na declaração da liderança indígena Katia Tonkure Jonpti, do povo Gavião: “A Vale deixou conflito. A Vale trouxe

o impacto de separação, desunião e desigualdade. É um bicho papão. Um demolidor da natureza. MÁQUINA DE ACABAR COM TUDO. ”

As indústrias mineradoras se constituem num grupo econômico poderoso. Segundo o TCU —Tribunal de Contas da União, das 20 mil concessões de exploração de minérios, apenas 5 mil recolhem impostos. Em sua maioria são criminosos sonegadores ladrões de impostos.

Exploração Econômica Devastadora

A devastação ambiental do território brasileiro pela mineração se completa com a monocultura agrícola. A secular exploração da cana devasta imensos territórios. Depois de um tempo de produção, por anos a terra nada produz. As usinas industriais de cana consomem a água da região e polui os rios. O café cultivado pelos métodos “modernos”, servindo-se de pesticidas, mata tudo. Na última geada que destruiu o café, os agricultores não conseguiram desenvolver outras culturas como arroz e feijão porque não prosperavam na terra contaminada. A exploração extensiva do gado também acaba com as florestas. A celulose — plantação de eucaliptos — são mais de cinco milhões de hectares, consome a água da região e destrói as diversidades florestal e animal. E ainda tem as plantações de laranja e de soja para completar esse quadro.

Essas monoculturas turvam de cinza a paisagem rural, destroem as fontes de água, eliminam as diversidades vegetal e animal, contraditório necessário para o desenvolvimento da vida. Matam os pássaros, os peixes, as abelhas e a abundância da vida nesses territórios. A devastação ambiental segue de norte a sul, de leste a oeste. Assim como a mata atlântica fora destruída, caminha-se a passos largos para destruir a Amazônia e as regiões de

cerrado. Essa forma de exploração da agricultura e da mineração despeja milhões de toneladas de veneno no ambiente todos os dias.

Casta Social e Patriciado¹ no Brasil

A casta social que ocupou o Brasil é a mesma desde seu descobrimento. Rapelam e saqueiam tudo: é o capitalismo extrativista da acumulação primitiva — acumulação por exploração e violência. Acabaram com o pau-brasil, limpam o ouro, a prata e os diamantes, mas continuam arrancando a madeira de nosso solo. Caçaram os índios nas florestas, laçaram os negros na África e os escravizaram. E esta concepção de mundo perdura até hoje.

A casta dominante defendida pelo patriciado, como afirma Darcy Ribeiro, essa tropa de choque encastelada na máquina pública, maioria no executivo, legislativo, judiciário, forças de segurança, na mídia predominante e em todos os poros da sociedade, assegura o andamento dessa base econômica podre, devastadora da natureza e de vidas humanas. Combina as formas modernas de exploração dos trabalhadores com o modo primitivo de acumulação. Destrói os meios de sobrevivência autônoma dos trabalhadores, colocando-os à disposição de suas necessidades de mão de obra sem pagar o que precisam para viver. E para submetê-los aos salários miseráveis, mantém um grande contingente de desempregados e subempregados. Espalha a miséria social em todos os cantos da sociedade. Para essa casta dominante e seu patriciado, a função social das atividades econômicas não conta, a vida humana não conta, a natureza e sua diversidade animal e vegetal não

1 Patriciado: privilegiado desde o berço, nascido em berço de ouro.

contam. O que manda é lucro e mais lucro para garantir sua vida de luxo e imbecilidade.

Por mais grave que seja o crime cometido por essa casta dominante, nada acontece a eles. Os crimes ambientais, como esse do rompimento da barragem e agrotóxicos jogados nas terras, crimes de sonegação fiscal, como o débito com o fisco em R\$ 1.000.000.000.000,00 (um trilhão de reais), que segundo a receita federal representa 500 bilhões por ano, a remessa de dinheiro (trabalho brasileiro) ilegal para o exterior, péssimos salários e terríveis condições de trabalho impostas aos trabalhadores, tudo isso não resulta em punição. Nada ocorre a eles. O império da lei e da justiça não vigora.

Essa casta dominante articulada e subserviente às empresas capitalistas globais é garantida por sua tropa de choque: o patriciado continua impune destruindo as condições ambientais do Brasil e reservando péssimas condições de vida a seu povo.

A concepção de mundo desta casta dominante é de arrearpiar. Hoje mesmo, o jornal notícia que empresas do Nordeste se mudam para o Peru e para o Paraguai, apregoam que lá não tem legislação trabalhista. Ou seja, levaram miséria para nossos irmãos daqueles países.

Vale novamente citar Darcy Ribeiro no último capítulo de seu livro *O povo brasileiro*: “Os interesses e a aspiração do povo brasileiro jamais foram levados em conta. Nem mesmo o direito elementar de trabalhar para nutrir-se, vestir-se e morar”.

No andar da carruagem atual, onde a casta dominante e seu patriciado aprofundam o catastrófico desenvolvimento econômico brasileiro com destruição sistemática da mãe terra e das condições de vida de seu povo, está colocado para as forças progressistas em geral, especialmente para os trabalhadores, a necessidade de construir

organizações autônomas, tomar as rédeas do desenvolvimento econômico e social em suas mãos. Seguir na direção do que o Papa Francisco, este homem iluminado, apregoa: “colocar a economia a serviço do povo e cuidar da mãe terra”.

P.S. Em 25 de janeiro de 2019, a cidade de Brumadinho, em Minas Gerais, foi devastada por outro rompimento de barragem de rejeitos de minérios. Ocorreram 259 mortes e 11 desaparecimentos. A imprensa noticiou, em 08/09/2020, que existem 156 barragens em situação crítica e que podem romper a qualquer momento.

PRESTES MAIA DESAPROPRIADO: A ÁGUA ROMPEU A PEDRA

12 de novembro de 2015

A desapropriação do edifício Prestes Maia é um evento extraordinário. Ali se encontra a síntese da luta popular por moradia no centro da cidade dos últimos 20 anos. A comemoração é geral. Muitos agradecem a Deus, outros a diversas personagens de última hora. Entretanto, para consolidar o aprendizado da experiência, é necessário verificar quais foram as forças e pessoas que se movimentaram nestes últimos 15 anos no cerne daquela luta. Isto é necessário. Caso contrário, podemos encontrar conclusões superficiais, que não servirão para nada. Devemos estudar e explicitar ao máximo os fundamentos e os passos movidos pelas forças humanas, que asseguraram o desfecho: a desapropriação do talvez, o maior símbolo da especulação imobiliária na cidade de São Paulo.

O ato que culminou com a desapropriação foi o acampamento dos sem teto, organizado pela FLM, na porta da prefeitura, no dia 16 de setembro de 2015.

Informados que o imóvel seria demolido e o Hotel Cambridge seria entregue à iniciativa privada para outras finalidades, imediatamente os sem teto agiram. Acamparam na porta da prefeitura e exigiram desapropriação do edifício Prestes Maia, desapropriação do edifício São João, 588 e que o Hotel Cambridge fosse destinado à moradia popular. Pediram reunião com o prefeito Haddad, que atendeu aos anseios dos sem tetos.

As mesmas forças que impulsionaram esse despejo iniciavam a luta há 15 anos para transformar o edifício Prestes Maia em moradia popular.

Esse imóvel foi escolhido para ser ocupado porque reunia diversas condições apropriadas para a luta dos sem teto. Primeiro pela sua dimensão. Seu tamanho exigia união de centenas de famílias, aglutinando forças populares consideráveis e segundo, porque analisando os documentos, trata-se de propriedade fora da lei, abandonada por quase 20 anos, poluindo a cidade, sem recolher um centavo de imposto e sem título legal da propriedade. Isso está escrito e foi entregue ao Judiciário.

Nestes 15 anos, muita água passou embaixo da ponte. Os sem teto resistiram a 26 tentativas de reintegração de posse (despejo). Violência jurídico policial bloqueada pela força das famílias organizadas. Fechamento da Avenida Tiradentes em protesto das famílias contra o despejo, acampamento na porta da prefeitura, ida à Brasília e ao Congresso Nacional defender o direito de morar ali (ver carta). Campanha da Anistia Internacional, em que centenas de cartas dos países do mundo inteiro chegaram para o movimento e para as autoridades. Diversos filmes produzidos, entre eles Tobias 700 – a história de uma ocupação.

Ocorreu incêndio em 2004 numa das torres, ocasionando a morte de uma criança. Que os sem tetos já

definiram será o nome do condomínio: Kimberly. (Ver texto: Sem Teto Um Eterno Migrante). Constituiu-se ali uma grande biblioteca que recebeu apoio do geógrafo Aziz Ab Saber e do bibliófilo José Mindlin. Durante o processo de luta, os sem teto receberam grande apoio de parceiros como o CMI – Centro de Mídia Independente e outros parceiros internacionais como a organização católica CAFOD da Inglaterra.

O controle do espaço ocorre por uma coordenação interna organizada por andar. Bem, o detalhe dessa história precisa ser reconstruído, mas podemos afirmar que a vitória veio pela constituição de uma força social humana popular vigorosa. Onde dezenas de lideranças aplicaram suas energias naquele empreendimento. Essa história precisa ser contada para o bem da luta popular. O desfecho, embora represente um enorme avanço, não foi o que os sem tetos desejavam. Queriam a expropriação do imóvel sem a indenização a seu injusto possuidor e não a desapropriação indenizada. A propriedade tem origem duvidosa. Adquirida de uma massa falida, que tudo indica, falida fraudulentamente e que ficou devendo milhões ao fisco. E mais, não há trabalho algum que justifique a apropriação do bem. Na verdade, o injusto possuidor se apropriou de imensos recursos públicos investidos na cidade e ainda foi indenizado pela desapropriação. Pois bem, poderia ter sido expropriado.

Mas isso é uma outra história que as forças sociais do momento não conseguiram conquistar. De qualquer modo, a desapropriação do Edifício Prestes Maia ocorre, neste momento, pela combinação de dois fatores: o primeiro, as forças humanas reunidas na organização dos sem teto, crentes de seus direitos. E segundo, combinado com a presença de um gestor no executivo municipal sensível aos anseios populares.

DIA 30 DE AGOSTO NA PAULISTA, O POVO TRAVOU UMA BOA LUTA

1º de setembro de 2015

No último domingo, dia 30/08/2015, fui pedalar na Av. Paulista. Passando em frente à Caixa Econômica Federal, por volta das 10 horas, observei um grupo de pessoas que estava isolando a calçada com imenso material plástico estendido no chão. Verifiquei que era o boneco ofensivo ao ex presidente Lula. Imediatamente comuniquei à direção do PT. Entendi que seria feita mobilização para se contrapor àquele ato de agressão ilegal ao Lula e ao nosso partido. Passado um tempo, fui comunicado que a direção partidária não recomendava a mobilização. Por volta das 11 horas, o grupo inflou o boneco, cantou o hino nacional e dirigia ofensas ao PT, ao ex presidente Lula e à presidenta Dilma. Quando passou um companheiro que protestou contra aquele ato, ele foi hostilizado por um bom trecho da Av. Paulista. Não intervi porque estávamos em duas pessoas, o companheiro foi ofendido verbalmente, mas não sofreu

agressão física. Entretanto, chegaram as companheiras do PT centro e com elas o povo. Homens, mulheres, crianças, alguns jovens entre eles a conselheira municipal de juventude Sirlândia. As pessoas caminharam do centro até a Av. Paulista e chegaram de modo esparso. Decidimos ficar por ali e aglutinar as pessoas para não ficarem sozinhas e sofrerem agressões.

Por volta das 12h20 horas, ouvimos um “Viva o PT” e um grupo de nossos companheiros estava no meio da manifestação erguendo a bandeira de nosso partido e gritando: “Partido, Partido é dos Trabalhadores”. Concentramo-nos, então, em frente à Caixa e nos opusemos àquele ato ilegal. Tiramos a orientação de acuá-los e expulsá-los. Exercíamos pressão com palavras de ordem: “Partido, Partido é dos Trabalhadores”; “O povo na rua, coxinha recua”. “Quem não pula é...”; “Não vai ter golpe...”. Fazíamos sinal de amor. Eles respondiam com sinal obsceno. Em outros casos eram chamados de fascistas. Fizemos com que recuassem até próximo do boneco. A ideia era esvaziar o boneco e tomá-lo deles para entregar ao ex presidente Lula e colocar no processo judicial como prova do crime calunioso. Fomos ofendidos de todas as maneiras por essas pessoas desqualificadas. Nossas guerreiras mulheres negras foram chamadas de macacas. Foram chamadas de pretas ofensivamente. Faziam sinais de que nós éramos ladrões, corruptos. Chamavam o nosso partido de quadrilha. Diziam que nós recebíamos R\$ 35,00 para estar ali. Outros perguntavam “cadê o sanduíche de mortadela?” Chamavam o ex presidente Lula de ladrão. Procuravam nos intimidar com tentativas de agressões físicas. Não obtiveram sucesso, pois encontraram a resistência necessária de nossos militantes aguerridos. Quando perceberam que íamos expulsá-los, ordenaram à polícia militar para protegê-los. A polícia

obedientemente formou um cordão de proteção do boneco e bloqueou nossos planos, pois não estávamos ali para brigar com a polícia. Mas intensificamos nossa ação com palavras de ordem, quando se incorporou em nosso grupo alguns transeuntes e um jovem desconhecido que coordenava os coros. Esta ação causou grande confusão nos manifestantes ilegais. Então, decidiram esvaziar o boneco e finalizar seu ato, e nosso grupo se apropriou da calçada com imensa alegria. Alguns diálogos foram travados às vezes com desinteligência, como a questão dos lanches. Quando perguntavam ironicamente: “Cadê os lanches de mortadela?”, recebiam a resposta de que estavam no [...] deles. Aquelas pessoas são incapazes de perceber que nosso povo luta por direitos e que não se vende por nada, que nossa luta é por justiça. Era visível a diferença: de um lado (o nosso) o povo trabalhador sofrido, do outro todos com características de privilegiados. Dialoguei também com um dos manifestantes, que disse não ser contra nós, mas contra a corrupção. Disse a ele que então tirasse dali o boneco do Lula. Que Lula não era corrupto, não existem provas contra ele. Que nós também somos contra a corrupção e que se ele botasse ali o boneco dos corruptos, eu os apoiaria. Falei isso também para o jornalista do *Estadão*. Disse a ele que sou assinante do jornal, mas que a linha editorial desse veículo é atrasada milenarmente, dissemina a mentira, além de que a concepção de mundo desse jornal não serve para a civilização moderna, apesar disso, disse que era bom órgão de informações. Depois, disse a ele que aquilo era ilegal, calunioso ao ex presidente Lula e que também era crime chamar nosso Partido de quadrilha, uma vez que o PT é um partido legal, com 1 milhão e 700 mil filiados, que opera uma contribuição inigualável ao Brasil e ao povo brasileiro. Dentro dessa grandiosidade

do partido, menos de 0,1% está tendo problemas com a justiça, apesar da estrutura político-eleitoral ser viciada. Desse modo, não se pode condenar um partido quando 99,9% não podem pagar pelo erro de 0,1%. Tem que se observar que as instituições são construídas de seres humanos imperfeitos e a maioria delas possui incongruências. Não se pode condenar as Igrejas pelos erros de alguns de seus componentes. Não se pode condenar todo o Judiciário pela venda de sentenças e *habeas corpus* de alguns magistrados. Não se deve acabar com a liberdade de expressão só porque muitos órgãos de informação mentem, manipulam e escondem fatos, falseiam a verdade ou possuem profissionais deformados. Não se pode censurar uma família inteira pela má conduta de um familiar. Não podemos destruir a democracia por conta de suas imperfeições. Devemos superar os desafios e buscar aquilo que é bom para todas as pessoas.

Pensaram que eu não ia falar da desinteligência física do ato, enganaram-se. Ali não queríamos confronto. Queríamos, pela pressão popular passiva, anular o ato insano, ilegal, que ali ocorria. Como disse, optamos por pressioná-los com palavras de ordem, erguendo a bandeira do PT. Nesse momento, tentaram nos agredir, mas continuamos firmes e serenos. Quando na tentativa de pressioná-los, um grupo se posicionou pelas nossas costas sem que percebêssemos. Fui empurrado com violência e quando olhei para trás vi um senhor que me chamou de ladrão F.D.P e quis me chutar. Recuei e defendi-me. Com a ajuda da polícia tentaram me alcançar, mas as mulheres guerreiras entraram em cena e colocaram fim no conflito. Não sou adepto da violência. Acho qualquer forma de violência nojenta. Quero aqui pedir desculpas àquele senhor. Entretanto, devo reconhecer que aquela atitude foi decisiva naquele ato. A partir dali

abandonaram a tentativa de nos agredir fisicamente e recuaram dentro de seu quadrado, protegidos pela polícia.

Que lição podemos tirar do episódio? Que não podemos aceitar calados as agressões injustas que estamos sofrendo. Nesse quadro ninguém será salvo.

Primeiro, não somos quadrilha, somos um partido legal dos trabalhadores prestando inestimável contribuição ao desenvolvimento do Brasil, do povo brasileiro e da justiça. Segundo, Lula não é 171. Lula é uma grande liderança que entrega sua vida para construir o bem comum. Nossa presidenta é uma mulher honesta e guerreira. E nenhuma mácula pesa contra essas duas lideranças. Se temos erros, alguns defeitos, também queremos corrigi-los. Chamar nosso partido de quadrilha, atribuir malfeitos a nossos líderes, enquanto são investigados, virados de ponta-cabeça e mesmo assim nada pesa sobre eles, é inaceitável. Foge completamente da política e da racionalidade humana.

Precisamos reagir contra as agressões que estamos sofrendo. Não podemos aceitar calados. Vamos mostrar ao povo que nossas conquistas podem ser anuladas se o PT e nossas lideranças forem destruídas.

Não podemos aceitar esses atos que levam a ilegalidade para as ruas. Não aceitar também as agressões dos meios de comunicação. Mostrar ao povo que a mídia predominante trabalha para os conservadores e contra os interesses sociais. Não precisamos da violência e nem de armas para nossa luta. Precisamos sim de união e de atitude, e assim vamos vencer. Por que vamos vencer? Porque estamos com a razão, lutamos contra os privilégios e contra as situações que prejudicam os seres humanos. Em resumo: lutamos por Justiça.

Liberar as forças populares para promoverem a auto-defesa de modo pacífico. A cada ação, reagir equilibradamente em defesa do direito e da justiça.

OS SUPERFATURADOS E A CORRUPÇÃO

8 de maio de 2015

A Operação “Lava-Jato” nem acabou e já há dois escândalos aparecendo: a lista do banco HSBC de brasileiros ricos com dinheiro no exterior sem declarar à Receita Federal — crime de evasão fiscal — e a Operação “Zelotes” — crime de sonegação de receitas — onde dezenas de empresários corrompem fiscais da Receita Federal para deixar de recolher impostos.

Diante da premência desses fatos resolvi refletir sobre o assunto. Fui ao dicionário *Aurélio*, que expressa: “corrupção: ato ou efeito de corromper; decomposição; putrefação; devassidão; depravação; perversão; suborno, peita (dádiva feita com intenção de subornar)”.

Com essa definição, podemos afirmar que a corrupção tomou conta do mundo. É filha legítima do sistema capitalista. Esse modo de vida baseado na acumulação de riquezas e apropriação privada do tempo de trabalho das pessoas. A explicação é simples: o trabalho gera va-

lor excedente e os capitalistas travam uma guerra para se apropriarem desses excedentes. Primeiro arranca o que é possível dos trabalhadores, pagando salários abaixo do valor da força de trabalho. Não se envergonham de jogar milhares de seres humanos na miséria ou gastando sua vida no trabalho extenuante. Depois travam uma guerra entre si para se apropriarem o máximo possível do valor excedente criado pelos trabalhadores.

Onde há dinheiro excedente, o diabo está por perto: as pessoas em posição dominante compram tudo, subornam tudo — diretores de empresas estatais, fiscais, judiciário, políticos, jornalistas e proprietários de empresas de mídia (com verba de propaganda). Convencem as pessoas que este é o melhor sistema para a humanidade, apesar da podridão. É a concepção de mundo deles. E a perdição da humanidade.

Como diz a presidenta Dilma: “a corrupção é uma velha senhora”. Essa velha senhora caminha livremente em nosso território desde o descobrimento do Brasil. Agora que os governos Lula e Dilma começaram a mostrar a sujeira escondida debaixo do tapete, os corruptos e corruptores se uniram contra eles. Veja o que aconteceu na Copa do Mundo de 2014. O povo brasileiro foi bombardeado pela mídia. Primeiro disseram que não ia ter Copa, depois, que a construção dos Estádios era superfaturada, que os aeroportos não ficariam prontos. Criaram um inferno na vida da presidenta Dilma. Tudo isso tinha um objetivo claro: destruir o governo da presidenta e impedir a sua reeleição. Não conseguiram nem uma coisa nem outra. Mas conseguiram destruir a seleção brasileira. Os jogadores, influenciados por essa campanha negativa, não renderam, e fomos humilhados nos 7 x 1 contra a Alemanha. Coincidentemente, pouco tempo antes do jogo com a Alemanha, sabotaram um viaduto de

Belo Horizonte e o derrubaram. Neste ambiente, os jogadores manipulados não possuíam ânimo para defender o Brasil. O resultado todos conhecem.

Encontramos a corrupção nos mais variados poros da sociedade. Quem tem força e poder arranca o que pode. E a depravação se generaliza, muitos dos que não têm poder utilizam a malandragem para obter vantagem sem realizar trabalho útil.

Entretanto, não vamos nos aquietar com essa velha senhora. Só para a morte não há solução. O trabalho é o antídoto contra a corrupção, a realização de um serviço útil para si e para a sociedade. Para averiguarmos que não há corrupção, precisamos tomar como referência o trabalho. Para que não haja corrupção, os ganhos obtidos por qualquer pessoa devem estar baseados no valor e na quantidade do seu trabalho, se não, é corrupção. Então vejamos: quanto vale o trabalho de uma pessoa? Vale o quanto é necessário para ela se manter e criar seus filhos.

A Constituição brasileira diz que para uma pessoa se manter e se reproduzir, o salário mínimo necessário gira em torno de quatro mil reais mensais (US\$ 1000). Mas para não sermos rigorosos, nem ranzinhas, pois isso tudo pode ser calculado, definimos que este valor pode ser de três a dez mil reais — salário do “Mais Médicos”. Se calcular, ninguém vale mais do que isso. Como canta Beth Carvalho:

“Do que vale um saco cheio de dinheiro para comprar um quilo de feijão?”

Vamos então aos fatos atuais:

1 - Os salários do judiciário: juízes, promotores, procuradores, desembargadores etc. recebem o teto (nas nuvens) salarial de R\$ 33.000,00, mais benefícios — dois meses de férias, auxílios alimentação, saúde, natalidade, pré-escola, corrupto auxílio moradia de R\$ 4.377,00, vale

livro, diárias em viagens, licença prêmio etc. Ao todo seu rendimento vai atingir uma fortuna. Mas seu trabalho não vale isso. Ele não come ouro.

2 - Os salários dos representantes do executivo e do legislativo também se aproximam das nuvens. É infinitamente superior ao valor do trabalho realizado. Acima das suas necessidades.

3 - Aposentadorias milionárias superiores às necessidades de um aposentado. É só verificar quantas pessoas recebem mais que aquele valor necessário para a vida e veremos a imoralidade obtida por aqueles que têm poder. Claro que são pensões corruptas.

4 - Salários de executivos, que giram em torno de 150 mil, 200 mil, e até de professor da USP recebendo 45 mil reais. Tudo isso está acima do valor gerado pelo trabalho dessas pessoas e se configura como corrupção.

5 - Os rendimentos de apresentadores de televisão, jornalistas, animadores de auditório (para não “fulanizar”) ou mesmo jogadores de futebol que recebem 800, 900 mil reais mensais. Duplas sertanejas, cantores cobrando por show 200, 300, 500 mil reais por duas horas de apresentação. Muitos deles vindos dos cofres públicos e não tendo o valor real declarado.

6 - Os lucros dos empresários também estão superfaturados na medida que recebem lucros estrondosamente acima do valor do trabalho burguês.

Tudo isso é corrupção, depravação, pois o que fazem não vale o que ganham. Para não ir longe entremos nos escândalos atuais. Operação Lava-Jato, lista do banco HSBC, Operação Zelotes, e tantas outras que há por aí, encaixam-se na definição de PEITA: dádiva feita com intenção de subornar. Quem tem dinheiro e poder compra tudo: compra agentes públicos, dirigentes de empresas, membros do judiciário, membros das

forças de segurança, representantes políticos, a mídia em geral com seus apresentadores e analistas econômicos e políticos — quanto mais dinheiro, mais poder tem. E quanto mais poder, mais dinheiro. É o enriquecimento sem trabalho equivalente. Ganham o que não valem. Obtêm vantagens desnecessárias para a vida humana. Isto é a corrupção.

Vamos sair desse embaraço: colocar o valor do trabalho como critério para salário e rendas — os ganhos obtidos por qualquer pessoa devem estar baseados no valor e na quantidade de seu trabalho. O quanto a pessoa precisa (necessário para a vida humana) para se manter e criar sua família. Fora do critério “valor do trabalho”, a corrupção corre solta. E não haverá salvação.

Pão comido sem trabalho é pão roubado!
(Mahatma Gandhi).

JOGOS PAN-AMERICANOS 2015: CUBA EM PRIMEIRO LUGAR

Maio de 2015

Os jornais apresentaram os dez países que obtiveram mais medalhas de ouro. Entre eles, o Brasil aparece em terceiro, Cuba em quarto e Guatemala em 10º lugar. É uma classificação injusta, que falseia a realidade. Não há como comparar um país que possui 200 ou 320 milhões de habitantes com um país de 12, 14, 15 milhões de pessoas. Então, o correto é estabelecer o número de medalhas de ouro proporcionalmente ao número de habitantes. Com essa metodologia, a verdade prevalece. E assim Cuba aparece em primeiro, Guatemala em 5º, EUA em sétimo e Brasil em 9º lugar.

O que diferencia Cuba dos demais países e explica seu sucesso esportivo? A surra nas potências econômicas das Américas decorre do seguinte: nos demais países a prática de esportes atinge uma pequena elite ou de alguns pobres abnegados. Mas a população trabalhadora em geral não pratica esporte por falta de estrutura e

também porque gastam suas vidas lutando pela sobrevivência. Não há espaço para o povo praticar esportes. Nas periferias das grandes cidades, os jovens ficam ociosos, nem as ruas podem utilizar, pois estão tomadas por carros. O povo é mantido como torcida sem nenhum protagonismo esportivo.

Se analisarmos os indicadores sociais, veremos que onde há menos desigualdade entre as pessoas, o país conquista melhores resultados nas competições esportivas. Enquanto cada medalha de ouro de Cuba ocupa 2 bi e 140 milhões, EUA ocupa 170 bilhões e o Brasil 570 bilhões do PIB.

O sucesso de Cuba nos esportes ocorre pelo fato da população ter acesso às quadras poliesportivas existentes no país. É um país pobre sob o ponto de vista capitalista, mas rico em desfrute popular dos resultados de sua economia. Neste sentido, encontramos médicos daquele país trabalhando no mundo inteiro para combater endemias e doenças.

Posição	PAÍS	Medalhas de Ouro	Nº Habitantes	Proporção Habitantes/Medalhas
1º	Cuba	36	12.200.000	333.334
2º	Canadá	78	35.000.000	454.540
3º	Colômbia	27	50.000.000	1.851.851
4º	Equador	7	15.000.000	2.142.857
5º	Guatemala	6	14.000.000	2.334.000
6º	Argentina	15	40.000.000	2.667.000
7º	Estados Unidos	103	320.000.000	3.137.000
8º	Venezuela	8	30.000.000	3.750.000
9º	Brasil	41	200.000.000	4.878.904
10º	México	22	120.000.000	5.546.000

Posição	PAÍS	Medalhas de Ouro	PIB (US\$)	PIB/Medalhas de Ouro
1°	Cuba	36	77,2 bilhões	2 bi e 140 milhões
2°	Guatemala	6	58,7 bilhões	9 bi e 780 milhões
3°	Colômbia	27	378 bilhões	14 bilhões
4°	Equador	7	100,5 bilhões	14 bi e 350 milhões
5°	Canadá	78	1,780 trilhões	22 bi e 820 milhões
6°	Argentina	15	540 bilhões	36 bilhões
7°	México	22	1,30 trilhões	59 bi e 90 milhões
8°	Venezuela	8	510 bilhões	63 bi e 75 milhões
9°	Brasil	41	2,34 trilhões	570 bi e 730 milhões
10°	Estados Unidos	103	17,40 trilhões	168 bi e 930 milhões

Fonte de dados do PIB e População: Site do Banco Mundial

Cuba com sua revolução extinguiu o parasitismo social. Lá, por exemplo, não tem banqueiro ou pessoas que vivem de renda de suas propriedades. Cuba tem seus desafios a superar. Mas tudo indica que a economia está a serviço do povo. Rumo ao que o Papa Francisco vem defendendo: “colocar a economia a serviço do povo”.

Tostão em artigo na *Folha de S. Paulo* aponta alguns rumos para melhorar nosso futebol. Eu acrescento: é necessário criar condições para que o povo brasileiro pratique esporte e deixe de ser torcida. Sem as habilidades populares no *front* esportivo, nossas dificuldades permanecerão.

DIREITO À MORADIA NÃO TEM FILA

Maio de 2015

Vamos continuar ocupando os imóveis abandonados! Ouvimos e vimos leguleio do judiciário atacando os sem teto por terem ocupado as propriedades abandonadas. Gente que tem poder nas cortes jurídicas, cujo papel é garantir a efetividade das leis. Mas contraditoriamente dizem as autoridades: “Os sem teto ocupantes querem furar a fila de espera”. Portanto não devem ser atendidos. Em outras palavras pedem a aplicação da violência jurídico-policia para sufocar os anseios legítimos dos sem tetos.

Os sem tetos carregam danos acumulados por gerações ou desde o nascimento. Estão na fila forçada de ausência de direitos, contrariando os princípios do Estado Democrático de Direito.

É puro charlatanismo jurídico dizer que os sem teto que lutam não podem ser atendidos. Estamos na fila desde o nascimento.

Sob a luz do ordenamento jurídico reafirmamos: O DIREITO NÃO TEM FILA.

O ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO, de abrangência mundial, consagra os fundamentos que alicerçam e destacam a Cidadania e a Dignidade da Pessoa Humana. Faz da pessoa fundamento e fim da sociedade e do Estado. Consagra os direitos fundamentais (humanos) como prevalência sob os demais direitos. Aqueles inerentes ao ser humano, necessários para a vida da pessoa, aqui incluído o direito à Habitação. Rompe-se com a concepção tradicional de soberania estatal absoluta. Afirma ainda que a autonomia é a base da dignidade humana e de qualquer cultura racional. Sem moradia não há autonomia.

A boa doutrina jurídica revela:

1. O ser humano é o sujeito de Direito interno e internacional, não é apenas um objeto.

2. A humanidade é a razão de ser de qualquer sistema jurídico. É no princípio da dignidade humana que a ordem jurídica encontra o próprio sentido.

3. Os direitos fundamentais (humanos) são centrais, formam a base de um Estado Democrático de Direito.

4. Consagra o critério de primazia da norma mais favorável às vítimas do sistema econômico e social.

5. Não rege relações entre iguais, opera precisamente em defesa dos ostensivamente mais fracos. Nas relações entre desiguais, posiciona-se em favor dos mais necessitados de proteção. Não busca obter um equilíbrio abstrato entre as partes, mas remediar os efeitos das desigualdades e das disparidades.

6. Os direitos fundamentais são indivisíveis: a pessoa tem que possuir todos. O valor da liberdade se consagra com o valor da igualdade, não havendo como divorciar os direitos da primeira dos direitos da última. É necessário haver casa, comida e roupa lavada, educação, saúde...

7. No art. 5º, LXXVII-CF, parágrafo 1º, as normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata. Cabe ao Poder Público conferir eficácia máxima e imediata a todo e qualquer preceito definidor de Direito e garantia fundamental. Por isso, reafirmamos:

DIREITO À MORADIA NÃO TEM FILA!

A LUTA DOS SEM TETOS ESTÁ BASEADA EM SEU DIREITO DE AÇÃO E DIREITOS FUNDAMENTAIS CONSAGRADOS NOS PRINCÍPIOS E DISPOSITIVOS DO ORDENAMENTO JURÍDICO.

POR ISSO GRITAMOS: DIREITO NÃO TEM FILA. MORADIA JÁ!

HISTÓRIA DO 1º DE MAIO E A NOSSA LUTA DE HOJE

1º de maio de 2015

Como Surgiu o 1º de Maio

Com a palavra os mártires de Chicago



AUGUST SPIES

August Spies - "Que o mundo saiba que em 1886, cinco homens foram condenados à morte. Porque tinham fé na vitória final da justiça e da liberdade."



GEORGE ENGEL

George Engel - "A força libertou os colonos deste país, (EUA). Pela força foi abolida a escravidão. Não combato individualmente os capitalistas. Combato o sistema que engendra o privilégio".



ADOLPH FISCHER

Adolph Fischer - "Quanto mais se perseguem os defensores de idéias justas, tanto mais depressa se realizaram suas idéias".

Miguel Schwab - "O movimento operário não é uma conspiração. Aproxima-se uma mudança no sistema de produção. Quatro horas por dia serão suficientes para produzir tudo que é necessário para uma vida confortável. Sobrará tempo para dedicar-se as ciências, cultura e lazer".

Estados Unidos, 1886. Operários, mulheres e crianças trabalhavam 16 horas por dia. Durante muitos anos, os trabalhadores organizaram um forte movimento pela redução da jornada de trabalho para 8 horas.

Como desfecho desse movimento, marcaram uma grande greve para o dia 1º de maio daquele ano. Trezentos e cinquenta mil operários cruzaram os braços. Várias manifestações foram realizadas até o dia 4 de maio.

Houve choques com a polícia, 93 operários foram assassinados, 8 foram presos e condenados. Destes, 8 líderes do movimento, 5 foram enforcados e 3 pegaram prisão perpétua.

A Luta Pela Redução da Jornada no Brasil

Em 1917 um jornal de São Paulo contava:

“Assistimos ontem à entrada de cerca de 60 pequenos às 19 horas na fábrica da Mooca. Essas crianças, entrando àquela hora, saem às 6 horas do dia seguinte. Trabalham, pois, 11 horas a fio, em serviço noturno, apenas com um descanso de 20 minutos à meia-noite. O pior é que elas se queixam de que são espancadas pelo mestre de fição. Muitos nos mostraram equimoses nos braços e nas costas. Alguns apresentam mesmo ferimentos produzidos por manivela. Há um com as orelhas feridas por continuados e violentos puxões. Trata-se de crianças de 12,13 e 14 anos.”

1906 – 1º Congresso Operário Brasileiro decide concentrar esforços em todo país na luta pela redução da jornada.

1907 – 30 Dias de greve da construção civil, metalúrgicos e alimentícios. Depois aderiram os gráficos, sapateiros, têxteis e parte dos empregados na limpeza pública. Os operários da construção civil e pequenas fundições conseguiram às 8 horas. As demais conseguiram vitórias parciais.

1912 – Nova greve, desta vez no ramo têxtil e dos sapateiros, e estes últimos conseguiram 8,5 horas.

1917 – **GREVE GERAL** em São Paulo, Santos, São Bernardo, Campinas e depois em todo o Estado de São Paulo. Por 3 dias, os trabalhadores tomaram conta da cidade. Os patrões fizeram concessões na marra.

1932 – Depois de muitas lutas e vitórias aqui e ali, a jornada de trabalho de 8 horas diárias é regulamentada em lei nesse ano.

1984 – Depois de muitos anos sem se falar na redução da jornada de trabalho, a CUT puxa de novo essa luta e, de lá para cá, várias categorias já conquistaram 40 horas semanais de trabalho.

Nossa Luta de Hoje: 40 Horas Semanais

Legenda: Participando do ato do 1º de maio, organizado pelas centrais sindicais e movimentos populares.



Participando do ato do 1º de maio, organizado pelas centrais sindicais e movimentos populares.

Quanto mais você trabalha, menos você ganha, e quanto menos você ganha, mais você precisa trabalhar. E quanto mais você trabalha, mais companheiros perdem o emprego. E quanto mais desemprego houver, mais baixo será o salário, mais tempo você precisará trabalhar. É uma rosca sem fim. Esse é um círculo vicioso montado pelos capitalistas para aumentar seus lucros.

O Brasil é um dos países que ainda tem a jornada mais longa. Alguns estudos mostram que hoje com 2 horas de trabalho diárias é possível produzir tudo o que é necessário para todos viverem com dignidade e conforto. Mas como os capitalistas se apropriam sozinhos de quase tudo que é produzido, nós trabalhadores somos jogados na miséria e longas jornadas de trabalho.

Por isso, lutamos pela redução da jornada de trabalho. Assim aumentará o número de empregos, diminuirá a rotatividade, teremos mais tempo para a família, o estudo, o lazer e, principalmente, teremos mais tempo para organizar nossa vida. É a luta por nossa liberdade.

DIREITO À MORADIA TEM QUE VALER

Maio de 2015

MORADIA É TUDO

O direito à moradia é universal. Já consagrado na Declaração Universal dos Direitos das Pessoas em seu artigo XXV. Em nossa Constituição Federal, art. 6º e legislações intraconstitucionais. A Bíblia Sagrada também dispõe sobre moradia: “Construirão casas e nelas habitarão” Isaias 65: 21/22; ou “São coisas indispensáveis para a vida: água, pão, roupa e casa para preservar a própria intimidade” Eclesiástico 29:21. Mas, existem, ainda, outros fundamentos e princípios legais que garantem o Direito à Moradia. Que são os fundamentos do Estado Democrático de Direito como: A cidadania - Art. 1º, inciso II da Constituição Federal; A dignidade da pessoa humana - Art. 1º, inciso II da Constituição Federal. Construir ou pelo menos esboçar uma sociedade livre, justa e solidária. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as

desigualdades sociais, promover o bem de todos, art. 3º incisos, I, II, III da Constituição Federal. No art. 4º, inciso II, da C. F.: PREVALÊNCIA DOS DIREITOS HUMANOS, SOBRE OS DEMAIS DIREITOS. Assegurando a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, art. 170, III C.F. Dando à família, base da sociedade, especial proteção art. 226 da C.F. E colocando as crianças e adolescentes a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, maldade e opressão. Art. 227 da Constituição Federal.

Enquanto o Poder Público (judiciário, executivo e legislativo) não fazer valer esses dispositivos legais, tudo o que está escrito é **letra morta**. E o caos social se intensifica.

A Lei é clara, o Estado tem a obrigação de fazer moradia e restabelecer o equilíbrio social. Para tanto, tem que remover os entraves econômicos, políticos e sociais que impedem a **efetividade da Lei**. Daqui pra frente, lutaremos permanentemente pela vigência da lei. Até que se concretize nosso direito à moradia.

Autoridades: Judiciário, Legislativo e Executivo.
Excelências

PARA VALER A LEI

- Declarar de utilidade pública e de interesse social as propriedades sem função social.
- Requisitar, conforme a Lei, os imóveis ocupados pelos sem tetos e adaptá-los como moradia provisória até que se faça moradia definitiva.
- Iniciar um grande projeto habitacional nas terras públicas da União, do Estado, do Município e de autarquias.
- Desapropriar os imóveis abandonados sem função social pelo valor justo, descontando impostos devidos, cobrando a contribuição de melhorias, seja todo in-

vestimento público que valorizou o imóvel. Não aceitar a valorização superfaturada. Em caso de resistência do proprietário ou tentativa de se apropriar de benefícios ilegais, expropriar o imóvel.

- Definir metodologia de participação direta das famílias na construção, na reforma ou na definição dos projetos habitacionais.

Por fim, excelências:

Vamos realizar um grande mutirão para tornar realidade o direito à moradia e **DESENVOLVER O BRASIL COM PARTICIPAÇÃO DIRETA DOS BRASILEIROS ATENDIDOS.**

MORADIA É TUDO.

O PT E A LUZ NO FIM DO TÚNEL

21 de abril de 2015

“Devemos nos posicionar de forma unificada em defesa do governo Dilma, do PT e contra a corrupção.”
(Manoel Del Rio)

Os dias atuais apresentam imensos desafios para o PT — Partido dos Trabalhadores. A história do Brasil revela que o PT é o único partido que agarrou a grande oportunidade do ano de 1980: criou espaço de participação política para os trabalhadores, situação nunca existente na história deste país.

No escravismo, o trabalhador não podia participar de nada, menos ainda da política. Do final do escravismo até o ano de 1980, os trabalhadores também foram impedidos de se organizarem politicamente. Somente entre os anos de 1945-1947, o PC — Partido Comunista, criado em 1922 e composto por operários da indústria, mestres artesãos e intelectuais, desfrutou da legalidade. Mas, logo foi cassado, passando a funcionar na clandestinidade. Se descobertos, seus militantes eram presos ou deportados.

Deste modo, os partidos existentes até o ano de 1980 acolhiam frações e interesses das classes possuidoras. Nes-

se ano, aproveitando a reformulação partidária, Lula e outras lideranças juntaram as forças acumuladas no período da ditadura militar e estruturaram o PT. Foi como se dissessem: “Não contavam com minha astúcia”. Claro que as classes conservadoras jamais aceitaram tamanha ousadia.

No seu início, o PT viveu um misto de partido de quadros (filiados militantes) e de massas (simpatizantes não filiados). A definição não importava muito. A realidade é que o Partido se estruturou com imenso enraizamento popular em bairros, fábricas e zonas rurais. Isso que se chama de oportunidade única aberta para trabalhadores participarem da política. Podemos afirmar, sem medo de errar, que durante quase 500 anos, de 1500 a 1980, os trabalhadores foram excluídos da política. O PT mudou essa história.

Nosso legado: nossa luta

Desde que nasceu, o PT sempre sofreu e enfrentou uma campanha sórdida e sistemática contra o partido (não há espaço aqui para escrever, é só pesquisar). A estratégia dos conservadores é isolar o Partido para inviabilizar seus avanços eleitorais. Mas o partido nunca abdicou de seus objetivos, nem enveredou para as lutas impossíveis. Definiu um programa de profundos interesses dos trabalhadores:

- defesa de políticas públicas e trabalhistas para viabilizar a igualdade de oportunidades e melhorar a vida das pessoas;
- defesa de reformas de base (estruturais) como: reforma agrária, reforma urbana, tributária etc., necessárias para o desenvolvimento do Brasil com mais equilíbrio social.

Em sua existência de 35 anos, o PT convive com uma realidade internacional onde o capital está no controle

de quase tudo em todo globo terrestre. Não escapa espaço no planeta sem que funcione o mercado capitalista. Nele, os capitalistas impõem sua concepção de mundo, transformando o ser humano em mercadoria como qualquer outra que se vende e compra. Muitos afirmam: “O demônio tomou conta do mundo”.

Dentro dessas circunstâncias, o PT intensificou a luta por políticas públicas sociais e avançou a construção de uma política econômica de estímulo ao desenvolvimento do Brasil. Até 2002, o Partido acumulava forças elegendo dezenas de parlamentares e conquistando o executivo de prefeitura e de alguns estados. Nesse período, viabilizou diversas políticas públicas locais nas áreas de transporte, cultura, saúde, educação, de participação e inclusão social e também influenciou em nível nacional. Na Constituição de 1988, por exemplo, contribuiu para a definição de rumos das políticas sociais; na área trabalhista defendeu as 40 horas semanais e conseguiu a sua redução para 44 horas, conquista significativa dos trabalhadores. Unificou as bandeiras de lutas sociais e trabalhistas em todo o Brasil. Há ainda, por dizer, um amplo leque de conquistas, como a defesa de áreas de preservação ambiental etc., que deve ser aprofundado e sistematizado em outro momento.

O PT no governo federal

O fato é que, em 2002, conquistado o espaço de poder da presidência da república, o PT e as forças progressistas capitaneadas pelo presidente Lula souberam dimensionar possibilidades e limites do governo federal: nem descambou para mudanças bruscas e impossíveis, nem aceitou o conformismo. Trilhou os caminhos possíveis dentro das circunstâncias nacionais e internacio-

nais. Cabe lembrar que, em 2002, a economia brasileira estava quebrada. A inflação atingia mais de 12%. Os ricos mais ricos e os pobres enfrentando imenso desemprego e fome generalizada nas cidades e no campo, além de não haver perspectivas sociais.

No exercício do governo federal, o PT aliado às forças progressistas, implementou um conjunto de medidas essenciais para os brasileiros, das quais destaco apenas algumas:

- estancou a tendência histórica de arrocho salarial. Os salários perdiam valor ano após ano. Além de brecar a queda dos salários, promoveu sua recuperação. Valorizou o salário mínimo em mais de 70%.

- desenvolveu um conjunto de políticas públicas que impactou na vida de milhões de brasileiros: no COMBATE À FOME, criou o programa Bolsa Família, restaurantes populares, incentivou a produção de alimentos, Luz para Todos, Cisternas etc. Na EDUCAÇÃO, criou universidades, escolas técnicas, o PROUNI e o FIES, quadruplicou seu orçamento. Na SAÚDE, além de quadruplicar o orçamento, barateou o custo dos remédios com uma rede nacional de Farmácias Populares e criou o programa de distribuição de remédios. Acertou em cheio com o Mais Médicos, levando atendimento médico aos lugares mais distantes e aproximou o profissional da saúde de quem mais precisa dele. Na HABITAÇÃO, implantou o Minha Casa Minha Vida, que traz alento a milhares de famílias sem teto. Deu efetividade à Lei Orgânica da Assistência Social — LOAS. Estimulou a contratação de pessoas com mobilidade reduzida. Extinguiu a escravidão dos trabalhadores domésticos. Dinamizou a previdência social. E outros tantos avanços reconhecidos internacionalmente e que podem ser sistematizados em outro momento.

- no âmbito econômico, foram realizados vultosos investimentos na indústria naval, aeroportuária e aero-viária, através da construção de navios, portos e aeroportos que estavam paralisados há muitos anos. Foram construídas estradas de ferro, de rodagem e usinas hidroelétricas. Essas e tantas outras iniciativas propiciaram o desenvolvimento da indústria, mas, sobretudo, criou milhões de empregos.

- no âmbito internacional, o Brasil com Lula e Dilma está sintetizado na frase magistral de Chico Buarque: “Não fala grosso com Paraguai, Bolívia e não fala fino com Washington”. Livrou-se das dívidas com o Fundo Monetário Internacional, o famigerado FMI, e da submissão histórica, vergonhosa, das elites brasileiras. Agora avança com os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), ousando criar um banco internacional de cooperação e desenvolvimento econômico.

- no campo político interno, o PT de Lula e Dilma garantiu amplas liberdades democráticas e sociais. Em seus 515 anos, o Brasil nunca viveu um período tão longo de ordem democrática como nos governos do PT. É só pesquisar nossa história. Liberdade total de imprensa, de funcionamento dos partidos políticos, das organizações sociais. Dos governos do PT nunca partiu qualquer atitude de repressão contra manifestações de direita ou de esquerda, seja qual for a motivação. Os atos de vandalismo ocorridos recentemente em algumas manifestações de rua e as ofensas malcriadas recebidas pela presidenta foram acolhidas com imensa serenidade.

Pergunta-se: com todos esses êxitos, o que acontece agora? Por que esse ódio? Por que as classes aquinhoadas manipulam e procuram levantar os incautos contra o PT e o governo Dilma? E por que parte dos beneficiá-

rios da gestão do PT se volta contra o partido e contra o nosso governo?

A crise é capitalista.

Em nossa história, as classes dominantes sempre dirigiram o Brasil excluindo os trabalhadores de tudo, sem efetividade dos Direitos Fundamentais. No período da gestão do PT, embora ainda limitado, ocorreu avanço extraordinário dos direitos sociais. É reconhecido pelo mundo. Até a Suíça copia programas sociais do Brasil.

O fato é que, especialmente de 2003 até 2009, tudo caminhava com relativa normalidade. Mas a fórmula bateu no teto. De 2009 até hoje, a crise econômica global do capitalismo cria sérias dificuldades para a governabilidade estabelecida. A boa teoria explica que o capitalismo sofre de uma doença congênita: precisa estar sempre aumentando a exploração e a dominação sobre os trabalhadores. Acontece que nesse processo ele acumula tanto capital, que ocorre a chamada superprodução de capital. Aí ele entra em colapso. Não tem onde gastar tanto excedente e entra nas chamadas crises periódicas. Para se recuperar, por incrível que pareça, o capitalismo precisa destruir capital (bens materiais e pessoas). Aí entram guerras, doenças, miséria, fome para matar gente etc. Para sair da crise, ele precisa aumentar a exploração dos trabalhadores (essa situação deve ser objeto de estudo dentro do partido). Para isso, todos os governos nacionais são obrigados a adotar políticas de salvação dos capitalistas e de suas propriedades. Nesse momento está ocorrendo este fenômeno. Os capitalistas querem medidas econômicas e políticas que aumentem suas taxas de lucro. Resumindo: que os salvem.

Cabe ainda ressaltar que nesses períodos de crise capitalista, os países dominantes imperialistas também espremem os países dominados, jogam o peso da crise capitalista para os países dependentes. É o imperialismo revigorado. Atualmente rebaixaram os valores dos produtos exportados desses países, o Brasil está no meio. Caiu o preço do petróleo, dos minérios, dos produtos agrícolas, das exportações dos países dependentes em geral. Estamos exportando mais e ganhando menos. Ou seja, estamos mandando trabalho gratuito para o coração do sistema capitalista. Isto agrava a situação econômica, política e social dos governos nacionais de países dependentes. Com a economia em pandarecos, a burguesia nacional quer o governo de joelhos para salvar seu capital e suas propriedades. Se não for obediente, será atacado impiedosamente.

Em toda a História do Brasil, a burguesia nunca assumiu nenhuma medida progressista burguesa que possa destravar o desenvolvimento do Brasil. Sempre se comportou de modo subserviente dentro do sistema global e internamente dominada por sua alma parasitária. Mesmo que isso empurre os trabalhadores e o povo em geral para a desesperança social. **Conclui-se que o desenvolvimento do Brasil com equidade social é tarefa dos trabalhadores e das forças progressistas.**

Para sair da crise, os capitalistas pretendem derrubar ou neutralizar Dilma e ao mesmo tempo destruir o PT. Querem colocar no governo alguém que faça o serviço sujo: restabelecer as políticas econômicas e sociais anti-populares, destruir trabalhadores por meio da fome, do desemprego, da miséria ou da violência jurídico-policial. E não promover nenhuma reforma estrutural capitalista que desenvolva o Brasil com mais equilíbrio social. (Para compreender melhor esse ponto, recomendo a leitura do livro *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro).

O que fazer

Neste momento, os capitalistas querem varrer o PT e as forças progressistas da cena política. Procura jogar a população contra essas forças por meio do ataque de nossas fragilidades. Dentro desse quadro, é necessário tranquilidade, serenidade e trazer a luta para nosso campo: do direito, da justiça social e do empenho no desenvolvimento do Brasil.

Entretanto, o nosso passado não pode ser invocado com saudosismo, nem pode ser motivo de contemplação das glórias obtidas, mas deve servir para aquecer o presente e apontar os avanços necessários para o futuro. Olha, fizemos isso, agora precisamos avançar para aquilo. Servirá apenas para a nossa ação do presente, que deve possuir mecanismos de enfrentamento das questões atuais. Para isso, nosso partido precisa superar alguns vícios que vêm se acentuando: precisa eliminar suntuosidade e privilégios internos. Precisa fincar raízes junto ao povo. Eliminar todo tipo de mordomia. **Precisa dar importância, não somente a seu braço parlamentar, mas ao braço da comunicação, das lutas diretas dos movimentos sociais, dos organizadores sociais e de grupos de autodefesa. Não ter receio de implementar a gestão de políticas públicas com participação popular.**

Nosso Partido deve trabalhar forte a unidade entre as forças progressistas em geral, sociais, sindicais, estudantis e intelectuais. Ninguém sobreviverá sozinho. Estabelecer um programa claro, transparente e que busca a melhoria da vida do povo. Continuar trabalhando para alcançar as reformas estruturais, como a eliminação de gargalos da educação, da saúde, da moradia, do saneamento básico e caminhar para a realização da reforma agrária, desenvolvendo apoio intenso à agricultura fa-

miliar, combinada com a implantação da agroindústria. Acabar com a exportação de produtos agrícolas *in natura*. A Alemanha não planta um pé de café, no entanto, é a maior exportadora de café solúvel. Ainda na esteira das reformas estruturais, desengavetar a bandeira da reforma fiscal, lutando pelo imposto sobre herança e grandes fortunas, é o velho e surrado “quem ganha mais paga mais, quem ganha menos paga menos”.

Nossas tarefas

No momento, devemos realizar forte mobilização, sair das cordas e ir para o combate, sem esquecer das reformas estruturais, resumidamente:

DEFESA DO NOSSO GOVERNO - colocar o PT na rua, munido de informações e documentos mostrando a melhora da vida das pessoas com esse governo. O que segue de bom e o que precisa avançar:

- **CONTRA A CORRUPÇÃO:** resgatar essa bandeira. Limpar nossa cozinha, doa a quem doer. Ir para ofensiva; mostrar quem são os corruptos e os corruptores; pedir a repatriação dos trilhões depositados no exterior; revelar nomes; exigir dos devedores do fisco o pagamento de 1 trilhão da dívida ativa.

- **COMBATER PRIVILÉGIOS:** pedir a redução dos salários na máquina pública em geral; pedir o fim do auxílio moradia de R\$ 4.377,00 do judiciário. Assim por diante. Na previdência, verificar pessoas com benefícios acima dos 10 mil reais; denunciar e fazer a redução. Não se trata de direito adquirido, trata-se de privilégios. Mostrar para a população os privilégios e o que trava o desenvolvimento do Brasil com justiça social. Apontar com todas as letras que: “quem tem a riqueza tem o poder, quem tem o poder tem a riqueza”.

- **ENFRENTAR A MÍDIA:** manter a liberdade total da informação, mas trabalhar a análise das tendências e parcialidades do tratamento das notícias; fazer campanha contra a audiência dessas emissoras, mas também campanha contra o consumo dos produtos de empresas que pagam a propaganda a esses meios de comunicação.

- **COMUNICAÇÃO:** aprimorar nossos meios de comunicação, na internet, em documentos internos. Fornecer análise e dados para nossa militância. Deixar essas publicações de autoelogio de lado. Instrumentalizar a militância para levar informações à população no corpo a corpo, de rua em rua.

Os desafios são imensos: a luta é sempre!

TERCEIRIZAÇÃO: “SÃO DOIS PATRÕES NAS COSTAS DO TRABALHADOR”

Abril de 2015

Com a terceirização, os trabalhadores ganharão um patrão a mais. Agora vão alimentar dois. Um já era um peso excessivo, agora será dobrado.

As empresas funcionam assim: o empresário contrata seu trabalho. Com seu trabalho, paga seu salário e daquele valor que você produziu, ainda tira o lucro dele. Ou seja, primeiro você trabalha, produz uma mercadoria ou serviço, que é vendido. Com o dinheiro da venda, o empresário paga seu salário e embolsa o lucro. Todas as empresas funcionam assim — automobilísticas, comércio, química, metalúrgica, de serviços. O importante é o trabalhador não perder de vista, que o objetivo do patrão é retirar a taxa de lucro do seu trabalho realizado. Quanto menor o salário, maior o lucro.

Com a terceirização, vai ocorrer o seguinte, eles vão demitir todos os contratados diretamente e utilizar trabalhadores contratados por outra empresa, um segundo patrão.

O que importa notar é que nenhum patrão vai diminuir sua taxa de lucro, para dividir com o outro patrão. Ele vai espremer o terceiro para que ele esprema os novos contratados. Deste modo, os salários e as condições de trabalho serão rebaixados para extrair o lucro do terceiro. Como todos sabem, nenhum patrão rebaixa seu lucro. A empresa mãe continuará com seu lucro e o terceiro patrão vai tirar mais do trabalhador.

E mais, as conquistas dos antigos empregados serão zeradas. Por exemplo: promoções, planos de carreira, redução da jornada de trabalho, o piso salarial superior pode voltar para o valor do salário mínimo. Participação nos lucros sumirá, porque o lucro da empresa mãe será um, mas da terceirizada será outro, bem menor. Sem contar que a terceirização divide os trabalhadores, que ficarão sem força para lutar.

Na verdade, o Congresso está fazendo o que os patrões queriam que o novo presidente fizesse. O serviço sujo de rebaixar a renda dos trabalhadores. Como não conseguiram eleger Aécio para fazer isso, o Congresso e alguns “sindicalistas pelegos” serão os coveiros da CLT.

Analisando o cenário político-econômico, podemos apontar o seguinte: o capitalismo tem uma doença congênita e o capital precisa estar sempre se valorizando. Numa linguagem popular, ele precisa estar sempre arrancando mais do trabalhador, aumentando mais a sua exploração. Ocorre que acumula tanto, que entra em colapso, não consegue crescer mais, explorar mais, aumentar mais do que as condições atuais oferecem. Aí entra em pane, para de crescer. É o que ocorre neste momento. Para sair desse colapso o capitalismo precisa criar condições para retomar, de forma ampliada, a exploração dos trabalhadores. A lei da terceirização que tramita no Congresso vem na esteira dessa ordem capitalista.

A terceirização é um ataque frontal aos direitos dos trabalhadores. Lute contra deputados, senadores, falsos sindicalistas, que pretendem aprovar o projeto de lei 4330/04. Você sabe quem é seu inimigo.

**“O SILÊNCIO DIANTE DO
MAL É O PRÓPRIO MAL”.
(BONHOEFFER)**

PRESSÃO DOS CICLISTAS FAZ JUDICIÁRIO SUSPENDER LIMINAR QUE IMPEDIA CONSTRUÇÃO DE CICLOVIAS EM SÃO PAULO

Março de 2015

A interferência do Judiciário no andamento das políticas públicas da cidade é desastrosa. Revela que uma grande maioria dos seus componentes não tem maturidade para exercer a função, ou são declaradamente oposição política à gestão pública. Vejamos o caso da Promotora de Justiça Habitação e Urbanismo, Camila Mansour Magalhães Rodrigues da Silveira, que pediu a suspensão das obras das ciclovias e o Juiz Luiz Fernando Guerra que concedeu a liminar. Qual o objetivo da interferência do Judiciário nessa questão? É uma decisão obscura, não revelada. Mas prejudica toda a cidade. São Paulo possui um atraso histórico na construção de ciclovias. Agora que o prefeito Fernando Haddad impulsionou essa alternativa de transporte, vêm umas pessoas despreparadas para atrapalhar.

A defesa rápida das ciclovias, realizada pelos ciclistas, fez o judiciário desfazer o impedimento das obras. Isso

revela que o poder público deve trabalhar em parceria com a população interessada nessas políticas públicas modernas e progressistas no Brasil.

Administrar por meio de métodos tradicionais deixa a gestão fragilizada e sob o controle dos setores conservadores da cidade. Precisamos estimular a participação social na gestão pública por meio de mecanismos consistentes de participação social. Se não, “Quem poderá nos defender? ”. Só se for o “Chapolin Colorado”.

O CARNAVAL NÃO É BRINCADEIRA

21 de fevereiro de 2015

*“Vida sem sentido no trabalho,
vida cheia de sentido fora do trabalho”.*

Este ano acompanhei o carnaval bem de perto e por dentro. Observei as pessoas no evento. No sambódromo de São Paulo, vi a apresentação de várias escolas. Os imensos carros alegóricos. A evolução das alas disciplinadamente, resultado de trabalho de organização e treinamento invejável. Para entrar na avenida, milhares de pessoas dedicaram bom tempo de suas vidas. Mas, seguiam dançando com alegria no corpo. Mulheres quase nuas observadas, admiradas, respeitadas e não encontrei olhares concupiscentes. Todos seguiam confiantes no sucesso do grupo.

No sábado, 14/02/15, tive a honra de desfilar na Gaviões da Fiel, levado por amigas da Escola. É indescritível os sentimentos humanos dentro do grupo e a solidariedade imensa entre os integrantes. Parece que um pertence ao outro. A dedicação daqueles que confeccionaram as fantasias, cuidavam e ajudavam os figurantes a acomodar

apropriadamente sua indumentária. O espírito do Corinthians está dentro da escola. A emoção, o sentimento de unidade e a confiança, dominam o ambiente. Somos Gaviões, somos Corinthians e não vamos afrouxar nunca. Creio que essa empatia entre os participantes e a escola ocorre em todas as agremiações. Cada uma com sua história e característica. Participei também do Bloco dos Sem Tetos, que percorreu o centro da cidade. Carregavam sua bandeira de luta: a moradia. Apresentaram ainda as contradições do judiciário e a falta de acesso a água, resultado da crise de abastecimento que a população enfrenta. O bloco seguiu pelas ruas de modo descontraído. Ora na frente do carro de som, ora atrás. Foi uma imperfeição perfeita.

Observei outros blocos desfilando pelas ruas e li nos jornais a movimentação do carnaval no país. A predominância dos festejos não se envolveu com os contrastes de nossa sociedade. O sentido é de se divertir e se alegrar. Lembrei-me do que Darcy Ribeiro fala sobre a alegria do povo brasileiro. E o mundo inteiro tem essa observação. Outros, as classes dominantes, distorcem este comportamento. Dizem que os brasileiros não gostam de trabalhar e tantas outras monstruosidades.

Analisando a formação histórica da sociedade brasileira verificamos que o povo foi excluído de tudo: da economia, da política e do resultado de seu trabalho. Não tem vez, nem voz em seu próprio destino. Não podem influir sobre o que e como produzir, como distribuir os bens resultado do seu trabalho, como corrigir distorções. O povo não trabalha para si, mas desde o Brasil Colônia gastam suas vidas, sustentando e enriquecendo um punhado de proprietários e subalternos (patriciado).

Então, vejo nessas manifestações culturais música, carnaval, futebol e tantos outros eventos como o povo di-

zendo para os dominantes: já que estou excluído de tudo, o trabalho oferecido não dá satisfação, temos a “*vida sem sentido no trabalho e vida cheia de sentido fora do trabalho*”¹, o salário não cobre as necessidades de minha sobrevivência, toquem seus negócios espúrios que eu vou me divertir. Por que não podemos todos ser felizes?

1 Constatação de Ricardo Antunes no livro: O privilégio da servidão.

IPTU: “QUANDO PENSO NO FUTURO NÃO ESQUEÇO DO PASSADO”

Dezembro de 2014

Instigado pelo ajuste do IPTU proposto para a planta de São Paulo, vieram à mente reflexões que realizamos no PT-DZ Centro após a derrota eleitoral de 2004. Naquele ano, após excelente gestão do PT-Marta Suplicy na prefeitura de São Paulo, fomos derrotados pelo PSDB-Serra.

Nas avaliações, dezenas de observações foram apontadas. Eu apresentei quatro fatores determinantes. Aprendi que um fenômeno não se desenvolve por apenas um evento, mas por uma combinação deles.

Vale lembrar as questões do passado porque alguns fenômenos antigos se desenvolvem perigosamente na gestão atual do prefeito Haddad. Relembro então, os quatro fenômenos determinantes e combinados. São eles:

- 1 – Estreita política de alianças;
- 2 – Política fiscal equivocada;
- 3 – Gestão pública sem participação popular;
- 4 – Campanha eleitoral fora do partido.

Explico, a seguir:

1 — Estreita política de alianças

Naquele momento, a prefeita e o núcleo dirigente do partido acharam que venceriam a eleição sozinhos, não abriram espaço para alianças necessárias a fim de deixar o adversário enfraquecido. Ao contrário, o PT ficou isolado e isso resultou em imensa dificuldade eleitoral. Esqueceu-se o princípio de qualquer guerra, como o aplicado pelo general Aníbal contra os romanos: atrair aliados, isolar o inimigo e vencer.

Por conta desse aprendizado, exagera-se nos espaços cedidos a outros partidos nesta gestão. E acarreta um risco de outra monta, a descaracterização do programa e da gestão do PT. Resta saber se esses aliados permanecerão coesos ou abandonarão o barco na primeira dificuldade.

2 – Política fiscal equivocada

Levou-se ao extremo a questão do “Quem tem mais paga mais e quem tem menos paga menos.” Esqueceu-se de que em sua base predominante o IPTU é imposto indireto e transferido para as mercadorias, e no caso de aluguéis para o inquilino. Penaliza aqueles que não têm para quem transferir o seu valor. Paga o IPTU quem tem o imóvel como bem de uso. Isentou equivocadamente milhões de imóveis pequenos e de baixo valor. Houve caso de proprietário de 500 quitinetes beneficiado pela isenção do imposto. Ora, em São Paulo, quem tem um imóvel já é privilegiado, não há motivo para ter isenção.

Diversos equívocos levam a política fiscal a um desequilíbrio, a revolta da classe média. A taxa do lixo foi a gota d’água, ainda mais no último ano de governo. Nesta gestão, resta rever a política fiscal com equilíbrio. Cobrar o IPTU com base no tamanho e na quantidade de imóveis de um mesmo possuidor e penalizar os imóveis sem função social.

3 – Gestão pública sem participação popular

Aquela gestão perdeu grande oportunidade de implementar diversas políticas sociais com participação popular. Implantou o bolsa família (na época Renda Mínima) de modo burocrático, estabelecendo a relação dos atendidos com o computador. Nas eleições, nosso oponente disse que iria melhorar o bolsa família e conquistou eleitores do programa. Quando propusemos a um membro do governo parceria com as comunidades no implementação dos programas sociais, nos acusaram de assistencialistas. Na moradia, também não vigorou a participação popular. Aplicava-se a questão do “mix” de classes sociais. A mesma história de hoje. Bem, podemos aprofundar esse assunto, pois ele continua sendo um grande desafio.

4 – Campanha eleitoral fora do partido

Por fim, o salto alto imperou e se organizou a campanha eleitoral fora do nosso partido. Todos lembramos dos “moranguinhos”, organizados pela burocracia das subprefeituras etc. Esse aspecto influenciou, na medida que a militância partidária não foi acionada e no momento do enfrentamento com os adversários não se tinham argumentos acumulados, apesar da ótima gestão.

Nesta quadratura, com enormes diferenças, pratica-se posicionamento estranho. Um dos aspectos importantes da vitória do PT foi a participação partidária. Mas a composição da gestão atual, predominantemente, deixou o PT de fora.

Bem, estes fatores apontados em relação à derrota eleitoral de 2004 estão em andamento na gestão atual. Uns com mais destaques no momento como a situação do IPTU, outros ainda submersos, mas todos presentes. Se avaliados e superados, seguiremos em frente. Caso contrário a história poderá se repetir como farsa.

ELEIÇÕES 2014: NOVOS DESAFIOS

29 de outubro de 2014

*Depois da grande vitória eleitoral da
presidenta Dilma, novos desafios*

A eleição da presidenta Dilma foi extraordinária. Suplantou um conjunto de forças conservadoras que sempre venceram no Brasil. Vejamos:

- levaram o presidente Getúlio Vargas ao suicídio em 1954;
- deram o golpe militar em 1964, derrubando um presidente bem avaliado;
- sustentaram a ditadura militar por 21 anos. Torturaram, mataram e fizeram do Brasil um território de uma das maiores desigualdades sociais do mundo;
- manipularam e roubaram as eleições de 1989;
- de 1990 até 2002 faliram o Brasil.

Essas forças conservadoras (com alguns aliados do momento, como Marina Silva, Eduardo Jorge do PV, família Campos, apoiados por conglomerados americanos do petróleo) queriam os campos de petróleo do pré-sal, elegendo Aécio, conforme Wikileaks, porém o plano não deu certo.

Bom lembrar que o núcleo dessas forças conservadoras *“são o 1% (um por cento) dos ricos que detém 70% (setenta por cento) do PIB — Produto Interno Bruto (tudo que é produzido no Brasil durante um ano), com ganho de capital-lucro, juro, renda da terra ou aluguel. E 20% (vinte por cento) dos que ocupam cargos de prestígio no mercado superfaturado. Essas frações são a tropa de choque dos 1% (um por cento) dos endinheirados. Defendem na prática, nos tribunais, nas salas de aula, nos jornais e em todas as dimensões do cotidiano onde a defesa dos privilégios dessa minoria e de seu sócio menor está em jogo”*. (Jessé de Souza).

Esse grupo vem jogando pesado contra o governo Dilma e contra as forças progressistas. Destruíram o importante evento Copa do Mundo. Procuraram vender esta confraternização universal como uma coisa ruim. Isso impactou negativamente nos resultados apresentados pela seleção brasileira. Agora, vimos Fred e Neymar declararem apoio ao adversário de Dilma. Neymar é suspeito de sonegar impostos na transação com o exterior, que derrubou o presidente do Barcelona. Arrastaram também famosos novos ricos, artistas que recebem milhões em dinheiro público para apresentarem a maioria de seus shows. A Receita Federal deveria investigar se estes artistas declaram o que ganham em cada apresentação.

Bem, essas forças do atraso apostaram todas as fichas para desconstruir Dilma e seu governo bem-sucedido. O que é bom se torna ruim ou então se esconde da população. É uma central de mentiras colocada diariamente dentro da casa de cada brasileiro.

Felizmente essas forças do atraso foram derrotadas nesta eleição.

Doravante novos desafios estão colocados para o novo governo e para as forças progressistas. Superar o gargalo da saúde, da educação, do saneamento, da moradia. Am-

pliar a produção de alimentos. Continuar melhorando os salários. Não apenas isso, também mexer nos privilegiados da previdência, do judiciário, da máquina pública, na cobrança de impostos e tantas outras questões.

Entretanto, o desafio maior e a necessidade também é de implementar as políticas públicas com participação popular. Não implementar esses marcos regulatórios, que vieram transformar as organizações sociais em braço auxiliar do Estado, mas estabelecer parcerias consistentes com a população organizada, de modo que os atendidos participem do processo de conquista de sua cidadania.

Além de continuar os avanços necessários, está colocado para as forças progressistas retirar dos privilegiados o domínio dos meios de comunicação e do judiciário. Desmontar o que bem expressa o poeta sertanejo:

*“Quem trabalha não tem nada, enriquece quem tapeia.
Pobre não ganha a demanda, rico não vai pra cadeia.”*

P.S. Em 2014, aí veio o Levy?

400 KM DE CICLOVIAS: SÃO PAULO NO RUMO CERTO

Setembro de 2014

A Prefeitura de São Paulo, na gestão do prefeito Haddad, vai implantar 400 km de ciclovias, faixas destinadas exclusivamente às bicicletas. Segundo o Secretário dos Transportes, Jilmar Tatto, toda semana será inaugurado um trecho, até completar a meta. O desenvolvimento desta iniciativa é urgente. As cidades necessitam de meios de transportes complementares, transportes públicos integrados com a bicicleta. Esse meio de transporte promove bem-estar na vida de seu usuário e da cidade em geral, diminui o estresse do trânsito, não polui a cidade, entre outros impactos positivos.

A maioria das grandes cidades do mundo possui imensa malha de ciclovias, como Berlim, Nova York, Amsterdã, Paris, Curitiba, Bogotá, Rio de Janeiro, entre outras. Uma das limitações da ciclovia em São Paulo decorre da falta de metrô nas periferias da cidade, mas não é obstáculo para impedir o avanço da extensão das ciclovias.

Para a civilização, este é o futuro das cidades modernas: essa iniciativa combinada com a reforma administrativa que estimula pessoas a morar perto do trabalho. Profissionais da saúde morando perto dos seus postos de trabalho. Professores próximos das escolas. Garis morando perto de suas áreas de trabalho e assim por diante. Isso propiciará a utilização intensa da bicicleta. Cada carro a menos circulando é um grande benefício para a cidade.

Encontrei na mídia predominante posicionamento contrário às ciclovias, dizendo “que seriam eliminadas 40 mil vagas de carros”. Combatem a iniciativa e procuram jogar a população contra o prefeito Haddad e o secretário Jilmar Tatto. Claro que a mídia predominante conhece os benefícios das ciclovias, mas atacam para desgastar o prefeito, impedir o sucesso de sua gestão e bloquear as medidas progressistas tomadas. Analisando a posição de que as ciclovias se contrapõem aos carros, pude constatar que a mídia predominante quer fazer oposição ao prefeito e não tem compromisso de fornecer informações verdadeiras.

Então, vejamos, segundo os técnicos da área de transporte urbano, São Paulo possui 17.000 Km de vias públicas. Tomando como média a largura das vias que vai de 7m a 20m de largura, então, média de 10 m de largura (quem tiver tempo pode fazer este cálculo preciso, aqui é só um exercício para se aproximar da verdade), nós temos 170.000.000 m² (170 milhões de metros quadrados) de vias. Bem, 400 Km de ciclovias igual a 400.000 m, vezes 2,40 m de largura, teremos 960.000m² de ciclovias. E se acrescentarmos 300 km de corredores de ônibus igual a 300.000m, vezes 3,50m de largura, temos 1.050.000 m². Concluindo, estão disponíveis para os carros 168 milhões de metros quadrados de vias e apenas 2 milhões de metros quadrados para corredores de ônibus e ciclovias.

Os carros ocupam noventa e nove por cento (99, 03 %) das ruas, enquanto as ciclovias e os corredores de ônibus ocupam menos de um por cento (0,7%) das vias públicas.

Isso significa que o prefeito e seu secretário estão no rumo certo e podem fazer muito mais corredores de ônibus e ciclovias. A população e a cidade caminharão em direção aos anseios da civilização moderna. Posso, então, concluir que os congestionamentos não resultam da existência de ciclovias e corredores de ônibus, mas do excesso de veículos: 5.400.000 na cidade. Ou seja, o congestionamento é culpa da própria vítima, o carro e seus usuários. Bem faz o prefeito em criar alternativas saudáveis de transporte na cidade.

SENTENÇA DE REINTEGRAÇÃO DE POSSE NÃO FAZ JUSTIÇA

Agosto de 2014

Estão em andamento várias ordens de reintegração de posse. São despejos de famílias pobres de suas moradias. Ao todo são mais de mil famílias, atingindo crianças, adolescentes, adultos e idosos. Estas pessoas, por absoluta falta de acesso à moradia, ocuparam imóveis abandonados, sem função social, existentes na cidade. Cansados de conviver com a paralisia do poder público, agiram para buscar o seu direito à moradia, negado pela ordem vigente.

Imóveis sem Função Social: fora da Lei

Esse estoque de propriedades, em sua maioria absoluta, não cumpre a Lei, que em vários dispositivos expressa: A PROPRIEDADE ATENDERÁ A SUA FUNÇÃO SOCIAL.

Bem, os imóveis ocupados pelos sem tetos não atendem sua função social. Estão abandonados por vários anos, sem utilidade para a cidade.

O Código Civil dispõe: “O proprietário tem a faculdade de usar, gozar e dispor da coisa, e o direito de reavê-la do poder de quem injustamente a possui”. Nestas propriedades ocupadas, o proprietário não exerce o domínio que a Lei lhe faculta. **Ou seja, não usa, não usufrui, não vende. Desse modo, ele não a possui. Porque o que assegura o direito de propriedade é a posse.**

Os sem teto agora são os proprietários porque deram função social a ela e tomaram posse baseados em seu direito à moradia. Demais, o proprietário deixou de possuí-la na medida em que não satisfaz os ônus fiscais, deixou de pagar impostos. Art. 1272, § 2º C.C. E mais, contaminou o meio ambiente, não atende ao Art. 1228, § 1º C.C.

Sem Moradia: Não é Possível Viver na Cidade

“Nossa ação de ocupar esses imóveis abandonados decorre da necessária defesa de nossas vidas, de nossos filhos, de nossa liberdade. Não é possível viver na cidade sem moradia. Nestas condições vivemos em situação de total desesperança. Tiramos alimentos da boca de nossos filhos para pagar o aluguel. Nossa luta é pela paz, mas sem o Direito à moradia não há paz.” Não compreendemos a inércia do Judiciário. Que não aplica o artigo 5º, inciso LXXVIII, parágrafo 1º: “Cabe ao Poder Público conferir eficácia máxima e imediata a todo e qualquer preceito definidor de direito e garantia fundamental”. (in Flávia Piovesan). Devem, então, todos seres humanos de bem, especialmente o poder judiciário, trabalhar para remover os entulhos que impedem a vigência da paz.

Direito à Moradia Tem Que Valer

O direito à moradia é universal, já consagrado na Declaração Universal dos Direitos das Pessoas, artigo XXV.

Em nossa Constituição Federal, art. 6º e legislações infra-constitucionais. A Bíblia Sagrada também dispõe sobre moradia: “Construirão casas e nelas habitarão” Isaias 65: 21/22; ou “São coisas indispensáveis para a vida: água, pão, roupa e casa para preservar a própria intimidade” Eclesiástico 29:21. Mas, existem, ainda, outros fundamentos e princípios legais que garantem o Direito à Moradia, que são os fundamentos do Estado Democrático de Direito, como:

- a cidadania – Art. 1º, inciso II da Constituição Federal;
- a dignidade da pessoa humana. Art. 1º, inciso III da Constituição Federal.
- Construir, ou pelo menos esboçar uma sociedade livre, justa e solidária. Erradicar a pobreza e a marginalização, além de reduzir as desigualdades sociais, promover o bem de todos. Art. 3º, incisos I, II e III da Constituição Federal.
- No art. 4º, inciso II, da C. F.: **PREVALÊNCIA DOS DIREITOS HUMANOS, SOBRE OS DEMAIS DIREITOS.**
- Assegurar a todos os cidadãos existência digna, conforme os ditames da justiça social. Art. 170, III, da C.F.
- Garantir à família, base da sociedade, especial proteção. Art. 226, da C.F.
- Proteger crianças e os adolescentes, manter a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, maldade e opressão. Art. 227, da Constituição Federal.

Nos artigos 1º e 3º da Constituição Federal, entre os princípios que consagram os fundamentos e objetivos, que alicerçam o Estado Democrático de Direito brasileiro, destaca-se a Dignidade da Pessoa Humana: base da autonomia de qualquer criatura racional. Vê-se o encontro do princípio do Estado Democrático de Direito e dos direitos fun-

damentais (inclusive, direito à moradia). Sustenta-se que é no princípio da dignidade humana que a ordem jurídica encontra o próprio sentido. Faz a pessoa fundamento e fim da sociedade e do Estado. Por isso, não compreendemos e não aceitamos as sentenças de reintegração de posse do Poder Judiciário. Estas sentenças violam os princípios basilares do Estado Democrático de Direito e têm como único propósito proteger o patrimônio privado constituído pelo enriquecimento sem causa, sem trabalho.

Enquanto o Poder Público (Judiciário, Executivo e Legislativo) não fizer valer esses dispositivos legais e princípios, o Estado Democrático de Direito não existirá para os sem teto.

Autoridades: Judiciário, Legislativo e Executivo.

Excelências, PARA VALER A LEI:

- suspender as ordens de reintegração de posse e articular negociação envolvendo as diversas instâncias do poder público para atender a essas famílias e destinar imóveis para fins sociais.

- requisitar, conforme a Lei, os imóveis ocupados pelos sem teto e adaptá-los como moradias provisórias, até que se faça moradia definitiva.

- iniciar um grande projeto habitacional nas terras públicas da União, Estado e Município e autarquias.

- desapropriar os imóveis abandonados sem função social pelo valor justo, descontando impostos devidos, cobrando a contribuição de melhorias, seja todo investimento público que valorizou o imóvel. Não aceitar a valorização superfaturada. Em caso de resistência do proprietário ou tentativa de se apropriar ilegalmente de recursos públicos, expropriar o imóvel.

- definir metodologia de participação direta das famílias atendidas na construção, reforma ou definição dos projetos habitacionais.

Por fim, excelências:

Vamos realizar um grande mutirão para tornar realidade o direito à moradia e **DESENVOLVER O BRASIL COM PARTICIPAÇÃO DIRETA DOS BRASILEIROS ATENDIDOS.**

Vamos observar os ensinamentos de São Tomás de Aquino: “Quando a necessidade é premente os bens são comuns”.

A COPA E A REMESSA DE LUCROS

27 de maio de 2014

Encontrei nos jornais notícia falando das contas externas do Brasil. Tinha a informação de que subiu a remessa de lucros. Em abril, empresas enviaram para o exterior US\$ 3,291 bilhões. No ano, o acumulado de janeiro a abril chega a US\$ 8.968 bilhões. Convertidos para o Real, atinge 19 bilhões em 4 meses. Se projetado para o ano de 2014 deve chegar perto de 60 bilhões de reais remetidos para o exterior. Isso é aceito dentro da regra capitalista, porém questionável. Entretanto, para a economia nacional, especialmente para os trabalhadores, provoca verdadeira catástrofe.

São valores retirados do Brasil, que não deixam nenhum bem para a sociedade. Não tenho espaço aqui para apresentar o impacto negativo dessa sangria para o Brasil. Mas posso acrescentar o caso da SABESP e a falta de água em São Paulo. Dizem que ações da SABESP foram vendidas na Bolsa de Nova York e que a empresa obtém

mais de um bilhão de lucro anual. E boa parte desse lucro paga os acionistas. Desse modo, nas remessas de lucros, também está o dinheiro dos acionistas da SABESP. Bem, tire as suas conclusões. Devemos relacionar os 8 bilhões de reais aplicados para a realização da Copa com os mais de 50 bilhões anuais limpinhos remetidos para o exterior.

Tenho acompanhado as manifestações e procurado analisar as razões daqueles que dizem “não vai ter copa”. Os fundamentos são frágeis e não se sustentam. Os recursos aplicados na Copa deixarão 12 estádios de futebol construídos, empregaram mais de 50 mil pessoas no período de sua execução. Criaram as bases para a realização do evento, que traz imensos recursos para o Brasil.

Falam de corrupção. E ela deve ser eliminada, combatida. Mas não vamos jogar a água da bacia com a criança dentro. Há de se verificar que o capitalismo é uma grande corrupção. Por isso deve ser superado pela humanidade.

Veja o caso do judiciário: quer elevar o teto salarial para o juiz de 26 para 40 mil reais. Isso não é corrupção? Legislar em causa própria? Aproveito o momento e revelo o que o “Fenômeno” falou: “sentia vergonha...”. Deveria sentir vergonha do que ele já aprontou e deveria devolver o que ele recebe do Comitê da Copa. Deveria falar também do atraso nas obras do rodoanel, do Metrô. Mas deve ficar claro que quem atrasa obra são as construtoras, não é o governo. O governo quer obra pronta.

Na verdade, esta campanha contra a Copa quer tirar o mérito desse maravilhoso evento e desgastar o governo Lula/Dilma/PT.

Se querem causa mais nobre, adotem o “não vai ter mais remessas de lucros”. Protestem pelo fato de que os impactos dos mais de 50 bilhões de reais remetidos para o exterior, todos os anos, são catastróficos para os trabalhadores e para o Brasil.

EPIDEMIA DE DENGUE EM SÃO PAULO VEM DE PRÉDIOS E TERRENOS ABANDONADOS

21 de maio de 2014

Nos últimos dias, a imprensa tem divulgado o avanço dos casos de Dengue na cidade de São Paulo. Em várias regiões, as unidades de saúde estão cheias de pessoas contaminadas pela doença. São 5093 casos de dengue este ano, quase o dobro de 2617 do ano passado. Na Lapa, moradores denunciaram que o mosquito sai das casas abandonadas. Muitos órgãos da mídia falseiam a realidade dizendo que o mosquito sai das plantinhas das donas de casa. Isso para encobrir que o criadouro de mosquito está nos estoques de prédios e terrenos abandonados.

São Paulo possui em seu território o maior estoque de imóveis abandonados do mundo.

O perímetro da cidade abrange 1.522 quilômetros quadrados. Isto representa uma densidade demográfica de 7,5 mil habitantes por quilômetro quadrado. Algumas cidades do mundo possuem até 35 mil habitantes

por quilômetro quadrado. Barcelona, na Espanha, possui perto de 16 mil habitantes por quilômetro quadrado. Tomando a densidade demográfica de Barcelona e trazendo para São Paulo, a nossa população de 12 milhões de habitantes poderia ocupar um território de apenas 750 quilômetros quadrados e não os seus 1.522 quilômetros. Isso quer dizer que nossa cidade possui um grande estoque de prédios e de terras vazias abandonadas. Sem função social, servem apenas para formar estoques de propriedades de cunho especulativos. Estas são valorizadas constantemente, rendem mais do que qualquer outro investimento capitalista. Quando o Poder Público promove a urbanização, essas terras e esses prédios se valorizam em até mil por cento.

Entretanto, essa realidade não flui sem cometer pecado. Os prédios e as terras abandonados acolhem criadouros imensos de pragas urbanas: ratos, baratas, pernilongos, pulgas, piolhos, pombos que contaminam todo o entorno. A caixa d'água e as lajes do piso superior dos prédios acumulam água e criam a Dengue. Nos terrenos abandonados, as vasilhas cheias de água e lixões acumulados também criam o mosquito da Dengue. Em muitos desses terrenos abandonados se formam pontos de tráfico de drogas, "assaltos", local de estupros e desova de cadáveres. Está provado que essas propriedades abandonadas são um câncer para a cidade.

Entretanto, o poder econômico detém essas propriedades e determina a política urbana na cidade. Dizia um grande economista: "Quem tem a terra domina o Estado".

Vejam o caso da correção do IPTU no início deste ano. Perderam o jogo na Câmara de vereadores, mas recorreram ao judiciário e impediram a correção dos valores do IPTU que permitiria investimentos em políticas públicas.

Bem, as mazelas da cidade têm raízes profundas que precisam ser arrancadas pelos seres humanos de bem. Um caminho seria implantar o imposto fortemente progressivo sobre a propriedade sem função social, agravado sobre o tamanho e a quantidade de terras de um mesmo possuidor. Outro caminho, combinado com o primeiro, seria requisitar, conforme a lei, esses imóveis sem função social e as propriedades criadoras de dengue ou causadoras de infortúnio para a cidade, a fim de construir moradia, escolas, hospitais...

SUPRIMINDO A CAUSA, CESSA O EFEITO.

A COPA É NOSSA: NÃO VAMOS PERDER

16 de maio de 2014

Acompanhamos as notícias na mídia dos imensos ataques contra a realização da Copa do Mundo no Brasil. Uns dizem #nãovaitercopa. Outros, que há corrupção na construção dos estádios. Ainda outros dizem que a copa transformou moradores em sem teto e segue o rol de observações.

Essas críticas não se sustentam na realidade. Têm como objetivo atacar o governo Lula/Dilma/PT. Querem transformar um evento maravilhoso em coisa ruim. Percebo que os conservadores, os mesmos que financiaram e apoiaram a ditadura militar, fomentam visão negativa sobre a copa. Objetivo: derrotar Lula/Dilma/PT.

Vamos então analisar as críticas:

Alguns dizem #nãovaitercopa porque falta hospital. Muitos deles são os mesmos que não queriam o programa do Governo Federal do Mais Médicos.

Outros são os mesmos que atuaram e derrubaram a CPMF (imposto do cheque), que tirou 40 bilhões de reais da saúde por ano. Isso para enfraquecer o governo Lula/Dilma/PT. Não há hospitais necessários porque a elite que governou o Brasil durante 502 anos não construiu nada em benefício do povo. Sempre tratou os trabalhadores como escravos. Mas apesar de tudo isso o governo Lula/Dilma/PT já fez muito pela saúde. Os investimentos federais nessa área passaram de 28,5 bilhões em 2002 para 106 bilhões em 2014. Mais de 16 mil postos de saúde foram construídos.

Outros falam da corrupção na construção dos estádios. Sim, é um problema velho que precisa ser eliminado. Mas não vamos jogar a bacia com a criança dentro. É preciso punir os corruptos e os corruptores. Normalmente são os corruptores, sempre impunes, que falam contra a corrupção. Falam da Copa e não falam da corrupção no metrô. Procuram esconder o que está na frente de todos. A corrupção nas obras públicas, nas vendas de sentenças, em órgãos fiscalizadores, nos órgãos de segurança. Dinheiro da construção do Minhocão, do túnel Airton Senna está em bancos estrangeiros. Da ponte Rio-Niterói. Já apontamos isso comparando o valor da construção do quilômetro do Eurotúnel, cujo gasto foi menos da metade do valor do quilômetro do metrô de São Paulo. Dizem agora que o dinheiro da corrupção do metrô está na Suíça. É o histórico da corrupção nas obras públicas. Especialistas diziam que a construção da usina de Itaipu foi a farra do boi para generais paraguaios e brasileiros. Afirmam que ela foi orçada inicialmente em 6 bilhões de dólares e terminou custando 50 bilhões de dólares. Daí, tirem a diferença. Aqui, os críticos da Copa nada falaram, pelo contrário, apoiaram o ufanismo da ditadura militar. Só falta criar também o #nãovaitermetrô.

Os 8 bilhões aplicados na Copa geraram empregos. Isso quer dizer que o grosso desse investimento sustentou famílias de trabalhadores. E os bens criados serão utilizados pela sociedade. Claro está que atacam a Copa para atingir o governo Lula/Dilma/PT. São as forças do atraso em ação.

Em relação aos impactos na população de menor renda, tem mais benefício do que sacrifício. Alguns falam que houve remoção de comunidades pobres e que os sem-teto foram empurrados para a periferia. Isso não deixa de ser verdade. Mas as causas desse fenômeno são mais profundas. Resultam do fato de que a maioria dos trabalhadores recebe salário/renda abaixo dos custos de sua reprodução. Abaixo de suas necessidades básicas. É um sistema do salariedade escravagista, que tem 502 anos. Entretanto o Governo Lula / Dilma / PT já recuperou em 52% o valor do salário mínimo.

Então, qualquer melhoria na cidade que eleve os custos urbanos força, pelas leis econômicas, os trabalhadores de menor renda a se mudar da região. Isso é mais velho que andar pra frente. Quando houve a abolição da escravatura, os negros sem meios de sobrevivência foram empurrados para morros ou áreas alagadiças, como no caso de São Paulo, na Barra Funda, Glicério, Vila Carioca. Isso continuou sempre.

Quando cheguei em São Paulo, fui morar no Parque São Lucas. Não tinha asfalto, nada. Os ônibus paravam na Vila Alpina. Para chegar lá era sacrifício e barro. Quando as linhas vieram até nosso bairro, pronto: uma leva de trabalhadores se mudou para Vila Industrial, Jardim Guairacá, outros foram para mais longe. Até quando se colocava guia nas ruas, mesmo sem asfalto, promovendo a melhoria da rua, já provocava o aumento dos aluguéis e as famílias de baixa renda se mudavam.

Esse fenômeno é permanente. Qualquer melhoria da região como transporte, saúde, educação, já eleva o preço dos aluguéis, dos imóveis e isso empurra os trabalhadores, repito — que recebem salários abaixo do valor de sua reprodução, de suas necessidades básicas — para longe da cidade consolidada. Daí que os sem teto desenvolveram a bandeira de luta por moradia nas áreas urbanizadas.

Atribuir esse fenômeno à Copa encobre os verdadeiros motivos do infortúnio dos trabalhadores de menor renda (ver texto 50 ANOS DA DITADURA MILITAR). A Copa vem na esteira do mesmo impacto causado por qualquer obra urbana. Nem por isso devemos deixar de fazer obras e melhorias na cidade.

É falso atribuir a esse evento esportivo os infortúnios dos trabalhadores. No mundo todo, o momento atual do capitalismo, de aumentar a concentração de renda na mão dos capitalistas e o conseqüente rebaixamento dos meios de vida dos trabalhadores, amplia o contingente de sem teto. Na Argentina, o número de moradores de comunidades passou de 107 mil em 2001/2002, para 163 mil em 2010. Na Espanha, milhares de moradias vazias na mão dos bancos e a quantidade de sem tetos são imensas. Nos EUA, enquanto nas cidades, especialmente em Detroit, vilas inteiras estão vazias, sem tetos moram em carros, na rua ou em barracos. E nesses países não há Copa do Mundo.

No Brasil, o estoque de propriedades urbanas se concentra nas mãos do poder econômico. Estes que estipulam o valor do aluguel e das terras. Auferem bilhões anuais da renda da terra urbana. Ganham fortunas em suas transações imobiliárias. Enquanto o CUB — Custo Unitário Básico — da construção civil por metro quadrado é R\$ 1.096,80, o mesmo metro quadrado é vendido por R\$ 10.000,00, R\$ 12.000,00 e até R\$ 20.000,00. A mamata é vergonhosa.

Desse modo, o fenômeno do baixo salário e a brutal extração da renda da terra promovem um inferno urbano na vida dos trabalhadores. Se a base do infortúnio social não está na Copa, então por que atacá-la? Simplesmente para desmerecer o feito excepcional de Lula/Dilma/PT de trazer para o Brasil esses eventos humanos extraordinários como a Copa e as Olimpíadas. Na verdade, este é o terceiro movimento dos conservadores para derrubar o governo Lula / Dilma / PT. O primeiro foi a farsa do mensalão. O segundo foi a derrubada do CPMF que retirou 40 bilhões anuais da Saúde e o #nãovaiterco-pa é a terceira puxada de tapete. As forças progressistas que impulsionam o governo atual precisam enfrentá-los.

Para sair dessa arapuca, é necessário continuar valorizando os salários e ampliando as políticas públicas sociais. Assumir o controle do estoque de propriedades. Destinar áreas para moradia popular e serviços públicos. Fazer vigorar o dispositivo legal da Função Social da Propriedade e requisitar, conforme a lei, as propriedades fora da lei para fins sociais. É um começo. Mas precisa muita força popular e social para executar essa empreitada.

Por isso, a Copa é nossa e não vamos perdê-la!

OCUPAÇÃO DOS SEM-TETOS: UM GRANDE CANTEIRO DE OBRAS

18 de abril de 2014

Em todos locais em que se vai: nos terrenos ou prédios ocupados, lá estão os sem teto preparando suas moradias. Nas terras constroem seus barracos do melhor modo possível. Partilham a terra igualmente entre as famílias. Demarcam as ruas. Ligam a água. Trazem a luz. Conectam os esgotos. A cozinha comunitária prepara as refeições. As crianças brincam livremente. Mulheres com crianças no colo e gente nova chegando. Querem participar. Querem moradia. É martelo, é serrote, é cavadeira, é enxada, é facão, braços **movendo tudo**. A moradia tem que sair. Um homem chorou contando que o filho pequeno lhe perguntou: pai, onde vai ser nossa casa?

Bem, nos prédios ocupados é o mesmo vucu-vucu construtivo. É vassoura limpando. É saco de lixo saindo. É gente fechando buraco, arrumando portas, desentupindo encanamentos, puxando fios para a luz. Tudo sen-

do transformado para não mais sair dali. É a chance de proteger a si e a sua família.

As ocupações de terrenos e prédios realizados pelos sem teto, no último dia 12 de abril de 2014, movimentou mais de 3 mil famílias na cidade de São Paulo e revelou a face linda e justa dessa luta. Os sem teto tomando a história e suas mãos. Uniram-se para fazer o bem para si e seus semelhantes.

A experiência revela que vivemos uma grande oportunidade. O momento de estimular e libertar as forças populares para que, juntas, organizadas, busquem a solução de seus problemas vividos.

Por fim, autoridades do judiciário, executivo, legislativo, forças de segurança, seres humanos de bem:

- não combatam as iniciativas dos sem teto;
- vamos utilizar os estoques de propriedades sem função social para acolher as famílias;
- terras e imóveis abandonados há de sobra. O poder público não pode proteger o mal feito, a propriedade sem função social;
- vamos realizar um grande mutirão habitacional em São Paulo, começando por terras e prédios ocupados pelas famílias sem teto.

“NENHUMA ATITUDE DE VIOLÊNCIA E ÓDIO PODERÁ RESOLVER O PROBLEMA DOS SEM TETOS”.

50 ANOS DA DITADURA MILITAR

9 de abril de 2014

Em 31 de março de 2014, foi realizado o “Ato unificado Ditadura Nunca Mais: 50 anos do golpe militar” na rua Tutoia, 921, bairro da Vila Mariana, região central da cidade de São Paulo. Nesse local, durante o período de 1964 a 1985, funcionava o DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operações de Defesa Interna), setor repressivo do governo militar, cujo objetivo era coordenar e integrar as ações dos órgãos de repressão a indivíduos ou organizações (mais especificamente os grupos que se opunham a ditadura – sindicalistas, líderes de comunidades, estudantes, artistas, intelectuais etc.). Nesse órgão ligado ao 2º Exército, funcionava a delegacia onde eram presas e torturadas pessoas contrárias à ditadura militar, imposta à força das armas e coordenada pelo governo americano, que depôs o presidente João Goulart, no dia 1 de abril do ano de 1964. Era a central de torturas do Exército.

Ali, foi assassinado Vladimir Herzog, na época jornalista chefe da TV Cultura. Naquele endereço, passaram mais de 8.000 pessoas, e cerca de 50 foram mortas após serem friamente torturadas.

Então, lembrei-me de que, em 1987, eu e um grupo de trabalhadores estivemos presos nessa delegacia. O que ocorreu foi o seguinte: organizamos uma greve na fábrica da cervejaria Brahma, localizada, na época, ao lado de onde hoje se encontra a estação Paraíso do metrô. Estávamos lá na porta, e de madrugada chegou o batalhão de choque, policiais armados dentro de carros tipo perua veraneio, onde se lia nas laterais o temido nome ROTA – Ronda Tobias de Aguiar – tristemente conhecida por dar cobertura aos esquadrões da morte. Os policiais nos colocaram contra a parede da fábrica e nos levaram para a delegacia da rua Tutoia. Naquela época, a ditadura, para efeitos da lei, estava abatida, extinta legalmente. Mas na verdade ainda estava viva. Na prisão, encontramos resquícios do passado recente. Nas paredes da cela onde fomos presos, estavam escritos nomes de presos que passaram por ali. O nome de um operário que conhecíamos estava no meio de outros na parede. Datava a greve geral de 1982. No interrogatório, os policiais, agentes da ditadura, intimidavam. Sempre tinha um por perto. Quando fui interrogado, olhavam muito pra mim. Eu tinha uma barba longa, acho que ainda preta. De repente, ocorreram alguns tiros no pátio do fundo, acho que alguns agentes treinando tiro, e meu interrogador olhou pra mim e disse: mataram um comunista na outra cela. Claro que senti frio na barriga. Devo lembrar que José Dirceu era Deputado e foi lá nos apoiar. Falou com o delegado e depois nos informou que no fim do interrogatório seríamos liberados. Obrigado, querido Zé. Fomos soltos

pelas 18 horas, mas a greve mesmo já não mais existia, foi desmanchada.

A ditadura militar de 1964 a 1985 (21 anos), apoiada pelo governo dos Estados Unidos, deixou uma herança maldita, os escombros da guerra aplicada contra os trabalhadores e o povo brasileiro são imensos. Oprimiu com mão de ferro qualquer centelha de oposição. Destruiu o ensino público de qualidade. Abriu caminho para a entrada da iniciativa privada na educação. Destruiu as expressões culturais populares. As rádios só tocavam lixo estrangeiro, não se ouvia MPB. Muitos artistas foram exilados. Luiz Gonzaga, Bezerra da Silva, Adoniran Barbosa, os caipiras desapareceram das rádios. Foram censuradas peças de teatro. Proibida a projeção de mais de 200 filmes. Livros proibidos. Teoria só em castelhano. Imperou as trevas da cultura. Nada foi investido na saúde, o que fez surgir uma grande epidemia de meningite em 1975. A tuberculose também ficou epidêmica. Isso significa que as grandes mazelas da saúde pública de hoje têm semente na ditadura militar. A corrupção nas obras públicas foi intensificada nessa época. Por exemplo, a usina de Itaipu foi orçada, inicialmente, em 6 bilhões de dólares e terminada perto de 50 bilhões. Por que tanta diferença? Enquanto o quilômetro construído do Eurotúnel, na Europa, custava 88 milhões de dólares, a construção de 1 quilômetro de metrô no Brasil custava três vezes mais.

No setor de transportes, a ditadura destruiu a malha ferroviária para fazer pontes e viadutos, que geravam lucros rápidos para a indústria do ferro, do cimento e da construção e a corrupção da máquina pública.

São muitos aspectos, mas creio que o principal foi a destruição das condições de vida dos trabalhadores. Estes só podiam se organizar de modo autônomo. Policiais infiltrados dirigiam os sindicatos. No meio rural, a di-

tadura destruiu a pequena propriedade, fez a reforma agrária inversa. Promoveu o maior êxodo rural da história. Milhões de trabalhadores foram empurrados para a cidade para trabalhar nas indústrias e serviços urbanos e milhões para serem boias frias.

Combinado com essa migração, o regime promoveu o maior arrocho salarial do mundo. Reduziu o salário a pó. Enquanto, em 1965, o trabalhador gastava 88 horas e 11 minutos para comprar alimentos, correspondentes a 36,74% do salário, em 1989, gastava 172 horas, correspondente a 78,18% do salário para a compra dos mesmos alimentos, ou seja, praticamente todo salário, conforme mostra a tabela abaixo:

Aumento do tempo de trabalho necessário para se comprar alimentos

Ano	Tempo de trabalho necessário para comprar alimentos	Porcentagem da jornada mensal de trabalho
1959	65 horas e 10 minutos	27,15
1965	88 horas e 11 minutos	36,74
1970	105 horas e 12 minutos	43,84
1975	149 horas e 39 minutos	62,36
1980	157 horas e 22 minutos	65,57
1985	177 horas e 44 minutos	74,05
1987	178 horas e 43 minutos	74,34
1988	174 horas e 01 minutos	79,09 (*)
1989	172 horas e 00 minutos	78,18 (*)
1990/junho	235 horas e 50 minutos	107,27 (*)

(*) A partir de 1988 a jornada mensal de trabalho é de 220 horas e não mais de 240

Bem, a tarefa da ditadura foi a de criar condições para aumentar os lucros do empresariado (todos se locupletaram: banqueiros, donos de terras, de empresas etc.), sem realizar nenhuma reforma burguesa necessária ao desenvolvimento capitalista.

Na área urbana, não investiram em saneamento básico. A questão habitacional veio ao colapso de hoje. Os números são surpreendentes: em 1964, não haviam favelas em Diadema-SP. Em 1990, são 45; Em Santo André-SP, havia uma favela, em 1964. Em 1990, eram 68 favelas; São Bernardo do Campo-SP concentrava 2 favelas, em 1964. Em 1990, já eram 54 favelas. Em São Paulo, o número de habitantes de favelas era de 1% da população. Hoje, 2014, são perto de 20%. Em 1975, 9% (nove por cento) da população total vivia em cortiços. Já em 1980, 20% (vinte por cento) mora nos cortiços. As pessoas em situação de rua praticamente não existiam em 1964. Hoje tem em todas grandes cidades. Em São Paulo são perto de 20 mil. No Brasil, 103 mil, segundo o IPEA, 2010.

Os escombros sociais deixados pela ditadura militar precisam ser removidos. É um grande desafio superar os entraves do desenvolvimento social. Felizmente, o governo Lula estancou o arrocho salarial e promoveu recuperação do valor do salário e implementou políticas sociais significativas. Entretanto, as forças sociais progressistas precisam se unir ao povo e aos trabalhadores em geral e se empenhar para superar essa vergonhosa e criminoso desigualdade social. Não há como escapar. Não se faz omelete sem quebrar ovos. Tem que realizar as reformas de base, reformas já realizadas nos países de equilíbrio social maior. Reforma agrária, tributária, educacional, urbana habitacional etc. Sem elas, não haverá desenvolvimento social equilibrado.

LEITURAS OBRIGATÓRIAS

6 de fevereiro de 2014

Localizei em um *site* uma relação de livros para conhecer o Brasil, expostos por Antônio Cândido. Salvei e já separei alguns para ler. Vi também uma relação de filmes, que também salvei. Faltam alguns pra ver. Mas, sobre os livros, fiquei com “inveja” do grande professor e homem do nosso tempo — Antônio Cândido — e resolvi apresentar minha lista de livros. Quando trabalhei para estruturar a CUT – Central Única dos Trabalhadores, organizei uma biblioteca no NEP 13 de Maio – Núcleo de Educação Popular, para os Cursos de Formação dos sindicatos. E também quando fui editor do *Jornalivro*, pesquisei – lendo muito – para coletar sugestões para publicações. Sempre que observo interesse por leituras de pessoas, faço uma relação de livros e digo que são leituras obrigatórias. Então, aí vai a relação de mais de 80 livros. Quando você ler todos, tem mais. Mas aceitamos indicação de outras leituras obrigatórias.

1- Para Grupos de Estudo. Tem mais, mas fica para outros completarem.

- HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*

Livro magistral, cujo objetivo é explicar a História pelo estudo da teoria econômica e, ao mesmo tempo, explicar a Economia através do estudo da História. A formação da riqueza ao longo da história ocorreu por diversas influências sócio-econômicas. Huberman descreve um dos primeiros grandes movimentos de formação da riqueza no Estado nacional: a concentração econômica

- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*

Na obra o autor propõe um inventário dos 500 anos da história do continente retratando as suas principais bases: a economia agrícola e mineradora dominada pelo mercado internacional, com o objetivo de gerar lucros para a potência dominadora; a pobreza social como resultado de um sistema econômico externo e excludente, que privilegia uma minoria financeiramente capaz de integrar-se aos padrões de consumo; a opressão de governos centralizadores contra as minorias, produzindo genocídios e o caos social; a exploração do trabalho e as péssimas condições de sobrevivência para a grande maioria de sua população.

- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*

O autor revela o mundo urbano miserável e degradante criado pela industrialização, descrevendo a relação entre a burguesia e o proletariado das principais cidades industriais Inglaterra, como Londres, Manchester, Birmingham, Leeds entre outras, enfatizando que o que ocorre em uma destas cidades é verdadeiro para todas as outras, onde “os capitalistas se apropriam de tudo, enquanto que ao grande número de fracos, aos pobres, não lhes resta senão a própria vida, e nada mais”

- TROTSKY, Leon. *A revolução de 1905*

Na primeira parte, Trotsky analisa os acontecimentos e os movimentos que fizeram o Outubro Vermelho de 1905 o prólogo da Revolução de Outubro de 1917, na Rússia. A segunda parte é dedicada ao processo instaurado pelas autoridades czaristas contra o soviete de deputados operários de São Petersburgo, além de registrar a viagem feita por Trotsky como prisioneiro deportado para a Sibéria, e a fuga que empreendeu.

- TROTSKY, Leon. *A história da revolução russa*

Narrada e analisada por um dos seus principais líderes, o livro *A história da revolução russa* descreve desde a formação histórica da Rússia até o desenvolvimento das duas revoluções proletárias ocorridas em 1917: a de fevereiro e a de outubro.

- CASTRO, Fidel. *A história me absolverá*

Em 16 de outubro de 1953, o jovem advogado Fidel Castro pronunciava a sua autodefesa, após ser preso pelo assalto ao quartel Moncada, em Cuba, quando tentou derrubar o então presidente e ditador Fulgêncio Batista. *A história me absolverá* foi a última frase proferida pelo líder da Revolução Cubana e como ficou conhecido o documento que reúne este célebre discurso. Descreve o problema da terra, da industrialização, da educação, da habitação e da saúde do povo cubano. Ali, Fidel anunciou a erradicação do latifúndio, o confisco de todos os bens dos estelionatários de todos os governos e seus sucessores e herdeiros. *A história me absolverá* se converteu no programa de trabalho do movimento revolucionário e da insurreição armada contra a tirania de Batista.

- TZU, Sun. *A arte da guerra*

O pequeno texto é um tratado militar escrito durante o século IV a.C. pelo estrategista conhecido como Sun Tzu. O tratado é composto por treze capítulos, cada qual

abordando um aspecto da estratégia de guerra, de modo a compor um panorama de todos eventos e estratégias que devem ser abordados em um combate racional. Acredita-se que o livro tenha sido usado por diversos estrategistas militares através da história, como Napoleão, Zhuge Liang, Cao Cao, Takeda Shingen, Vo Nguyen Giap e Mao Tse Tung.

- LHERING, Rudolf von. *A luta pelo direito*

A Luta Pelo Direito é a obra básica do jurista positivista alemão Rudolf von Lhering, onde expõe suas então novas ideias sobre a Ciência do Direito e seu papel na sociedade. A obra é resultante direta de uma palestra que Lhering proferiu em 1872 na Sociedade Jurídica de Viena, onde defendia que a paz (social, individual e entre nações) é o fim do homem, que somente pode ser obtida através da luta, uma Luta pelo Direito.

- GLEISES, Marcelo. *A dança do universo*

Muitos procuram a resposta nos mitos e na religião. Outros nas teorias científicas. Em *A dança do Universo*, o físico Marcelo Gleiser mostra em linguagem clara que esses dois enfoques não são tão distantes quanto imaginamos, apresentando versões de diversas culturas para o mistério da Criação, até desembocar na explicação da ciência moderna para o surgimento do Universo. O que aconteceu no momento da Criação? Houve um minuto determinado em que o Universo que nos rodeia surgiu? Essas são questões tão antigas como a própria humanidade.

- GARDEN, Justen. *O mundo de Sofia*

De capítulo em capítulo, de “lição” em “lição”, o leitor é convidado a trilhar toda a história da filosofia ocidental — dos pré-socráticos aos pós-modernos —, ao mesmo tempo em que se vê envolvido por um intrigante *thriller* que toma um rumo surpreendente. Às vésperas de seu aniversário de quinze anos, Sofia Amundsen começa a

receber bilhetes e cartões postais bastante estranhos. Os bilhetes são anônimos e perguntam a Sofia quem é ela e de onde vem o mundo em que vivemos. O mistério dos bilhetes e dos postais é o ponto de partida deste fascinante romance, que conquistou milhões de leitores em todos os países em que foi lançado.

• PIOVESAN, Flavia. *Direitos humanos e o direito constitucional internacional*

O livro avalia o Direito brasileiro e o Direito Internacional dos Direitos Humanos, bem como os limites e as possibilidades de intervenção desse instrumental internacional no processo de redefinição e reconstrução do próprio conceito de cidadania no Brasil. Dentro desse contexto, a obra relaciona a Constituição de 1988 e os tratados internacionais de direitos humanos no Brasil e no mundo.

Recomendo ainda a leitura dos seguintes livros:

- EXUPERY, Antoine de Saint. *Terra de homens*;
- CAVALCANTI, Walter Tenório. *Guerra do Contestado*;
- FROMM, Erich. *O dogma de cristo*;
- FROMM, Erich. *A arte de amar*
- QUOIST, Michel. *Construir o homem e o mundo*
- MAO, Tsé Tung. *Sobre a contradição*
- GERVILLE, Don. *Sobre a Educação*
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*
- GLAESER, Ernst. *O último civil*
- LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou revolução*
- MARX, Karl. *As consequências sociais do avanço tecnológico*
- BECCARIA, Cesare. *Dos direitos e das penas*
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto comunista*
- MARX, Karl. *Salário, preço e lucro*
- MARX, Karl. *O Capital capítulo 13 A Máquina e a Indústria Moderna*

- SANDRONI, Paulo. *O que é maisvalia*
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*

• GUEVARA, Ernesto Che. *O socialismo e o homem novo*
JORNALIVRO

- LENIN, Vladimir Ilich. *O Estado e a revolução*
- LENIN, Vladimir Ilich. *Aos pobres do campo*

2 Literatura

- Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*
- Machado de Assis. *Dom Casmurro*
- Machado de Assis. *A cartomante*
- Machado de Assis. *Pai contra mãe*
- Machado de Assis. *O alienista*
- Machado de Assis. *A causa secreta*
- Machado de Assis. *Esau e Jacó*
- Machado de Assis. *Crônicas*

(Sigam o autor, leiam tudo)

- REGO, José Lins do. *Fogo Morto*
- VERÍSSIMO, Erico. *Incidente em Antares*
- AMADO, Jorge. *Subterrâneos da Liberdade*
- AMADO, Jorge. *Terra do Sem Fim*
- CALLADO, Antonio. *Quarup*
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*
- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*
- SOUZA, Marcio. *Mad Maria*
- SOUZA, Marcio. *A Condolência*
- AZEVEDO, Aluizio de. *O Cortiço*
- DE JESUS, Carolina Maria. *Quarto de Despejo*
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*
- ROSA, Guimarães. *Grande Sertão Veredas*
- ROSA, Guimarães. *Sagarana*
- FREITAS, Decio. *Palmares a Guerrilha Negra*
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o Povo Brasileiro*
- STEIMBECK, John. *As Vinhas da Ira*

- ZOLA, Émile. *Germinal*
- FAST, Howard. *Espartaco*
- FAST, Howard . *Caminho da Liberdade*
- FAST, Howard . *A paixão de Sacco e Vanzetti (Jornalivro)*
- FAST, Howard. *Os Imigrantes*
- FAST, Howard . *Moises, Príncipe do Egito*
- FAST, Howard . *O Americano (Jornalivro)*
- DOSTOIEVISK, Fiódor. *Os irmãos Karamazov*
- DOSTOIEVISK, Fiódor. *Crime e castigo*
- DOSTOIEVISK, Fiódor. *Humilhados e Ofendidos*
- DOSTOIEVISK, Fiódor. *Recordação da casa dos mortos*
- TOLSTOI, Liev. *Ana Karenina*
- TOLSTOI, Liev. *Guerra e Paz*
- GORKI, Maximo. *A mãe (Jornalivro)*
- CARPENTIER, Alejo. *O século das luzes*
- REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*
- BURCHET, Wilfred. *Vietnam: a guerrilha vista por dentro (Jornalivro)*
- PAASSEN, Pierre Van. *Estes dias tumultuosos*
- NIKOLAIEVA, Galina. *A colheita*
- REED, John. *10 dias que abalaram o mundo*
- MARQUES, Gabriel Garcia. *Cem anos de solidão*
- MORAES, Fernando. *A ilha*
- MORAES, Fernado. *Olga*
- MAFFEI, Eduardo. *A greve*
- CHARRIERI, Henri. *Papillon*
- SILONE, Ignazio. *Fontamara (Jornalivro)*
- HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*
- STENDHAL. *O vermelho e o negro*
- ORWELL, George. *Lutando na Espanha*
- ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*
- ORWELL, George. *O caminho para Wigan Pier*
- BARRETO, Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*
- BARRETO, Lima. *A nova Califórnia*

- BARRETO, Lima. *Os bruzundangas*
- ESOPPO. *Fábulas*
- KAFKA, Frans. *O processo*
- KAFKA, Frans. *Metamorfose*
- CABEZAS, Omar. *A montanha é algo mais do que uma imensa estepe verde (JORNALIVRO)*
- VEIZZER, Moema. *Se me deixam falar (JORNALIVRO)*
- OSTROWSK, Nicolai. *Assim foi temperado o aço*
- GHEORGHIU, C. Virgil. *A vigésima quinta hora*
- ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu conto cá*
- QUEIROZ, Eça. *O crime do padre Amaro*
- QUEIROZ, Eça. *de Primo Basílio*
- FREIRE, Gilberto. *Casa grande e Senzala*
- BOER, Augusto. *Teatro do Oprimido*
- REMNICK, David. *O túmulo de Lênin.*
- ANTUNES, Ricardo. *O privilegio da servidão*
- SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira*
- REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil. A história do levante dos malês de 1835*
- AZEVEDO, de Aluísio. *O mulato*
- PADURA, Leonardo. *O homem que amava os cachorros*
- NETO, Lira. *Getúlio Vargas*
- HAWKING, Stephen. *Breves respostas para grandes questões*
- NETO, Lira. *História do samba*
- MAILER, Norman. *A luta*
- LAPIERRE, Dominique e COLLINS, Larry. *Esta noite a liberdade.*
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro.*
- FIGUEIREDO, Lucas. *O Tiradentes.*
- PACKER, George. *DESAGRAGAÇÃO, por dentro de uma nova América.*
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *O fim do Homem Soviético.*

55 ANOS DA REVOLUÇÃO CUBANA

2 de fevereiro de 2014

Compartilhei no Facebook menção aos 55 anos da Revolução Cubana, que ocorreu em janeiro de 1959. Foi uma grande conquista do povo cubano. Quem leu o livro *A história me absolverá*, auto defesa de Fidel Castro perante os tribunais que o acusaram, acho que em 1954, compreende perfeitamente que Fidel comandaria grande transformação em Cuba. Ele tinha, e tem, a história daquele país na mão. Foi uma grande revolução popular, onde houve a combinação entre a luta armada e a luta popular, que culminou com a deposição do ditador Fulgêncio Batista e com a destruição das instituições (judiciário, forças armadas, mídia) de sustentação da opressão ao povo cubano.

Não fosse a revolução, Cuba talvez seria hoje como Haiti, República Dominicana ou mesmo como nossas favelas, palafitas e cortiços. Entretanto, lá em Cuba, hoje não há analfabetos, não há crianças fora da escola

ou abandonadas, nem gente morando na rua. A mortalidade infantil é igual a da Suécia e dos EUA. Lá, o filho dos trabalhadores se torna médico, engenheiro, não há dengue. Nas Olimpíadas bate todos países em número de medalhas, proporcionalmente à sua população. Porque lá o povo pratica esportes, não é apenas torcida. Lá a criminalidade é igual a da Suíça, não tem a carnificina humana como a que ocorre em diversos países.

Cuba tem grandes desafios, mas que país não tem questões a serem enfrentadas e resolvidas? Na verdade, os grandes problemas de Cuba não estão lá. Vem do cerco internacional contra suas conquistas. A boa teoria diz que as transformações sociais devem ser globais e que “os trabalhadores de cada país devem, antes de tudo, liquidar sua própria burguesia.”¹

Lá os trabalhadores fizeram sua lição de casa e resistem bravamente em seu território até que os trabalhadores de outras nações também o façam para avançar a cooperação e a fraternidade humana, de modo universal.

Vida longa ao Comandante Fidel!

1 É bom explicar: LIQUIDAR não quer dizer matar, assassinar, torturar. Sou cristão, sou contra a violência. Significa destruí-la como classe social. Ou seja, os componentes desta classe serão forçados a deixar de viver às custas do trabalho alheio e terão que trabalhar. Deixarão de ser parasitas sociais.

“ROLEZINHO” NA CICLOFAIXA

22 de janeiro de 2014

Aproveitando a bela manhã de domingo, pedalei na ciclofaixa. Consegui percorrer um grande trecho. Conversei com sinalizadores e também com alguns ciclistas.

A ciclofaixa é uma excelente iniciativa. Viabiliza saudável lazer a muitas pessoas. Quem não tem *bike* pega emprestado. Parabênzo o poder público e os patrocinadores pela disponibilização desse serviço à população.

Entretanto, volto ao tema: fornecer banco para os sinalizadores trabalharem sentados. Trabalhar nove horas em pé provoca sérias doenças nos trabalhadores. A legislação NR-17 dispõe sobre esta questão.

Conversei com vários sinalizadores e disseram que alguns colegas foram punidos por terem se escorado no cavalete ou encostado no poste. Sentados, os sinalizadores desempenharão suas funções do mesmo modo ou melhor que em pé.

Um ciclista revelou que no Canadá as pessoas trabalham sentadas. E disse ainda que muitos são prestadores de penas alternativas. Gente que foi condenada por infração no trânsito. Olha aí uma boa ideia. Ao invés de mandar para “Pedrinhas”, vai trabalhar na ciclofaixa para aprender respeitar as regras do trânsito.

Mas, os promotores e os patrocinadores da ciclofaixa, que estão de parabéns pela disponibilização desse serviço, estão esperando o quê para fornecer o banco aos sinalizadores?

Trabalho sentado e banquinho já! E não se fala mais nisso.

SAÚDE EM CUBA

25 de novembro de 2013

Nos últimos dias, os ricos conservadores brasileiros se agitam envergonhados por serem incapazes de formar médicos em número suficiente para atender ao povo e por isso destilam venenos contra os médicos vindos de uma pequena ilha do Caribe: Cuba.

Em Cuba, há hoje 6,4 médicos para cada mil habitantes. No Brasil, esse índice é de 1,8 médicos para cada mil habitantes. Na Argentina, a proporção é de 3,2 médicos para mil habitantes. Em países como Espanha e Portugal, essa relação é de 4 médicos para mil habitantes. Em Cuba, o atendimento de saúde é disponível para toda a população. Enquanto no Brasil, os médicos se concentram nas áreas centrais de cidades ricas. A população das periferias das grandes cidades e do interior não tem médicos.

A taxa de mortalidade infantil em Cuba é de 4,6 para mil crianças nascidas, no Brasil, é de 15,6 para mil crianças nascidas (IBGE/2010). Certo que essa média

brasileira se deve às diferenças de classes sociais. As classes aquinhoadas devem ter uma taxa cubana, enquanto as famílias de menor renda devem ter taxa de mortalidade infantil de 30 por mil crianças nascidas.

Cuba dispõe de outros indicadores que envergonham as burguesias “cucarachas”; como não tem analfabetos, nem crianças abandonadas ou fora da escola, não tem moradores em situação de rua. As conquistas sociais cubanas deixam as castas dominantes de diversos países babando de inveja e raiva.

A população cubana está próxima de 12 milhões de habitantes. Praticamente igual à do município de São Paulo. Lá naquela pequena ilha, há 25 faculdades públicas de medicina, onde ingressam os alunos que obtiveram as melhores notas no decorrer do estudo. Existe uma Escola Latino Americana de Medicina, na qual estudam estrangeiros de 113 países, incluindo do Brasil. Seria como se em São Paulo tivéssemos 26 faculdades públicas de medicina igual à da USP.

Bem, Cuba esbanja solidariedade aos problemas sociais de diversos países. Atendeu mais de 25 mil afetados pela explosão em Chernobyl, especialmente crianças órfãs. Os médicos cubanos atenderam os pacientes afetados por enfermidades oncológicas e hematológicas provocadas pela exposição à radiação. Hoje, enviam médicos para diversos países como Haiti, Venezuela, países da África e agora Brasil.

O problema dos cubanos não está em Cuba, está no assédio e no cerco econômico-militar de concepção de mundo impostos pelo espírito capitalista (visando ao lucro) quase do mundo inteiro. Mas, apesar desse encurralamento dos cubanos, a ilha respira e manda seus médicos para amenizar o sofrimento de outros povos.

GANÂNCIA ESTÁ INVIABILIZANDO MORADIA POPULAR NO CENTRO DE SÃO PAULO

25 de outubro de 2013

Nos últimos meses de 2013, ficamos eufóricos pelo acolhimento dos governos estadual e municipal, das propostas dos movimentos populares de disponibilização de moradia popular no centro da cidade. É uma luta social dos sem tetos de mais de trinta anos.

O governo estadual apresentou sua proposta de fazer 21 mil moradias no centro. O governo municipal apresentou meta de disponibilizar 55 mil moradias para a cidade, mas com prioridade para a área central. Aos poucos as propostas populares estão sendo esvaziadas e proteladas.

No governo estadual, as chamadas PPP's (Parcerias Público Privadas) parecem que já estão paralisadas. É evidente que o lucro não combina com moradia popular. No governo municipal, fala-se em "mix" de classes sociais, ou seja, o poder público subsidia moradia para renda de mais de quatro mil reais e cede migalhas para

as classes de menor renda. Dizem que 75 % para quem ganha de 3 a 6 salários mínimos e 25% para quem ganha até 3 salários mínimos. Um baita contrassenso. Quem ganha até 6 salários mínimos pode acessar o mercado. Os gestores públicos nada entenderam das propostas do movimento social que são:

- ATENDER NA SUA TOTALIDADE AS FAMÍLIAS DE MENOR RENDA COM A DEMANDA QUE LUTOU POR AQUELE EMPREENDIMENTO;

- FORMAR NA NOVA MORADIA, UMA COMUNIDADE.

Outra proposta dos movimentos sociais era de fazer, no térreo desses imóveis, espaços para comércio popular, onde seus moradores poderão desenvolver seus negócios no próprio prédio, como já existe nas ocupações atuais. Hoje o governo fala em comércio no térreo para vender os espaços no mercado etc. Outro equívoco mastodôntico. Parece que a gestão pública atual não conhece o Brasil.

Aqui é a terra do subemprego e do desemprego. Somente 50% da mão de obra ativa têm carteira assinada. Os salários são pagos abaixo do valor da força de trabalho e o desemprego atinge de modo violento as pessoas de menor renda. Segundo o IPEA-2010, as famílias cuja renda por pessoa é de até R\$ 202,00 têm índice de desemprego de 33%.

Então, a proposta dos movimentos não é burocrática. Ela visa fixar a população com trabalho e moradia perto de casa para, de modo sustentável, gerar renda e garantir a sobrevivência daquela família em sua nova moradia.

A diretriz cega, guiada pela lei de mercado, implodirá nosso grande sonho de ter moradia popular no centro da cidade. O mercado está praticando ganhos abusivos e imorais em termos capitalistas, que em pouco tempo formará uma bolha imobiliária. Haverá imensa quanti-

dade de moradia, mas não teremos pessoas com recursos para pagar, como é o caso da Espanha, da China e mesmo de São Paulo, em que há 293 mil domicílios vazios.

Segundo dados recentes, o metro quadrado é vendido a R\$ 9.614,00 no Rio de Janeiro; em São Paulo, a R\$ 7.538,00; em Brasília, R\$ 8.500,00; em Niterói, R\$ 6.858,00. Isso em média, porque em determinadas áreas, o metro quadrado chega perto de R\$12.000,00. Isso é “pura nitroglicerina”, um lucro de mil até 3 mil por cento. A imprensa divulgou que nos últimos cinco anos houve uma valorização dos imóveis no Rio de Janeiro de 205% e em São Paulo de 185%. Essa prática de mercado representa o carro chefe do vandalismo social no momento. Bem, o poder público não pode ser guiado por essa lógica sob pena de excluir seu povo da cidade.

O SindusCon (Sindicato da Indústria da Construção Civil) apresentou o Custo Unitário Básico de construção nova de R\$1.095,04. Se o custo é esse como explicar os preços praticados? Repito, essa lógica do mercado não combina com a proposta de moradia popular. Por isso é necessário romper essa diretriz do mercado e trazer os sem tetos organizados para um grande mutirão de adaptação e construção de moradia popular.

Outra dinâmica que está em andamento, combinada com os superlucros praticados no mercado imobiliário, é o valor da terra ou do imóvel abandonado. Imóveis sem função social, um elefante branco, uma carcaça que já deu renda imensa a seus proprietários, agora querem que sejam vendidos a preço de ouro. Exemplo, o Edifício Prestes Maia. Na primeira negociação que realizamos com seu proprietário, em 2002, ele pediu R\$3.5 milhões, descontando-se a dívida de IPTU, aceitava R\$ 2 milhões. Agora está pedindo quarenta milhões de Reais. Que belo enriquecimento ilícito! Mais de mil por cento em 10

anos. Nenhuma atividade capitalista rende tanto como a desses parasitas. Nesse caso, o poder público não deve aceitar essas pretensões.

Devem desapropriar pelo valor venal, cobrar os impostos atrasados e ainda impor a contribuição de melhorias expressa na Constituição Federal. Romper com a determinação do mercado (lucro), que impõe imenso sofrimento aos sem teto.

Frente a esta situação, os movimentos sociais e o poder público devem seguir outra diretriz.

- O poder público deve continuar as desapropriações por valores compatíveis com as necessidades sociais.

- Ampliar as Zonas Especiais de Interesse Social.

- Estabelecer mutirões com as organizações populares, para realizar construção nova e as reformas e adequações das carcaças de imóveis desapropriados.

- Seguir a diretriz de atender às famílias de menor renda.

- Adotar metodologia de desenvolvimento dos projetos habitacionais que fortaleçam as famílias e criar comunidades populares no espaço de moradia para que seus moradores continuem enfrentando outros desafios

- Apostar na energia das forças populares para superar a imensa desigualdade social.

Repito aqui o escritor Machado de Assis: “TUDO É POSSÍVEL”.

COMBATER PRIVILÉGIOS

2 de outubro de 2013

Onovo procurador-geral da república, Rodrigo Janot, logo que assumiu seu posto, garantiu novos privilégios a seus colegas de carreira, aprovou a utilização da classe executiva nas viagens ao exterior. A procuradoria-geral afirma que a medida tem “simetria” com o poder judiciário. Nessas viagens, esses funcionários recebem diárias de mais de mil reais. Além disso, regulamentou o auxílio moradia aos procuradores. Só no ano passado, foram gastos mais de 12 milhões de reais destinados a diárias dessas viagens. Não se sabe para que esses funcionários viajam tanto ao exterior.

Juntando outros privilégios, como salário em torno de 39 mil mensais, as vantagens eventuais a um juiz, procurador, promotor, desembargador, ao todo recebem perto de um milhão de reais anuais.

Essa engrenagem de privilégios está impregnada em toda máquina pública. No executivo, no legislativo, nas

forças de segurança, no judiciário, na previdência, nos meios de comunicação... são pessoas, em sua maioria absoluta, advindas das classes possuidoras, desde o descobrimento do Brasil.

Este acúmulo de privilégio sangra os cofres públicos e impede que a população tenha atendimento apropriado de saúde, educação, moradia, transportes. Resta à população lutar continuamente para acabar com os privilégios (altos salários e outros benefícios) dentro da máquina pública.

“A PIOR AMBIÇÃO DE UM SER HUMANO É DESEJAR COLHER OQUE NUNCA PLANTOU!”

UMA NOVA VIRADA CULTURAL PARA SÃO PAULO

21 de setembro de 2013

Encontrei por esses dias no centro da cidade, além do lixo e pessoas em situação de rua, algumas situações que chamam atenção. Pessoas expondo livros, outros trocando “bolachões” (discos de vinil), duplas caipira cantando nas praças, guitarrista dedilhando rock etc.

Isso me fez atentar para a chamada Virada Cultural (conjunto de shows em diversos pontos da cidade), que atrai milhões de pessoas. Na última, andei no meio do “redemoinho”, entre os pontos dos eventos, até aquietar-me num bar. Observei as pessoas e suas expressões. Muitos andando de um lado para outro, sempre em grupos e com alegria. Percebi que o povo tem fome de cultura e de entretenimento, vida social que a cidade tem eliminado.

Aqui no centro, os moradores chamam a Virada Cultural de “Mijada Cultural”, vez que as ruas ficam

impregnadas de dejetos humanos. Outros a chamam de “andada cultural”, em que as pessoas ficam andando de um lado para outro sem destino certo. Diga-se o que quiser, mas a Virada Cultural indica que a cidade precisa de espaços públicos para atividades de cunho coletivo e social, que expresse artisticamente os conhecimentos e os sentimentos humanos de cada realidade social, de modo livre e mais diversificado possível.

Baseado no que vejo hoje e na minha experiência de editor do Jornalivo, de organização de bibliotecas populares nas comunidades, de realizar atividades com cineclubes nas periferias e criar roda de samba regada à caipirinha no tempo da juventude, como forma de resistir ao massacre cultural da ditadura militar-americana, desenvolvi a seguinte proposta para este novo tempo.

O poder público deve facilitar e estimular as expressões artísticas e de difusão da cultura e conhecimentos humanos em toda cidade. Esse estímulo pode ser organizado pela subprefeitura, sem necessidade de grandes deslocamentos e a baixo custo, sempre contínua. De modo resumido:

1. Destacar ruas ou praças para, no fim de semana, servirem a eventos culturais de modo permanente. Ex: Uma rua para doação ou troca de livros. Quem deseja doar ou trocar livros vão para esses lugares. Na região norte, sul, leste, oeste o mais amplo possível.

2. Locais para a troca ou doação de discos de vinil, cd's etc.

3. Rua ou praça destinada a música caipira, forró, rock, frevo, samba, hip hop, música clássica etc.

4. Divulgar os diversos pontos de saraus que já existem na cidade.

5. Difundir pontos em toda cidade de exposição de pintura e diversas realizações artísticas das forças populares.

6. Em tempo, aproveitar os cinemas fechados e transformá-los em museus-casa de cultura do índio, da história dos negros no Brasil, dos operários, dos sem tetos, de todas as nacionalidades que povoaram o Brasil.

Estes eventos realizados de modo permanente podem desenvolver o costume de quem desejar ouvir música ir para tal lugar, pintura, sarau, trocar livros, discos, capoeira, coral etc.

O escrito anterior é apenas um esboço de uma proposta de Nova Virada Cultural para a cidade. Isso deve ser debatido e aprofundado. Sinto que a cidade tem fome de cultura e o papel do Poder Público é criar condições para libertação das forças culturais populares, para de modo livre, expressarem conhecimentos, sentimentos e costumes humanos. Isto serve para aproximar as pessoas, a comunidade e trazer para a superfície aspectos humanistas que estão sufocados pelas relações sociais impostas pela civilização moderna, que empurra o ser humano para o nicho da solidão.¹

Nota do autor: *Em 2018, apresentei a proposta de projeto de Lei 545/2018 para a criação de Nova Virada Cultural para a cidade de São Paulo. Até a publicação do livro, o PL ainda não teve parecer concluído na Câmara dos Vereadores.*

1 Recomendo pesquisa e leitura sobre o conceito de solidão humana, em Karl Marx.

PEDALANDO NO CENTRO DE SÃO PAULO

21 de agosto de 2013

No domingo, 18/08, rodei o centro da cidade de bicicleta. A cidade é linda e essa atividade faz muito bem à saúde. Pena que isso só é possível no primeiro dia da semana. A ciclofaixa é longa, mas às vezes confusa, com descontinuidade. É um grande avanço ter esse espaço no centro da cidade. Observei as pessoas que sinalizam os cruzamentos trabalhando em pé. São algumas jovens, mas em sua maioria, pessoas de idade maior. Deveriam disponibilizar um banquinho. Trabalhar o dia todo em pé provoca grande infortúnio às pessoas. Sentadas, podem exercer sua função, sem nenhum prejuízo para o serviço. Encontrei grande contingente de pessoas em situação de rua. Muitas barracas e também outras enroladas em cobertores. No tribunal de Justiça, grande contraditório. As pessoas injustiçadas pelo *status quo* dormindo nas janelas. Oxalá que esta situação melhore.

De acordo com a Lei 6.514, NR-17.3.1 “Sempre que o trabalho puder ser executado sentado, o posto de trabalho deve ser planejado ou adaptado para esta posição.”

Não há sentido impor a um trabalhador — os sinalizadores da ciclofaixa — trabalhar em pé durante uma jornada de 8 horas. Isso é uma tortura e deixa as pessoas doentes.

Assentos já para os sinalizadores da ciclofaixa.
Entre nesta campanha!



Bicicletada nas ruas do centro em apoio à reeleição da presidenta Dilma, durante as eleições de 2014.

UM PT TRISTE

1º de julho de 2013

No início do ano escrevi um pequeno texto para avaliação interna do andamento da política municipal no início do governo do município de São Paulo.

As coisas andaram e confirmam as nossas preocupações. Na última confraternização do partido para comemorar seus 33 anos, encontrei um PT triste, sem entusiasmo e muitos resmungos pelos corredores. Especialmente dos candidatos a vereadores que não foram eleitos, com sentimento de exilados políticos, vez que não podem assumir responsabilidades no governo municipal. Deste modo, dou publicidade a este texto para contribuir na superação dos desafios que estamos enfrentando.

ARTIGO DE CIRCULAÇÃO INTERNA AO PT (Até o PED 2013)

Eleição (2012) em São Paulo: processo Democrático inconcluso

O PT-DM (Partido dos Trabalhadores) da cidade de São Paulo implantou um grande processo democrático para eleição do prefeito na cidade. Inicialmente, para a escolha do candidato realizaram-se plenárias em 99% dos Diretórios Zonais, onde os cinco pré-candidatos ouviram a militância do partido. As direções zonais expuseram as prioridades das regiões e seu diagnóstico, além de ouvirem os pré-candidatos. Isso fortaleceu enormemente o Partido e sedimentou as bases eleitorais. Então, após a conclusão dessa etapa e a escolha do candidato feita, iniciaram-se as plenárias para debater e elaborar o Programa de Governo. Foram debatidos e estudados os principais assuntos relacionados ao enfrentamento dos mais importantes problemas que os paulistanos vivenciam. Sem delongas, de modo democrático, com participação da base partidária, das bases sociais e intelectuais, o programa (de governo) estava formulado. De posse desse programa, grande contingente social estava preparado para a campanha eleitoral.

A campanha eleitoral foi brilhante. A partir dos DZ's (Diretórios Zonais do Partido) e dos candidatos a vereador do PT, ela foi levada em todos os cantos da cidade. Chegou a comunidades, cortiços, fábricas, comércios..., bem, em todos os lugares havia alguém fazendo campanha. Este processo bem arquitetado, entre outros fatores, viabilizou a vitória eleitoral do PT em São Paulo.

Formação do Governo

Terminada a eleição, havia uma expectativa de que o processo democrático em andamento continuasse. Mas, isso não ocorreu. Interrompeu-se a democracia parti-

dária em andamento. Transpareceu a concepção de que a vitória eleitoral foi resultado da excelência de uma ou de algumas pessoas, não coletivas do PT e das forças sociais organizadas.

Percorreu-se um caminho de escolha de gestores de secretarias, subprefeituras etc., incompreensível para as forças sociais e bases partidárias vitoriosas na eleição. Um rumo cheio de noções confusas e falsos raciocínios. Essa escolha apresentou incompreensão do papel desempenhado pela base partidária no período eleitoral. Desprezou-se a empatia que havia sido construída com a militância na etapa anterior, quase nenhuma opinião foi respeitada e nenhuma consulta foi realizada nas instâncias do partido e bases sociais para a formação do novo governo municipal.

Dizem que, para os cargos, as pessoas necessitam de conhecimentos técnicos, o que é uma grande bobagem. A ditadura militar governou 21 longos anos com técnicos como Sergio Naia (engenheiro e ex-deputado), entre tantos outros, que jogou os trabalhadores na miséria profunda. Se assim fosse, nem Lula poderia ser subprefeito porque não é técnico. Na verdade, essa formulação bate contra toda luta do PT e do próprio Lula para demonstrar a capacidade do trabalhador. E Lula demonstrou isso muito bem no exercício da Presidência. A propósito, vale a pena conhecer o poema “Operário em construção”, que Lula, em 1979, pediu a Vinicius de Moraes que lesse no 1º de maio para afugentar esse argumento de classe dos que sempre mandaram nos trabalhadores.

Essa visão de mundo está embasada no Fordismo/Taylorismo, que separa a concepção da execução do trabalho. Separa o trabalho intelectual do trabalho manual. Sabemos perfeitamente o infortúnio que esse modelo de gestão causa nos trabalhadores.

As aberrações continuaram. Falavam que havia um comitê que avalia isso ou aquilo, que valida quem participa ou não do governo, mas as bases vitoriosas da eleição ficaram de fora. Em nada podiam opinar.

Esses caminhos estão sangrando o PT, mais que o mensalão, pois, sabemos que é uma armação das forças conservadoras para atacar nosso partido. Trouxeram para a gestão pública pessoas que, assim que o PT, em 2004, deixou o governo, desapareceram, não participaram de reuniões partidárias, não votaram nos PED's, não moveram uma palha contra a gestão dos últimos oito anos da prefeitura; não os encontramos na campanha eleitoral, filiados que não estão em dia com as finanças do partido. Assim como esses exemplos, encontramos dezenas de pessoas assumindo posição estratégica na gestão, que sequer tangenciaram nossas bandeiras de luta. Na gestão de subprefeituras e secretarias, essas pessoas, embora técnicas e/ou concursadas/comissionadas, não são neutras. Muitas trabalharam nas eleições para nossos adversários. Muitas são fisiológicas, sem convicções próprias, entram em qualquer lado que puder. Confere imenso espaço para forças políticas que foram adversárias no primeiro turno. Isso sangra as bases partidárias e pode provocar um processo perigoso de afastamento da militância do PT e bases sociais do compromisso com a gestão municipal. Além disso, pode deixar nosso governo municipal fragilizado frente a possíveis ataques das forças conservadoras. Ainda há tempo para corrigir esse rumo equivocado. Vale reler *O príncipe*, de Maquiavel “tem mais a temer das elites conspiradoras do que das massas, por isso deve tentar formar uma aliança com o povo contra a aristocracia...” Ganhar eleição e manter a mesma metodologia de gestão dos adversários não é nada inteligente. É preciso avançar nas relações com as forças populares.

Uma grande oportunidade

Uma boa gestão em São Paulo impacta em todo Brasil. Por isso é necessário que as forças eleitorais vitoriosas e comprometidas com nosso Programa de Governo estejam na gestão do governo. Não se trata de colocar as bases sociais e partidárias dentro do governo. Tão pouco oferecer empregos a bases descontentes. Trata-se de participação no rumo da gestão, de poder influir, cobrar e defender nossa gestão quando necessário. Não se trata também de colocar algumas figuras do partido na gestão e pronto, mas de colocar na gestão das políticas públicas os melhores quadros do partido, respaldados pelas bases partidárias e sociais. Seria proveitoso usar essa oportunidade para realizar, de forma pedagógica, o exercício de governar. Manter a empatia, estreitar laços entre militância, bases partidárias e eleitorais, e abrir espaços para parcerias, como a gestão com participação das comunidades populares organizadas.

O projeto dos trabalhadores implica mudanças nas bases econômicas, na eliminação da desigualdade social etc. Mas, para isso, os trabalhadores precisam treinar suas habilidades de gestão e controle das políticas públicas. A gestão do município é uma grande oportunidade para os trabalhadores, sem preconceito de classe, juntos e misturados, seguirem em frente. O partido é concebido como instrumento de disputa do poder. Sendo assim, os quadros partidários não podem ficar fora da gestão da fração do poder público conquistada.

Em seus 33 anos de existência, o PT governou a cidade de São Paulo por 8 anos — governos Luiza Erundina e Marta Suplicy. Acumulou a experiência através do Modo Petista de governar. Treinou e capacitou quadros partidários no exercício da gestão pública. Agora o PT tem

plenas condições de realizar um bom governo e, oxalá, na próxima eleição renovar nosso mandato.

De outra forma, daqui a quatro anos, quando o governo se dirigir às bases sociais e partidárias, poderá se surpreender ao não encontrar apoio. Ocorrerá novamente, em São Paulo, o fenômeno de 2004 (“dos moranguinhos” quando a campanha eleitoral foi organizada a partir da burocracia das subprefeituras) conhecido por todos. Parodiando o comediante Roberto Bolaños, vamos dizer: “E agora, quem poderá nos defender? O Chapolin Colorado! ”. E aí, talvez, seja tarde demais.

Nota do autor: A tese deste artigo se concretizou na eleição de 2016. Quando a militância, excluída da gestão 2012 – 2016, não teve ânimo para defender nosso candidato.

O ESGOTAMENTO DO LULISMO

25 de junho de 2013

Não se faz omelete sem quebrar os ovos

Meses atrás, li um artigo, acho que do *blog* do Luis Nassif, de Vladimir Safatle. Tratava dos impasses do lulismo. Apontava certos aspectos desenvolvidos pelo PT nos últimos 10 anos de governo. Não tenho espaço aqui para falar dos aspectos apontados como: capitalismo de Estado, constituição de uma nova classe média. Vale ressaltar: essa nova classe média, classe C, ganha menos que os pobres americanos. Enquanto nos EUA pobre é classificado como famílias que recebem pouco mais de R\$ 3.000,00, no Brasil, a classe C tem renda média mensal de R\$ 2.295,00. Governo Dilma como continuidade do lulismo, bastasse seus limites etc. Na linha mestra do lulismo estavam: 1) Proteção social; 2) Aumento do salário mínimo; 3) Incentivo ao consumo; 4) BNDES financiando o empresariado nacional e internacional.

Na questão da ampliação da malha de proteção social, recuperação do poder de compra dos salários e ou-

tras políticas de favorecimento das classes sociais mais pobres, como educação, saúde, luz para todos etc. O lulismo é bem sucedido. Ocorre que isso precisa avançar mais. Entretanto, esbarra na falta de recursos, já que os recursos públicos são drenados para uma espécie de CASTA social (uma minoria de pessoas, que dominam o Judiciário, a mídia, os cargos públicos das administrações, e demais instituições do Estado e também laicas) existente no Brasil.

Tudo isso entrelaçado com o chamado “empresariado”, que chupa improdutivamente os recursos públicos. São bilhões do BNDES, desoneração e quetais. São corruptos e corruptores irmanados, chamados empresários, que pegam recursos públicos para exportar pedras em vez de vender aço, ferro. Exportam soja *in natura*, não a processam para comercializar seus derivados. Vendem petróleo bruto e importa óleo, gasolina, Nafta. Gasta-se mais com as despesas das reservas internacionais do que com o Bolsa Família. Ganha-se bilhões com especulação financeira sem produzir bens sociais. Mais da metade dos gastos da União é com despesas financeiras com pagamento dos juros que incidem sobre a dívida pública. Segundo a Receita Federal os empresários de todas as matrizes roubam anualmente 500 bilhões de impostos. Sonegam, não pagam. Este é o grande contraditório que o lulismo precisa romper. É um desafio que não é só do Lula ou da Dilma, mas do PT e das forças progressistas.

A casta que apoiou a ditadura militar e que historicamente sempre dirigiu o Brasil continuará empurrando a maioria da população para as péssimas condições de vida. Pois, seus privilégios residem no infortúnio da população pobre. A continuar na mesma batida, a casta social dominante vai corroer o projeto de inclusão gradativa. A aliança do PT esgotou-se com essa casta.

O desafio do lulismo é avançar com apoio e integrado com as aspirações populares. Trazer a população para a luta de implantar a tarifa zero dos transportes públicos, com financiamento por meio de onerosidade do consumo dos bens de luxo, reduzir as gorduchas aposentadorias, ou reduzir os altos salários da máquina pública. Não há como aceitar que um juiz ou promotor público receba salário 40 ou até 60 vezes mais que professores, garis, pedreiros, serventes e demais trabalhadores.

Devem:

- zerar a demanda de creches, com taxaço das grandes fortunas.
- baixar os preços dos alimentos, com a reforma agrária, integrados com os projetos agroindustriais.
- taxar progressivamente os grandes proprietários de imóveis das áreas urbanas, seguindo a proposta do Imposto Progressivo sobre o tamanho e a quantidade de imóveis de um mesmo possuidor.

Tudo isso, entre outras medidas com apoio e participação popular.

O PT não pode achar, como faz na cidade de São Paulo, que vai realizar transformações, mantendo a metodologia de gestão tradicional e as mesmas pessoas no comando da máquina pública.

Apresentamos aqui novamente o velho Maquiavel, em *O príncipe*: “Tem mais a temer das elites conspiradoras, do que das massas, por isso deve tentar formar uma aliança com o povo contra a aristocracia”.

Todos avanços e transformações podem ser um sonho, mas os acontecimentos dos últimos dias, seja a rua, estão mandando um recado.

LUTA PELA REDUÇÃO NO PREÇO DAS TARIFAS DE TRANSPORTE PÚBLICO

16 de junho de 2013

Vinte centavos: “De grão em grão a galinha enche o papo.”

Vinte centavos a mais no preço da condução significam: menos 5 quilos de arroz, menos 2 quilos de feijão, menos 3 litros de óleo e menos 5 litros de leite. Isso para uma família de 4 pessoas que, em média, utiliza 200 viagens no mês. Falar somente em vinte centavos, isoladamente, é claro que é pouco. Mas, de grão em grão, a galinha enche o papo. Ocorre que o preço da condução é extorsivo em seu todo.

Em 1992, quando o PT deixou a prefeitura de São Paulo, a passagem valia US\$ 0,20 (vinte centavos de dólar), hoje custa US\$ 1,50 (um dólar e cinquenta centavos). A inflação, segundo os jornais, de 1994 a 2013, atingiu 332%. Enquanto a passagem no mesmo período subiu 540%, quase o dobro da inflação. A qualidade dos transportes também desabou, diminuíram o número

de viagens por ônibus, a frota permanece a mesma de 2004, o número de passageiros aumentou em mais de 1 milhão e 200 mil de 2004 até 2012.

O sofrimento diário dos usuários do transporte público é indescritível. Em diversos países, os trabalhadores gastam em torno de 5% dos salários com transporte. No Brasil, a maioria dos trabalhadores gasta mais de 20% do salário com transporte.

Os subsídios do poder público atingem até 70% em outros países. No Brasil, não passam de 12%. O peso recai sobre os trabalhadores.

Acompanhando essas manifestações pelo Passe Livre, verifiquei que essas pessoas estão cheias de razão. E lembrei-me de minha adolescência e do meu cotidiano utilizando os transportes públicos. Não dá para encobrir que as classes dirigentes da cidade sempre transportaram muito mal os trabalhadores.

Quando eu tinha 15 anos, morava no Parque São Lucas, Zona Leste, e fui trabalhar em uma fábrica no Cambuci. Para conseguir entrar no ônibus, precisava andar uns dois quilômetros no sentido contrário para conseguir embarcar. Às vezes, nem isso resolvia. Um dia me desesperei, o tempo passava e não conseguia entrar. As portas estavam tomadas. Jovem, chorei. No próximo, encorajei-me, agarrei-me na janela com o pé no estribo, fui. Mais adiante, uma das pessoas, que estava na mesma situação que minha, caiu. Nunca soubemos o que aconteceu a ela. O ônibus nem parou. No outro dia, o ônibus estava tão cheio, e eu lá dentro espremido. Carregava um lanche e uma garrafinha de chá em uma sacola encostada na barriga. A garrafa ficou de ponta cabeça, soltou a tampa e o chá molhou toda a minha calça. Quando cheguei ao serviço, os colegas tiravam sarro dizendo que eu havia urinado. Outros colegas vinham pela Central do Brasil (Poá, Ferraz de Vascon-

celos etc.). Um dia, um deles chegou ao serviço assustado, pois tinha caído entre o trem e a plataforma. Disse que a composição passava rente o seu nariz, mas se salvou. Lá, muitos morriam. Caíam no decorrer da viagem. Frequentemente ocorriam brigas na condução lotada.

Para os dias de hoje, os transportes públicos são caros e de péssima qualidade. Não transportam as pessoas com dignidade. Desse modo, o poder público não deve tratar as manifestações como caso de polícia, na base da repressão. Deve trabalhar junto com as lideranças do movimento para impedir os excessos e a ação de provocadores. No caso da gestão municipal, o melhor caminho é abrir o diálogo, constituir espaço de participação popular em todas as subprefeituras e de modo transparente buscar um novo modelo de transporte público sustentável.

Rumo à Tarifa Zero, à Moradia perto do Trabalho, a serviços descentralizados, entre outras mudanças necessárias.

Os trabalhadores realizam serviços para a sociedade, para todos os habitantes. Então, a tarifa deve ser custeada por todos. Um gari recolhe o lixo, realizando um serviço social. Assim ocorre com cozinheiras, pedreiros, metalúrgicos, carpinteiros, químicos, professores, trabalhadores da saúde. Todos realizam trabalho social, e os filhos dos trabalhadores se preparam para isso. Desse modo, as tarifas de transporte podem ser custeadas socialmente. Recursos não faltam: usar os ganhos do pré-sal e outros minérios, não desonerar carros, construção civil, etc. São atividades industriais que conferem lucros imensos aos seus donos. O poder público deve deixar de subsidiar aqueles que acumulam riquezas e passar a disponibilizar serviços públicos de qualidade, especialmente para os trabalhadores e seus filhos. Por esses e outros motivos, todo apoio à LUTA PELA REDUÇÃO DAS TARIFAS DE TRANSPORTE PÚBLICO.

AS MANIFESTAÇÕES DE RUA E A LUTA POPULAR

11 de junho de 2013

As intensas manifestações de rua dos últimos dias parecem um raio em dia de céu azul. Mas, não são! Existe uma base material empurrando as pessoas, especialmente a juventude, para esse tipo de explosão. Simplificadamente, apontamos alguns pilares que sustentam essa revolta social:

1 - Base econômica podre

O Brasil possui imensa desigualdade social. Está à frente apenas de dois países: Lesoto e Serra Leoa, acho. Em mais de 500 anos, nunca realizou uma reforma para beneficiar sua população de menor renda. Os salários são pagos abaixo do valor da força de trabalho. Essa situação impõe sofrimento profundo na vida dos trabalhadores e de suas famílias, causando danos permanentes resultantes da ausência de direitos fundamentais. Para tanto, tem que manter a grande quantidade de pessoas desem-

pregadas ou cinquenta por cento de sua mão de obra na informalidade. Os fundos públicos administrados pelo Estado são utilizados para garantir a acumulação de riquezas do denominado empresariado e sustentar altos salários na máquina pública. Essa parcela de funcionários, além de garantir suas altas rendas, sustentam imenso aparato jurídico ideológico e opressivo que drenam os fundos públicos para uma casta social, que está encastelada no executivo, no legislativo, no judiciário, na mídia e na máquina pública em geral.

Essa base econômica podre mantém por séculos o sofrimento da maioria da população, especialmente os trabalhadores. Governos, por mais bem-intencionados que sejam, não conseguem implantar políticas públicas universais (como saúde, educação, transporte, moradia etc.). Esbarra na falta de recursos ou em campanhas persistentes de desmonte das propostas, pessoas ou partidos que ousem defendê-las.

A rua está dizendo: “Ninguém sofre calado a vida inteira”. Mas o modo como as manifestações se expressam pode resultar em estruturação de novos privilégios e destruição do governo Dilma.

2 - Instituições desvinculadas da vida do povo

Uma sociedade democrática, mesmo dentro do capitalismo, se sustenta nas instituições sociais. No Brasil, atualmente, grande parte dessas instituições não passa de um osso burocrático. Disciplinadas para assegurar o patrimonialismo, não têm identidade com o povo e com suas necessidades. Os partidos políticos, em sua maioria, são instrumentos de grupos econômicos, reunidos para disputar o poder estatal e drenar os fundos públicos para seus grupos econômicos. Passam longe dos anseios da população pobre.

O PT, a grande novidade, com imensa inserção social, chegou ao governo, mas, gradativamente, se burocratiza. A participação popular fica no vazio das palavras, não se concretiza nas ações de governo. Sobrevive no poder a base de alianças que na primeira tormenta abandona o navio. Os sindicatos e centrais sindicais são extensão do Estado burguês, corporativos, não apresentam perspectivas para os trabalhadores, não possuem organizações de base etc. As Igrejas cuidam da alma e abandonam a realidade. Como se essas duas entidades fossem separadas. Encontramos nos últimos tempos pastores e padres conduzindo seus fiéis para o precipício social. O judiciário não faz justiça, com pequenas exceções como a justiça do trabalho. Entretanto, sentenciam várias distorções. Mas em geral são palácios ocupados por uma casta social histórica, recebendo salários e benefícios imorais, e protegem os grupos econômicos dominantes.

Os movimentos sociais populares, que possuem vida e lutam pelas causas dos pobres, estão isolados e dispersos. Atuam em cima de necessidades imediatas, em muitos casos, são bem-sucedidos, mas não conseguem ampliar suas forças para implementar as reformas necessárias. Por outro lado, são atacados ferozmente pelos governos e pela mídia, que os criminaliza para afastar a população desses movimentos.

Bem, parece que as manifestações de rua conseguiram entender o Chapolin Colorado: “E agora, quem poderá me defender?”. Eu mesmo!

3 - A mídia, predominante, comanda a oposição ao governo

A mídia predominante concentra os quadros ideológicos do centro conservador e o melhor modo — os canais de comunicação de massa — por esses instrumen-

tos, dirigem os corações e as mentes. Apoiam governos ou destroem aqueles que não os servem, tudo conforme os interesses do domínio conservador.

Nas circunstâncias atuais, a mídia com seu núcleo predominante já detectou que a queda da taxa de lucro em andamento decorrente da melhora dos salários e a redução do desemprego não pode continuar. *Também observou que as dificuldades fiscais do atual governo, agravadas pelo avanço de algumas políticas públicas de inclusão social e distribuição de renda, também devem ser estancadas. Sabem eles que a crise capitalista atual, já presente em vários países, será intensificada e em breve atingirá o nosso país. Deste modo, agem pedagogicamente para desestabilizar o governo central. Aproveitam-se da base econômica podre criada, mantida e aprofundada por eles mesmos para estimular as mobilizações e trazer bandeiras de lutas conservadoras.*

As forças progressistas devem entender essas movimentações dos segmentos dominantes, escolher o momento certo para ir às ruas e fazer avançar as políticas públicas necessárias para realizar as reformas estruturais e organizar a autodefesa.

4 - Aproveitar o Limão, fazer uma limonada

É necessário colocar em andamento as reformas estruturais essenciais e criar espaços de participação popular nas definições, no controle e implemento de políticas públicas.

Em primeiro lugar, é hora de mudar o método de gestão governamental. Trazer a população, de modo organizado, a participar das definições e do implemento das políticas públicas necessárias. Estimular a formação de comitês, comissões, conselhos populares, cooperativas, associações etc. em todo o país de acordo com a área de interesse. Resumidamente, esses espaços populares

devem definir as medidas necessárias e de onde virão os recursos para seu implemento. Deve trabalhar em parceria com o poder público para concretizar essas ações.

Repito aqui o velho Maquiavel em *O príncipe*: “Tem mais a temer das elites conspiradoras, do que das massas, por isso deve tentar formar uma aliança com o povo contra a aristocracia”.

Por fim, devemos trabalhar para apresentar um conjunto de medidas que certamente pode melhorar a vida do povo em busca de maior justiça social. Vou elencar um conjunto delas, sem pretensão de esgotá-las:

- **REFORMA ADMINISTRATIVA** — Reduzir os escandalosos salários de toda a máquina pública. Executivo, Legislativo, Judiciário, forças de segurança, pensões escorchantes etc. Com a economia nessa máquina de privilégios, pode-se melhorar os salários dos servidores que prestam serviços diretos à população: professores, profissionais da saúde etc.

- **REFORMA TRIBUTÁRIA** — Quem tem mais paga mais e quem tem menos paga menos. Estabelecer esse princípio já expresso na Constituição. É sabido que os ricos pagam menos impostos que os pobres. Um gari paga mais que o banqueiro. Taxar as grandes fortunas, os bens de luxo etc. e isentar os bens de consumo popular. Com os recursos provenientes dessas medidas, ampliar a rede de proteção social entre outras iniciativas.

- **SAÚDE PARA TODOS** — Neste caso deveria ser proposto um imposto sobre movimentações financeiras e aporte dos recursos do petróleo, de jazidas minerais e lucro das estatais. É hora de apontar quem acabou com a CPMF, que era para financiar a saúde e agora se faz de vítima.

- **EDUCAÇÃO** — Destinar 100% da renda do Petróleo e demais minérios e lucro das Estatais.

• **REFORMA FINANCEIRA** — Controlar todo o sistema financeiro. Direcionar todo financiamento para bens sociais como a produção de alimentos, remédios, roupas populares. Moradias para trabalhadores de menor renda. Não repassar um centavo para as construtoras que vendem imóveis nas grandes cidades, como São Paulo, a R\$ 8.000,00 o metro quadrado, quando a R\$ 3.000,00 já estava de bom tamanho. Direcionar os recursos financeiros para construção de creches, escolas, unidades de saúde, esgoto etc.

• **REFORMA AGRÁRIA** — Direcionada à produção de alimentos, articulada com projetos agroindústrias para processar os alimentos e deixar de fazer essa vergonhosa exportação de produtos primários *in natura*.

• **REFORMA URBANA** — Ancorada em reforma administrativa com descentralização dos serviços e com a implantação do princípio da função social da propriedade. Implantar o imposto progressivo, abrangendo os aspectos: tempo de propriedade sem utilização, quantitativa e tamanho do imóvel de um mesmo possuidor. Colocar em andamento um processo imediato de disponibilização de moradias provisórias, requisitando e utilizando terrenos e prédios abandonados.

Sabemos que não é simples. Mas, devemos aproveitar a energia popular e implementar as reformas para desestravar o desenvolvimento do Brasil com justiça e igualdade social.

6ª CONFERÊNCIA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: QUEM MUDA A CIDADE SOMOS NÓS. REFORMA URBANA JÁ

3 de junho de 2013

Teve início no dia 31/05 e terminou no dia 01/06/2013, a 6ª Conferência Municipal da Cidade. A participação popular foi grande. Dos 9.505 delegados, perto de cem por cento vinham das classes populares, especialmente dos movimentos de luta pelo direito à moradia. As classes possuidoras e a classe média não compareceram. Isso é um recado. No íntimo expressa suas convicções sociais, como que dizendo: “Os problemas da cidade são problemas dos pobres. Eles que se lixem!” Mas deixemos os omissos de lado.

A conferência foi amplamente desorganizada. Filas imensas para credenciamento. Enquanto os trabalhos corriam no plenário, a metade dos delegados estava do lado de fora. Não havia refeição, os delegados não foram orientados adequadamente para o trabalho no grupo. Havia participante que não era delegado defendendo proposta. O sistema de votação não foi organi-

zado. Enfim o encontro foi realizado e se estivesse bem organizado poderia ter a participação de mais de 15 mil pessoas. O povo quer participar, foi o recado da população, e o poder público não pode negligenciar com as aspirações populares.

No primeiro dia participei, na parte da manhã, distribuindo o boletim da FLM: Moradia é Tudo e Desapropriar os imóveis abandonados. Na parte da tarde, participei de um grupo como palestrante. Lá falei sobre a necessidade de implantar, aplicar a lei, para fazer valer a função social da propriedade.

No segundo dia, de manhã distribuí alguns textos do meu *site*: “Cidades compactas com bastante verde para combater as mudanças climáticas”, “Moradia como eixo estruturante de inclusão social e da cidade”, e um terceiro: “Moradia perto do trabalho”.

Depois, acompanhei as votações no plenário. Entre as propostas aprovadas está a sugestão que dei no dia anterior de aplicar o Imposto Progressivo nos imóveis abandonados, por mais de um ano e dia. Mas também estender esse imposto para o tamanho da propriedade e pela quantidade. Se você mora em 100 ou 150 m² que atendem às necessidades de sua família, imposto “justo”. Mas se você quer morar em 500m² ou 1000m², você pagará imposto maior. Se você tem um imóvel como bem de uso para sua utilização e de sua família, imposto “justo”. Entretanto, se possuir 5, 10, 20 ou 500 imóveis, você pagará imposto bem maior, progressivo pela quantidade. Quanto mais propriedades, maior é o tributo. Isso tem a finalidade de travar a especulação imobiliária, tornar o imóvel em bem de uso e impedir a formação de estoque de propriedades na mão do poder econômico, que impede o acesso das pessoas de menor renda à sua moradia.

Bem, isso foi aprovado na conferência, mas isto não significa que o infortúnio habitacional da população acabou. O Brasil já possui uma legislação avançada em relação aos direitos das pessoas. Entretanto, o poder econômico e o poder das castas sociais que dominam a máquina pública, o poder midiático e as instituições gerais da sociedade fazem esses direitos “dormirem” dentro dos códigos e não chegam até as pessoas pobres. Deste modo, cabe à população se apropriar dessas leis e se organizar o máximo possível, se unir em todas as frentes e regiões e lutar permanentemente por seus direitos. Quem tem a razão nada tem a temer.

“A VERDADEIRA VITÓRIA SERÁ GANHA
FORA DA SALA DE CONFERÊNCIA”.
(Mahatma Gandhi).

DAQUI NÃO SAIO, DAQUI NINGUEM ME TIRA

22 de dezembro de 2012

Os moradores ocupantes do edifício da Rua Mauá, 340 estão pintando e reformando o prédio com as próprias forças. Aprovaram rateio dos custos e, por meio de mutirão, estão deixando o imóvel como um brinco.

Pintura, elétrica, hidráulica, esgoto, pisos, tudo ficando novo. A experiência indica boas referências. Como a convicção dos moradores de que não sairão dali. “DAQUI NÃO SAIO, DAQUI NINGUÉM ME TIRA”. Mostram que os trabalhadores tudo transformam e podem, rapidamente, reformar e transformar milhares de prédios abandonados em moradia popular, em hospitais, em escolas. É só deixar as forças populares agirem em prol do bem comum.

Vejo que bilhões de recursos vão parar nas mãos de parasitas do Estado, que os consomem comprando bens de luxo, estocando propriedades, não desenvolvem o

país e posam de empresários. Precisamos mudar o rumo das coisas. O poder público deve investir na população pobre organizada para superar suas necessidades e criar bens sociais.

O governo poderia redirecionar seus investimentos. A desoneração do setor da construção, que vai transferir perto de três bilhões de reais para os empresários do ramo, não é um bom caminho. Essa indústria já obtém lucro de até trezentos por cento em seus empreendimentos. O BNDES deve abrir linhas de financiamento direto para a população organizada, para que produzam bens sociais, como moradia, creches, produção de alimentos e tantas outras iniciativas para melhorar a vida do povo. Definitivamente nossa elite não desenvolve o país.

Exemplo: em parceria com as famílias organizadas, reformar, adequar o Edifício Prestes Maia, Mauá e tantos outros. Em pouco tempo, as famílias organizadas deixariam os prédios apropriados para morar. E o preço do metro quadrado pode ser um quinto do valor realizado pelo mercado, que atualmente está em torno de cinco mil reais. Entretanto, o custo se realiza por três mil reais o metro quadrado. Tem imensa gordura nesse preço. Tem parasita engordando. Segundo os especialistas, tomando como exemplo o Edifício Prestes Maia, com preço de R\$1.500,00 o metro quadrado, os moradores organizados poderiam pagar o valor do imóvel, reformar o prédio e disponibilizar 300 moradias populares. Ainda, subsolo, térreo e mezanino podem acolher creche, área social e um Shopping popular onde os moradores estabeleceriam seus negócios. Também, o projeto dos sem teto, contempla utilização de energia solar, reaproveitamento da água e reciclagem. Gerando emprego e sustentabilidade ao empreendimento. Este é o projeto apresentado pelos sem teto ao poder público, Caixa Econômica

Federal e CDHU. Esses exemplos devem se multiplicar em toda cidade e no país. Mas, realizar-se-ão em união com iniciativas dos trabalhadores e moradores organizados, sem lucro no meio.

Soluções existem, mas é necessário trabalhar em parceria com as forças populares.

NINGUEM DORMINDO NAS RUAS

22 de dezembro de 2012

Estimulado pela volta da notícia sobre a Cracolândia nos jornais, estou retomando o assunto. Isto foi há cerca de três anos, como mostram os textos do meu blog: Centro Integrado de Desenvolvimento Social e Hospital do Crack.

O desmonte dos barracos dos dependentes químicos na rua Dino Bueno utilizou metodologia perfeita e a disponibilização de moradia foi extremamente positiva. Entretanto, dada a complexidade da situação, pode ter efeito passageiro. De qualquer modo, é necessário fazer alguma coisa. A inércia do Poder Público é que deixou a situação chegar onde estamos.

O grande número de pessoas em situação de rua, ou como queiram, vulneráveis socialmente, é imenso. Consumindo drogas ou não, estão nas grandes, médias e até pequenas cidades. Belém, Manaus, Fortaleza, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo,

Campinas. Essas pessoas passam fome e têm sua civilidade violentada diuturnamente. Isso revela que a sociedade moderna está doente. E gravemente doente. A cura não se fará com palavras, ou com improvisação, ou com políticas públicas precárias. Atitudes paliativas podem aprofundar a doença.

Nos últimos anos, a política de assistência social avançou, mas não o suficiente para enfrentar os desafios atuais. A complexidade da questão atual pede um passo à frente. Disponibilizar mais recursos e evoluir para implantar os Centros Integrados de Desenvolvimento Social. Nestes espaços devem-se combinar diversas ações. Entre elas:

- o atendimento sócio assistencial, acolhimento, espaço para dormir, tomar refeições, retirar documentos, o que se faz hoje nos centros de acolhida. Daqui se encaminha para o atendimento de acordo com a situação de cada um;

- equipes e equipamentos de saúde, específicos para o atendimento dessa população. Tratamento para dependentes químicos, situações psiquiátricas e demais doenças;

- atividades esportivas e de lazer para o fim específico, mas também como ação terapêutica;

- no mesmo sentido, atividades culturais, cinema, biblioteca, teatro etc;

- Apoio às famílias, por meio de outras políticas públicas, como bolsa família, acesso à moradia etc. Fazer esforço para reinserir as pessoas na família;

- Ação integrada com as comunidades organizadas e especialmente com as famílias dos atendidos.

Pode ser sonho, mas a situação deste segmento social é complexa e necessita de avanços. Sem isso, em pouco tempo o sistema sócio assistencial pode entrar em colapso. Reproduzo a seguir, uma frase que se usa no meio jurídico:

“Suprima a causa, cessa o efeito”. É a ação mais apropriada.

MORADIA PROVISÓRIA NOS IMÓVEIS OCUPADOS

Dezembro de 2012

A situação de milhões de famílias de menor renda é dramática. “Se paga aluguel não come. Se come, não paga aluguel”. São imensos contingentes humanos em profundo sofrimento. Alijados de seus Direitos Fundamentais.

Nos últimos 10 anos, os custos urbanos aumentaram desastrosamente para essas famílias. Enquanto o preço das habitações, para comprar ou alugar, subiu perto de mil por cento, a renda dessas famílias não progrediu na mesma velocidade. Ao lado disso, nos últimos oito anos, a disponibilização de moradia popular ficou estacionada. O Poder Público não cumpriu sua obrigação. Resultado:

Aumentou o número de habitantes de favelas, moradores dos cortiços e pessoas em situação de rua.

O novo Governo deve inovar, ousar e procurar iniciar a solução desse problema. O estoque de metro quadrado construído não utilizado é imenso. São propriedades

fora da Lei, não cumprem sua função social, conforme dispõe a Constituição Federal. As pessoas que se dizem proprietários não exercem o domínio definido pelo Direito de propriedade expresso no Código Civil, por isso são consideradas abandonadas. Agridem o meio ambiente. Em muitos casos, não pagam impostos. Bem, estão fora da Lei.

Aqui está a grande solução:

REQUISITAR, CONFORME A LEI, OS IMÓVEIS OCUPADOS PELOS SEM TETO. UTILIZÁ-LOS COMO MORADIA PROVISÓRIA ATÉ A CONSTRUÇÃO DE HABITAÇÕES DEFINITIVAS.

A Constituição Federal em seu artigo 5º, inciso 25, dispõe: “no caso de iminente perigo público, a autoridade competente poderá usar de propriedade particular, assegurando ao proprietário indenização ulterior, se houver danos”.

No art. 1.228, parágrafo 3º do Código Civil – “O proprietário pode ser privado da coisa, nos casos da desapropriação, por necessidade ou utilidade pública ou interesse social, bem como na de requisição, em caso de perigo público iminente”.

Segue a relação dos imóveis que devem ser requisitados. Entretanto, esta lista pode ser ampliada, atingir outras propriedades e outras regiões. Abranger os imóveis dos entes federados, das autarquias como do INSS e das estatais. Com pequenos recursos, e em parceria com as famílias das ocupações, realizar rápida adequação dos prédios para a permanência das pessoas no local.

1. Av. São João, 288; 2. Escola Clóvis Graciano - Vila Nova Cachoeirinha; 3. Rua Helvétia, 45; 4. Rua das Palmeiras, 78; 5. Rua Quintino Bocaiúva, 242; 6. Rua José Bonifácio, 137; 7. Rua Helvétia, 55; 8. Av. Ipiranga, 879; 9. Av. Prestes Maia, 911; 10. Rua Mauá, 340; 11. Av. Rio

Branco, 47 e 53; 11. Rua Caetano Pinto, 234; 12. Hotel Cambridge - Av. Nove de Julho, 216; 13. Av. São João, 588; 14. Alojamento da Rua Cristina Tomás, 80; 15. Rua 7 de abril, 355; 16. Rua 7 de abril, 176; 17. Rua Marconi, 138; 18. Rua Xavier de Toledo, 150; 19. Av. São João, 354; 20. Rua Martins Fontes.

Para esses imóveis abandonados, sem utilização, podemos usar a conclusão da fábula de Esopo, “O avarento”. “Ter bens e não os utilizar é o mesmo que não os ter”. **Mãos à obra.**

VIOLÊNCIA ECONÔMICA: A MÃE DE TODAS AS VIOLÊNCIAS

22 de novembro de 2012

A matança se expande. É gente matando policiais e policiais matando gente. No meio, há muitos inocentes. São de 10 a 15 pessoas por dia. Nessas circunstâncias, em São Paulo morre mais do que na guerra do Afeganistão.

Importante verificar as causas de tanta insanidade. O avanço da criminalidade ocorre em países como Brasil, México, Honduras, Haiti, Colômbia, onde a desigualdade social é massacrante. Milhões de pessoas não têm meios de sobrevivência, passam fome e todo tipo de humilhação que a violência econômica impõe. Entretanto, isso não ocorre em países onde o desequilíbrio social é pequeno, como Cuba, Noruega, Suécia e Japão. Enquanto, nos países como Brasil e Honduras os homicídios são de 10 a 20 por 100 mil habitantes, Cuba, Noruega, Japão atingem entre 0 a 3 por 100 mil habitantes. Bem, mas como explicar a matança nos países de forte desigualdade social. Tudo indica que a não

efetividade das leis e dos direitos das pessoas faz com que os agentes públicos se misturem com a contravenção e forma o caldo perfeito da criminalidade. Mas existe uma base econômica podre que cria as circunstâncias apropriadas para prosperar a criminalidade. O salário é pago abaixo do valor da força de trabalho, por isso não cobre as necessidades básicas do trabalhador. É um tipo de violência que mata os trabalhadores e suas famílias aos poucos. Para garantir essa violência, aplica-se outra: o desemprego em massa.

Contingentes inteiros de famílias pobres não conseguem emprego. No Brasil, as famílias de renda *per capita* de até R\$ 203,00 sofrem uma taxa de desemprego de 33,1%. Para agravar esta situação, o poder público não cumpre suas obrigações. Não tem creches, escolas, a moradia é precária, não há saneamento básico, não tem praça de esporte. Bem, esse conjunto de violência material traz para a superfície a criminalidade. A juventude pobre, sem nenhuma perspectiva no horizonte, é atraída pelo tráfico e pela contravenção.

Para superar esse quadro dramático, é preciso articular um conjunto de ações. Levar políticas públicas articuladas para atacar as bases da violência econômica. Executar grande programa habitacional, com saneamento básico, escolas, praças de esportes, bibliotecas, inclusão digital, apoio alimentar. Junto a todas essas iniciativas, dar início a reformas estruturais que ataquem as bases da violência econômica.

Vale registrar versos de uma música sertaneja interpretada por Tião Carreiro e Pardinho que expressa muito bem o sentimento popular:

*“Quem trabalha não tem nada,
enriquece quem tapeia,
pobre não ganha a demanda,
rico não vai pra cadeia.”*

CASA, COMIDA E ROUPA LAVADA

9 de setembro de 2012

Volto ao tema. O censo escolar de 2012 apresenta a diminuição de 11% (média nacional) do número de matriculados no ensino fundamental, médio e EJA. Rio de Janeiro, menos 34%, São Paulo menos 22%, Paraná menos 12%, Maranhão menos 11,1% e Minas Gerais menos 10%. Nos estados, mais ricos a queda da matrícula é maior. Pela lógica deveria ser menor. Entretanto, pode-se observar que o modelo econômico está exaurindo os trabalhadores e suas famílias. Pela dificuldade de conseguir seus meios de sobrevivência ou consumindo seu tempo no trabalho, na condução, ou morando de modo precário e tendo alimentação limitada.

Quando cheguei a São Paulo, em 1963, vindo da roça, fui trabalhar em uma fábrica. Ganhava salário mínimo de “menor”. Tinha 15 anos. Naquela época, os adolescentes eram contratados depois dos 14 anos. Matriculei-me na escola do bairro. Não consegui estudar. Quando chegava

à escola, já estava fechada. Fiquei 5 anos fora da escola. Felizmente, com muito sacrifício e estímulo de amigos retornei os estudos em 1968.

Daí a dificuldade das pessoas mais pobres de frequentar a escola e de se desenvolver integralmente.

Ligado a essa situação, o jornal também divulgou que 36% da população nunca foi ao oftalmologista, e 18% só fez uma consulta na vida. Mais de 54% da população não têm como cuidar dos olhos. Por isso encontramos bancas nas praças vendendo óculos de grau sem receita médica. São dados reveladores do buraco em que a burguesia e demais beneficiários do modelo econômico jogam a maioria do povo.

Para reverter esse quadro, é necessária muita política pública voltada para a população de menor renda. E reformas estruturais como habitacional, urbana, agrária, financeira, fiscal etc., para destravar o desenvolvimento social e promover o equilíbrio material entre as pessoas, onde todos tenham vida digna.

Podemos destacar aqui a formulação magistral de Rosa Luxemburgo: “Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”.

FIM DAS OLIMPÍADAS: “OS PRIMEIROS SÃO OS ÚLTIMOS”

1º de setembro de 2012

Em 2011 escrevi artigo sobre os jogos Pan-Americanos e detectei “a força esportiva de Cuba”. Analisando o resultado dos jogos olímpicos e aplicando a metodologia de relacionar o número de medalhas conquistadas de cada país, proporcionalmente à sua população, obtemos resultados interessantes.

Na tabela, classifica-se o país em relação ao número de habitantes por medalha de ouro.

Não coloquei na tabela outros países como Nova Zelândia, Jamaica, República Tcheca e Espanha que estão em melhor situação. Entretanto, como o objetivo da matéria é mostrar que “se a aparência fosse igual à essência, não haveria lugar para a ciência”. E revelar que países como Cuba e Coreia do Norte têm melhores colocações que as joias brilhantes da economia moderna. Melhores que EUA, Alemanha, França, Itália, Japão etc. Talvez devamos resgatar a frase do nefasto ditador “a economia

vai bem, mas o povo vai mal”. Mesmo porque o Brasil ocupa posição vergonhosa no quadro de medalhas, uma de ouro para cada 65 milhões de habitantes. Isso revela o “belo quadro social”, em que as elites brasileiras colocaram o povo brasileiro.

COLOCAÇÃO	PAÍS	Nº DE HABITANTES	MEDALHAS DE OURO	PROPORÇÃO MEDALHA/HAB.
1º	Hungria	9.971.000	08	1.250.000
2º	Grã Bretanha	60.000.000	29	2.069.000
3º	Cuba	11.200.000	05	2.241.000
4º	Cazaquistão	16.558.000	07	2.357.000
5º	Holanda	16.586.000	06	2.782.000
6º	Austrália	22.620.000	07	3.385.000
7º	Coréia do Sul	49.779.000	13	3.846.000
8º	Rússia	141.930.000	24	5.416.000
9º	França	65.436.000	11	5.801.000
10º	Coréia do Norte	24.451.000	04	6.333.000
11º	EUA	313.847.000	46	6.826.000
12º	Alemanha		11	7.456.000
13º	Itália	81.726.000	08	7.500.000
14º	Ucrânia	60.770. 000	06	7.617.000
15º	Japão	45.706.000	07	18.285.000
16º	Irã	74.798.000	04	18.722.000
17º	China	1.344.130.000	38	35.300.000
18º	Brasil	196. 000.000	03	65.333.000

Vale repetir, bem fez o Presidente Lula e bem faz a Presidenta Dilma em investir em políticas públicas, de investir no fortalecimento da população de baixa renda.

Joaquim Cruz, nosso maratonista olímpico, afirmou “É necessária a prática de esportes nas escolas”. Creio que não só isso. Também esportes nas empresas. Cuba tem espaços poliesportivos nas escolas, nas empresas etc. Desse modo, apesar de encurralado pelo imperialismo, o povo cubano pratica esporte e obtém bons resultados nas competições internacionais.

Não adianta enviar delegações de pequena elite para competir. Para obter resultados, as habilidades e o potencial popular precisam estar presentes. Neste caso, as oportunidades e as circunstâncias devem privilegiar a prática de esporte de toda a população. Não podemos nos iludir. Torcida não ganha campeonato.

EDUCAÇÃO É TUDO: COM CASA, COMIDA E ROUPA LAVADA

23 de junho de 2012

Fala-se muito sobre a educação. Realmente a escola é um patamar básico para o desenvolvimento da sociedade. No Brasil, a escola anda mal das pernas. Só em São Paulo, são perto de 126 mil crianças sem creche. No Brasil, são mais de um milhão de crianças fora das creches, há milhares de crianças fora do ensino fundamental. Alunos com distorção de idade adequada à série. Poucos concluem o ensino fundamental e ingressam no ensino médio. Menos ainda vão para as universidades. O analfabetismo funcional permeia as escolas. A rede escolar é precária: não tem biblioteca ou a tem, mas sem bibliotecário. Não tem informática ou tem, mas sem o instrutor. Entretanto, há muitas escolas de excelente qualidade. O governo federal tem feito imensos esforços para melhorar nosso ensino, ampliando o número de universidades e criando oportunidades para as pessoas de menor renda ingressarem no ensino superior.

Estimulando o ensino técnico e apoiando a ampliação da rede básica de ensino de responsabilidade dos municípios e estados. Entretanto, as dificuldades que envolvem a educação no Brasil não decorrem somente das deficiências da rede escolar. Decorrem, principalmente, das circunstâncias que envolvem a vida dos educandos.

Se um aluno mora precariamente, não possui espaço em casa para estudar, não tem livros, informática, se alimenta mal, se veste precariamente, não tem a saúde cuidada, entre outros infortúnios, certamente não irá bem na escola. Por isso, acrescentamos um antigo dito popular: A EDUCAÇÃO É TUDO, COM CASA, COMIDA E ROUPA LAVADA.

Precisamos estimular a implantação de políticas públicas integradas de educação, saúde, moradia, cultura, esporte e de apoio às condições materiais das famílias de menor renda a fim de criar o ambiente e as circunstâncias necessárias para o desenvolvimento integral dos educandos.

BOLSA MILIONÁRIOS: IMENSO CUSTO BRASIL

20 de junho de 2012

Nas últimas semanas os jornais anunciaram a questão do custo Brasil. Dão publicidade às opiniões desqualificadas, sem base na realidade. Dizem que é necessário desonerar a folha de pagamento, que o trabalhador está muito caro. Uma série de mentiras que não suportam a mais singela observação.

Primeiro que o custo da hora trabalhada no Brasil é inferior ao de muitos outros países. O trabalhador brasileiro ganha de três a quinze vezes menos que seus companheiros dos países concorrentes. E ainda nossa brilhante elite não consegue competir internacionalmente. Na verdade, o custo Brasil está na outra ponta. Está na elite empresarial que mama nos cofres públicos, obtém lucros bilionários sem trabalho dentro da equivalência capitalista. As obras públicas, em sua maioria, são superfaturadas. Existe uma casta de servidores com salários

e mordomias bilionárias que sangra os cofres públicos. Então, vejamos o Bolsa Milionário:

- 200 bilhões pagos anualmente de juros para bancos e espertos do mercado financeiro beneficiam apenas três milhões de pessoas das elites;

- governo devolverá 16, 9 bilhões a exportadores em dois meses;

- incentivos às empresas custaram ao BNDES 97,8 bilhões em 6 anos;

- BNDES fornece crédito de 296 bilhões em 2011, investimentos a empresas; subindo de 21 bilhões, 38%, a mais que o Bolsa Família. O BNDES capta recursos a 10,12% ao ano e empresta a 6%. Banco Central tem prejuízo de 44,5 bilhões com as reservas internacionais no 1º semestre de 2011. Essas reservas servem para assegurar os negócios das elites;

- em 8 anos energia subiu 246% (a mais cara do mundo);

- lucro da Vale subiu 325% no 1º trimestre de 2010;

- 29 bilhões para empresas de telecomunicações. Telefônica, Vivo (que bela privatização!)

- 1,1 bilhões para o espetacular agronegócio;

- o quilometro do metrô da Avenida Paulista custou o dobro do Eurotúnel; assim ocorre na maioria das obras;

- o custo da construção civil não ultrapassa dois mil reais o metro quadrado, entretanto é vendido no mercado a 9 mil, com margem de lucro de mais de 200%;

- servidores do judiciário recebem acima do teto de 50 a 100 mil reais mensais e ainda recebem 500, 600 mil de vantagens eventuais;

- servidores do executivo, do judiciário e do legislativo recebem até R\$ 4.377,00 de auxílio moradia;

- militares têm aposentadoria vitalícia que passa de pai para filho;

- Todo ano são furtados (sonogados) 500 bilhões de impostos.

Apesar de tudo isso, nossa brilhante elite não consegue competir com seus pares internacionais, concorrência que tanto apregoam.

Como se vê, o Bolsa Milionário é o problema central do Brasil. Bem faz a presidenta Dilma em ampliar a destinação de recursos públicos para os programas sociais.

MUSEU DA DEMOCRACIA: COMO OS MORADORES DA CIDADE HOMENAGEARAM LÊNIN

8 de maio de 2012

A polêmica que envolve a doação de um terreno na Santa Ifigênia, feita pelo prefeito Gilberto Kassab ao Instituto Lula para a construção do museu da democracia, fez-me lembrar de um conto que li há muitos anos.

Depois que a Revolução Russa em 1917 libertou camponeses e trabalhadores da servidão existente naquele país. O povo de uma cidade resolveu homenagear Lênin. Imaginaram construir uma grande estátua do líder da revolução. Iniciaram a coleta de recursos. Mantiveram a discussão se a construção da estátua era a melhor forma de homenagem. A cidade estava infestada de mosquitos. Uma lagoa ou rio (não me lembro) próximo da região era o local de proliferação dos insetos. Por fim, os moradores abandonaram a ideia de construir a estátua. Utilizaram os recursos para sanear a região e acabar com os mosquitos. Foi assim que a população homenageou Lênin.

Sinto que Lula não deve ser maculado pela decisão do prefeito e da Câmara de ceder o mencionado terreno. Podem ser localizadas outras opções apropriadas para o Museu da Democracia: o prédio implodido do Moinho poderia ter sido restaurado e acolhido um grande museu além de espaços culturais. Infelizmente este já foi demolido. Entretanto, existem outras opções bastante interessantes. O Cine Ipiranga que está fechado, na Av. Ipiranga, 786; ou o Cinerama na altura do 1400 da Av. São João. Há ainda bingos fechados na própria Av. São João, e tantas outras alternativas existentes na Região.

Adotando esta solução em imóveis que não servem às necessidades populares, no terreno em questão, poderia ser construído comércio no térreo e cerca de 300 moradias populares.

Assim, a meu ver, nossas autoridades estariam, de modo sensato, atendendo a uma necessidade da população mais pobre da cidade de São Paulo e preservando a memória da trajetória de um operário que mudou a história do Brasil.

“Nunca antes na história desse país” um líder operário havia conseguido inserir os trabalhadores como protagonistas políticos, e por um período tão longo, 35 anos. E não é qualquer protagonismo. Desde o início, ali pela metade da década de 70, conheci Luís Inácio da Silva, Lula, sempre lutando por melhores condições de vida para os trabalhadores. E ao mesmo tempo questionando a ditadura militar e criando um partido que organizou os trabalhadores na luta política.

Sou favorável à construção do Museu da Democracia, que pode expor a história da luta dos operários brasileiros e de Lula, que está inserido nesse contexto.

PROGRAMA INTEGRADO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À POBREZA

05 de maio de 2012

Revisado em setembro de 2020

1. Objetivo:

1.1- Tem como objetivo desenvolver políticas públicas específicas, direcionadas para as pessoas (crianças, jovens, adultos, idosos) que vivem em situação de vulnerabilidade social. Que não obtêm renda suficiente para assegurar a sua sobrevivência.

1.2- Busca desenvolver políticas públicas integradas (intersetoriais) capazes de construir a autonomia das pessoas e alcançar os aspectos de viabilização da dignidade humana.

2. Recursos para o Fundo Municipal de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza:

2.1- Município, Estado e União – centralizar recursos;

2.2- Acolher as doações privadas nacionais e internacionais;

2.3- Lucro das estatais, pré-sal, etc.

3. Participação Social:

3.1 – Os programas desenvolvidos por este fundo devem carregar a metodologia da parceria com as comunidades organizadas. Estas são agrupamentos sociais constituídos em dezenas de anos, que acumulam profundas experiências no trabalho social. Onde não há esses agrupamentos sociais, deve-se adotar metodologia de estímulo à auto-organização dos atendidos.

3.2 – Entende-se que a pobreza é uma questão política e que a solução depende do esforço conjunto de toda sociedade e especialmente, de acordo com as circunstâncias, estimular a participação dos atendidos;

3.3 – O poder público tem o papel de monitorar o andamento das atividades do programa, fiscalizar a aplicação dos recursos. E impulsionar a participação transitória das pessoas (famílias) na rede de benefícios.

4. Justificativa:

4.1– A questão central das grandes cidades e/ou regiões metropolitanas do Brasil é a desigualdade social. Poucos ganham muito e muitos não recebem o suficiente para assegurar a sua sobrevivência. Segundo o IBGE 2010, em São Paulo, ricos tem renda, em média, 39 vezes maior que a dos mais pobres. Fugindo das médias, analisando as particularidades das periferias e bairros ricos encontramos diferenças de até 1 para 70 vezes. Passados 10 anos da divulgação do último censo do IBGE e as diferenças sociais se agravaram. O desemprego que em 2010 atingia 4% (quatro por cento) da população, agora em 2020 está em 13,3% (treze por cento). A precarização do trabalho se aprofundou.

4.2– Em São Paulo, 74% da população recebe até 3 salários mínimos. Segundo o IBGE, 65%, na média nacional, recebem até 2 salários mínimos. Em São Paulo, 50%

da população não recebe o suficiente para sobreviver. Estes dados podem ser atualizados com a divulgação das informações do IPEA 2020, ainda não disponibilizados. Entretanto, podemos afirmar que a situação dos trabalhadores/as piorou nos últimos anos.

4.3– O desemprego castiga as pessoas de menor renda. Entre 2005 e 2010, o desemprego aumentou entre os 10% mais pobres. Em 2005, 23,1% da população mais pobre estava desempregada, segundo o IPEA em 10/02/2011. Em 2010, esse número saltou para 33,3%. Enquanto na população de maior renda o desemprego diminuiu 57,1% nos cinco anos. Caiu de 2,1% para 0,9%.

No caso da juventude, as estatísticas indicam o desemprego, em média de 26%. Entretanto, observando as características dos bairros mais pobres, encontramos mais de 40% dos jovens desempregados.

Aqui encontramos a explicação do por que o número de pessoas em situação de rua aumentou em 57% nos últimos 10 anos (2000 a 2010), atingindo 103 mil pessoas em todo o Brasil. Enquanto a população da cidade diminuiu em 0,56%. Em nota técnica, o IPEA/IBGE aponta que a cidade de São Paulo possui, em 2020, 24 mil pessoas em situação de rua e o Brasil 221 mil. Aumentou o número de pessoas em situação de rua em mais de 100% (cem por cento), nos últimos dez anos.

4.4– Essa base econômica que não assegura a sobrevivência das famílias castiga imensamente as crianças. São três mil nas ruas de São Paulo. Muitos abandonados. Milhares em casa sozinhos à mercê das circunstâncias, enquanto os pais trabalham. E milhares de crianças estão fora das creches e do ensino fundamental.

4.5– Na questão da moradia, a situação é dramática. 50% da população sofre o infortúnio habitacional. Resumindo “Se paga o aluguel, não come, se come, não paga

o aluguel”. Os custos urbanos, na cidade consolidada, aumentam velozmente. Enquanto a inflação, na vigência do plano real 1994 – 2009, subiu 207,69%. Os aluguéis aumentaram em média 637,62%. De um modo geral, a renda das camadas populares não acompanha o aumento dos custos dos elementos de sua sobrevivência. Assim, a cidade consolidada expelle de suas entranhas as famílias de menor renda. Segundo estatísticas, a cada 1 hora, uma família vai para moradia precária.

4.6– De um modo geral, quanto menor a renda das famílias, mais dificuldade de acesso às políticas públicas as pessoas têm. Isto porque os pobres são afastados das regiões urbanizadas. São imensos territórios onde os equipamentos de saúde são precários ou ausentes. Qualquer exame leva meses, odontologia, oftalmologia, psiquiatria e psicologia é um luxo. Em muitos lugares não chega internet, não há biblioteca, os transportes são uma tortura diária.

4.7– Os impactos negativos da renda abaixo do valor da força de trabalho são imensos e se propagam no tempo e no espaço. No tempo, atinge várias gerações acumulando um grande passivo social (dívida). Pessoas terminaram sua existência sem usufruir dos direitos fundamentais assegurados pela civilização moderna. Essa ausência de direitos provoca DANOS INDIVIDUAIS e SOCIAIS de necessária reparação. Esses danos se propagam nas diversas dimensões da vida das pessoas e de seus dependentes. Os técnicos afirmam que essas pessoas sofrem de carência multidimensional.

Frente a essa realidade, devemos enfrentar a situação implantando políticas públicas integradas específicas para essas camadas sociais, que trabalhe a superação dos danos que as circunstâncias da vida das pessoas apresentam.

5. Programa integrado de desenvolvimento social e combate à pobreza

Este programa contém um conjunto de iniciativas de apoio transitório às pessoas e às famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade social. E dentro de seu conjunto deve priorizar a moradia. Entretanto, o atendimento dos beneficiários deve ter início pela situação mais sentida que as pessoas se encontram.

5.1 – MORADIA COMO EIXO ESTRUTURANTE DE INSERÇÃO SOCIAL E NA CIDADE:

5.1.1– Pessoas (famílias) com renda de até três salários mínimos;

5.1.2– Princípio de morar perto do trabalho (inserção na cidade, transportes);

5.1.3– Projetos habitacionais nas regiões consolidadas da cidade. Adequação de prédios abandonados, como os situados à Av. Prestes Maia, 911; Rua Mauá, 340; Espigão da Av. São João, Av. Rio Branco, 47 e 53; Av. São João, 588, Av. Ipiranga, 908, Praça do Redentor, Florêncio de Abreu, Liberdade, Vila Mariana, Consolação, INSS Nove de Julho, CEAGESP, terreno na Mooca, Caixa, Banco do Brasil, entorno das redes de trens e novas construções (papel estruturante da cidade);

5.1.4– Urbanização de comunidades, áreas de risco recuperáveis, ocupações precárias. Implementar nessas áreas imenso programa de saneamento básico. Priorizar os processos de regularização fundiária.

5.2 – Iniciativas educacionais direcionadas às famílias e pessoas de menor renda:

5.2.1– Nenhuma criança fora da escola, todas em creches e escolas de acordo com sua idade;

5.2.2 – Ampliar a rede de proteção das crianças abandonadas e/ou vítimas de violência.

5.2.3– Educação de adultos – alfabetização, EJA com bolsa-escola;

5.2.4 – Ampliar a rede de atendimento de idosos – ILPI, centros dia e de referência;

5.2.5– Cursos profissionais, inclusão digital, línguas, bibliotecas, atividades esportivas e culturais nos bairros;

5.2.6– Educação ambiental implantando a coleta do lixo e sua reciclagem. Gerando renda e emprego para as pessoas do bairro e comunidade.

5.3– Universalizar o acesso à saúde, fortalecendo o SUS, focalizando o atendimento das famílias de menor renda por meio dos agentes de saúde e oferecendo serviços odontológicos, oftalmológicos, psiquiatria. Estruturar em cada subprefeitura a Casa de Maria para apoio e atendimento às mulheres, vítimas de violência, gravidez e outras especificidades.

5.4 – Centro Integrado (Intersetorial) de atendimento a pessoas em situação de rua.

5.4.1– Atendimento sócio assistencial com acolhimento, conhecimento da situação e encaminhamento para soluções.

5.4.2– Atendimento específico de saúde nos locais de acolhimento;

5.4.3– Intensas iniciativas educacionais, culturais e esportivas;

5.4.4– Atividades de desenvolvimento e reinserção para o trabalho.

5.5 – Centro Integrado para tratamento de dependentes químicos:

5.5.1– Desenvolver nestes centros um conjunto de atividades para trabalhar as situações diferenciadas em que as pessoas se encontram;

5.5.2– Envolver a participação dos familiares;

5.5.3– Atividades de acolhimento, saúde, educação, cultura, esportes e estímulo ao trabalho;

5.6 – PROGRAMA DE APOIO ÀS FAMÍLIAS

5.6.1– Bolsa Família e/ou renda cidadã: organização das famílias em grupos comunitários. Estabelecer parcerias com associações, comunidades de moradores para cadastrar e levar os atendidos a participar de programas educacionais e sociais para seu fortalecimento.

5.6.2– Bolsa Criança: específico para crianças abandonadas. Para os próprios pais ou famílias que os adotem;

5.6.3– Primeiro emprego comunitário: Bolsa para o jovem estudar e realizar serviços comunitários;

5.6.4– Restaurantes populares (Bom Prato municipal);

5.6.5– Armazéns sociais (sacolões), que deve ser um equipamento público capaz de viabilizar a comercialização de alimentos e outros bens direto dos pequenos produtores aos consumidores.

6 – Desenvolvimento de atividades culturais dos diversos segmentos das artes: música, teatro, cinema, literatura, pintura, escultura criando espaço para emergir todas as expressões culturais dos bairros e/ou regiões.

7 - Conclusão:

Desenvolver com precisão os critérios de acesso ao programa bem como os deveres dos atendidos para que os benefícios sejam transitórios na vida das pessoas.

MORADIA PERTO DO TRABALHO

12 de abril de 2012

Semana passada, novamente o sistema de transporte coletivo da região Metropolitana de São Paulo entrou em pane. A revolta dos passageiros destruiu a estação da CPTM de Francisco Morato. Milhões de passageiros se acotovelaram nas estações. A humilhação diária, sofrida pelos usuários, multiplicou-se neste dia. O ritmo da construção e das melhorias dos transportes coletivos anda mais devagar que uma tartaruga. Enquanto aqui em São Paulo se constroem 2km de metrô por ano, em Pequim se constroem 20km, no México, 15km. Em Pequim, os custos do Km construído é de 125 milhões, em São Paulo em média 270 milhões. É preciso buscar explicações e entender por que há tanta diferença. Enquanto o padrão mundial do transporte de pessoas por metro quadrado é de 6 passageiros, em São Paulo, espremem-se 10 pessoas por metro quadrado. O sofrimento das pessoas é incalculável. Os danos físicos e

mentais se intensificam em todos os usuários do transporte coletivo.

É evidente a necessidade de investir pesadamente em transportes coletivos. Mas não só isso. Precisamos de planejamento e de política urbana que estimulem as pessoas a morar perto do trabalho. Os professores perto das escolas, os profissionais de saúde próximos aos equipamentos de saúde. Os comerciários, os profissionais liberais, os trabalhadores domésticos, os garis, e assim por diante, devem morar perto do trabalho. É preciso adotar um programa habitacional que assegure moradia perto de seus empregos para as famílias de menor renda, aproveitar todos espaços ociosos da cidade consolidada, dar função social a todos imóveis utilizados para a especulação imobiliária.

Urge diminuir o sistema de expansão da cidade ou até diminuir sua extensão.

Com os recursos de um Km de Metrô economizado, dá para fazer 3300 moradias populares em regiões da cidade onde já existe o transporte estruturado.

Certo é que devemos aumentar a capacidade dos transportes coletivos, mas também devemos assegurar que os trabalhadores em geral morem perto de seus empregos.

CIDADE LIMPA É A QUE TEM SEU LIXO RECICLADO

11 de abril de 2012

A lei Cidade Limpa representa um passo à frente no enfrentamento da poluição visual. Lamentavelmente, não toca na limpeza essencial da cidade.

Essa Lei deveria valer também para esgotos. Estes, em grande quantidade, são jogados direto em rios e canais. Estejam eles em aberto, como os rios Pinheiros, Tietê, Tamanduateí, ou em pequenos córregos canalizados. Todos poluídos até a “medula”. De esgotos residenciais a dejetos industriais e comerciais. Deveria se verificar como a SABESP cobra a coleta de esgoto dos municípios, mas não faz tratamento. “Entre 2005 e 2010, há registro de poluição em 65% dos 40 pontos monitorados, na Bacia do Tietê piorou de qualidade ou não teve melhora”.

No trato dos detritos coletados, o aproveitamento do lixo, por meio da reciclagem, estagnou nos últimos 10 anos em São Paulo. Em certas situações regrediu. A cidade recicla apenas 1,500 toneladas da coleta diária que é

de 15 mil toneladas. As cooperativas de catadores funcionam com enormes dificuldades. Não há investimentos públicos para aplicar as técnicas de recuperação dos materiais. Os trabalhadores do setor realizam suas tarefas praticamente de modo manual.

Na verdade, a visão de futuro exige do poder público a reciclagem e o tratamento total do lixo de acordo com as técnicas já desenvolvidas em várias partes do mundo.

Os benefícios para a sociedade seriam imensos, milhares de empregos criados, menos doenças disseminadas, bilhões de reais dos materiais reaproveitados e da energia gerada. Nada seria jogado embaixo do tapete.

De qualquer modo, a Lei Cidade Limpa, precisa sair dos limites da poluição visual e fazer avançar a limpeza em todos os aspectos da sujeira da cidade. Caso contrário, essa Lei carregará em seu ventre o velho ditado popular: “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”.

CIDADES COMPACTAS

4 de abril de 2012

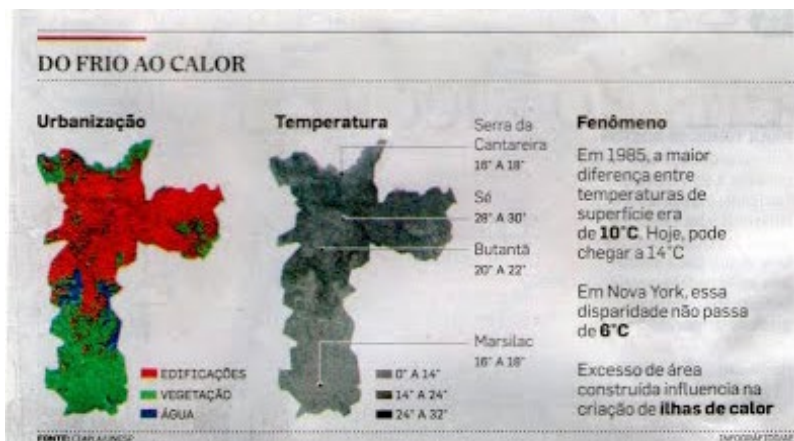
Abordei este assunto em junho de 2011, passados apenas 9 meses, já temos novos dados que preocupam ainda mais.

Matéria do Jornal *O Estado de S. Paulo*, com base em dados da Unesp, dá conta de que entre os bairros da cidade de São Paulo a temperatura que antes variava em 10 graus agora varia em até 14.

Esta pesquisa foi feita em colaboração com a NASA. Veja o gráfico anterior que mostra as diferentes temperaturas em função do adensamento urbano.

As áreas em vermelho no mapa são as mais adensadas e experimentam temperaturas de 28 a 30 graus, enquanto áreas próximas à serra da Cantareira, no extremo norte e de Engenheiro Marsillac, no Sul, a máxima no mesmo instante fica em torno dos 18 graus.

Na primeira semana de junho, São Paulo recebeu a conferência da rede C40 (encontro de representantes de



40 cidades do mundo na luta contra mudanças climáticas). Entre os presentes, os prefeitos de Nova York e Estocolmo, representantes de Seul, Los Angeles, Vancouver, Berlim, Paris, Londres, Amsterdã, entre outros e o prefeito Gilberto Kassab.

Este evento não pode ser esquecido. São Paulo sofreu aumento de temperatura de 3 graus nos últimos cem anos. A diferença de temperaturas entre a área central e a periferia é de 10 graus. Todos os anos, convivemos com desastres naturais (ou muita chuva ou muita seca). No último verão, morreram mais de 60 pessoas em decorrência de enchentes e desabamentos. Temos em nossa cidade 420 áreas de risco e 18 mil moradias nesses locais.

Os desafios são imensos, mas precisamos enfrentá-los. A expansão urbana não pode seguir na marcha atual. Se o poder público não disciplinar o uso e ocupação do solo urbano, teremos imensa conurbação desta região.

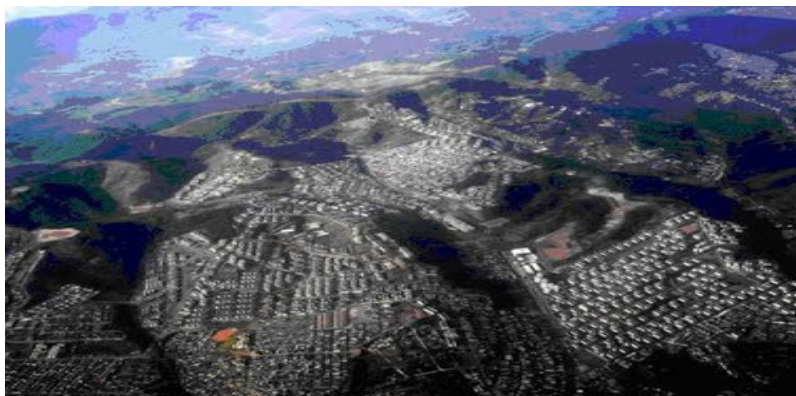
O que já ocorreu em Osasco, Guarulhos, Ferraz de Vasconcelos, Itaquaquecetuba, Santo André, São Bernardo, Diadema e Mauá. A capital ligando-se com a região metropolitana de Campinas, com o Rio de Janei-



ro pelo Vale do Paraíba, com o litoral vazando a Mata Atlântica. É um cenário perfeito para acentuar as mudanças climáticas, as tragédias ambientais e humanas. O poder Público pode e deve trabalhar para ordenar e construir uma cidade compacta. A cidade de São Paulo com 12 milhões de habitantes ocupa um território de 1.522 Km². Possui densidade demográfica de 8000 habitantes por Km². A Grande São Paulo, com perto de 20 milhões de habitantes ocupa uma área de 8000 Km². Densidade demográfica de 2500 habitantes por Km². Enquanto Barcelona ocupa um território de 100,9 Km², possui uma densidade demográfica de 16 mil habitantes por Km².

Se a nossa cidade for adensada para 15 mil habitantes por Km², aproximando-se de Barcelona, São Paulo pode ocupar menos da metade do território atual de 740 Km². A grande São Paulo pode ocupar apenas 1.333 Km².

Com menos território ocupado, teremos menos impermeabilização do solo, gastaremos menos energia, menos mata e fontes de água destruídas. **Podemos devolver as encostas de morros e áreas alagadiças à natureza. Transformar grandes extensões de terra em par-**



ques verdes. Copiar Berlim, que tem 50% do território coberto por áreas verdes.

Para enfrentar o desafio de ordenar nossa cidade precisamos de um plano diretor corajoso, efetivo de longo prazo, que trabalhe as diversas questões urbanas ao mesmo tempo. Transporte, lixo e educação... Mas, ter um carinho especial com uso e ocupação do solo. Desenvolver um plano habitacional arrojado para fixar a população de menor renda nas regiões urbanizadas. Fixar as diversas camadas sociais nas terras boas e urbanizadas da cidade. Adotar o princípio de morar perto do trabalho. Realizar a reforma tributária. Trabalhar para que todas as propriedades tenham função social. Imóveis da cidade não podem ficar vazios, abandonados. Que os tributos sejam cobrados pelo tamanho: até 100 m² imposto justo, acima dessa metragem, progressivo. E pela quantidade de propriedades de um mesmo dono: um imóvel para moradia ou atividades econômicas, imposto justo. Acima disso imposto progressivo, quanto mais propriedades mais impostas.

Implementar a reforma administrativa, que descentralize ainda mais a administração pública e os serviços

da cidade. Estimular os profissionais da saúde, da educação, da limpeza urbana, do comércio, dos transportes, dos serviços em geral, a morar perto do trabalho. Somente o centro expandido da cidade pode acomodar mais de dois milhões de pessoas. Aproveitando-se dos domicílios vazios, dos imóveis abandonados e do entorno da Rede Ferroviária Federal.

O trabalho é grande, a luta é sempre, mas como afirma nosso grande escritor, Machado de Assis: “Tudo é possível”.

LEMBRANÇAS DO PROFESSOR AZIZ AB'SÁBER

29 de março de 2012

“Fale para o Devanir Amâncio não deixar de levar livros para as bibliotecas das penitenciárias”. Recomendou Aziz Ab' Sáber, em nossa conversa pelo telefone, 15 dias antes de sua morte que ocorreu na manhã do dia 16 de março.

O professor Aziz, conhecedor profundo dos contrastes de nossa sociedade urbana e rural, sabia das dificuldades encontradas pelos mais pobres para ter acesso a livros. A Rede Nossa São Paulo divulgou pesquisa que, em 45 distritos da capital, os moradores não têm acesso à biblioteca. E a maioria dos distritos não tem sequer um livro por habitante. No dia 23 de março, os jornais publicaram pesquisa do Instituto Pró Livro que revela: cerca de 75% dos brasileiros jamais pisaram em uma biblioteca.

Vendo essa estatística, lembrei-me do meu primeiro livro. Estava próximo dos 20 anos de idade. Trabalhava na Antártica, como ajudante de caminhão, num depósito da

empresa, no bairro do Ipiranga. Começávamos o trabalho às 6 horas. Só podia bater o cartão faltando 20 minutos. Quem chegava antes tinha que esperar o horário para entrar. Então nos aglutinávamos na recepção do escritório. Um dia encontrei um livro na mesa. Era da recepcionista, que fazia um trabalho sobre literatura portuguesa. Todo dia, então, lia uma parte do livro sem que a dona percebesse. Era *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco.

Voltando ao grande professor Aziz, conheci-o em 2005. Naquele ano havia um agrupamento de sem teto, cerca de 490 famílias, morando em um prédio abandonado no centro de São Paulo, o Edifício Prestes Maia. Lá, os moradores se organizaram e montaram uma expressiva biblioteca comunitária com cerca de 20 mil títulos. Um dia, uma das coordenadoras do local, disse-me que perto da meia-noite havia passado por lá um professor da USP e deixado caixas de livros. Informei-me com o senhor Severino, coordenador da biblioteca, e ele disse que era o professor Aziz Ab' Sáber. Pedi para ser avisado de suas visitas e o encontrei lá na Associação dos sem teto. Ele acompanhou a angústia das famílias constantemente ameaçadas de despejo. Estimulou a ampliação da biblioteca. Em 2006, levou José Mindlin para conhecer a biblioteca dos sem tetos.

Aziz Ab' Saber sofreu com o despejo das famílias e a consequente destruição daquele imenso acervo de livros.

Mantive a amizade com o professor Aziz e procurava consultá-lo sobre questões urbanas, como cidades compactas, impactos da urbanização nas mudanças climáticas, entre outros assuntos. Ele mantinha posição firme em defesa de políticas públicas para melhorar a qualidade de vida da população pobre. Trabalhou incansavelmente para formação de bibliotecas populares. Foi pioneiro na implantação de bibliotecas em penitenciárias.

Ajudou a criar a biblioteca dos garis, onde entregava as caixas de livros recebidos de campanhas que organizava.

Professor Aziz, tenha certeza, vamos obedecer a sua ordem e continuar o trabalho de fazer chegar livros para as famílias de menor renda.



Da esquerda para a direita: Profº Aziz Ab Saber, Sr. Severino, Jomarina, Manoel Del Rio e José Mindlin.

A FALTA DE CRECHES COMPROMETE O FUTURO DAS CRIANÇAS

Março de 2012

No Ato pelo dia Internacional das Mulheres, que aconteceu em São Paulo, 12 de março, mais uma vez as autoridades foram bastante cobradas pela falta de creches, neste que é o município mais rico do país. Vale lembrar que a creche é um direito assegurado na Constituição e não existirá boa educação sem um modelo eficiente, que atenda à demanda de mais de 120 mil crianças de zero a cinco anos, que hoje estão na fila de espera por uma vaga em creche na cidade de São Paulo.

Não tenho dúvidas de que a deficiência do ensino, na vida da criança, começa com a falta de creche. Esse é um desafio que o Poder Público precisa enfrentar rapidamente e disponibilizar o benefício para todas essas crianças nos anos iniciais. Também é necessário melhorar o modelo atual de creches em São Paulo, ampliando o horário de atendimento para 12 horas, o que contem-

plaria a jornada de trabalho das mães e o tempo gasto no transporte.

Mas a questão central que temos que quero abordar é a falta de vagas. São mais de cem mil crianças cadastradas no município que estão fora das creches. Os números se referem às cadastradas. Acredita-se que existam mais de 50 mil crianças não cadastradas, seja por desinformação da família, ou porque, diante da falta de vagas, os pais procurem outras soluções ou desistam de cadastrar os filhos.

Não há informações sobre o papel das creches no IDH — Índice de Desenvolvimento Humano — de uma criança. Entretanto, os educadores das EMEI's afirmam que as crianças vindas de creches têm mais autonomia, são mais sociáveis e desenvolvem o aprendizado mais rápido. Por outro lado, as crianças que não frequentaram creches têm dificuldade para se adaptar ao ambiente escolar e são mais lentas no aprendizado. Logo, o ensino fundamental será mais eficiente se todas as crianças vierem com aprendizados acumulados nas creches. De um modo geral, a creche prepara a criança para a vida coletiva e desenvolve o gosto pelo aprendizado, que é um direito previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente. E a falta de creche produz um outro problema social: o desemprego. Uma das partes do casal é obrigada a ficar em casa para cuidar dos filhos.

A oferta adequada de creche é uma excelente política pública educacional de inclusão social. Primeiro porque transfere renda para a família. Estima-se que uma criança na creche receba por meio dos cuidados e trabalhos educativos, alimentação etc., cerca de R\$800,00. Trata-se de salário indireto. Mas há um impacto positivo maior na família, pois permite que os pais trabalhem sem que deixem os filhos em situação de vulnerabilidade aos cuidados de terceiros.

CRECHES É A PRIORIDADE

29 de fevereiro de 2012

Já escrevi neste espaço sobre creches. E afirmei: “A falta de creches compromete o futuro das crianças”. Nos últimos dias, a mídia noticiou sobre os desafios da educação. Revela que um milhão e cem mil crianças não conseguem vagas nas creches. E três milhões e oitocentos mil jovens e crianças estão fora da escola. São estatísticas oficiais. Na realidade, o número de sem escolas deve ser muito maior. No caso de São Paulo, encontram-se cadastradas 174 mil crianças, sem vagas nas creches. Entretanto, muitas mães desistem de enfrentar filhas. Sabem que não vão conseguir matricular os filhos. Então, a falta de vagas deve ser perto do dobro. E assim pelo Brasil a fora.

Não é preciso discorrer sobre o estrago que a ausência de creches causa nas crianças e em suas famílias. Retarda a socialização e o aprendizado da criança, preciosos anos educativos são perdidos. E mais, os pais que

procuram as creches públicas são trabalhadores de baixa renda. Ambos trabalham para sobreviver. As crianças ficam aos cuidados de terceiros ou de irmãos maiores. Em muitos casos sofrem de maus tratos e outros tipos de violência.

Sabemos que essas crianças são filhos de trabalhadores cujo salário é pago abaixo do valor da força de trabalho. O que provoca um conjunto de ausências de Direitos. Além da ausência forçada da escola, moram inapropriadamente, os cuidados com a saúde são precários, os espaços para brincadeiras não existem e a própria alimentação é inadequada. Essa situação é chamada pelos técnicos de “carências multidimensionais”. Nestas circunstâncias, podemos afirmar que a ausência de creches se aproxima de consentido infanticídio. Promove danos de difícil reparação na vida das crianças.

A situação atual decorre de 500 anos de aprofundamento da miséria social. Mas, o Ministro da Educação, Aloizio Mercadante tem em suas mãos uma imensa empreitada. Iniciar um grande processo de construção de creches.

O governo do Presidente Lula promoveu intenso avanço na educação. Especialmente, na questão universidades federais. Foi o Presidente Operário quem mais construiu universidades públicas e abriu milhares de vagas no PROUNI. Agora, o governo Dilma pode dar continuidade nas políticas educacionais de Lula e priorizar a implantação de creches. Chamar os municípios e traçar um plano ousado para vencer esse desafio. Fazer um plano emergencial composto por parcerias com a sociedade organizada, ampliando a rede de convênios e ao mesmo tempo agilizando o processo de construção de creches públicas. Emergencialmente

traçar parceria com as associações de moradores e trabalhadores, ONG's, igrejas, com quem mais desejar contribuir para resolver essa questão. Ninguém resolve problema social sem a participação das pessoas organizadas socialmente.

Lembrar o cantor Lenine: “A Vida não para, a vida é tão rara”

CRECHE É A PRIORIDADE!

CENTRO INTEGRADO DE TRATAMENTO DO CRACK

11 de janeiro de 2012

A intervenção policial na Cracolândia, centro de São Paulo, tem provocado grande inquietação na cidade. Há informações de que os dependentes da droga se espalham para outras regiões como Glicério, Bela Vista, Santa Cecília, Higienópolis e pelo próprio centro: República, Sé, Liberdade.

Sabemos que é necessário desenvolver ação pública para ajudar os dependentes a saírem das drogas. Baseado em sugestões do Professor Aziz Ab Saber, propus a estruturação de um centro integrado de tratamento dos usuários da droga no antigo quartel do Parque Dom Pedro. O local está abandonado há vários anos.

Poderia, ali, ser desenvolvido um conjunto de atividades articuladas para os dependentes químicos, como ações socioassistenciais com educadores de rua para convencê-los a se tratarem. No centro integrado, deve-se intensificar atividades de saúde combinadas com prática

de esporte, programas educacionais e serviços contínuos para reinseri-los na família e no mercado de trabalho. Contribuir para que o dependente químico supere as diversas situações que o levaram ao uso da droga.

Revendo meu arquivo de jornais para fundamentar a proposta de criação de um Fundo Municipal de Erradicação e Combate à Pobreza, encontrei no jornal *O Estado de São Paulo* de 4 jun. 2011, a informação de que existem abandonados 20 prédios de antigos Hospitais, conforme relação abaixo.

Hospitais abandonados fechados:

- *Clínica Charcot (Sacomã);*
- *Complexo Paulista (Jardins);*
- *Alvorada (Chácara Flora);*
- *Cristo Rei (Parque São Jorge);*
- *Evaldo Foz (Santo Amaro);*
- *Itatiaia (Lapa);*
- *Jaraguá (Moema);*
- *Santa Marina (Jabaquara);*
- *Modelo (Aclimação);*
- *Nossa Senhora da Conceição (Brás);*

- *Panamericano (Alto de Pinheiros);*
- *Santa Marta (Santo Amaro);*
- *São Leopoldo (Santo Amaro);*
- *São José (Imirim);*
- *Sorocabana (Lapa);*
- *Vasco da Gama (Belém);*
- *Maternidade SP (Consolação);*
- *Zona Leste (Vila Formosa);*
- *Unimed (Vila Mariana);*
- *Unicor (Itaim Bibi).*

O Poder Público, baseado no Código Civil, artigo 1228, parágrafo 3º, poderia requisitar algum desses imóveis, adaptando-os e transformando-os rapidamente em centro de tratamento integrado para os dependentes de crack e de outras drogas.

Esta iniciativa pode ser articulada entre os três níveis de governo.

Precisamos de ações detentoras de planejamento consistente, sem improviso, com serenidade e que traga o apoio das famílias e de toda sociedade para enfrentar a questão.

Atualizada em 18 de janeiro de 2012

O governo estadual anunciou a transformação do antigo quartel em Centro Cultural; o prédio localizado no Parque Dom Pedro está abandonado desde 1995. Acharmos importante dar função social àquele imóvel desperdiçado, entretanto, frente às necessidades atuais da população, ao drama enfrentado por famílias e usuários do crack, reafirmamos nossa proposta de transformar aquele imóvel no Hospital do Crack, como Centro Integrado de Tratamento dos Dependentes Químicos.

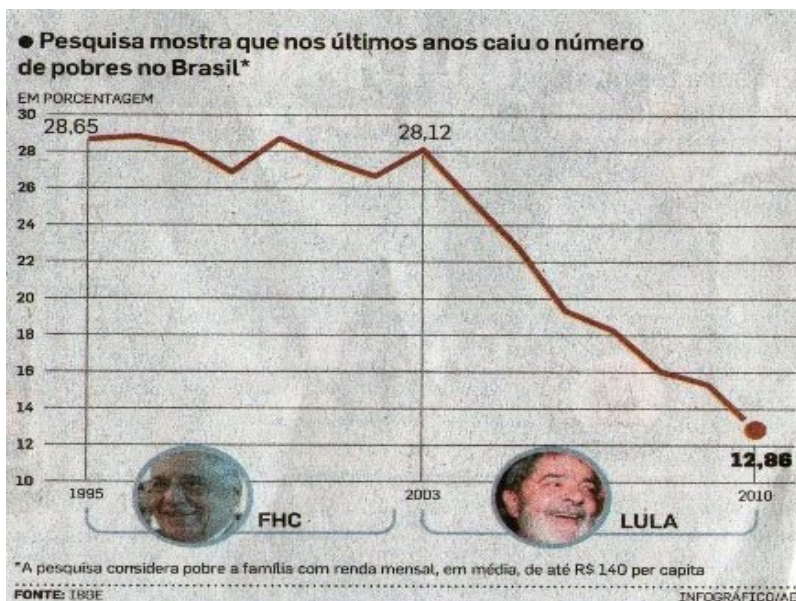
“Quando a necessidade é premente os bens são comuns”.

(São Tomás de Aquino).

SALVE LULA, VIVA DILMA!

10 de janeiro de 2012

“Nos últimos anos, caiu o número de pobres no Brasil”



Gráficos 01 - publicados no Jornal
O Estado de S.Paulo em 03 e 04 de 05/2011

Analizando a realidade da cidade de São Paulo para fundamentar a proposta de criação de um Fundo Municipal de Erradicação e Combate à Pobreza, encontrei estatísticas reveladoras sobre o governo Lula.

O gráfico (01) revela que o número de pobres caiu de 28 milhões em 2003 para 12 milhões em 2010. Redução de mais de 100%.

O gráfico (02) a seguir, abrange o início do governo Fernando Henrique, o governo Lula e agora um ano da presidenta Dilma.

Enquanto a inflação subiu 215,54% entre 2000 e 2012, o salário mínimo foi corrigido em 457,11%. Que ótima recuperação! A tendência de queda do salário ocorria desde 1964. Sempre perdendo o poder de compra, que fora estancado.

Importa observar que o governo Lula interrompeu a tendência histórica no Brasil de queda do poder de compra dos salários e iniciou a sua recuperação. Empregos seguem firme na criação de novas oportunidades de trabalho.

RECUPERAÇÃO DO VALOR

● Evolução do salário mínimo e do IPCA acumulado no ano

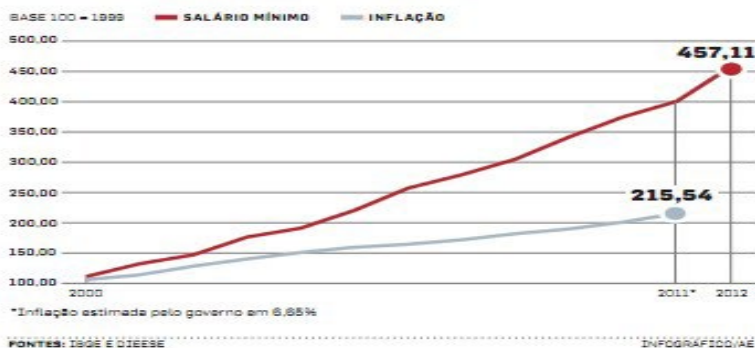


Gráfico 02 - Evolução do salário mínimo

Antes do governo Lula, para qualquer crise econômica que apareceria, a medida adotada era bloquear a correção dos salários, congelar a previdência social, diminuir recursos dos programas sociais. Lula acabou com isso. Passou a considerar programas sociais como investimento.

Essa política tem melhorado a vida de muita gente. Devemos ressaltar que a presidenta Dilma tem assegurado a continuidade dessas medidas, enquanto a inflação do período atingiu 6,5, o salário mínimo de 2012 foi corrigido em 14,01% e tem feito imensos avanços no rumo dos investimentos sociais.

Salve Lula, viva Dilma!

INCÊNDIO NA FAVELA DO MOINHO: UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA

25 de dezembro de 2011

No dia 22 de dezembro pela manhã, a cidade foi sacodida pelo fogo que atingiu a comunidade do Moinho, localizada a menos de 1500 metros da Praça da República, centro da cidade. Entre trilhos e muros da ferrovia, o viaduto da Av. Rio Branco, Campos Elísios, próximo do antigo Palácio do governo Paulista. Nas proximidades, encontramos diversas maravilhas da cidade: o Parque e a Estação da Luz, a Pinacoteca, o Museu da Língua Portuguesa, o da Resistência, e o da Eletricidade, a Sala São Paulo e a Fatec. Localizamos, ainda, na região a pujança econômica do comércio de Santa Efigênia, José Paulino, Mercado Municipal, Zona Cerealista e a própria 25 de Março. Nada desses avanços da civilização moderna beneficia aquela população. Ali reina a profunda ausência dos direitos fundamentais das pessoas. Por falta de opção há mais de 17 anos, 600 famílias ocuparam aquela área e o prédio do antigo moinho abandonado,

onde se originou o fogo (foto no alto). Segundo as autoridades, morreram duas pessoas e dezenas ficaram feridas. Entretanto, as famílias afirmam que mais de 30 pessoas estão desaparecidas.

Os moradores do local vivem dos trabalhos que executam na cidade, realizam serviços domésticos e públicos. São ambulantes, trabalham no comércio, na construção civil e em outras ocupações. Muitos estão desempregados. Vivem ali porque não suportam o custo dos aluguéis. Um cômodo sem sanitário custa mais de R\$400,00 mensais e não aceita famílias com criança. As condições de vida ali são precaríssimas. Mas os moradores lutam bravamente para melhorar de vida. Com apoio de entidades religiosas e de movimentos sociais conquistaram uma creche, uma biblioteca e outras melhorias. Lutam para legalizar a posse da terra por meio de um processo de usucapião.

Para superar aquela situação, são necessárias políticas habitacionais ágeis e atitudes mais profundas das autoridades, como gerar emprego e renda de qualidade, com remuneração que assegure as necessidades básicas das famílias. Recursos públicos não faltam. O município tem 6 bilhões em caixa, estocado no banco. O Estado esbanja recursos públicos em projetos não prioritários. A União por meio do BNDES destina bilhões para a iniciativa privada. Não adianta se emocionar somente no momento da tragédia maior. Para a população pobre o sofrimento é permanente.

Precisamos trabalhar irmanados para eliminar as condições que geram essas tragédias. As catástrofes provocadas pelo fogo ou por inundações vão prosseguir, atingindo milhares de famílias que vivem em áreas de risco ou em situação semelhante à da comunidade do Moinho.

O Poder Público pode se antecipar e impedir mais sofrimento humano. Legalmente, baseado nos artigos que dispõem sobre a função social da propriedade e no Código Civil, artigo 1228, parágrafo terceiro: “O proprietário pode ser privado da coisa, nos casos de desapropriação, por necessidade ou utilidade pública ou interesse social, bem como no de requisição, em caso de perigo público iminente.”

Baseados nesses dispositivos legais, podem-se requisitar os imóveis vazios, fechados e abandonados dos três entes federados, autarquias e empresas estatais como Petrobras, Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, INSS etc. Os prédios dos 20 hospitais desativados, que se encontram vazios, abandonados, como o antigo hospital Matarazzo, que serve somente à especulação de fundos financeiros. Requisitar, ainda, os prédios abandonados, mais de mil na cidade de São Paulo.

Como o espigão da Av. São João, 611. Fazer rápida adaptação na hidráulica, na elétrica e na segurança. Em parceria com as associações de moradores e movimentos dos sem teto, acolher, organizadamente, todas as famílias moradoras das áreas de risco e situações precárias.

Em tempo: para os moradores da comunidade do Moinho, pode ser feito rapidamente alojamento no terreno vazio de 40 mil metros quadrados do Ceagesp, ao lado, depois construir moradias no local da comunidade. Abrangendo os dois terrenos, da comunidade e do Ceagesp, é possível construir mais de três mil moradias populares no local.

Soluções existem, mãos à obra.

INDIGNADOS E OFENDIDOS OCUPAM WALL STREET

28 de novembro de 2011

Acompanhamos pelos jornais grandes manifestações sociais em todo o mundo. Nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha e até no Brasil tivemos protestos na Cinelândia e no Vale do Anhangabaú. Os sem-teto aproveitaram a oportunidade e ocuparam 12 prédios abandonados no centro de São Paulo.

Anteriormente, tivemos a primavera árabe, grandes manifestações pela derrubada dos ditadores. O governo da Grécia caiu e também outros governos como o de Portugal, Espanha, Irlanda, Itália tiveram que deixar o poder. Importa estudar quais as causas desses fenômenos e observar também em que momento é necessário parar tudo. Mas isso parece pelos dados da realidade, que o sistema econômico tem um defeito congênito sem cura. Esse tipo de governo exclui imensos contingentes populacionais dos processos produtivos e dos bens desenvolvidos pela sociedade moderna. Nos países árabes, mais

de 30% da população está desempregada. Na Grécia, 45% dos jovens estão desempregados e, na Espanha, 42%. Nos EUA, a média de desempregados atinge 9%, entretanto, entre hispânicos e negros deve ultrapassar 20%. No Brasil, a média de desemprego é de 6%. Porém, entre os 20% mais pobres, o desemprego atinge 26%. Este fenômeno concentra a renda na mão da minoria e impõe a miséria para a maioria da população.

Estudando a boa teoria, verificamos no Capítulo que trata da maquinaria moderna algumas conclusões de seu autor: “a maquinaria moderna cria ociosos e abastados [...] cria superpopulação”. Nada a ver com a teoria malthusiana. Quer dizer que grandes contingentes populacionais ficarão fora dos processos produtivos. Passarão a vida sem trabalho, sem remuneração digna, lutando bravamente para sobreviver. E as pessoas que detém o controle das máquinas serão abastadas e ociosas. Tudo a ver com o movimento nos EUA — os 99% da população contra 1% de milionários, daí o termo ocupe Wall Street.

O jornalista Gilberto Dimenstein escreveu na *Folha de São Paulo* no dia 6 de novembro “Haverá emprego para nós?” Fala sobre o computador WATSON desenvolvido pela IBM que guarda informações de cerca de 1 milhão de livros. Bem, é assustador e maravilhoso ao mesmo tempo.

Parece que os contrastes do sistema econômico atual está se aprofundando rapidamente, trazendo sofrimento humano para milhões de pessoas.

É preciso superar essa contradição, colocar a maquinaria moderna trabalhando para todas as pessoas igualmente, sem nenhuma restrição. Assim desaparecerá a miséria, a desigualdade social e terá fim as revoltas. Como diz o poeta Chico Buarque: “Amanhã será outro dia”.

REPOVOAR O CENTRO PARA ESTIMULAR A INCLUSÃO SOCIAL E COMBATER AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

20 de novembro de 2011

“É a oportunidade do momento”

No início do mês, os sem tetos ocuparam 12 prédios abandonados no centro da cidade de São Paulo. Imóveis sem função social há mais de 5, e até 15 anos. É um câncer no coração da cidade.

Cheios de imundice, pulga, barata, dengue, rato, muito lixo e esgoto acumulado. Mesmo sem servir à cidade, se apropriam dos recursos públicos investidos na região. Todos os anos são valorizados mais do que ouro estocado.

Analisando aquele quadrilátero, Av. São João, Av. Rio Branco, Av. Ipiranga e áreas próximas, onde os sem teto empreenderam suas ações, encontramos imenso deserto de prédios fechados, abandonados. Algumas consumindo recursos dos contribuintes, pois são vigiados frequentemente pela guarda civil metropolitana.

Subindo a Av. São João do lado esquerdo do n. 519, 587, 601, 613 até a esquina com a Av. Ipiranga, pelo lado direito da Av. São João encontramos os números 288 e 588 chegando também à Av. Ipiranga.

Na Av. Rio Branco, quase um quarteirão entre a divisa com o Largo do Paissandu e dá fundo para a Rua do Boticário. Na Av. Ipiranga encontramos, os números 905 e 908 na esquina com a São João, na Praça da Republica. Nas adjacências, muito próximas do local, encontram-se dezenas de imóveis abandonados nas mesmas condições dos citados acima.

Essa situação acentua o desequilíbrio social e urbano. Impede que as famílias de menor renda tenham acesso à moradia e a cidade. E também, revela a cidade do desperdício e do caos urbano.

Estes imóveis, da Av. São João, Ipiranga, Av. Rio Branco, e outros podem ser transformados em moradia social para acolher as famílias de menor renda e assegurar que morem perto do trabalho. A adequação deve levar em conta a sua sustentabilidade. Aproveitando a energia solar, reaproveitando a água, a reciclagem do lixo. Os térreos, subsolos e primeiros pavimentos devem servir para equipamentos sociais e comércio popular. Destinando espaço para que empreendedores de menor renda, moradores do local, desenvolvam suas atividades comerciais de modo regular.

No centro expandido de São Paulo é possível acolher perto de um milhão de pessoas. Sem destruir uma árvore, sem impermeabilizar um metro de solo a mais, sem destruir uma fonte de água, sem viver no esgoto a céu aberto, sem consumir a energia dos transportes, sem perder tempo no trânsito. O centro poderia acolher com segurança os moradores de áreas de risco e todos os 600 mil trabalhadores que executam serviços nessas regiões

A cidade será mais compacta e muitas áreas podem ser devolvidas à natureza.

É possível compreender a luta entre as diferentes classes sociais que impede a aplicação dessas mudanças. Mas burrice tem limite. Todo apoio aos sem teto.

RENDA DO PETRÓLEO DEVE IR PARA EDUCAÇÃO, MORADIA E EMPREGO

19 de setembro de 2011

Aproveitando que o governo apresentou na semana passada proposta alternativa para a distribuição dos *royalties* dos contratos atuais da exploração do petróleo, achei interessante retomar aqui a minha opinião. Pela proposta do governo, a união reduziria sua participação nos *royalties* de 30% para 20%. Os estados produtores diminuiriam de 26,25% para 25% e os municípios produtores, de 26,25% para 18%. O valor resultante seria repassado para estados e municípios não produtores de petróleo. Minha proposta é:

“Para erradicar a pobreza, a renda do petróleo deve ir para Moradia, Educação e Emprego.”

As jazidas de petróleo encontradas no pré-sal são imensas. Se as rendas dali extraídas forem corretamente aplicadas, é possível acabar com a miséria social no Brasil.

Empresas estatais como Petrobras, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal pertencem ao governo brasileiro, ao povo brasileiro. Entretanto, seus resultados não chegam até a população que mais precisa deles, que recebe de zero a três salários mínimos. Defendo a aplicação desses recursos, especialmente, em políticas públicas que beneficiem famílias de menor renda.

Em terra de baixos salários, de trabalho informal e desemprego, milhões de pessoas não têm suas necessidades básicas asseguradas. É o caso do Brasil. Logo, o governo brasileiro deve universalizar as políticas públicas que atendam essas pessoas.

Proponho, então, que parte dos lucros líquidos das estatais, especialmente da renda do petróleo, seja destinada para Educação e Moradia popular. Outra parte em política de desenvolvimento produtivo, projetos agroindustriais para gerar emprego e renda — na indústria e agricultura.

Os recursos destinados para Educação devem ser aplicados especificamente para atender a famílias que recebem de zero a três salários mínimos. Para esse benefício chegar até esta camada social, o governo deve primeiro aplicar os recursos no ensino fundamental, nas creches para crianças de 0 a 6 anos, cujo período de atendimento seja de 14 horas diárias. Segundo, completando os esforços no seguimento educacional para atender a essa camada social, criar bolsas de estudo/emprego comunitário para jovens. O jovem recebe um salário mínimo para se dedicar ao estudo e meio período para realizar serviços comunitários.

Outra parte dos lucros das estatais e do petróleo deve ser aplicada em moradia popular, moradia digna acessível. Deve criar programa que assegure o ingresso da família de baixa renda como Locação Social, e outros, para

retirar as pessoas das péssimas condições habitacionais em que se encontram.

Estes investimentos impactam de modo decisivo e mais amplo na vida do povo pobre, como na geração de empregos, na saúde, na medida que retira as pessoas das péssimas condições de moradia. E mais... essas riquezas não devem parar nas mãos dos rentistas improdutivos.

Para que estas propostas se realizem, a população e os trabalhadores em geral devem se mobilizar e lutar por seus interesses. Estarei junto de quem pretender lutar para assegurar a aplicação da renda de nossas riquezas adequadamente e acabar com a miséria no Brasil.

**“QUANDO A NECESSIDADE É
PREMENTE OS BENS SÃO COMUNS”
(São Tomás de Aquino).**

CRECHE URGENTE: FALTAM 174.168 MIL VAGAS EM SÃO PAULO

19 de novembro de 2011

“A falta de creches compromete o futuro das crianças”

A falta de vagas atinge 174.168 mil crianças. São 15 mil nomes a mais da demanda registrada há quatro anos.

Além dos prejuízos que sofrem as crianças na fila das creches, pelas nossas informações, elas ficam vulneráveis em casa, com os pais no trabalho. Muitas delas são cuidadas pelos irmãos, que são obrigados a se ausentar da escola no ensino fundamental para protegê-las. O que agrava a situação daquela família.

O poder público deve, imediatamente, disponibilizar vagas para as crianças em idade de matrícula em creches.

MORADIA COMO EIXO ESTRUTURANTE DE INCLUSÃO SOCIAL DA CIDADE

1° de novembro de 2011

No dia 18 de outubro, participei do seminário “Moradia é Central: inclusão acesso e direito à cidade”, realizado aqui em São Paulo por diversas instituições do Município: Centro Gaspar Garcia, ULC, MSTC, GARMIC, MMC, MMRC, ASTC e Associação São Joaquim. Ali encontrei a boa militância da luta por políticas públicas habitacionais do Recife, de Fortaleza, Belo Horizonte, Salvador, São Paulo e outras regiões.

É um tema instigante. As cidades brasileiras, especialmente as regiões metropolitanas, não acolhem com dignidade as famílias de menor renda. Nesses territórios, as leis de mercado imobiliário promovem o enriquecimento das classes possuidoras por meio dos ganhos com a renda da terra. O imóvel é o melhor investimento. Tudo que se consome e produz gera renda para os proprietários. Os investimentos públicos também são transferidos para quem tem o imóvel. Quando chegam serviços

públicos na região, transportes, saúde, escolas, asfalto, pronto o valor do imóvel e dos aluguéis sobe de preço.

São Paulo é uma região metropolitana, é um grande território de exploração da renda da terra. Encontra-se grande estoque de propriedades sem função social. São, segundo o Censo de 2010, 293 mil domicílios vazios. O centro expandido tem 1053 prédios abandonados. São vinte hospitais, com imensas áreas, antigas fábricas e áreas de comércio, todos sem utilização.

Nos últimos 10 anos, essas propriedades foram valorizadas em perto de mil por cento.

Essa realidade impede o acesso à moradia das famílias de menor renda. Essa população é excluída das áreas urbanas e das regiões boas da cidade. Metade da população de São Paulo vive em regiões precárias, sem esgoto, distante, sem equipamento urbano. Umhas com situações de extrema precariedade, outras um pouco menos. Mas de modo geral, estão excluídas da cidade. As famílias abraçadas pela insuficiência dos meios de sobrevivência, como baixo salário e desemprego, necessitam de um programa completo de inclusão urbana. E a moradia é o programa social mais completo de inserção social na cidade e na sociedade. É a política pública que apresenta imensas possibilidades, de acordo com a situação da família de assegurar a sua autonomia.

Expressei minha opinião. Discorri sobre um programa que tenha a moradia como eixo estruturante de inclusão social da cidade. Essa iniciativa deve garantir moradia e outras medidas que assegurem condições à família de menor renda, a fim de morar nas regiões urbanizadas e centrais da cidade. Adotar o princípio de morar perto, profissionais das áreas da saúde, educação, do comércio, da indústria, segurança, do transporte, da limpeza etc. Habitar próximo de onde trabalha.

Realizar um grande programa habitacional no entorno da Rede Ferroviária Federal — da Lapa a São Caetano. É possível fazer mais de 500 mil moradias. Retirar toda população de áreas de risco e mananciais. Aproveitar com projetos sustentáveis prédios e terrenos vazios, com aproveitamento de energia solar, reciclagem de água e lixo. No térreo de cada edificação, serviços públicos e bancas para o comércio popular, com a finalidade de empregar os próprios moradores.

Por fim, seguir no rumo de construir uma cidade compacta, devolver grandes áreas para a natureza e combater as mudanças climáticas.

Repito nosso querido Machado de Assis: “Tudo é possível”. Acrescento: com muita luta.

EM GENEBRA NÃO RECICLAR LIXO É DELITO

Outubro de 2011

Uma das grandes questões enfrentadas pelas cidades é o destino de seu lixo. Os esgotos poluem suas águas por falta de tratamento. Os detritos e as sobras poluem as áreas de aterros sanitários. O drama revelado agora no espaço do Center Norte e conjunto habitacional “Zaki Narchi” já se apresentou em conjuntos como Barão de Mauá, Vila Nova Cachoeirinha e tantos outros. Espaços destinados a aterros sanitários, posteriormente utilizados para comércio e moradia. Neste momento, o lixo fala: “Não trataram de mim adequadamente por isso me revolto e boto pra fora o que deveria ser aproveitado”.

Na verdade, estamos deixando de aproveitar aquilo que a boa teoria e a Ciência nos ensinaram: “Da podridão nasce a flor”, ou “tudo se transforma em seu contrário”. Portanto, o lixo urbano pode ser transformado e trazer riquezas e melhorias de vida para as pessoas e para a cidade.

Tudo pode ser reaproveitado para voltar ao que era antes. Transformar-se do que é para o que não é. Papel, plástico, metais, madeira, vidro, móveis, alimentos em adubos etc. O que não se reaproveita, pode ser queimado e transformado em energia. Além disso, o trabalho para reaproveitar o lixo criará milhares de empregos. O tratamento apropriado do lixo trará impactos positivos para a cidade e para seus munícipes: na educação, trabalhando a questão da preservação do meio-ambiente e o combate às mudanças climáticas; na saúde, pela melhoria do ambiente urbano; na criação de emprego, e nos bens produzidos do lixo. Vamos aproveitar a experiência de outras cidades e reciclar o lixo. Em Genebra, não reciclar é delito. Para isso o Poder Público Municipal deve iniciar o programa de tratamento do lixo imediatamente. Cidade limpa é a que tem seu lixo reciclado.

TODOS OS DIAS DAS CRIANÇAS

Outubro de 2011

Menino ligou para 190 ao ser deixado pela mãe. Grupo de meninas assalta na Vila Mariana. Estatísticas revelam que existem três mil nas ruas “trabalhando” ou em situação de rua, em São Paulo. O quadro é dramático. Equipara-se ao período da revolução industrial, onde famílias operárias consumidas por jornadas de trabalho de até 18 horas diárias, e sem meios para sustentar os filhos, os abandonavam.

O menino que ligou para o 190 estava cuidando dos mais novos. O pai é pedreiro, estava trabalhando, a mãe para poder estudar, e obter o bolsa universidade, foi trabalhar na escola da “família”. Esta situação é comum em São Paulo. Os mais velhos ficam em casa para os pais trabalhem. Duas das meninas, do caso da Vila Mariana, estão no abrigo, que a organização que presido, a APOIO, gerencia em convênio com o município de São Paulo. Estive com elas na festa do “Dia das Crianças”. São inteligentes, ativas.

A violência que atinge as crianças ocorre, na maioria absoluta dos casos, pela dificuldade de sobrevivência das famílias. Pai e mãe trabalham fora e não têm como proteger os filhos. A explicação está na base podre de nossa economia, os salários não cobrem as necessidades básicas das famílias.

Sendo assim, mais de três milhões de crianças no Brasil estão no mercado informal de trabalho. Na verdade um conjunto de infortúnios atinge as crianças das famílias de menor renda.

Neste 12 de outubro de 2011, vamos renovar nossos compromissos com todas as crianças. Trabalhar para que nenhuma criança, nenhum adolescente e jovem fiquem fora da escola, de creches, ensino fundamental, ensino médio, acesso à informática e línguas. Apoio total às famílias de menor renda para que consigam criar, educar e proteger seus filhos.

A FORÇA ESPORTIVA DE CUBA

9 de setembro de 2011

Terminaram, no final de Outubro de 2011, os Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, no México. O Brasil foi bem, obteve o 3º lugar com 48 medalhas de ouro. Em primeiro, EUA,92. Cuba em 2º lugar com 58 medalhas. Em 4º lugar, México. Em 5º lugar, Canadá; em 6º, Colômbia e em 7º Argentina.O que chama a atenção é a posição de Cuba, ocupando o 2º lugar. Se adotarmos o critério da proporção de medalhas de ouro com o número de habitantes de cada país, Cuba ficaria em primeiro lugar com imensa vantagem. Fazendo as contas.

Ver tabelas publicadas nos jornais:

Colocação	País	Nº Habitantes*	Medalhas**	Proporção medalhas/habitantes
1º	Cuba	11,2 milhões	58	194.103
2º	Canadá	34,1 milhões	30	1.137.000
3º	Argentina	40,5 milhões	21	1.924.000

4º	Colômbia	46,3 milhões	24	1.929.000
5º	Guatemala	14 milhões	07	2.000.000
6º	Equador	15 milhões	07	2.142.000
7º	Venezuela	28 milhões	12	2.333.000
8º	México	113,5 milhões	42	2.700.000
9º	EUA	308,7 milhões	92	3.358.000
10º	Brasil	195 milhões	48	4.062.000

***Aproximadamente - **Medalhas de ouro**

O que chama atenção é Cuba ocupando o primeiro lugar com larga vantagem. E os EUA em penúltimo lugar. Talvez esse país não tenha dado importância a esses jogos. Pois, contraria suas posições nas olimpíadas.

Surpreende que o Brasil nos últimos lugares após ter ampliado suas conquistas.

Detendo-nos na realidade desses fatos, podemos afirmar que a força esportiva de Cuba se explica pelo acesso universal da população à prática do esporte, assim como o acesso à saúde, educação. Lá, filho de trabalhador se forma como engenheiro, médico, etc. Na verdade, lá não tem “só carro velho”.

No caso do Brasil, é o contrário. A prática do esporte, desde a tenra idade, é privilégio de uma minoria. A grande maioria da população luta com determinação para sobreviver. Estão excluídos da educação, saúde, moradia, alimentação apropriada e também da prática esportiva.

A publicação do último IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) confirmou o que se vê. A desigualdade de renda e social é gritante. Enquanto o país deve assumir como a 6ª economia mais forte do mundo, o IDH está em 84º lugar. Bem fez o presidente Lula e agora faz a presidente Dilma de implementar políticas públicas e sociais para melhorar a vida da população mais necessitada.

HOSPITAL DO CRACK: A LUTA PELA VIDA

1º de agosto de 2011

Estatísticas revelam que no entorno dos bairros da Luz, Bom Retiro, Santa Cecília, Santa Efigênia, há uma concentração de mais de dois mil usuários de crack.

Na verdade, a utilização dessa droga se espalha por todo país. É quase um caminho sem volta.

Cartilha do crack lançada pelo Instituto Crack Nem Pensar, Conselho Nacional do Ministério Público e Conselho Nacional de Justiça, revela informações preciosas sobre a droga.

Os usuários são destruídos progressiva e rapidamente. Suas relações sociais são abaladas, o vício promove sofrimento profundo em toda família. Essa realidade se apresenta como uma grande doença social do momento. Então, precisa ser tratada e combatida, com serenidade, por toda sociedade.

O Poder Público deve desenvolver políticas públicas integradas de tratamento dessa doença e combinar ações de políticas sociais com saúde e educação.

Propomos a implantação de um centro específico de tratamento das pessoas viciadas em crack e outras dependências químicas. Esse centro (hospital do crack) pode ser implantado no prédio abandonado, antigo quartel, situado no Parque Dom Pedro. Os recursos devem ser compartilhados entre os três níveis de governo: União, Estado e Município. E que esta iniciativa se espalhe pelo Brasil.

CRACOLÂNDIA NÃO PODE SER TRATADA COM DESDÊM

Atualizado em 25 de novembro de 2011

Avança o número de pessoas dependentes do crack em todo o país. Em São Paulo a Cracolândia se espalha pela cidade. Do mesmo modo que o Poder Público investiu em museus, salas de música, espaços de cultura etc., deveria também acelerar a construção do Hospital do Crack, no quartel abandonado do Parque Dom Pedro (conforme o artigo “Hospital do Crack”).

Esse “Hospital” deveria conter um complexo de atividades para recuperar os dependentes químicos, combinando ações de saúde, educação, cultura, esporte.

Não adianta afugentá-los para outras regiões, empurrar o problema de um lugar para outro. O Poder Público precisa investir nessas pessoas para ajudá-las sair do vício.

INSERIR FOTO DO QUARTEL.

BOA NOVA: BOLSA EDUCAÇÃO

24 de junho de 2011

O Deputado Tiririca apresentou os projetos Bolsa Alfabetização e Vale Livro. É uma grande iniciativa. As questões da nossa educação são imensas e variadas. Não se trata somente de ter escolas. Boas escolas existem no Brasil, entretanto, são apropriadas pelos segmentos sociais de maior renda. Na verdade, a desigualdade social, a falta de meios suficientes para sobreviver, empurram milhões de pessoas para fora das escolas.

Está no jornal de hoje: entre os 16,2 milhões que vivem abaixo da linha da extrema pobreza, com renda de até R\$ 70,00, encontramos 10,5 milhões de pessoas em situação pior ainda, vivendo com até R\$ 39,00 por mês. Vamos encontrar mais de 30 milhões de pessoas em situação semelhante. É quase a população toda da Argentina.

Essa condição econômica sufoca as pessoas, elas sofrem um conjunto de carências, os direitos elementares estão ausentes. George Orwell afirma em um de seus

livros: “A miséria aniquila o futuro”. Vale lembrar o desabafo de um jovem do Batan-Rio, local onde 36,5% da juventude não estuda e nem trabalha. Disse um deles depois de desistir de vez de estudar: “Viu só? Não sirvo pra nada.”

As pessoas aprisionadas pela miséria precisam de um programa social completo para tirá-las dessa situação. Projetos como o do deputado Tiririca devem ser apoiados, mas precisamos de programas mais amplos e articulados.

Devemos combinar o apoio financeiro com os deveres educacionais e sociais. Proponho então, o BOLSA EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA, de R\$ 545,00 com deveres expressos para apontar a porta de saída do programa.

Serão aglutinados em grupos de 100 pessoas por comunidade e/ou associações de moradores. Neste espaço, aplica-se um programa completo de formação: alfabetização, ensino fundamental, cursos profissionalizantes, inclusão digital. Explorar possibilidade de geração de renda, como reciclagem de lixo e outras oportunidades existentes na comunidade.

Não podemos esperar. Devemos começar já. Vamos trabalhar para construir a autonomia das pessoas que é o elemento fundamental da dignidade humana. Lembrar o nosso escritor Machado de Assis em crônicas: “Bem diz o Eclesiastes: Algumas vezes tem o homem domínio sobre outro homem para desgraça sua”. O melhor de tudo, acrescento eu, é possuir-se a gente a si mesmo.

AS TAXAS MÉDIAS DE RENDA E DESEMPREGO

19 de junho de 2011

O IBGE 2010 divulgou os dados sobre crescimento da renda média de 0,5% ante fevereiro e 3,8% sobre março de 2010, atingindo R\$ 1.557,00. É a menor taxa de desemprego dos últimos anos, 6,5%. São dados que devemos aplaudir, além de apoiarmos as medidas que buscam melhorar a renda e criar empregos. Isso são tendências dos últimos anos que buscam estancar o aprofundamento da miséria social. A turma do “quanto pior, melhor para eles” está alvoroçada. Dizem que isso provoca inflação. Voltamos a falar disso mais adiante. Antes quero falar um pouco sobre essas médias.

Média é aquele indicador que você pega o maior e o menor, divide e apresenta aquilo que está no meio. Se você coloca uma touca térmica na cabeça de uma pessoa e eleva a temperatura a 50 graus e coloca gelo no pé com temperatura baixa, você diz que a temperatura do umbigo está boa, mas a cabeça dela está torrada e o pé gangre-

nando sem circulação de sangue. Isso para dizer que as médias não podem ser levadas a sério. Outros dados devem ser levados em conta para explicar a média. No caso da renda média de R\$ 1.557,00, sabemos que mais de 50 milhões de pessoas recebem apenas um salário mínimo de R\$545,00. Outros, até menos, alguns, um pouco mais, e apenas 3% recebe acima de cinco salários mínimos. Já é hora do IBGE divulgar as diversas faixas de rendimentos dos trabalhadores.

Os dados dizem que o desemprego tem média nacional de 6,5%. Mas, temos informações de que para a juventude o desemprego atinge mais de 25%. Em algumas regiões metropolitanas, como Recife, Salvador, Belém, entre outras, o desemprego chega perto de 20%. Por faixa de renda, foi divulgado que o desemprego, para os trabalhadores de renda até R\$203,30 *per capita*, subiu de 20,7% em 2004 para 26,27% em 2008, mas diminuiu nas faixas de maior renda *per capita* de R\$ 812,30 mensais de 4,04% em 2004 para 1,4% em 2008. Não dispomos de informações sobre o desemprego na faixa etária acima de 40 anos de idade e entre mulheres e negros. Também é necessário esmiuçar o trabalho informal (bico) que se passa nesse segmento.

Com as diversas variáveis que compõem a média, podemos nos aproximar da realidade e ter posicionamentos mais próximos da verdade.

Dizer que a melhora no salário e no emprego provoca inflação é a velha insanidade daqueles que pregam o “quanto pior, melhor para eles”. Primeiro, o salário não está aumentando, está sendo corrigido apenas. Para fazer uma afirmação dessas, precisamos comparar os salários com outros preços, como alimentos, roupas, aluguéis, imóveis, condução etc. Não vamos nos iludir com a média — inflação. Esta, isoladamente, não serve para comparar os salários.

Na verdade a inflação se apresenta em decorrência dos custos improdutivos, que entram na composição dos preços, como juros, aluguéis, lucros, altos salários dos executivos, do meio midiático, dos poderes públicos, da corrupção. São custos que não retornam para criar bens, mas somente para acumular ou ser consumido na compra de bens de luxo desnecessário à vida humana. “Se aparência fosse igual a essência não havia lugar para a ciência”.

LUTA DOS SEM TETOS FIXA POPULAÇÃO DE MENOR RENDA NO CENTRO DE SÃO PAULO

9 de junho de 2011

Tratei desse assunto no texto “Distritos do centro ganham habitantes”. Entretanto, o jornal *O Estado de São Paulo* voltou a noticiar aspectos desse fato. O censo de 2000-2010 revela, segundo o jornal, que a região central recebeu 63 mil habitantes. Enquanto no censo passado (1990-2000) perdeu 101.327 habitantes. O jornal consulta “especialistas” urbanos para saber as causas desse fenômeno. As explicações são várias, nenhuma delas convincentes. Uns falam de expectativa de revitalização, outros, de faixas etárias. Entretanto “o real se apresenta no meio da travessia”, segundo Guimarães Rosa. Reafirmo o exposto no outro texto. **A LUTA DOS SEM TETO CONQUISTOU POLÍTICAS PÚBLICAS HABITACIONAIS PARA FAMÍLIAS DE MENOR RENDA MORAR NO CENTRO DA CIDADE.**

Na década de 90, em pleno esvaziamento do centro, os sem teto, sem perspectiva de conseguir moradia,

passaram a ocupar imóveis abandonados nessa região. Entre 1998 e 2000, mais de 20 prédios estavam ocupados, entre eles, Casarão da Alameda Cleveland, Pirineus, 9 de Julho, Ana Cintra, Hospital Matarazzo, Hotel São Paulo, Abolição, Brigadeiro Tobias, Asdrúbal do Nascimento. Até o Fórum Trabalhista do juiz Nicolau foi ocupado. Essa ação organizada e legalmente fundamentada obrigou o Poder Público a implantar Políticas Públicas Habitacionais. Foi criado o PAR, o PAC em seguida veio a Locação Social, as Moradias Provisórias, Bolsa Aluguel, a Carta de Crédito etc. Com isso, vários empreendimentos populares foram viabilizados no centro da cidade, entre eles, Riscala Jorge, Hotel São Paulo, Maria Paula, Asdrúbal do Nascimento, Riachuelo, Olarias, Parque do Gato, Brigadeiro Tobias, Pari Canindé.

Esse conjunto de políticas públicas habitacionais fixou milhares de famílias de menor renda no centro da cidade. Olhando os dados do Censo, do IBGE, o distrito do Centro que mais recebeu população foi o Bom Retiro. Crescimento de 27,4%. Tinha perdido 26,4% entre 1990-2000. Justamente foi o distrito que mais recebeu empreendimentos populares. Enquanto, Consolação perdeu população, cresceu 5,2%, menos que a média da cidade. Curiosamente essa área não teve nenhum empreendimento de moradia popular.

A luta dos sem teto assegurou moradia popular no centro na década 2000-2010, mas também já projeta conquistas para a década de 2011-2020. O município de São Paulo está desapropriando 53 prédios abandonados, indicados pelos movimentos organizados dos sem teto, para atender a famílias de menor renda. Está em andamento a transformação de vários imóveis abandonados em moradia popular: como o Prestes Maia, o Mauá, os imóveis do INSS, 9 de Julho, Conselheiro Crispiniano,

Maria Domitila, entre outros. Tudo isso em parceria com movimentos dos sem teto e os três entes federados. Não dispomos de espaço para esmiuçar os dados. Acho que apresentei o suficiente para afirmar: o fator determinante do aumento da população no centro foi a Luta Popular. É importante não abaixar a guarda. É preciso continuar organizando os sem tetos e pressionando o poder público para concretizar o que está em andamento e avançar mais: transformar os imóveis abandonados em moradia popular e em serviços sociais.

Um pouco de história

A ocupação do imóvel do INSS na Av. 9 de Julho, em 1997, despertou o interesse geral dos sem teto pelos prédios abandonados dessa autarquia em todo o Brasil. Sendo ocupados, posteriormente, em Porto Alegre, Salvador, Rio de Janeiro e se não me engano em Belo Horizonte. O que motivou o ex presidente Lula a baixar uma medida provisória que cria condição para os imóveis da União e autarquias federais dar destinação social a essas propriedades. É isto aí, a luta simples dos sem teto, por seus interesses imediatos, revelou que essas propriedades mantidas sem função social pertencem aos trabalhadores. Foram pagas pelas contribuições recolhidas dos salários atuais e de nossos antepassados. Para ser justo, agora deveriam ser destinados, sem onerosidade, a famílias de menor renda e a serviços públicos sociais.

RECURSOS PARA ELIMINAR OS GARGALÇOS DA EDUCAÇÃO

27 de maio de 2011

A Imprensa divulgou o andamento no Congresso do Plano Nacional de Educação (PNE) para 2011-2020. Está em fase de audiências públicas e, em seguida, será examinado por uma comissão de especialistas. Há 20 metas importantes. Propõe, para os próximos 10 anos:

1 - Criação de 4,3 milhões de vagas em creches e pré-escolas.

2 - Erradicação do analfabetismo.

3 - Redução de 50% do analfabetismo funcional.

4 - Adoção do ensino em tempo integral em 50% das escolas públicas.

5 - Aumento em 33% de vagas no ensino superior.

6 - Equiparação do salário médio dos professores, entre outras metas.

Pelos cálculos do Ministério da Educação, o PNE deveria custar cerca de R\$ 61 bilhões aos cofres públicos. O projeto determina que os diversos entes federados ampliem seus investimentos públicos em educação até atingir 7% do PIB (Produto Interno Bruto) até 2020.

Esse percentual já deveria ser atingido até 2010. Entretanto, atualmente o País investe apenas 5% de PIB em educação.

Para nós, é necessário encarar o desafio da educação com ousadia. Recursos não faltam. É apenas questão de opção geral dos poderes constituídos e muita luta de toda a sociedade. Veremos então algumas fontes de financiamento para eliminar os gargalos da educação.

Em 2010, os Poderes Públicos pagaram ao mercado R\$380 bilhões de juros. Pagar menos juros ou cobrar impostos desse montante já disponibilizaria vários bilhões para a educação. As reservas internacionais do Brasil consomem cerca de R\$ 40 bilhões anuais. Tirando um pouco daí, teríamos mais recursos para a educação.

A renda do petróleo do pré-sal também deveria destinar parte dos recursos para a educação. Um barril de petróleo retirado do pré-sal custa perto de 10 dólares. É vendido a 90 ou 100 dólares. Tem muito recurso aí para a educação. E assim por diante, renda de outros minérios etc. Ainda poderíamos ter recursos provenientes do lucro líquido das Estatais: Petrobras, Banco do Brasil, Caixa Econômica. É necessário dar função social às riquezas naturais e de todos os empreendimentos estatais. E um dos caminhos é investir em educação, que atinja as camadas de menor renda.

Vamos unir toda a sociedade e buscar superar a vergonha histórica da nossa educação.

Vamos assumir a concepção de que A EDUCAÇÃO É TUDO.

“A POBREZA ANIQUILA O FUTURO”

18 de maio de 2011

“Brasil Sem Miséria” Necessita da Parceria com as Comunidades Organizadas

O governo da presidenta Dilma desenvolveu programa de bem estar social chamado “Brasil Sem Miséria”. Foca nos 16,2 milhões de pessoas que se encontram em situação de profunda vulnerabilidade social. Famílias com renda mensal por pessoa de até R\$ 70,00 mensais.

É importante consolidar e aperfeiçoar essas políticas públicas, que visam assegurar dignidade humana a essas pessoas. Baseiam-se nos princípios de defesa dos ostensivamente mais fracos expressos em nossa Constituição e em Tratados Internacionais.

Pela nossa experiência, no decorrer de longos anos de trabalho, com essas comunidades sociais, entendemos que a aplicação do “Programa Brasil Sem Miséria” deveria ser implantada em parceria com as comunidades organizadas: religiosas, associações de moradores, movimentos sociais, lideranças populares.

Todo programa de assistência social deve embutir a preocupação de construir a autonomia da pessoa para que depois de certo tempo ela deixe o atendimento e caminhe com as próprias pernas. Esse programa deve carregar essa pedagogia.

As famílias objeto deste programa encontram-se em situação bastante complexa. Em muitos casos, têm dificuldades de acessar qualquer tipo de política pública. Segundo George Orwell, “Quando você se aproxima da pobreza, faz uma descoberta que supera algumas outras. Você descobre o tédio, as complicações mesquinhas e os primórdios da fome, mas descobre também o grande aspecto revelador da pobreza: o fato de que ela aniquila o futuro”.

Para incluir famílias no programa, precisamos trabalhar um conjunto de ações integradas, organizá-las em grupos, empreender atividades educativas, conforme as suas necessidades. Acessar atendimento de saúde, previdência e outros direitos. Estimular iniciativas de busca de emprego e renda, implantar projetos urbanos, como saneamento e construção de moradia popular. Integrá-las em ações coletivas junto com a comunidade local. Definir critérios e obrigações. Tudo isso pode ser detalhado, não há espaço aqui. Proponho, então, a implantação desse programa em convênio com as comunidades. Formar grupos de 100 famílias. Destinando recursos para uma assistente social e um monitor da comunidade, que serão responsáveis pela articulação e aplicação do programa de atendimento. O poder público deve monitorar os serviços e a responsabilidade do custeio dos três níveis de governo.

DISTRITOS DO CENTRO GANHAM HABITANTES

5 de maio de 2011

O Censo 2010 revela: os distritos da área central ganharam 63 mil habitantes na última década. Somente a Consolação teve diminuição de moradores. Enquanto a população da cidade cresceu 7,9% de 2000 até 2010, no centro cresceu 15,4%. Esse movimento migratório é oposto ao período de 1990 a 2000, quando houve saída de população em média de 26% dos distritos da área central.

Quais as razões para explicar o fenômeno migratório atual? Barateamento dos imóveis e dos aluguéis não ocorreu. Os preços das moradias triplicaram. Não se compra quitinete de 30m² por menos de R\$150 mil. Os aluguéis dobraram de preço, a valorização dos imóveis e dos aluguéis acompanha o fenômeno de toda cidade.

Entendemos que a explicação desses fatos está respaldada em movimentos econômicos e sociais. Na década de 1990, a cidade possuía o dobro de pessoas desempre-

gadas, cerca de um milhão e meio, enquanto hoje é de perto de 700 mil. A renda média também melhorou. Mas o tamanho da melhoria do emprego e da renda ainda não assegura a moradia no centro. Acresce a isso que o centro da cidade de São Paulo é uma empresa a céu aberto. Tem mais de 600 mil empregos e um conjunto de imensas oportunidades. Morar perto do emprego é mais conveniente e barato. Os transportes públicos não têm qualidade, e o usuário sofre duramente em trajetos de mais de duas horas. Ainda gasta mais de 1/3 do salário. Deste modo fica mais econômico morar no centro e por isso atraí moradores para esta região.

Ligado a esse fenômeno econômico, acrescentamos a importância das lutas populares desencadeadas pelos sem teto para conquistar moradia no centro. A partir de meados da década de 90, diversos movimentos de sem teto, organizados especificamente nesta região da cidade, passaram a exigir moradia popular no centro. E na ausência de atendimento, desencadearam a ocupação de imóveis abandonados. Entre 1997 e 2000 encontravam-se mais de 20 prédios ocupados pelos sem teto. Essa movimentação social obrigou o poder público a implementar políticas públicas habitacionais para a região. São diversos projetos conquistados pela luta dos sem teto: Parque do Gato, Olarias, Brigadeiro Tobias, 25 de Janeiro, Riscala Jorge, Hotel São Paulo, Pari Canindé, Maria Pula, Riachuelo, Ana Cintra, Pirineus, entre outros. Acrescentem-se ainda o Programa Bolsa Aluguel e as cartas de crédito. Outros prédios ocupados e pleiteados pelos sem teto, mas que a caixa Econômica financiou para a classe média, como o Bento Freitas, Residencial Ipiranga, Rua Aurora, o prédio da Saudosa Maloca e outros.

Está claro que as lutas dos sem teto por moradia no centro da cidade são determinantes para repovoar esta

região. Apesar desses avanços, encontramos ainda 22.087 domicílios vazios e centenas de prédios comerciais fechados, abandonados. É necessário persistir na luta, trabalhar constantemente para ampliar os programas habitacionais de moradia para as famílias de menor renda no centro da cidade.

DESAFIOS DE VENCER A MISÉRIA

Maio de 2011

“Não basta tirar os miseráveis da estatística”

Bem faz a presidenta Dilma em trabalhar e se preocupar com a erradicação da miséria. Não podemos aceitar as condições de vida degradantes a que milhões de brasileiros estão submetidos. Definiu-se que a renda por pessoa de até R\$70,00 mensais, R\$2,30 por dia, indica situação de extrema miséria. Estão nessa condição 16 milhões de brasileiros. Entretanto, os parâmetros adotados para medir a miséria social são frágeis. Pode ocultar condições humanas inaceitáveis. Sabemos que é terrível tentar viver com R\$2,30 por dia. Mas, com R\$ 5,00 não alteraria a situação. E se fossem R\$6,00 por dia ou R\$ 180,00 por mês, estaríamos entrando na nova classe média? Claro que não. Em São Paulo, uma pessoa tomaria um ônibus para ir trabalhar, outro pra voltar para casa e passaria o dia sem comer, sem poder gastar nada. Se adotarmos outros critérios para analisar a realidade social, veremos que o número de pessoas vi-

vendo em situação desumana é mais amplo. Não basta tirar os miseráveis da estatística. É necessário tirá-los daquela situação.

Não é possível imaginar como um país com o 7º PIB do mundo, com imensas riquezas, acolhe em seu ventre milhões de pessoas sem as necessidades básicas asseguradas. Fourier¹, afirmou “na civilização, a pobreza brota da própria abundância”.

A realidade brasileira se encaixa perfeitamente no alerta de Fourier¹. Prospera a riqueza, mas empurra amplas camadas sociais para o desemprego, trabalho informal e salários incompatíveis com as necessidades das pessoas. Essa estrutura social produz o contingente de pessoas vivendo na miséria.

Para alterar essa realidade, é urgente implantar políticas públicas de qualidade e universais. Não basta a saúde aparecer bonita nos programas eleitorais da televisão, precisa funcionar no posto ou no hospital. Além disso, é necessário fazer reformas estruturais que ataquem as causas geradoras da miséria.

1 Fourier: Filósofo e sociólogo francês, crítico da civilização moderna. Viveu entre 1772 a 1837

CARTA ABERTA À CORREGEDORIA GERAL DA UNIÃO

27 de abril de 2011

A Corregedoria Geral da Justiça
Conselho Nacional de Justiça
Ministério Público do Estado de São Paulo
Defensoria Pública do Estado de São Paulo
Demais autoridades
Excelências

Sentença de Reintegração de Posse do Edifício Pres-tes Maia NÃO FAZ JUSTIÇA

No processo da 15ª Vara Civil do Fórum João Mendes nº 583.00.2010.191.564-1, nº de Ordem 1831/2010, a Dou-tora Juíza Daise Fajardo Nogueira Jacot concedeu liminar de reintegração de posse ao suposto proprietário AXEL contra 376 famílias, 295 crianças e 1.130 adultos, que lá moram e conservam o edifício.

Entendemos que mais uma vez a decisão expressa na sentença não está de acordo com a Lei. Se não vejamos:

Contraria os diversos dispositivos, como do artigo 170, inciso III – Função Social da Propriedade. O imóvel em questão está abandonado há mais de 20 anos sem nenhuma utilidade para a cidade;

Ofende o artigo 1.276 e seu parágrafo 2º do Código Civil. “Presumir-se de modo absoluto a intenção (abandono) a que se refere este artigo, quando cessados os atos de posse, deixar o proprietário satisfazer os ônus fiscais”.

O proprietário não paga tributos municipais desde 1986, há 25 anos. Deve R\$ 5.439.062,00 ao Poder Público.

Desrespeita, também, o artigo 1.228, Parágrafo 1º, do Código Civil “... evitada a poluição do ar e das águas”. Os moradores do edifício Prestes Maia limpam o prédio, retirando mais de 200 caminhões de lixo do local. Higienizaram os locais propícios à dengue. Agora, lutam para retirar esgoto acumulado no subsolo, que se mistura com uma fonte de água ali existente.

Nos artigos 1º e 4º da Constituição de 1988, encontramos os fundamentos do Estado Democrático de Direito, que asseguram e destacam a cidadania e a dignidade da pessoa humana. Faz da pessoa fundamento e fim da sociedade e do Estado. A sentença da Dra. Daise Fajardo Nogueira Jacot não respeita estes valores de nossa Carta Magna.

Por isso, não concordamos com essa decisão. Além dessas breves observações sobre a injustiça da sentença e a violação de Direitos Fundamentais das pessoas, encontramos histórico daquela propriedade inquietante, que merece ampla investigação. Vejamos então:

a) O imóvel em questão foi adquirido pela Companhia Nacional de Tecidos S/A, na data de 6 de outubro de 1945 (transcrição 20.886);

b) Em 25 de março de 1963, a proprietária obteve Auto de Vistoria nº 508, relativo ao edifício atualmente existente sobre o imóvel (à margem);

c) Em razão da falência da Cia. Nacional de Tecidos, o imóvel foi adquirido a título de dação *in solutum* ao First National City Bank, atualmente denominado CITIBANK N. A., conforme escritura datada de 29 de Agosto de 1975 (transcrição 111.435);

d) Em razão de sentença proferida nos autos da Ação Ordinária movida pela Massa Falida de Cia. Nacional de Tecidos em face de CITIBANK N.A., foi declarada ineficaz alienação anterior, constante da transcrição 111.435;

e) Conforme Carta de Arrematação extraída dos autos da Ação Falimentar da Cia. Nacional de Tecidos, datada de 28 de fevereiro de 1996, o imóvel em questão teria sido arrematado por Axel Empreendimentos Imobiliários Ltda., em consórcio equivalente com Sande Sociedade Administradora Nacional de Empreendimentos Imobiliários Ltda;

f) Conforme Notas de Devolução emitidas pelo 5º Cartório de Registro Imobiliário, este RECUSOU as tentativas de registro da referida Carta de Arrematação, acusando diversas irregularidades na mesma, sendo a mais recente recusa datada de 28 de agosto de 2009.

Em face do exposto, não podemos aceitar a decisão da Dra. Daise Fajardo Nogueira Jacot.

Pedimos então:

- Que os diversos entes do judiciário anulem a sentença de reintegração de posse.

- Que se inicie investigação sobre essa propriedade. Quem eram os donos da Cia. Nacional de Tecidos; como passou pelo Citibank, como foi declarada ineficaz a alienação anterior. As empresas Axel Empreendimentos Imobiliários e outra detêm carta de arrematação, mas não conseguem o registro, pois a matrícula do imóvel apresenta irregularidades. Verificar a idoneidade dessas empresas, contumaz inadimplente.

Pedimos, ainda, a verificação do motivo pelo qual as ações de AXEL caem sempre na 15ª Vara, cujas decisões sempre favorecem o autor, e os magistrados em audiência se comportam como subordinados do injusto possuidor. Pois, uma vez que, depois de 25 anos o autor ainda não possui documentos probatórios da posse do imóvel, aceitou prova testemunhal arranjada apresentada na audiência. E depois de reunião em separada com o autor proferiu tal sentença.

- Que o imóvel seja desapropriado pelo seu valor Venal R\$ 6.374.276,00 e quitado os débitos fiscais de R\$ 5.439.062,00, vez que seus pretensos proprietários não contribuem com o Poder Público por mais de 25 anos e usufruem de verbas públicas para manutenção e melhoria da cidade.

- Que em parceria com três entes federados. União, Estado e Município, o imóvel seja desapropriado para moradia popular, com uma creche e comércio popular em seu terreno e subsolo.

Sem mais,
Paz e Bem

ENCHENTES NAS CIDADES BRASILEIRAS

27 de janeiro de 2011

Os alagamentos e os escorregamentos de encostas que estão ocorrendo em São Paulo, Minas Gerais e, especialmente, no Rio de Janeiro são um acontecimento previsível, não devem surpreender ninguém.

A formação de enormes aglomerados urbanos, onde imensas massas humanas são empurradas para as áreas de riscos, acrescida à ausência de tratamento de lixo, de esgoto e de qualquer zelo pela natureza, cria as condições perfeitas para a tragédia atual.

Pelo andar da carruagem, doravante, tende a se agravar essas situações. O modelo de desenvolvimento econômico brasileiro é a base dessa tragédia. A acumulação de riquezas está baseada no pagamento de um salário inferior às necessidades de reprodução dos trabalhadores. 70% das pessoas das regiões metropolitanas vivem com rendimentos inferiores às necessidades de sobrevivência. Para manter esses trabalhadores recebendo menos

do que custava um escravo, grandes contingentes humanos são mantidos à deriva, sem emprego e sem recursos para viver com dignidade. Sem meios para se manter nas áreas boas das cidades, a população pobre se arruma como pode: nas regiões de risco. O modelo agrícola (agronegócio) também agrava essa situação: expela a população rural para os morros e para a periferia urbana.

Para entornar o caldo, os poderes públicos são dominados pelos interesses imobiliários, setor parasitário da economia que acumula riquezas extraindo renda da terra direcionando as políticas urbanas para implementar seus ganhos imobiliários. Ou seja, quem tem a terra domina o Estado.

Sinteticamente, é isso que se tem, é o que caminha para situações absurdas em todas as regiões metropolitanas ou como São Paulo, cuja perspectiva é ligar-se ao Rio pelo Vale do Paraíba, de Guarulhos para frente. Ou ligar-se com a região metropolitana de Campinas, ou pior ainda, varando a Mata Atlântica, encontrando-se com a Baixada Santista, assemelhando-se com a região serrana do Rio.

Os acontecimentos atuais, enchentes, desabamentos e mortes criam apreensão geral. Só se fala nisso. Entretanto, a questão é tratada de modo aparente, sem entrar no cerne da questão: o modelo social com base econômica podre. Salário pago abaixo de seu valor, que não assegura os custos de sobrevivência das pessoas, grandes massas humanas à deriva, modelo agrícola, poderes públicos dominados pelos interesses privados, nenhum respeito à natureza etc. Na verdade, tudo se complementa, as regiões metropolitanas com grandes extensões territoriais devastadas promovem impactos imensos nas mudanças climáticas.

Frente a esse quadro, devemos fazer a nossa lição de casa: trabalhar pela construção de uma cidade compac-

ta, onde toda população more nas regiões boas da cidade, diminuindo nossa extensão territorial. Ocupando, no caso de São Paulo, seus 293.621 mil domicílios vazios (é uma cidade de São Bernardo sem utilização dentro da capital), os prédios comerciais abandonados, os terrenos ociosos e de estacionamentos. Uma política adequada de uso e ocupação do solo pode compactar a cidade, otimizar a utilização de recursos públicos, diminuir áreas impermeabilizadas, assim os morros, vales, etc. podem ser devolvidos para a natureza.

SÃO PAULO TEM 2 MILHÕES E 172 MIL PESSOAS MORANDO EM FAVELAS. NO BRASIL SÃO 11,4 MILHÕES

23 de janeiro de 2011

Os jornais publicaram no dia 22 de dezembro de 2011 (dia do trágico incêndio da comunidade do Moinho) os dados do censo de 2010 sobre as favelas no Brasil. O censo as chama de “moradores de aglomerados subnormais”.

A tabela a seguir (imagem do jornal *O Estado de S. Paulo*) revela o quadro dramático da situação habitacional no Brasil. Em São Paulo, está o maior contingente populacional desses aglomerados. O número de habitantes de comunidades da cidade de São Paulo é equivalente à quantidade de habitantes de uma cidade como Belém do Pará, cuja população é 2 milhões. Esses dados revelam uma situação cruel e dura para os habitantes desses aglomerados. Entretanto, ainda não revela o seu todo, como a população residente em cortiços, pensões, de favor, ou em bairros inteiros cujas condições são semelhantes às de comunidades, mas não são considerados como tal.

São bairros sem esgoto, ruas estreitas, sem acessibilidade, baixa estrutura urbana, habitações construídas em toda a área do terreno, sem sol, sem ventilação. Em muitos casos, não há sinal para celular e a internet não chega. Não vou citar os bairros, mas é fácil verificar. Basta andar pelas periferias das diversas regiões da cidade.

Afirmamos sem receio de errar, metade da população de São Paulo mora em situação precaríssima.

A surpresa verificada nesses últimos dados é o crescimento da população das favelas, embora tenha melhora-

Ranking

REGIÃO METROPOLITANA	PROPORÇÃO ENTRE A POPULAÇÃO EM FAVELAS E A TOTAL	MORADORES DE AGLOMERADOS SUBNORMAIS
Belém PA	53,9%	1.131.268
Salvador BA	26,1%	931.662
São Luís MA	24,5%	325.139
Recife PE	23,2%	852.700
Baixada Santista SP	17,9%	297.191
Manaus AM	15%	315.415
Rio RJ	14,4%	1.702.073
Teresina PI	13,4%	154.386
Fortaleza CE	11,9%	430.207
São Paulo SP	11%	2.162.368
Vitória ES	10,6%	178.209
Maceió AL	10,6%	121.920
Aracaju SE	9,8%	82.208
Belo Horizonte MG	9,1%	489.281
João Pessoa PB	8,5%	101.888
Porto Alegre RS	6,2%	242.784
Natal RN	6%	80.774
Campinas SP	5,8%	160.670
Curitiba PR	5,7%	181.247
Brasília DF	3,7%	137.072

do o nível de emprego e renda dos trabalhadores sob o governo Lula e agora Dilma. São indicadores fortes, mas insuficientes para reverter a tendência que está expressa pelo valor dos salários, insuficiente para assegurar a reprodução da força de trabalho. A renda das famílias não cobre as necessidades básicas de sua sobrevivência, fato que as leva a deteriorar suas condições de vida em geral, especialmente, as condições habitacionais.

Esse fenômeno de colocar imensas camadas sociais na chamada “baixa renda”, vem de longa data. Mas se agravou a partir de 1964. Os militares no governo implantaram duas medidas: desemprego e corrosão do poder de compra dos rendimentos dos trabalhadores. Vejamos alguns dados.

Em 1965 o trabalhador gastava 88 horas de trabalho para comprar alimentos, cerca de 36% do salário. Em 1985, 20 anos depois trabalhava 177 horas para comprar os mesmos alimentos, 74% do salário. De 1985 até 1994, a inflação foi o instrumento usado para diminuir a renda dos trabalhadores.

Enquanto deteriorava as condições de vida dos trabalhadores, aumentava o número de habitantes de favelas e outras moradias precárias e criava a figura das pessoas em situação de rua. Outros dados:

Em 1973 São Paulo possuía 1% de habitantes de favelas, 71.840 pessoas. Já em 2011 são 2,162 milhões de pessoas, 11% da população da cidade mais rica do país vivendo em favelas.

Em 1964, não havia favelas em Diadema-SP. Em 1990, já somavam 45. Em Santo André-SP, existia uma favela em 1964, em 1990 eram 68. Em São Bernardo do Campo, havia 2 favelas em 1964, em 1990 o número subiu para 54. Em São Paulo, em 1974, 1,3% viviam em cortiços, em 1990, o índice subiu para 16% dos munícipes morando neste tipo de habitação precária.

Em outros tempos afirmava-se que a favelização ocorria pelo fato da cidade receber muitos imigrantes, especialmente nordestinos. Culpavam as vítimas pelo seu próprio infortúnio.

Felizmente a luta dos sem-teto e as estatísticas arrebataram essa maldade.

A verdade é que a precarização habitacional corre mais rápido que o número de migrantes que chegam. Entre 1991 e 2000, a cidade teve um crescimento populacional de 8%, enquanto o crescimento das favelas foi de 30%. Na década seguinte, 2001-2010, a cidade teve fluxo migratório negativo, saiu mais gente do que chegou. A precariedade habitacional continua crescendo e o número de pessoas em situação de rua também aumentou em 57%.

O que pode explicar o fenômeno, da década de 2001-2010, de crescimento da precarização das condições habitacionais, nos grandes centros urbanos, é o elevado custo dos serviços urbanos e da própria habitação que são incompatíveis com a renda familiar. O custo do metro quadrado nas cidades brasileiras é mais caro que em Nova York. Com transporte, em São Paulo, o trabalhador gasta 20% do salário, em Paris se gastam 5%. Os aluguéis subiram 633% entre 1994 e 2009, enquanto a inflação subiu 207%.

Para alterar esse cenário, é necessário continuar melhorando a renda das famílias, criando emprego de qualidade, com remuneração que garanta as necessidades básicas das pessoas. E mais, empreender políticas públicas e habitacionais sustentáveis que assegurem a reinserção familiar na cidade, na educação e na saúde.

O poço da desigualdade social é profundo, cavado por mais de 500 anos. Mas nada que não se possa consertar. É só trabalhar no rumo certo.

O SOM AO REDOR: UM BELO FILME

21 de janeiro de 2011

Não vou contar a história, senão ninguém vai assistir, mas recomendo o filme *O som ao redor*. Ali, aparece uma relação entre os ricos, a classe média e os trabalhadores, sem que o foco do filme seja esse. Na verdade, transparece na trama o que a sociedade moderna faz com as pessoas. Nas relações entre pessoas não há afeto, amor e alegria, igual às máquinas modernas. O filme foi rodado entre julho e agosto de 2010, na cidade do Recife e Zona da Mata de Pernambuco.

O som ao redor, do diretor Kleber Mendonça, foi escolhido na semana passada como o melhor filme latino-americano na 3ª edição do Prêmio Cinema Tropical, entregue na sede do diário The New York Times.

Bem, vejam o filme e depois me contem. O importante é que existe gente pensando.

REINTEGRAÇÃO DE POSSE: A SENTENÇA DE MORTE

Novembro de 2010

As espigas tomavam o tronco. O pendão branco encobria as folhas do milharal. O verde dos ramos de feijão cobria grande extensão de terra. O arrozal prometia, próximo ao brejo. Muito alimento era certo.

A notícia chegou logo. O batalhão de choque estava perto. O juiz concedeu reintegração de posse. As famílias foram retiradas das casas. As máquinas entraram. Destruíram tudo. Casas e plantações. A terra virou um deserto.

A pena do juiz protegeu a propriedade inútil e destruiu o alimento, a vida, o trabalho dos camponeses. Contribuiu o judiciário para agravar a miséria social.

Dona Benedita estava inquieta. Não fora dormir no horário de costume. Tem 68 anos de vida e muito trabalho. Começou na enxada aos 7 anos de idade. Trabalhou 35 anos de doméstica em São Paulo e ainda não tem onde morar. Naquela noite arrumou a mochila e partiu para a ocupação de um prédio vazio.

Era 5 de outubro, dia de eleição. Ela e tantos outros destinos iguais. Deu tudo certo. Lá morou bom tempo. Comia melhor. Saiu do aluguel.

De repente, a reintegração de posse. O juiz sentenciou. Se não desocupar, o batalhão de choque virá armado até os dentes. E veio.

Mas o prédio estava fechado fazia 10 anos. Ninguém precisa dele. Abandonado da vida humana. O juiz disse que a propriedade era de alguém que ninguém nunca viu. E jogou 190 famílias no olho da rua. Mulheres, crianças, adolescentes, idosos, tudo como saco de lixo. Estas cenas do passado repetem-se diariamente e com a mesma violência jurídico-policial, ocorreu no último dia 25 de novembro de 2010 no imóvel abandonado da Avenida Ipiranga. Contribuiu o judiciário para agravar o desequilíbrio social.

Senhores Magistrados, sua pena não pode ser guiada pela cabeça do patrimônio morto, mas pelo caminho da proteção da vida humana. O fim primeiro do ordenamento jurídico é proteger a vida humana, como assegura a Constituição Federal, art. 4º, inciso II, PREVALÊNCIA DOS DIREITOS HUMANOS. Parem de proteger as propriedades que não têm finalidade social. Propriedades que promovem a desordem social agridem o meio ambiente, não pagam impostos, servem ao enriquecimento sem causa, violam a Constituição Federal, art. 5º, inciso XXIII – A PROPRIEDADE TERÁ A SUA FUNÇÃO SOCIAL. Não fechem os olhos para as desigualdades sociais.

PROPOSTA DE PROGRAMA HABITACIONAL

Maio de 2010

(Texto originalmente apresentado ao Partido dos Trabalhadores em setembro de 1994)

1. Introdução

Segundo IBGE, 80% da mão de obra ativa recebe até 5 salários mínimos. A maioria, 65%, concentra-se na faixa de rendimento de até 3 salários mínimos. As bases dos sem teto estão nessa faixa de rendimento. São os moradores de favelas, de cortiços, moradores de rua, de favor, de áreas alagadiças, encosta de morros e periferia sem urbanização.

As áreas com mais carência habitacional do Estado de São Paulo estão localizadas na região metropolitana da capital, na Baixada Santista, em Campinas e outras cidades. De um modo geral, os trabalhadores e trabalhadoras, com renda de até três salários mínimos, convivem com a penúria habitacional.

A dificuldade de acesso à moradia digna é agravada por uma combinação de fatores, a saber:

a) Salários pagos abaixo do valor necessário para garantir a sobrevivência e a reprodução adequada de uma família. A maioria dos empregos não tem qualidade, obrigando as famílias se dedicarem a extensas jornadas de trabalho. É uma rosca sem fim. Quanto menos se ganha, mais se trabalha e quanto mais se trabalha, menos se ganha. Segundo o DIEESE, o custo da hora trabalhada no Brasil é uma das mais baixas do mundo. Por isso, o dilema se coloca para esses trabalhadores: SE PAGAR O ALUGUEL, NÃO COME, SE COMER NÃO PAGA O ALUGUEL.

b) Desemprego e ocupações informais rebaixam ainda mais as condições de sobrevivência das famílias de trabalhadores. Nas décadas de 80 e 90, a destruição catastrófica das forças produtivas nacional excluiu imensos contingentes de trabalhadores do processo social de produção. Esse fenômeno produziu um rastro sinistro de destruição da classe trabalhadora. Hoje, cerca de 20% da força de trabalho tem dificuldade de se recolocar no mercado de trabalho. Atualmente, ocorre um processo de recuperação de emprego e de renda, mas ainda insuficiente para superar o legado anterior.

c) Grande estoque de propriedades e especulação com a terra e com o aluguel de imóveis. A título de exemplo, único dado disponível, na vigência do plano real 1994/2004 – enquanto a inflação medida pelo IPC (Índice de preços ao consumidor) foi de 92,5, os aluguéis subiram 538,68%. Isso enriquece ainda mais os proprietários urbanos e impede o acesso à moradia para os trabalhadores de baixa renda. Atualmente, com o implemento do mercado imobiliário, o preço de aluguéis e de imóveis subiu desastrosamente. As famílias de baixa renda estão com imensas dificuldades para arrumar um canto para morar.

d) Ao lado das questões anteriores, o poder público não tem tratado com zelo políticas apropriadas, consistentes ou continuidade de programas bem-sucedidos de implemento de moradia popular. As últimas enchentes em São Paulo, Rio, Salvador, Aracaju, etc. deixaram o “rei nu”. As condições atuais das moradias dos trabalhadores de baixa renda são incompatíveis com a efetividade de Direitos Elementares.

Para alterar as condições precárias de moradia das famílias de baixa renda é necessária a implantação de políticas públicas habitacionais e complementares que ataquem o cerne da questão. Devem ser continuas e permanentes. Contar com participação e organização popular. Envolver os três níveis de governo: Municipal, Estadual e Federal. O programa habitacional Minha Casa, Minha Vida está no rumo certo. Entretanto, deve destinar mais recursos para renda de até 3 salários mínimos e incorporar a metodologia da parceria com a demanda organizada.

2. Objetivos do Programa Habitacional

Um Programa Habitacional, dentro das condições atuais, não pode ser limitado aos estritos limites da construção de mais unidades. Toda família que entra nos projetos habitacionais e não consegue meios de sobrevivência, vende/aluga a unidade para comer, por certo tempo e depois volta à condição anterior.

Deste modo, os projetos habitacionais populares devem contemplar a execução de quatro (ou mais) objetivos ao mesmo tempo:

a) Construir ou reformar o maior número de unidades possíveis, para atender às necessidades da população pobre. Esses projetos devem se localizar nos bolsões de

carências habitacionais, obedecendo às características das comunidades locais, às suas experiências e aspirações.

b) Os projetos habitacionais devem se voltar para a geração de empregos. O orçamento da construção deve conter recursos para pagamento de mão de obra visando à criação de milhares de empregos e à agilização da construção.

c) O projeto deve garantir a participação e o controle da comunidade atendida. O grupo de famílias deve contribuir e acompanhar a execução do empreendimento por meio da autogestão. Os programas habitacionais a serem implantados devem ser previamente discutidos e decididos junto das comunidades organizadas, que definem a demanda do empreendimento. Esse ponto do objetivo do programa habitacional é fundamental para fortalecer a união dos moradores, a fim de que, depois do término do projeto, continuem organizados enfrentando outros desafios.

d) Recuperar as áreas degradadas das regiões urbanizadas, especialmente o centro da cidade. Este ponto do programa habitacional contempla reforma e adaptação de prédios para moradia popular, como a demolição de edificações completamente deterioradas; e, até mesmo a construção de novas moradias. Embora o preço da terra na área central seja maior que na periferia, a ausência de investimento em asfaltamento, rede de água, luz, esgoto, telefone, e equipamentos públicos, como delegacia, saúde, escola, transporte etc., acaba tornando este empreendimento mais econômico e vantajoso para os beneficiados.

3. Propostas para o Programa Habitacional

A implantação de projetos habitacionais pode ser realizada em parceria entre Governo Federal, Estados e Municípios. Por exemplo: O Município cede o terreno, a

infraestrutura, e o Governo Estadual ou o Governo Federal financia a construção. A quantidade a ser construída depende de decisões políticas e de possibilidades do orçamento. A experiência recente indica que o Governo Estadual pode construir em torno de 300 mil moradias em quatro anos. O Município de São Paulo pode, em quatro anos, construir 60 mil moradias. A decisão é política. Depende para qual classe se governa.

Não se deve perder de vista que o programa habitacional tenha começo, meio e fim. Tem início no primeiro ano de governo e entrega tudo pronto no último ano de gestão. Tudo terminado e concluído, inclusive a infraestrutura urbana necessária.

Faremos indicação de tipos de projetos habitacionais que poderão ser implementados, sempre buscando a otimização dos recursos e não perdendo de vista os cinco pontos do objetivo do programa habitacional.

a) Projetos habitacionais em áreas urbanizadas especialmente no centro da cidade (em larga escala).

- Reforma e adaptação de edificações já existentes que estão vazias e são recuperáveis;
- Demolição/construção de moradia popular em bolsões de cortiços e/ou casarões deteriorados e que são irrecuperáveis.

Observação: esses projetos devem ser o carro-chefe do programa habitacional — na cidade de São Paulo — já possuem infraestrutura urbana; acomoda a família trabalhadora próxima ao mercado de trabalho; os custos do projeto são inferiores à construção na periferia, pode combinar a construção de moradia com recuperação urbana de áreas degradadas da cidade.

b) Verticalização de favelas combinada com sua urbanização. Esse programa deve ser desenvolvido de acordo com a especificidade de cada comunidade. Apenas a

título de exemplo: verticalizar para acolher as famílias da área de risco e urbanizar as áreas habitáveis.

c) Projetos habitacionais em terrenos da periferia. Esse programa na cidade de São Paulo sofre a limitação do preço da terra e os custos da infraestrutura, porém não deve ser descartado.

d) Meta de construir 10.000 moradias por ano, ou seja, 40.000 moradias em quatro anos de governo na Cidade de São Paulo. Devendo atender, prioritariamente, famílias de baixa renda, de zero a cinco salários mínimos.

e) Fornecer cesta de material para quem possui espaço para construir sua moradia. Regularizar terrenos (moradia e/ou ocupações).

Esse programa habitacional deve orientar-se pelas seguintes medidas:

- Emergência habitacional para famílias com renda de até 3 salários mínimos.
- Destinar o máximo de moradias possíveis, por meio do Programa Bolsa Aluguel, para famílias em situação de despejo, moradias precárias e/ou em situação de rua.
- Disponibilizar, de imediato, o máximo possível de imóveis vazios e abandonados (terrenos ou prédios) para atendimento a famílias, por meio do programa Locação Social.

Observação:

- As moradias disponibilizadas por esses programas emergenciais devem atender, prioritariamente, as famílias indicadas pelos movimentos sociais organizados.
- Disponibilizar o máximo possível de moradias nas regiões urbanizadas. Especialmente naqueles onde as expulsões dos trabalhadores sem teto é maior e onde o movimento de moradia organizado reivindica projetos.
- Desenvolver, em larga escala, o programa de Locação Social.

- Promover a regularização fundiária por meio do Programa Lote Legal.
- Reurbanizar comunidades, começando por aquelas que estão em situação mais precária.
- Fornecer cesta de material para quem possuir espaço para construir e/ou carta de crédito para compra de moradia ou reforma.
- Desenvolver projetos habitacionais em larga escala para impedir a continuidade das ocupações nas regiões de proteção ambiental.
- A exemplo do Fundo Municipal de Habitação, criar o Fundo Estadual e Federal de Habitação Popular, canalizando todos os recursos do Governo Federal, Municipal e outros, com o objetivo de executar os programas habitacionais do Município.

OS PROGRAMAS HABITACIONAIS PARA FAMILIAS DE ATÉ 3 SALARIOS MINIMOS DEVEM SER FINANCIADOS COM RECURSOS PÚBLICOS, DOS ORÇAMENTOS DOS GOVERNOS. NÃO PODEM VIR DO SISTEMA FINANCEIRO.

4. Programas complementares

- Projetos educacionais: cursos de alfabetização, supletivos, profissionalizantes, nas comunidades organizadas para atender aos trabalhadores de baixa renda.
- Plano de emergência para desempregados e trabalhadores de baixa renda: estímulo à formação de cooperativas, frentes de trabalho, bolsa-trabalho e renda mínima para apoiar os moradores de rua.
- Assegurar o ingresso em escolas e creches de todos os filhos de trabalhadores com renda de 0 a 3 salários mínimos.
- Criar Escolas Técnicas para os jovens, filhos de famílias de baixa renda, para que possam concluir o ensino

médio. O curso deve contemplar o ensino de línguas estrangeiras e informática.

- Implantar espaços culturais e equipamentos sociais que viabilizem a participação dos jovens e de todos os integrantes das famílias de baixa renda.

Participação Popular

Os projetos habitacionais e sociais devem:

- ser desenvolvidos em parceria com o movimento social organizado, que indica a demanda e supervisiona a implantação dos programas.

- garantir participação e controle pela comunidade atendida.

- O grupo de famílias deve contribuir e acompanhar a execução do empreendimento por meio da auto-gestão. Que seja constituída uma associação de moradores para dar continuidade aos programas de desenvolvimento social. Essa associação, ligada a seu movimento social de origem, será responsável pela gestão do espaço, após a entrega do projeto aos moradores.

Deve-se adotar a política de peso e contrapeso com participação da comunidade e do Poder Público. Dessa forma, asseguramos o bom andamento dos programas. Moradores e gestores não podem esquecer o que o jurista alemão Rudolf Von Ihering diz: “O DIREITO É UMA LUTA”.

Instrumentos de política de Desenvolvimento Urbano

Aprovar Instrumentos de Política de Desenvolvimento Urbano pautando-se pelo Estatuto da Cidade/ Projeto

de Lei nº 181/1989, cujas diretrizes devem orientar a utilização do estoque de propriedades imóveis, assegurando a função social da propriedade urbana, destinando-as para fins sociais.

Aprovar de imediato as seguintes medidas:

- Incidência de imposto (predial e territorial), fortemente progressivo para imóveis vazios, sem utilização por mais de ano e dia. Rever a isenção do IPTU pelo tamanho e valor do imóvel. Cobrar pela quantidade de imóveis, um imóvel de até 50 metros quadrados isento, os demais progressivo.

- Que a valorização dos imóveis, decorrente de investimentos públicos, seja tributada pela Contribuição de Melhoria, a fim de que os investimentos sociais voltem e sejam destinados a moradia popular e fins sociais.

- Que os proprietários inadimplentes, devedores de impostos da Prefeitura sejam obrigados a ceder sua propriedade em troca da quitação dos débitos tributários. Esses imóveis só poderão ser utilizados para fins sociais. Utilizar as normas existentes no Estatuto da Cidade, Código Civil, Plano Diretor, e construir legislação para esse fim.

- Que os imóveis fechados há anos sejam desapropriados a fim de atender a sua função social, devendo ser reutilizados para moradia popular.

- Que todas as propriedades imóveis provenientes de enriquecimento ilícito (da corrupção, sonegação de impostos) sejam desapropriadas sem indenização a seu injusto possuidor e destinadas a investimentos sociais, especialmente moradia popular.

- Que em toda cidade urbanizada, especialmente nas áreas centrais da cidade, sejam reservadas áreas

para assentamento de população de baixa renda (ZEIS – Zonas Especiais de Interesse Social).

- Que os imóveis de outros entes federados (Estado, Governo Federal), Autarquias e Fundações Estatais existentes no Município, sem destinação específica, sejam utilizados para projetos de moradia popular e equipamentos sociais.

Recomendação: que seja realizado um amplo mapeamento das propriedades imobiliárias a fim de localizar latifúndios urbanos, grileiros, devedores de impostos, bem como o uso real de cada imóvel (terrenos e edificações), qual a valorização de cada empreendimento e a respectiva infraestrutura urbana e determinar qual a função social da propriedade.

6. Dos Recursos Públicos

Estamos falando de políticas públicas habitacionais e sociais para famílias de baixa renda. É um investimento de maior retorno para a sociedade e para o Brasil. Investir em uma criança, em um ser humano é a sabedoria maior de um gestor público. O governo Lula demonstrou grande compromisso com os mais pobres. A adoção do programa Minha Casa, Minha Vida articulada com os recursos do Estado e do Município tem potencial de construção de moradias populares jamais vistas em São Paulo.

Adicionado aos recursos públicos dos três entes federados, podemos contar com recursos do Pré-Sal. Resta-nos agora observar que grandes realizações são possíveis, recursos tem, pré-sal tem. Mas tudo isso é UMA GRANDE LUTA. MÃOS À OBRA!

7. Conclusão

Estão elencadas apenas algumas indicações para o desenvolvimento de um programa habitacional ousado para a cidade de São Paulo ou Estado. A reforma de prédios ou a construção massiva de moradias populares na área central da cidade pode se constituir em uma marca inapagável de uma administração democrática e popular.

PEDRAS NO CAMINHO DA JUVENTUDE E A POLÍTICA DE EMPREGO PARA REALIZAÇÃO DE SERVIÇOS COMUNITÁRIOS

8 de fevereiro de 2008

As condições de vida da juventude trabalhadora na América Latina são terríveis. São 10 milhões de desempregados, 16% da força de trabalho de 15 a 24 anos, três vezes mais do que o desemprego que atinge os adultos. São 31 milhões de jovens ocupados na economia informal, cerca de 22 milhões não estudam e nem trabalham. Estão em posição de risco social. É o que revela o Relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) divulgado no dia 04/09/2007, no Chile.

A causa dessa tragédia social reside na base podre da economia da América Latina, ou seja, a exploração dos trabalhadores ocorre por meio da predominância da mais-valia absoluta (salário pago abaixo do valor da força de trabalho). Neste processo de acumulação de capital o salário é pago abaixo do seu valor, não assegura a reprodução da força de trabalho, não cobre as necessidades básicas dos trabalhadores e nem de suas famílias.

Desse modo, o trabalhador é obrigado a ampliar a sua jornada de trabalho. Contudo, ainda assim, a renda não é suficiente e outros membros da família são jogados na fornalha da mais-valia absoluta (salário pago abaixo das necessidades dos trabalhadores). Assim, a família que deveria sobreviver com jornada de trabalho de 200 horas mensais passa a disponibilizar uma jornada de trabalho de cerca de 500 horas mensais. Isso significa uma massa imensa de trabalho gratuito para acumulação capitalista. Em consequência, a família é arrebatada e a juventude cerceada em seu processo de formação.

Certo é que ninguém sofre calado. Por isso, o sistema reserva uma bem lubrificada máquina de violência econômica, jurídica, policial e social. Para garantir o domínio sobre os trabalhadores e arrancar-lhes os serviços e a produção de mercadorias, o sistema mantém grande massa de desempregados (exército industrial de reserva, desempregados ou sobrantes) em péssimas condições de sobrevivência, desesperados por trabalho e comida, essa massa está encurralada nas comunidades e periferias que mais parecem uma cadeia a céu aberto. Entretanto, poucos conseguem sair dali. Essa grande massa de desempregados é a principal arma social para que o sistema continue pagando o miserável salário.

É dentro desse caldeirão do bruxo capitalista que a juventude está sendo cozinhada e que é promovida grande desagregação social e política dos trabalhadores, da família e da comunidade.

Frente a este quadro, defendemos políticas públicas em várias direções:

- 1 - Buscar políticas que fortalecem a comunidade de base.
- 2 - Políticas públicas de transferência de renda para os trabalhadores, como: creches, serviços de saúde, transporte coletivo, lazer, moradia etc.

3 - Para a juventude: adotar políticas públicas específicas que garantam o processo de formação do jovem.

Nas condições atuais, a proposta de 1º emprego para realização de serviços comunitários, representa o fortalecimento pessoal do jovem, de sua família e de seu espaço de convivência social.

O poder público disponibilizará um salário mínimo por jovem selecionado, indicado pela comunidade/associação atendida. Cada bairro/comunidade/associação pode indicar 50 jovens, que dentro desse grupo, receberão tarefas (serviços) necessárias à comunidade, de acordo com suas habilidades e vocação, por exemplo, serviços em creches, saúde, praça de esportes, reforço escolar pra crianças e adolescentes da região, cursos de inclusão digital, meio ambiente.

Os jovens contemplados na proposta são estimulados a continuar seus estudos.

Deve-se debater para aperfeiçoar e fundamentar, adequadamente, esta sugestão.

Para que esta proposta se efetive, é necessário mobilizar as forças sociais da comunidade, da juventude e lutar por sua implantação.

**A VITÓRIA É DAQUELE
QUE LUTA MAIS TEMPO.
(George Orwell).**

Nota do autor: Em 11/09/18, exerci por 30 dias, mandato de vereador na cidade de São Paulo, pelo Partido dos Trabalhadores. Na oportunidade, apresentei o PL 543/2018, que propõe a disponibilização de bolsa de estudo de um terço do salário mínimo para jovens de 15 até 29 anos. O jovem deve estudar num período e executar

serviços comunitários em outro. Os jovens serão aglutinados em grupos de 100, organizados por associações e/ou organizações comunitárias, como um orientador educativo que desenvolve atividades em prol da comunidade e dos próprios jovens. Um investimento no presente pensando no futuro.

HOMENS E MULHERES DE BEM

31 de janeiro de 2006

Pedimos vossa atenção!

Somos 1.630 seres humanos: 315 crianças, 380 adolescentes, 561 mulheres e 466 homens. Entre eles, grávidas e dezenas de idosos. São 468 famílias moradoras do prédio situado na Av. Prestes Maia, n° 911, bairro da Luz.

Fomos surpreendidos pelo ofício n° 046/03/06 do 7° Batalhão de Choque da Polícia Militar. Informa o comandante do batalhão que obedecerá à ordem judicial da 25ª Vara Civil de São Paulo de nos colocar no olho da rua.

Moramos neste imóvel há mais de três anos. O prédio estava abandonado há mais de 12 anos. Cheio de lixo, esgoto, ratos, baratas, moscas e de podridão que contaminava todo entorno. Servia também como ponto de tráfico de drogas.

Retiramos de lá mais de 200 caminhões de lixo e cerca de 1.500 metros cúbicos de esgoto de seu subsolo. Conferimos ao imóvel a função social que a Constituição Fede-

ral determina para todas as propriedades. O proprietário que o abandonou deve mais de R\$ 5.000.000,00 (cinco milhões) de IPTU. É um ladrão de impostos.

Reza o artigo 1276 do Código Civil, parágrafo 2º: “PRE-SUMIR-SE-Á DE MODO ABSOLUTO A INTENÇÃO A QUE SE REFERE ESTE ARTIGO, (abandonar) QUANDO, CESSADOS OS ATOS DE POSSE, DEIXAR O PROPRIETÁRIO DE SATISFAZER (pagar) OS ÔNUS FISCAIS”.

Por isso, não podemos concordar com a decisão do judiciário. Ninguém pode aceitar que o judiciário proteja um ladrão de impostos. Também não aceitamos a omissão da prefeitura frente à irresponsabilidade de um sonegador de impostos que procura a destruição de famílias, homens, mulheres, crianças e adolescentes, apenas por serem pobres e sem teto.

Erra o judiciário quando pede à polícia que tire de suas moradias, pela força das armas, cidadãos trabalhadores indefesos. Ao judiciário não cabe incitar a violência policial. Estimula, assim, um ambiente desnecessário de confronto social. Nossa situação não é caso de polícia, mas uma questão social.

Cabe, sim, ao judiciário exigir que o Estado cumpra o que determina a Constituição Federal, seja “erradicar a pobreza e a marginalização”. Lá não existem bandidos ou criminosos, mas pessoas que agem em busca de seus Direitos consagrados em nosso Ordenamento Jurídico, o Direito à Moradia, artigo 6º da Constituição Federal de 1988.

Podemos resolver esta situação com diálogo, como gente civilizada.

Queremos o apoio de toda sociedade para uma solução justa e pacífica.

Somos famílias pobres, não temos onde morar. Fora daqui, sem projeto dos poderes públicos, vamos morar na rua.

Então propomos:

- Que esse imóvel seja transformado em moradia popular;
 - Que seja viabilizado o projeto de construção de 249 moradias;
 - Que o prefeito desapropriar ou decreta esse imóvel de interesse social;
 - Que as famílias sejam atendidas pelo programa Bolsa Aluguel da prefeitura, enquanto o projeto estiver em andamento; e
 - Que seja suspensa a liminar de reintegração de posse até que seja encontrada solução definitiva.
- Assim, estaremos oferecendo a PAZ que necessitamos.

PREFÁCIO PARA O LIVRO-REPORTAGEM DE ERIK SANTANA

Maio de 2005

O dia seguinte prometia. Às quatro horas da manhã, todos na porta da fábrica. A empresa pretendia acabar com a greve. Ameaçou demitir todos os empregados. Trouxe a polícia para reprimir os trabalhadores. Horas tensas se passaram. No final, poucos os fura-greves. Os empregados permaneceram fora da fábrica. Na rua a greve seguiu seu curso. Liderava os trabalhadores Edvaldo Nobre Santana, coordenador regional da ATBIM – Associação dos Trabalhadores dos Brinquedos e Instrumentos Musicais.

Santana, como era conhecido, estava no olho do furacão. Iniciou sua militância ao criar instrumentos de defesa da comunidade negra de Itu. Engajou-se, também, na defesa dos interesses dos trabalhadores da indústria de brinquedos e instrumentos musicais. Segue apoiando os companheiros da indústria da cerâmica de Itu. Relacionava-se com as lutas operárias do momento. Os salários

da época eram corroídos pela inflação e as condições de trabalho nos brinquedos, cerâmicas em geral eram terríveis. O ambiente na empresa poderia ser considerado como câmara de tortura ou campo de concentração. Uma trabalhadora desabafou: “Não aguento mais, todo dia é a mesma coisa”. O trabalho sem sentido. O calor, o pó, a proibição de ir ao banheiro, a repressão da chefia etc.

Santana queria mudar esta situação. Mas as forças da opressão o atacaram. Primeiro, cortaram seu emprego. Em seguida, impediram que ele construísse o sindicato da base de Itu. Mas Santana não desistiu e, por isso, o assassinaram. Essas lembranças entristecem e, contraditoriamente, trazem alegria. Porque o filho Erik resgata a memória do pai neste livro-reportagem.

É leitura obrigatória para se conhecer a história de Itu e um pedaço da luta dos trabalhadores. Erik Santana, parabéns.

Lembro do adeus. Todos seguiam o cortejo pelas ruas de Itu. Silêncio absoluto, nenhuma palavra. O ambiente revelava indignação geral, entre lágrimas e o barulho da terra que descia e cobria o corpo de mais um operário assassinado, uma voz ecoou: COMPANHEIRO SANTANA ESTÁ PRESENTE! Eu acrescento: SAUDADE!

Manoel Del Rio

Advogado

Assessor da ATBIM à época.

SEM TETO, UM ETERNO MIGRANTE

Outubro de 2003

Texto escrito em outubro de 2003 por conta do incêndio ocorrido na ocupação Prestes Maia

“O fogo consumia o sexto andar. Tinha devorado o quarto e o quinto. Subia para o sétimo.” Perdi tudo agora no fogo. Em Guaianazes, foi a água. “A enchente levou até minha casa. Mas estou viva”, balbuciava a moradora. As famílias todas na calçada. Não soltavam os olhos do prédio em chamas. “Sorte que não morreu ninguém. Saímos todos. É, acho que ficou uma menina, a filha da boliviana. Que nada, saiu todo mundo.” “A boliviana é uma costureira aqui do Bom Retiro.” Explicava a pernambucana de Caruaru. “Deixei um frango no forno agora queimou,” brincava. Perdera tudo. Mudou da Brasilândia para morar perto do serviço. O marido não queria. Mas ela disse: “se for para conseguir nossa casa, vamos lutar.” Dos olhos da coordenadora caíam lágrimas. “Não, estamos vivos, é o que importa. Eu perdi tudo e não estou chorando.” Foi o conforto de uma moradora. Na mente, uma longa estrada, apesar da pouca idade. Era menina boia-fria,

em Guariba/SP. Passava fome cortando cana. Após acabar a safra, migrou para Ribeirão Preto/SP. Lá perambulou pelas ruas à procura de serviço. A vida seguiu, e ela veio morar no Cambuci. O desemprego do marido empurrou a família para baixo do viaduto do Glicério. Foram três longos meses. A vida fugia do corpo. A ocupação de um hospital desativado salvou-lhes. Coordena o MSTC (Movimento dos Sem-Teto do Centro), sofria, estava impotente. O fogo fulminava as moradias e queimava-lhe o peito. Abraçada à família do Manoel, calou-se. Este veio da Paraíba, casou-se com Juliana, de Minas Gerais. Franzino, mas corajoso já rodou o mundo em São Paulo. Morou na rua Conde Sarzedas, num cortiço. Precisaram se mudar. O prédio virou estacionamento. Dali, migraram para uma pensão, na Santa Cecília. Nasceram os filhos, não podiam ficar ali. Acolheram-se em dois cômodos no Bom Retiro. O aluguel consumia toda a renda, saíram para Guarulhos. Conheceram o Movimento dos Sem Teto. Vieram para a ocupação. Assim puderam morar no centro.

Segundo o censo do IBGE de 2000, migraram de São Paulo 600 mil pessoas para as “cidades dormitórios”, como Itaquaquecetuba, Francisco Morato, Guarulhos, Ferraz de Vasconcelos etc.

O fenômeno é simples: salário miserável, desemprego, especulação imobiliária... pronto! A cidade urbanizada expele de suas entranhas trabalhadores e trabalhadoras de baixa renda.

O fogo estendia sua fúria. Passava para o sétimo andar da torre A. Às duas horas da manhã, cerca de 400 famílias, mulheres homens, crianças esparramavam-se pela rua Brigadeiro Tobias, centro de São Paulo. “Os bombeiros demoraram muito, mais de uma hora para iniciar o combate ao incêndio. Parecia um plano. Era para a moradia dos sem teto queimar”, falou uma de-

sabrigada. “Não fosse o incêndio iríamos para a rua do mesmo jeito. O juiz já deu o despejo. O advogado do MSTC falou: o juiz já assinou aquele documento que manda a gente para a rua. Está lá no batalhão do choque. O major disse que vai tirar todos do prédio”, retrucou uma mulher com um menino no colo. “O juiz não pode fazer isso. Esse prédio está fechado há 17 anos e não pertence mais aos antigos proprietários porque eles devem 4 milhões de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano)”, disse outro desabrigado.

Espalhou-se uma polêmica jurídica. Enquanto o fogo seguia. “O juiz não pode decidir assim. O que mais vale é a vida humana, não esse monte de concreto e lixo”, “Que nada, depende da mente do juiz. Se ele vê o mundo com a cabeça do proprietário, vai dar ganho de causa a ele”, “Direito nós temos. Está na Constituição, no Estatuto da Cidade, no Plano Diretor, na Declaração Universal de Direitos Humanos e na Bíblia. Isso eu vi na palestra. Mas quer saber de uma coisa? A justiça é cega, mas de um olho só. É cega para defender o direito dos pobres e tem um olho bem arregalado para proteger os interesses dos ricos.”. “Não fala bobagem”, disse um homem triste que estava calado no canto.

O fogo, depois de consumir o oitavo andar, fora extinto. Felizmente não atingiu a torre B.

No rosto das famílias, reluziam esperanças. Ali entre os desabrigados, concentravam-se almas de todo o Brasil e de outros países da América. Baianos, pernambucanos, maranhenses gaúchos, cearenses, mineiros, paraenses, paulistanos. Gente que já perambulou por vários estados, de um bairro para outro dentro da própria cidade. Um vai e vem desenfreado. Uma inquietação descontrolada. Migrante sem teto e sem teto migrante. Uma realidade que precisa ser alterada. Não há

sentido em tanto sofrimento humano. A engrenagem que empurra os trabalhadores de um lado para o outro precisa parar.

De repente, uma péssima notícia. A menina de 4 anos ficou no quarto andar. O fogo da miséria consumira sua vida. A ausência de moradia digna e igualdade social fez mais uma vítima.

O silêncio tomou conta de todos. Uns rezavam. Outros choravam. Alguém xingou, desabafou. A coordenadora falou “Gente, vamos seguir juntos. Vamos reconstruir tudo. Vamos morar aí, entrar com a chave na mão”. Recebera a notícia de que a prefeita desapropriara o imóvel.

“QUERIA TER UMA CASA. AQUI, DORMEM TODOS AMONTOADOS”

Maio de 2003

Dona Maria conta a sua historia

“Sempre trabalhei na minha vida. Desde os oito anos de idade”. E assim continua aos 36 anos. “Lavo a roupa para fora, faço bolo. O que tiver que fazer, faço.” Tem 11 filhos. O mais novo, de 1 ano de idade. O mais velho, 19 anos. Tem uma menina deficiente. Quem acha serviço, trabalha. O marido faz pizza. Ganha R\$50 por semana. O filho mais velho trabalha na padaria. Recebe o mínimo. O outro menor de idade vende bolacha na Praça da Sé. Ganha R\$ 50 por semana. O casal, os 11 filhos e mais um sobrinho vivem em um cômodo de 12 metros quadrados, ali no meio do centro da cidade. Dividido por um guarda-roupa. Um banheiro, uma pequena cozinha e um corredor de entrada. A casa estava limpinha. O chão forrado com jornais passados. Podiam se ler algumas manchetes: “INFORMALIDADE CRESCE E DERRUBA A RENDA

EM 7,2 POR CENTO”. “DESEMPREGO ALTO MARCA O PRIMEIRO DE MAIO.” É tudo o que aquela família sofria sem emprego e sem salário. Ao lado, um pequeno box do jornal expressava: “EM FEVEREIRO DE 1958, O SALÁRIO MÍNIMO TINHA O MAIOR PODER DE COMPRA DA HISTÓRIA. CORRESPONDIA A R\$1.148,83”.

As crianças ajudam trabalhando

Tem uma filha menor de idade, com 13 ou 14 anos, quando encontra serviço, ela também trabalha. Novamente a vida daquela família se confundia com a manchete do jornal no chão: “BRASIL: 500 MIL MENORES NO TRABALHO DOMÉSTICO.” Essa é a tragédia que os trabalhadores enfrentam. Devido aos miseráveis salários e à falta de emprego, as famílias precisam enfiar os menores na fornalha da exploração capitalista. Seguimos conversando. Maria contou que ela, o marido e mais três crianças dormem na cama. Dois entre a cama e o pequeno corredor. Cinco espalham-se pela salinha. Um dorme no corredor da entrada e o outro no espaço entre a pia da cozinha e o armário.

Marido de Dona Maria: companheiro de verdade

Maria tem força, tem altivez. Afirma que o marido ajuda a lavar as roupas. Ele fica com as crianças quando leva outros ao hospital. Disse que as paredes “Suam” (escorre água) quando chove. Que a maioria dos pequenos tem bronquite. Isso os deixam pretos, sufocados. Então, dá xarope, leite quente. Se não resolve, faz inalação ou corre para o hospital. A vida é uma luta. Disse que quando chove, o menino não pode dormir na cozinha. Escorre água pelo chão. Na cozinha, ela falou sobre a alimentação. Não falta almoço pra ninguém.

À noite, comem uma bolachinha. E tomam um refrigerante. Olhei para o chão e vi os jornais. Ali havia a notícia: “CUSTO DA CESTA BÁSICA BATE O RECORDE DO REAL. O PREÇO MÉDIO PASSOU PARA R\$ 215,13”. Surgiu a interrogação: de quanta alimentação precisam aquelas crianças? Maria contou que oito filhos estão na escola. E lá recebem a merenda escolar.

Ameaça de despejo: para onde ir?

Maria tinha mais uma preocupação. Vão precisar mudar de lá. O imóvel pertence ao Fórum. E vai ser derrubado para fazer estacionamento. Não sabe o que fazer, pois, ali, ela não paga aluguel. Voltei os olhos para o jornal e pensei que o que estava ali escrito tinha relação com aquelas vidas: “FURLAN ANUNCIA MAIS 5 BILHÕES PARA EXPORTAÇÕES. Ministro informa que verba é do FUNDO DE AMPARO AO TRABALHADOR”. Meu Deus, esses fundos deviam apoiar aquela família. Deixo esse julgamento para os leitores. Os economistas dizem que é para criar emprego. Mas o emprego está diminuindo.

Os bilhões vão para os ricos

Começamos a nos despedir, não pude deixar de olhar outra manchete de jornal: “GOVERNO CENTRAL TEM SUPERÁVIT DE R\$ 15,13 BILHÕES NO PRIMEIRO TRIMESTRE. EFEITO DE JUROS ALTO IMPEDE QUE SUPERÁVIT PRIMÁRIO SEJA SUFICIENTE.” No primeiro trimestre, os juros somaram R\$ 44,9 bilhões e o saldo foi de R\$ 22,8 bilhões. A cabeça fundia. Quanto mais se paga aos banqueiros, mais se deve. E a vida daquela família continua fluindo. A vida humana segue perdida.

Quem não luta, está morto

Despedimo-nos. Maria falou das dificuldades de morar naquele pequeno espaço. Mas disse orgulhosa: “O IMPORTANTE É QUE ESTÃO TODOS DO MEU LADO”. Na saída, a coordenadora do MSTC – Movimento Sem Teto do Centro, que nos levou até lá, reforçou o convite para:

- Os jovens da família irem à reunião com o delegado regional do trabalho. Todos querem ingressar no programa primeiro emprego;
- Para Maria ou alguém da família participar do grupo de base mais próximo de casa, até conseguir uma moradia decente.

“Nosso Movimento, Dona Maria, falou a coordenação do MSTC, não vai sossegar enquanto os pobres estiverem sem moradia”.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO A FOME EM SÃO PAULO

Dezembro de 2002

“A fome é uma desgraça, uma desgraça, uma...” repetia o desempregado ao pedir ajuda para comprar comida. Seu olhar ia longe, parecia não encarar as pessoas, voltava-se para o estômago. Seus movimentos expressavam fraqueza, sofrimento, tristeza, humilhação.

Onde estava este homem?

Na África?

Na Ásia?

Enfrentava a seca do Nordeste?

Não. A cidade de São Paulo o acolhia.

Ali no centro. Na avenida principal.

Ele vagava.

Tinha fome.

Tanta riqueza o cercava. Bancos, comércio e sua infinidade de mercadorias, restaurantes, que maravilha de pratos! Edifícios suntuosos e carros.

Entretanto, ele o homem estava ali, tinha fome. “A fome é uma desgraça”. Ele não estava sozinho. Muitas almas em outros pontos da cidade encontravam-se na mesma situação.

No Anhangabaú, no Largo da Batata, na Praça da Sé, na Barão de Itapetininga, no Brás, em Pinheiros, em Santa Cecília, nos cortiços, em pensões e ocupações de prédios no centro, no Lajeado, no Itaim Paulista, em Carmargo Velho, na Vila Guarani, em Paraisópolis-Morumbi. Quem diria! Na Vila Formosa, no Tatuapé, no Jardim Ângela, no Largo do Arouche, no Heliópolis-Ipiranga, na Praça Princesa Isabel, na Vila Industrial, no Anhanguera, no Ceagesp, milhares lutam pelas sobras. Meu Deus! Eles estão em todo lugar. Nos trens lotados, nas obras do Rododanel e na reforma do viaduto.

Na fábrica, que tristeza, o trabalhador não se alimentava para poupar a refeição e levar aos filhos.

Ah! Em Marsilac, tem o Benedito, ele dorme em qualquer lugar, desmaia, não tem forças, vida estragada.

São tantas histórias...

Ele “só fica no soro”. Não tem alimentos em casa. O pai está desempregado. A mãe ganha trinta reais por quinzena, mas nesta semana só recebeu dez reais. A patroa não completou o pagamento.

Ela teve problema de cegueira, perdeu a visão. Não pode ir à escola. Voltou a enxergar. Agora está com lesões nas articulações.

Eles não aprendem nada na escola; pararam de crescer.

É como uma epidemia. São milhares, milhões de almas, que habitam esta cidade. A fome os ataca. Não ingerem os nutrientes suficientes para suas necessidades vitais.

Que mal é esse que assola esta metrópole?



A FOME
em
SÃO PAULO

fotografias

CESAR DINIZ
EULER PAIXÃO
PAULO PAMPOLIN
VERA JURSYS

Fourier¹ observara: "na civilização, a pobreza brota da própria abundância". Esta afirmação é adequada para São Paulo.

A cidade produz uma das maiores riquezas do mundo. Mas, em suas entranhas, gera um rastro sinistro de destruição humana.

Este livro, por meio da linguagem fotográfica, procura revelar a fome presente nas pessoas. É um produto de longa convivência com famílias inteiras dizimadas pela carência de alimentos.

A proposta de produzir esta edição surgiu em 1993. Nasceu quando organizamos a APOIO, baseada na Campanha Contra a Fome. Viabilizou-se esse ano com a parceria entre nós e as agências CAFOD, Pão para o mundo e Desenvolvimento e Paz.

Durante três meses, os fotógrafos percorreram os diversos pontos da cidade. Encontraram algumas dificuldades. Uma delas: ninguém admite passar fome. Outro aspecto foi o impacto depressivo que o contato com a realidade provoca. O trabalho desses profissionais foi brilhante.

Recebemos a contribuição da equipe de médicos da Organização Nacional de Saúde (ONS). Conversamos muito sobre a questão da presença da fome seletiva, ou seja, a ausência de vitaminas e proteínas e o excesso de carboidratos. As consequências são desastrosas para o organismo humano que não se alimenta direito.

Enfim, aqui está o livro.

Que proliferem soluções a fim de extinguir esta tragédia social.

Que a fome pereça!

Que a vida humana alcance sua plenitude!

1 Fourier – filósofo e sociólogo francês, crítico da “civilização moderna”, viveu entre 1772-1837

PARA UMA REFORMA URBANA E HABITACIONAL

10 de dezembro de 2000

*(texto elaborado para discussão
na coordenação do MSTC)*

1 - As condições gerais

Atualmente, para a grande maioria da população brasileira, as cidades brasileiras não são lugar para se morar e para se viver. Na verdade, elas são mega concentrações urbanas, que servem apenas para separar as atividades agrícolas das industriais e para enriquecer os grandes proprietários que especulam com a terra e com os aluguéis dos imóveis – impedindo o acesso dos trabalhadores à moradia e provocando a grande crise do setor habitacional. Em resumo, as cidades brasileiras são a expressão mais concreta de um processo capitalista que começa com a expulsão da população do campo pelo latifúndio improdutivo, passa pelo arrocho salarial mais pesado da América Latina e termina na fila de multidões incalculáveis que não têm onde trabalhar, não têm o que comer, nem onde morar.

Nessas condições catastróficas — criadas e aprofundadas pelo tipo de acumulação do capital reservado pelo sistema imperialista para burguesias dependentes como a brasileira — uma reforma habitacional do Brasil só poderá ser realizada se forem simultaneamente transformadas as atuais relações de propriedade, de produção e de repartição da riqueza nacional.

Isso quer dizer, que a reforma urbana capaz de destruir as desumanas condições de sobrevivência nas cidades — e substituí-las por novas condições que atendam plenamente às necessidades da imensa maioria da população — será apenas uma parte de um processo maior de transformação da propriedade agrária, dos mecanismos burgueses que perpetuam o desemprego e os baixos salários e, finalmente, das leis, também burguesas, que garantem a violência dos grandes proprietários.

2 - As medidas necessárias

I - A reforma urbana e habitacional no Brasil têm que ser simultâneas a uma reforma agrária ampla e profunda, que consista, basicamente, da expropriação das grandes propriedades improdutivas, começando por aquelas mais próximas das grandes concentrações urbanas e industriais;

II - Implantação de projetos coletivos agroindustriais nas grandes propriedades expropriadas pela reforma agrária, de acordo com o mais recente desenvolvimento científico e tecnológico;

III - Combinação das atividades agrícolas e industriais, que possibilite um gradativo desaparecimento das diferenças entre essas atividades e, ao mesmo tempo, uma repartição mais harmoniosa da população no espaço territorial;

IV - Organização de Frentes de Trabalho e assentamento da população desempregada do campo e das cidades nos projetos coletivos agroindustriais, que devem incluir necessariamente um desenvolvido sistema habitacional, educacional, de saúde, de desenvolvimento físico, mental e artístico, o que está imediatamente relacionado com a reforma propriamente dita;

V - Os trabalhadores urbanos e rurais devem construir uma forte união para que nenhum trabalhador receba um salário abaixo do mínimo necessário, definido pela Constituição Federal. A cada trabalhador, segundo sua necessidade.

VI - Novas medidas físicas e econômicas para o estoque de propriedades urbanas existentes.

- Impostos fortemente progressivos sobre proprietários que acumulam terras e imóveis nas cidades, de acordo com a quantidade e a metragem total. Até 100 m² de área construída ou de terreno, não haverá cobrança de nenhum imposto. A partir dessa medida, será iniciada a cobrança e a progressividade dos impostos;

- Expropriação de terrenos e prédios ociosos ou fechados há mais de ano e dia (expropriar, prioritariamente, os imóveis de corruptos e corruptores). Poderá ser concedido um prazo de 12 meses para que esses imóveis sejam vendidos ou reutilizados antes da expropriação;

- Taxas e tarifas diferenciadas para água, luz, esgoto, lixo, melhorias etc., de acordo com a quantidade de bens e a metragem total dos imóveis de um mesmo proprietário.

VII - Novas medidas administrativas e econômicas:

- Reserva de amplas áreas para utilização pública, recadastramento e regularização fundiária, parcelamento, desmembramento e remembramento do solo para fins urbanos e habitacionais;

- Imediata ocupação dos prédios expropriados ou abandonados, para moradia dos trabalhadores e suas famílias, sob o controle da associação de moradores;

- Reservar prédios e espaços mais apropriados para instalação de escolas, hospitais, creches etc.;

- As construções de novos prédios ou reforma, adaptação dos antigos devem ser realizadas na forma de auto-gestão. Os grupos de famílias atendidos constituem uma associação de moradores e, por meio dessa associação, farão a administração e aplicação dos recursos, fiscalizarão a construção com o auxílio de uma assessoria de engenheiros, arquitetos, mestres de obras etc., desde o tipo de moradia, tamanho do prédio e do terreno, processo de construção, definição dos custos envolvidos, equipamentos coletivos etc.;

- Todos os trabalhos de construção, reformas ou readaptações dos imóveis devem ser executados por cooperativas de trabalhadores da construção civil, fiscalizados pelas associações de moradores, conselhos populares e operários. Essas cooperativas de trabalho devem ser remuneradas, porém sem fins lucrativos, evitando e punindo todo tipo de intermediário especulativo. Adotando o princípio de cada um segundo seu trabalho.

VIII- Medidas políticas

Planejamento urbano, participação popular e comunitária. Eleição e duração dos mandatos, não prorrogáveis, dos conselhos operários e populares.

A LUTA POR MORADIA

Dezembro de 2000

Texto utilizado em curso de formação para os sem tetos, em 1999. Os fundamentos ainda são válidos.

Se pagar aluguel não come. Se comer não paga o aluguel. Essa é a tragédia que atinge milhões de trabalhadores sem teto dos centros urbanos. Em São Paulo, são dois milhões de habitantes de favelas, um milhão de moradores em cortiços, e outros milhões habitando, precariamente, nas periferias da cidade. As péssimas condições de habitabilidade destroem as famílias, a saúde física e o espírito de milhões de trabalhadores. Essa penúria habitacional imposta aos trabalhadores e trabalhadoras urbanos, é uma prova evidente de que o capitalismo não deu certo. Esse modo de produção não serve à classe trabalhadora em geral, mas, especialmente, aos trabalhadores urbanos sem teto. O capitalismo no Brasil deu certo apenas para um punhado de ricos e seus serventuários, um pequeno número de burocratas, funcionários do Estado.

Crescem ricas cidades, constroem-se *Shoppings* e lujosas moradias, rodoanel e rodovias. Introduzem toda

espécie de máquinas e melhoramentos na indústria e na agricultura. Produz-se bens de luxo sofisticados, mas milhões de pessoas não conseguem sair da miséria e continuam a trabalhar toda uma vida, sem que esse trabalho proporcione moradia e sustento à família. E não só isso: cresce o número de desempregados e o número de pessoas que, tanto no campo como na cidade, não conseguem, de modo algum, encontrar trabalho.

É preciso que os trabalhadores urbanos sem teto compreendam o porquê de viverem na pobreza e não ter, sequer, acesso a uma moradia digna.

E as condições de vida dos trabalhadores não param de piorar. Segundo o IPEA, o número de pobres — quem consegue comer o mínimo necessário, mas não ganha o suficiente para roupa e moradia — passou de 51 milhões e 300 mil pessoas, em 1998, para 54 milhões e 400 mil pessoas em 1999. Em apenas um ano aumentou o número de pobres em 3 milhões e 100 pessoas. Isso quer dizer que os ricos ficam sempre mais ricos e os trabalhadores e trabalhadoras cada vez mais pobres. O incremento de pobres está diretamente ligado ao aumento dos lucros dos ricos. Dados levantados por pesquisadores do IPEA revelam que a produtividade do trabalho cresce 2,65% ao ano, enquanto os salários caem. Em 1990 a participação dos salários no PIB (Produto Interno Bruto) era de 45% e dos lucros 33%. Já em 1999, os salários ficaram com apenas 37% do PIB, enquanto os lucros abocanharam 41%.

Os trabalhadores urbanos sem teto estão dentro dessa máquina de chupar o trabalho e a vida humana.

Quem são os trabalhadores sem teto?

As cidades funcionam impulsionadas por um conjunto complexo de trabalho realizado por milhões de trabalhadores. São os trabalhadores e trabalhadoras da higiene e limpeza de ruas, de residências, hospitais, escolas.

São profissionais da saúde, da educação, do transporte, da distribuição de energia, empregados do comércio, operários da construção e da indústria. Enfim, os trabalhadores urbanos criam e fazem a manutenção de tudo que existe na cidade. Entretanto, tudo o que é produzido e desenvolvido na cidade serve apenas a uma minoria de ricos. O povo trabalhador vive na miséria. Isso porque os salários recebidos pela maioria dos trabalhadores não pagam o aluguel de dois cômodos. Os recursos públicos ou são roubados pela casta burocrática, ou são destinados para obra para os ricos, ou ainda sustentam todo tipo de parasitagem para os ricos. A propriedade imóvel urbana é uma indecência completa. As terras e os prédios urbanos servem a um bando de proprietários parasitas e especuladores.

Os trabalhadores urbanos sem teto são os que trabalham para esses ricos, dão tudo e não têm nada. E a verdade precisa ser dita: o povo trabalhador não pode se livrar da miséria e da pobreza enquanto os ricos dominarem.

Claro está que o destino de milhões de pessoas é viver na pobreza e essas pessoas continuarão na pobreza enquanto terras, prédios e o controle da cidade continuarem na mão dos ricos.

Claro está que os trabalhadores sem teto urbano não devem apenas esperar ajuda de ninguém e de parte alguma enquanto eles próprios não se unirem, não se derem às mãos numa só luta tenaz e disparada contra os ricos da cidade e do campo.

Que luta devem travar

Não basta apenas constatar as causas da pobreza e a quantidade de despossuídos. É preciso intervir, opor-se e modificar essa realidade, a fim de se libertar da miséria.

São múltiplas lutas que podem ser travadas: por trabalho, por terra no campo, por moradia na cidade, por serviços públicos de qualidade, por salários dignos, etc. **Entretanto, nenhuma dessas lutas isoladas, localizadas, específicas para pequenos grupos poderá tirar os trabalhadores sem teto da miséria.** Podem-se obter melhorias pontuais, mas as condições de vida dos trabalhadores continuam piorando. Já que a máquina de produzir lucros crescentes para os ricos e miséria para os trabalhadores está bem lubrificada e funcionando em alta velocidade.

A luta por moradia é um bom instrumento para organizar e colocar em movimento os trabalhadores e trabalhadoras sem teto.

A conquista da moradia para as famílias pobres representa a obtenção de um bem essencial impossível de conseguir devido ao desemprego e aos péssimos salários. Contudo, nas condições atuais, é necessário empreender lutas conjuntas de todos os atores desse movimento. Travar lutas unificadas, tornando-se uma força temida.

Partir da reivindicação específica à moradia, mas não perder de vista o fato de que as causas da miséria precisam ser atacadas. No caso dos trabalhadores urbanos, é necessário colocar a questão da reforma urbana, impor limites à propriedade imóvel, lutar pela aplicação do Estatuto da Cidade. Unir-se o máximo possível. Não poupar esforços para unir os trabalhadores da cidade e do campo em diferentes comunidades, regiões, cidades etc. Só essa união, com objetivos precisos, poderá enfrentar as causas da miséria e, conseqüentemente, obter melhorias específicas. **É NA UNIÃO QUE ESTÁ A NÓSSA FORÇA.**

Não basta dizer que se vive mal; não basta apelar para a revolta; isso qualquer charlatão sabe dizer, mas tem pouco efeito. É preciso que o povo trabalhador

compreenda, com toda clareza, porque é que vive na pobreza e com quem devem se unir e lutar para se libertar da miséria.

Combater a miséria não é tarefa de poucos grupos isolados. As pequenas conquistas podem iludir os mais afoitos, embaçar a visão e elevar nosso ego às alturas. Esse feito manterá apenas lideranças em evidência.

Para ir mais longe, é necessário organizar-se o máximo possível e construir uma união sólida de todos os trabalhadores pobres.

Quem não luta está morto!

Se depender dos capitalistas e dos seus serventuários que se beneficiam do trabalho alheio, a vida dos trabalhadores será um eterno sofrimento. Por isso a luta e união dos pobres precisa ser travada. Entretanto, essa luta não pode seguir às cegas, é necessário ter pontos de referência, ter rumos precisos.

Elencaremos a seguir algumas indicações:

1 – Estabelecer um programa (mínimo) de reivindicações. Por quê se luta? Quantas moradias, postos de saúde, escolas, creches, empregos, casas de cultura etc. Precisar milimetricamente o que se quer, especificamente, mas junto da reivindicação específica exigir mudanças em aspectos mais gerais de reforma urbana.

2 – Buscar o máximo de união entre os pobres. Tornar o movimento uma força temida. Travar lutas comuns bem articuladas e de grandes proporções. Nesse processo, construir o poder popular, a FLM.

3 – Empreender o maior número de lutas possíveis. Não se iludir com os programas do Governo que nunca saem do papel. E quando saem das gavetas, são ridículos, ínfimos para as necessidades dos pobres. Se esperarmos

pelos governos, podemos ficar sem os projetos habitacionais, sem leis e sem movimento organizado.

4 – Organizar o maior número de grupos de base possível. É nesse espaço que os sem teto realizam o seu aprendizado. É disciplinado para o ingresso em programas habitacionais. São esses grupos organizados que colocam as necessidades habitacionais na ordem do dia.

5 – Em cada projeto conquistado, ou espaço ocupado, construir uma associação de moradores autônoma, que terá a função de gerir as famílias daquele espaço. Continuar a luta por outras necessidades. Manter a ligação com o movimento organizado. Participar de luta mais geral. Articular-se nos Conselhos Populares.

6 – Descobrir e preparar militantes para que entendam as causas da pobreza, impulsionem o movimento social, dirijam os grupos de base e associações de forma democrática e transparente.

7 – Edificar Casa de Cultura e Esporte dos Sem Teto, onde se possa promover desenvolvimento físico, emocional e espiritual dos trabalhadores e trabalhadoras sem teto.

RUMO: “A direção da caminhada é mais importante do que o tamanho do passo!”
(Augusto Boal).

“DO PÂNTANO NASCE A FLOR” - PERSPECTIVA DA LUTA POR MORADIA NA CIDADE DE SÃO PAULO (1998)

Dezembro de 1998

(Escrevi este texto há vinte e dois anos, e já no início do primeiro parágrafo podemos constatar sua atualidade)

Na maioria das cidades brasileiras, a questão da moradia está na ordem do dia. Cresce, assustadoramente, o número de famílias sem acesso a esse bem. Famílias estruturadas transformaram-se em pessoas em situação de rua ou são empurradas para moradias totalmente inadequadas: favelas, cortiços e outras habitações precárias. Esse fenômeno apresenta-se de forma violenta na cidade de São Paulo, embora esse espaço urbano concentre a maior riqueza do país. Mas o ventre dessa opulência impõe sofrimento a milhões de seus moradores.

Quais as bases que geram esse problema habitacional? O entendimento dessa questão é essencial para os atores do movimento de moradia.

A resposta a essa questão deve ser buscada na base econômica do atual modo de produção capitalista. Devem ser analisados os níveis salariais da população trabalhadora.

O padrão da remuneração do trabalho é indecente. O salário é pago abaixo de seu valor, não cobre as necessidades básicas do trabalhador. Se pagar o aluguel não come. Se comer não paga o aluguel. A moradia não está incluída na cesta básica de bens que o salário deve comprar. Segundo dados econômicos, o valor do salário mínimo deveria valer quatro vezes mais para garantir o padrão básico de vida de uma família. No entanto, contingentes consideráveis da população não dispõem de renda suficiente para custear sua vida. A relação salário e trabalho não obedece a uma das leis básicas do próprio capitalismo, que é a troca de equivalentes. Para agravar ainda mais a remuneração indecente do trabalho, há o desemprego. Este atinge integrantes ou, em muitos casos, a família toda. Em São Paulo, são perto de 1.700.000 almas sem meios de sobrevivência. Estão privadas do emprego. O desemprego aumentou em decorrência da política criminosa do governo de subordinar completamente a economia interna aos interesses do capital internacional. Assim, impõe a destruição de diversas cadeias produtivas, como a produção de alimentos no campo e a manufatura nas cidades. A indústria transforma-se rapidamente em “maquiadora” de bens, e a economia nacional regride à condição de produtora de matérias primas. Mas a insanidade das classes dirigentes brasileiras não atinge somente os moradores da cidade; a pauperização da população do Campo também interfere nas condições de vida na cidade. São perto de 20 milhões de brasileiros, pequenos proprietários, meeiros, parceiros, assalariados e trabalhadores sem remuneração que vivem abaixo da linha da pobreza no campo. Essas condições estimulam a migração para os centros urbanos, colocando nas periferias das cidades trabalhadores sem profissão e com baixa remuneração. Mas o efeito devastador dessa situação de-

corre, em parte, da queda da produção de alimentos no campo, encarecendo assim o custo de vida e provocando o rebaixamento do salário da cidade. Por outro lado, essa população do campo fica excluída do mercado e deixa de consumir mercadorias produzidas nas cidades, limitando ainda mais o mercado de trabalho urbano.

Além de baixos salários, desemprego, pauperização da população do campo, o incremento de novas tecnologias interfere de forma violenta nas condições de vida dos trabalhadores da cidade. Esse fenômeno destrói diversas profissões (e seus profissionais) substituindo o trabalho superior, melhor remunerado, pelo trabalho inferior sem qualificação e de baixa remuneração. Assim, um número considerável de trabalhadores que dispunham do bem moradia deixam de custeá-lo devido ao rebaixamento de seu salário ou do desemprego.

Outro fenômeno que contribui para o agravamento da crise habitacional está na utilização da propriedade imóvel por aqueles que amealham as riquezas sociais como reserva de valor. Há os imóveis-cofre, adquiridos com recursos subtraídos da exploração dos trabalhadores, que ficam aguardando valorização. Pesquisa recente apontou uma valorização de 200%, nos últimos dez anos, rendimento que nenhuma aplicação financeira garante. A utilização de imóveis como reserva de valor, sem controle dos poderes públicos, contribui também para dificultar o acesso às moradias das camadas pobres da população. Recentemente, os jornais divulgaram que em São Paulo existem 270 mil domicílios vazios, sem moradores. Espaço que acomodaria todos os habitantes de favelas da cidade.

Salários pagos abaixo de seu valor, desemprego, pauperização dos trabalhadores do campo, substituição do trabalho superior pelo inferior e utilização dos imóveis

como reserva de valor (entre outros) constituem a base podre da economia que gera a crise habitacional na cidade. Não há indícios de que essa base está sendo superada, pelo contrário, está sendo agravada pela crise econômica atual, cujo ônus o governo está despejando nas costas das camadas mais pobres da população. Para isso, editou um conjunto de medidas visando arrecadar 28 bilhões de reais em 1999. O rumo básico das decisões do governo vai em duas direções: 1ª — eliminar direitos sociais, como o acesso à previdência etc. e investimentos em serviços públicos, como saúde, educação, moradia e outros. Prevê, com essa medida, economizar 10 bilhões de reais; 2ª — implantar a cobrança de novos tributos indiretos, cuja essência o seu pagador pode transferir a terceiros como custos adicionais. O governo estima que arrecadará 18 bilhões de reais com esses novos tributos. Essas medidas do governo aprofundaram a crise social e as condições de vida de amplas camadas da população. Isso significa que nos próximos anos contingentes maiores da população serão empurrados para cortiços, favelas e para o “abrigo” das ruas. Mas, se por um lado essa realidade cria um drama permanente para os pobres da cidade, por outro, potencializa a organização e a luta por moradia dessa população. Significa que a intervenção consciente do Movimento de Moradia nos bolsões carentes de habitação pode organizar e levar à luta milhares de famílias.

Nas condições atuais, os pobres da cidade estão necessitando de moradia para já, agora. Estão em via de serem despejados, ou já estão morando na rua ou de favelas. Esse elemento deve ser combinado com outro aspecto conjuntural, que é a grande quantidade de prédios vazios existentes na cidade. O enxugamento do Estado deixou e deixa de prestar diversos serviços à população,

colocando centenas de bens patrimoniais, especialmente imóveis à disposição, vazios sem função alguma. Acresce a isto, o fato de que inúmeras empresas inadimplentes entregam prédios inteiros a INSS, BB, Caixa Econômica Federal para cobrir seus débitos. Neste aspecto, a reestruturação produtiva também dá sua contribuição. A indústria e o comércio utilizam menos espaços para funcionar. Assim, deixam vazias grandes áreas construídas. Aparece de forma evidente uma quantidade enorme de propriedades sem nenhuma função social. Prédios fechados, em franca deterioração servem de abrigo e proliferação de ratos, baratas, pulgas, pernilongos, dengue e todo tipo de nocividade ao ambiente que degrada o padrão de vida na cidade.

Em face dessa realidade, a luta por moradia na cidade de São Paulo tem um potencial efetivo de desenvolvimento nos próximos anos. Especialmente a ocupação de prédios vazios para solucionar de imediato o problema da falta de moradia de seus ocupantes e ao mesmo tempo exigir do governo a construção de novas edificações e investimentos na reforma e na adaptação desses prédios para moradia popular.

O processo de luta específica por moradia apresenta outro desafio para o movimento organizado: a necessidade de se promover a união dos pobres da cidade e do campo para realizarem lutas mais amplas que ataquem as causas da pobreza, as bases podres da economia. Caso contrário, aquilo que foi conquistado com grande sacrifício fugirá pelos vãos dos dedos. Em depoimento a um jornal, a moradora de um conjunto Cingapura declara: “enfraqueci demais”, ela, o marido e os filhos passam fome dentro da habitação.

A união dos pobres da cidade e do campo poderá constituir-se num elemento decisivo para garantir a

conquista dos direitos fundamentais: alimentação, saúde, educação, moradia, transporte, além de lutar por respeito e desenvolvimento individual às parcelas da população excluídas desses bens. Direitos estes, já assegurados a outros povos na atual face de desenvolvimento do processo civilizatório.

São Paulo, dezembro de 1998.

(Texto produzido para curso de formação dos sem teto, republicado, pois consideramos seus fundamentos válidos.)

INTRODUÇÃO AO LIVRO “CORTIÇOS” – UMA REALIDADE QUE NINGUÉM VÊ

Abril de 1998

*“Porque todo homem precisa de um lugar para onde ir”
(Dostoievsky)*

“Quando eles se cansavam de andar pelas ruas, eles pediam:

— Mãe eu quero ir pra casa!

Aí eu tinha que explicar pra eles: ‘nós não temos casa’, até eles se acostumarem. ”...

Esse é um pequeno trecho de uma entrevista concedida por uma moradora em situação de rua a uma repórter de uma emissora de rádio de São Paulo durante a ocupação do prédio do INSS, abandonado há mais de 10 anos, na Avenida Nove de Julho, 584, no centro de São Paulo.

O drama revelado no depoimento dessa mãe atinge de forma violenta mais de dois milhões de almas na cidade de São Paulo. São habitantes de comunidades, encortiçados e pessoas em situação de rua. São trabalhadores. São homens, mulheres e crianças submetidos

a condições inadequadas de sobrevivência na mais rica cidade do Brasil.

Os cortiços são moradias coletivas, instaladas geralmente em imóveis grandes e velhos, deteriorados, adaptados irregularmente para serem alugados às famílias de baixa renda. Na maioria dos cortiços, moram dezenas de famílias que disputam o uso de um ou dois sanitários coletivos, de um chuveiro – quase sempre um cano que jorra água fria; e um ou dois tanques de lavar roupas, que também devem servir para lavar utensílios, louças e até mesmo alimentos. Os encanamentos entopem com bastante frequência espalhando esgoto por toda habitação. As instalações elétricas sempre improvisadas provocam curto circuito e incêndios. As famílias são confinadas em um único cômodo, geralmente, úmido e insalubre, em muitos casos sem janela.

As crianças são as maiores vítimas desse confinamento domiciliar. Em um cortiço do bairro da Mooca, por exemplo, uma mãe de família deixava seus filhos (um de oito, outro de dois anos) fechados no quarto sem janela, o dia todo, até voltar do trabalho. Esses cômodos são dormitório, sala e cozinha ao mesmo tempo. Ao lado das camas estão o fogão, a geladeira e a televisão. Em muitos casos o espaço é tão reduzido que durante o dia o colchão fica de pé para permitir a circulação interna das pessoas. De noite é estendido no chão para servir de cama improvisada.

Aqui cabe a indagação: quais as causas que produzem essa infeliz realidade? Devem existir muitas explicações, mas a simples observação de alguns aspectos econômicos e políticos da sociedade em que vivemos, pode nos ajudar a entender os motivos desse enorme e violento sofrimento humano.

Vejamos a questão do emprego e do salário. Segundo as últimas estatísticas, existem um milhão e meio de

CORTIÇOS



FOTOGRAFIAS
WAGNER CELESTINO



Introdução ao livro dos cortiços - uma realidade que ninguém vê
Capa do Livro

desempregados na Grande São Paulo. Ora, meu Deus... de que e como viverão estas almas? Visto este crime social que é o desemprego, olhemos para os baixos salários: 100, 200, 300, 500, todos inferiores às necessidades básicas de uma família trabalhadora. Para onde pode ir uma família atacada pelo desemprego e por esse salário ofensivo à dignidade humana?

Na esteira do aprofundamento das precárias condições de vida dos trabalhadores, vem a ineficácia das políticas sociais públicas. Em raros momentos políticos, os recursos públicos retornam na forma de salário indireto à população pobre. Projetos habitacionais para moradores de cortiços, não prosperam, mofam nas gavetas. Para os governantes e para a classe dominante da cidade, o povo pobre deve morar segregado, distante de trinta a cinquenta quilômetros do centro. A cidade urbanizada e o uso dos recursos públicos são só deles. É esta estrutura social, planejada e organizada pela classe dominante que produz a tristeza, a humilhação e o sofrimento de nossos irmãos. Um verdadeiro extermínio, lento e doloroso, de seres humanos com o destino traçado porque são pobres.

Este livro utiliza a linguagem universal da fotografia para registrar a dignidade, a esperança e a luta cotidiana de mulheres, homens e crianças que moram precariamente nos cortiços de nossa cidade. Com este livro, queremos ampliar a discussão sobre a implacável violência exercida todos os dias contra as camadas sociais mais pobres. Queremos também fazer um chamamento a todos que se importam com o destino dos seres humanos, para que pratiquem ações solidárias destinadas à luta dessas milhares de famílias por uma moradia digna. Ter um abrigo para si e para sua família é um direito inalienável do ser humano.

OS PATRÕES ENCHERAM O COFRE DE LUCROS E APROFUNDARAM A MISÉRIA DOS TRABALHADORES

Dezembro de 1997

Vamos analisar o que está acontecendo na economia brasileira para entender os fenômenos da crise atual e tirar nossas conclusões.

Extraído do boletim Petroluta

O jornal, o Estado de São Paulo, em 09 de setembro de 1997, publicou uma tabela demonstrando os lucros de 400 companhias abertas em tempos de plano real. Vamos analisa-la.

BONS LUCROS			
INDICADOR	JUN/95	JUN/96	JUN/97
Patrimônio Líquido	214.479,3	219.985,1	218.263,0
Resultado da atividade	2.548,6	3.570,6	5.259,7
Receita Financeira	2.047,4	3.674,0	3.993,6
Lucro Líquido	2.933,9	5.002,1	6.531,8
Endividamento (%)	45,4	53,4	62,7
Rentabilidade do PL (%)	2,7	4,6	6,0

Fonte: Austin Assis

Esses dados revelam que as empresas passaram de um lucro de 2 bilhões e 933 milhões de dólares em junho

de 1995 para 6 bilhões e 531 milhões em junho de 1997. Três vezes mais de ganhos, sem nada de investimento. A mágica de arrancar seus lucros produziu a crise atual. A fórmula baseada em três pernas. Realizando importações a rodo. Pegando dinheiro emprestado com os patrões do estrangeiro e aumentando a exploração dos trabalhadores. Esse modelo está em pane, em pelo menos duas pernas. Empréstimos externos e importações. A terceira perna do tripé o aumento da exploração dos trabalhadores continua firme e forte, por enquanto.

O LUCRO DO PATRÃO É A DESGRAÇA DO TRABALHADOR

Os patrões pegam empréstimos externos a juros de 10% (dez por cento) ao ano e financiavam o consumo interno a juros de 25% (vinte e cinco por cento) ao ano. De uma dívida externa de US\$ 42 bilhões em 1992 os patrões passaram a dever US\$ 93 bilhões em 1996. O dinheiro externo servia para engordar seus lucros.

As importações também ampliam a fórmula de obter lucros. As baixas tarifas de importação de equipamentos e mercadorias ampliaram os negócios dos patrões. Mas, desemprega milhares de trabalhadores. Ligado a esses dois aspectos, que engordam os lucros dos patrões, está o aumento da exploração dos trabalhadores. Enquanto a produtividade do trabalho aumentou 66% (sessenta e seis por cento) nos anos 90 a renda dos mais pobres cai 15,6% (quinze virgula seis por cento) no primeiro semestre de 97 (jornal O Estado de São Paulo). Isto significa que a base dos lucros dos patrões está na miséria dos trabalhadores. É justamente a indigestão de tantos lucros que arreben-tou as finanças públicas e a balança comercial brasileira. Criando impasse na orgia patronal.



Os patrões encheram o cofre de lucros e aprofundaram a miséria dos trabalhadores – charge “Quanto mais ele come”.

LATIFUNDIÁRIOS FUZILAM MAIS UM

Junho de 1993

Texto extraído do boletim VAPT-VUPT

No dia 1º de maio, Arnaldo Ferreira foi assassinado em Eldorado – Pará. Ele era um sindicalista rural que labutava contra os desmandos dos latifundiários. Este ano já foram assassinados 5 trabalhadores rurais. Este terrorismo rural tem por objetivo expulsar os trabalhadores e trabalhadoras do campo. Empurrados para a cidade eles são obrigados a trabalhar a preço de banana para as empresas. A burguesia brasileira usa a terra para entesouramento. Isto é, como reserva para proteger as grandes fortunas. Por isso, manda bala em quem quer a terra para trabalhar e produzir alimentos. **Nós queremos a terra para quem nela trabalha.**

EPIDEMIA DE CORRUPÇÃO, DESEMPREGO E BAIXOS SALÁRIOS ESPALHAM A CÓLERA PELO BRASIL

Abril de 1993

Texto extraído do boletim VAPT-VUPT

Ovibrião do cólera se alastra. Um brasileiro é contaminado a cada 17 minutos por lepra. A doença de chagas atinge 5 milhões de pessoas. A malária tem mais de 900 mil casos por ano, e no mesmo tempo 5 mil morrem de tuberculose. Há 6 milhões de cidadãos contaminados pela esquistossomose, ou barriga d'água, diarreia, sarampo, meningite, dengue, hepatite e tantas outras doenças que atacam nosso povo. Mil crianças morrem por dia.

Essa desgraça que ronda nossas vidas é provocada pelo desemprego e baixos salários. Com o salário em baixa, a população trabalhadora é dizimada. Para rebaixar os salários as empresas provocam o desemprego. E quanto mais desemprego existe, mais baixo é o salário. Esta é uma lei do capitalismo que precisa ser bloqueada.

Para piorar a situação, os governos corruptos de Fleury e Maluf roubam os recursos públicos da saúde e

se apropriam da grana que deveria ser aplicada em saúde pública. Só falam em fazer túnel e viaduto, que são obras pros ricos e servem pra tirar dinheiro para suas campanhas eleitorais e seus bolsos.

Junte se a nós do PT para impedir a catástrofe que as elites brasileiras querem nos impor.

DESEMPREGO E BAIXOS SALÁRIOS ENCHEM AS RUAS DE MISERÁVEIS

Março de 1993

Extraído do boletim VAPT-VUPT

São Paulo, a cidade mais rica da América Latina, acomoda milhares de sem tetos nas ruas. É o que revela o levantamento feito pela Secretaria do Bem-Estar Social. Quase 90 por cento já trabalharam registrados. Muitos há menos de um ano.

Antes eram só migrantes. Hoje, metade é gente da cidade, que saiu de casa por causa dos aluguéis. Muitos trabalham, mas sem dinheiro para a condução dormem na rua e só vão pra casa no fim de semana. Gente como o carpinteiro Ribamar Ribeiro, de 33 anos, que há 2 anos vendeu o barraco e foi embora, mas no Piauí estava pior ainda. De volta a São Paulo, a rua foi única alternativa de moradia. O pedreiro Cosmo Mariano, de 34 anos, está na cidade há 13 anos. Sempre morou nos alojamentos das construtoras. Roubaram seus documentos e ferramentas. A saída foi a rua. Marilene Arantes, 23 anos, vende doce nos faróis com o filho no colo. O marido Pedro está

desempregado e o bico de servente de pedreiro rende apenas 50 mil por dia. O jeito foi trabalhar na rua. Fica o dia todo sem comer. “Já pesei 48 quilos, mas agora devo estar com uns 35”. Marilene sonhava em ser professora. Estudou até a 5ª série, quando a família foi surpreendida com a queda do emprego e do salário. “Mudamos para a favela, foi um choque para mim”. Walquides de Souza veio de Paraíso do Norte, no Paraná, há muito tempo. Lá trabalhava na roça, carpiá a semana inteira para ganhar três contos. Aqui, seu trabalho começa de manhã, separando papel, e vai até à noite. Depois puxa a carroça carregada até o depósito. Sorte têm os meninos que saem da periferia para juntar papel à noite, no centro da cidade. Ganham Cr\$ 40 mil e aproveitam a comida jogada no lixo pelo Mc Donald’s.

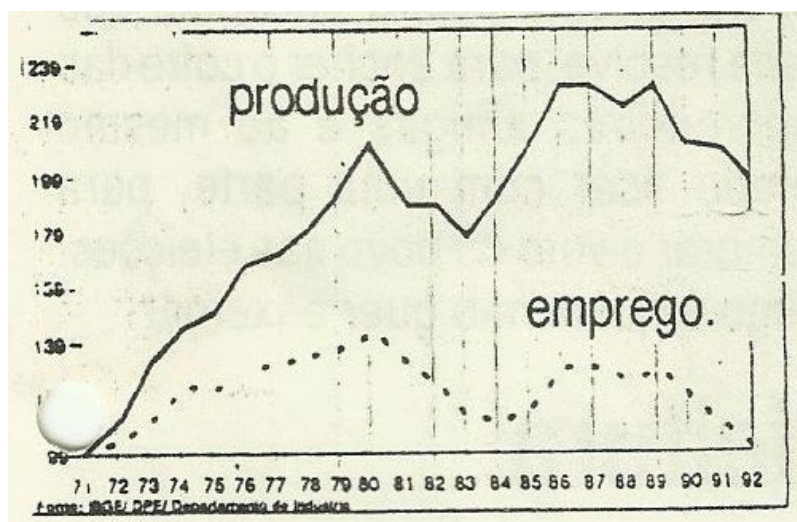
Essa miséria da rua é provocada pelo arrocho salarial e pelo desemprego. Os sucessivos governos, incluindo o matreiro Itamar, mantém e aprofundam a política de penalização do povo trabalhador. Tudo é feito para beneficiar os ricos que não trabalham e nada produzem. Mas ficam com toda a riqueza criada por nós. Por isso, convocamos todo o povo a travar uma batalha política contra a usurpação dos ricos e para implantar a seguinte lei: aquele que quer comer deve igualmente trabalhar, não só com seu cérebro, mas também com suas mãos!

PATRÕES AUMENTAM A EXPLORAÇÃO

Junho de 1993

Um trabalhador é obrigado a produzir por dez

Texto extraído do Boletim VAPT-VUPT



Patrões aumentam a exploração
Gráfico da produção e trabalhador polivalente

Você sente na pele. Cada vez trabalhamos mais tempo e mais rápido. Mas o salário é sempre menor. Saiu no jornal que a quantidade de produção industrial dobrou de 1971 até 1992. No entanto, o número de trabalhadores permaneceu o mesmo. E o salário, nesse mesmo período, caiu pela metade.

A indústria automobilística aumentou a produtividade em 33 por cento de 1990 até hoje e diminuiu o número de trabalhadores em 10 por cento. Segundo eles, de cada 10 veículos por empregado em 1992 as empresas querem chegar a 20 por 1 no ano 2000.

Em todas as fábricas os patrões estão espremendo os trabalhadores para chupar ao máximo seu sangue e suas energias. Quanto mais os empregados produzem mais trabalhadores perdem emprego.

Trabalhador é polivalente, mas salário é mutilado

Você está sendo chamado a ser um trabalhador polivalente. Vai cuidar de várias máquinas, fazer várias



operações, fazer limpeza, consertar. O patrão quer você trabalhando por dez. Com isto sua produção aumenta. Mas seu salário continua sendo rebaixado. Todo mês, todo dia, toda hora o patrão lhe paga menos.

A combinação entre o aumento da produção e o rebaixamento do salário gera uma exploração superior dos trabalhadores. O resultado disso é o crescimento da miséria entre nós e o aumento da riqueza do patrão.

Resistir é preciso

É um erro você se acomodar e achar que está salvo dentro desse inferno. Enquanto poucos de nossa classe comem as migalhas do banquete patronal, milhões de nossos irmãos trabalhadores estão apodrecendo em vida. Por isso todo trabalhador precisa resistir e lutar por:

- Reajuste mensal de salário;
- Salário da Constituição, 450 dólares mensais;
- Jornada de 40 horas semanais;
- Seguro-desemprego;
- Terra para produzir alimentos;
- Verbas para o trabalhador construir sua casa;

**Isto é para começar.
Para você se defender, una-se ao PT.**

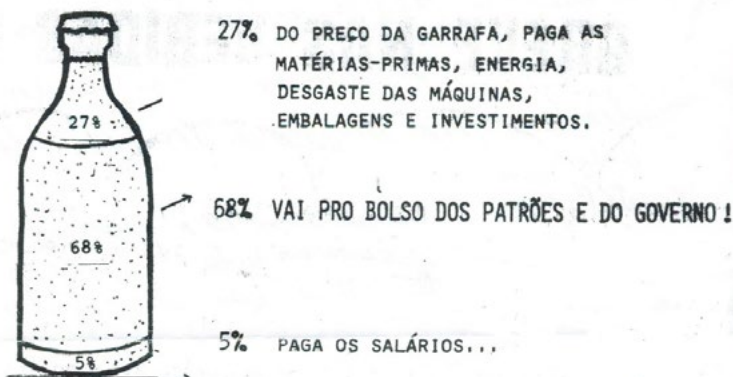
O GOLE DE CADA UM

Outubro de 1986

Texto extraído do boletim Saca-rolha

Quando os trabalhadores colocam em funcionamento as máquinas, numa fábrica de cerveja e refrigerantes é produzido um valor determinado. Só que os trabalhadores recebem em salários, uma minúscula parte do valor destes bens produzidos, criados. Este é o segredo da exploração capitalista.

Vejamos como fica isto representado numa garrafa de cerveja:



Produzimos um valor de 100 e ficamos com apenas 5. Com o nosso trabalho, pagamos nossos salários, tudo que precisa para sair o produto e deixamos nas mãos dos capitalistas 70 por cento do valor criado. Tem muitos parasitas em nossas costas.

Se o salário for aumentado em 100%, seu peso é de apenas 5% no valor do produto. Se a jornada de trabalho for reduzida para 40 horas seu peso é de apenas 3% no valor do produto. Tem muito caldo nessa fruta, vamos apertá-la para extrair o suco.

Companheiros,

A greve continua até que os patrões atendam as nossas reivindicações. Agora é o momento de ir pra luta. Precisamos paralisar outras fábricas de bebidas e, assim, aumentar a nossa força. Nossa luta é justa. Ninguém pode aceitar de cabeça baixa a situação que aí está.

A luta é de todos.

P.S. A metodologia utilizada para desvendar o segredo da exploração dos trabalhadores nas fábricas de bebidas, pode ser adotado em qualquer indústria. De minérios, petróleo, automobilista e assim por diante. Consta que nas automobilísticas o valor do para choque dianteiro paga os salários dos trabalhadores três por cento. Vinte e sete por cento paga o necessário para produzir o carro. O restante setenta por cento fica com os capitalistas (empresários e o Estado burguês). Seja os trabalhadores pagam seus próprios salários, pagam tudo que é necessário para produzir e a maior parte vai para os capitalistas: os parasitas

da sociedade moderna. Por isso dizem que o melhor do mundo é ser capitalista. Entretanto, os capitalistas e seus serventuários são a destruição da humanidade. Cabe aos trabalhadores estruturar uma nova sociedade. Segundo os princípios humanos de a cada um segundo suas necessidades.





UM POUCO DE MINHA HISTÓRIA

MANOEL DEL RIO, advogado e pai de duas filhas. Nascido em Nipoã, interior de São Paulo e descendente de espanhóis. Trabalhou na lavoura até os 15 anos de idade. Em 1963, migrou para a cidade de São Paulo, onde trabalhou em fábricas. Reiniciou os estudos em 1968. Em 1972, ingressou na faculdade de Letras da USP e começou a trabalhar com educação popular nas comunidades eclesiais. Atualmente, é assessor jurídico da FLM — Frente de Luta por Moradia. Coordena a equipe de profissionais e educadores que gerenciam equipamentos de atendimento a pessoas (adultos, crianças e adolescentes) em situação de rua. Desenvolveu o programa de formação dos educadores da entidade. É responsável pela implementação de palestras e cursos sobre Direitos Fundamentais, Direito Constitucional à Moradia, Noções Básicas de Direito, Função Social da Propriedade e Direitos Sociais.

SEMPRE EM DEFESA DOS DIREITOS SOCIAIS

Começou a militância no grupo de jovens da igreja São Felipe Néri, no parque São Lucas, em São Paulo. O início de suas atividades ocorreu no dia 14 de dezembro de 1968, em um protesto realizado pelo grupo de jovens contra o Ato Institucional nº 5, baixado pela Ditadura Militar no dia anterior. Daí em diante, esteve sempre presente nas lutas populares e batalhando em defesa da organização autônoma dos trabalhadores e da luta por seus direitos.

Em 1970, coordenou cursos profissionalizantes e de alfabetização nas comunidades da região leste.

Em 1972, com outros colegas universitários, implementou cursos supletivos ginasiais para trabalhadores em diversos bairros. Estes cursos, com o apoio da pastoral social da Igreja Católica, expandiram-se pela zona leste. Esta rede de iniciativas fez ligação com cursos profissionalizantes, preparando dezenas de militantes para se organizarem nas fábricas e nos sindicatos.

Entre 1975 e 1977, participei da comunidade de A.E. Carvalho, na região leste. Lá organizou o curso supletivo ginasial para trabalhadores e participou da experiência de compras comunitárias: reuniam-se dezenas de famílias, faziam uma lista de necessidades e compravam no atacado para baratear os preços. Nessa atividade, conheceu Santo Dias e nossa comunidade participou do movimento contra carestia, no ano de 1976.

Com o ressurgimento das lutas sindicais em 1978, apoiou as greves e passou a trabalhar como assessor da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo. Participou de seu 1º congresso em 1979. Integrou-se a um grupo de educadores, que apoiavam as oposições sindicais e os sindicatos combativos. Nesse caminho, apoiou a

oposição sindical dos trabalhadores químicos, têxteis, marceneiros, gráficos, do setor de brinquedos, bebidas, plásticos etc.

Em 1979, fundou com outros companheiros a ATRM — Associação dos Trabalhadores da Região da Mooca, espaço essencial de organização dos trabalhadores da região. Trabalhou pelo fortalecimento da articulação e pela troca de experiências das associações de trabalhadores de outras regiões, como: zona sul, Ipiranga, Tatuapé, Itaquera, zonas norte e oeste.

Entre 1979 e 1982, tempos de censura e isolamento das lutas populares e sindicais, participou e ajudou a estruturar o Núcleo de Correspondência. O Núcleo catalogava endereços de lideranças, associações, sindicatos e periodicamente remetia boletins das lutas populares para centenas de endereços espalhados pelo Brasil.

No início dos anos 80, foi editor da sociedade cultural *Jornalivro*. Nesta atividade, publicaram 12 edições de livros em formato de jornal tablóide. Entre eles, *Nicarágua livre: o primeiro passo*, de Frei Betto; *A Mãe*, de Máximo Gorki; *Fontamara*, de Ignácio Silone; *O Americano*, de Howard Faat; *O socialismo e o homem novo*, de Che Guevara; *Se me deixam falar*, entrevista de Moema Viezzer, com Domitila Barros de Chungara, companheira de um trabalhador mineiro boliviano.

Em 1982, assumiu funções na secretaria do ANAM-POS — Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais sob a coordenação do ex presidente Lula, além de Olivio Dutra, Avelino Ganzer, Novaes e Jacó Bittar. Nesta secretaria, trabalhou intensamente na preparação do congresso de fundação da CUT — Central Única dos Trabalhadores. Após o congresso, colaborou até 1985 na estruturação da CUT Nacional. A partir de 1985, passou a apoiar a organização da CUT Zonal da

Mooca. Trabalhou como assessor, em períodos diferentes, no Sindicato dos Trabalhadores das Bebidas, dos Vidreiros e do Comércio de Minérios e Derivados de Petróleo de São Paulo. Nesses sindicatos, além de outras atribuições, escrevia para os boletins “Saca-Rolha”, “O Soprador” e “Petroluta”, respectivamente.

Ainda no ano de 1982, com outros educadores, fundei o 13 de Maio — Núcleo de Educação Popular e o coordenei por 12 anos. Ainda no 13 de Maio, coordenei a produção do audiovisual *A história do movimento operário e sindical no Brasil*. Apoiei a produção do filme *Santo e Jesus: metalúrgicos* e o curta metragem *CUT pela Base*. Organizei uma biblioteca para dar suporte aos cursos de formação.

A partir de 1988, dediquei-me à organização do movimento de moradia da região leste, porém antes, entre 1975 e 1977, já havia apoiado a luta pela regularização de terrenos clandestinos. Esse movimento surgiu devido à grilagem de terras e à venda de lotes na periferia, sem documentos legais. Para regularizar, o trabalhador precisava pagar de novo ou perderia a terra. Foi uma grande luta.

Colaborei com a constituição da ULC — Unificação das Lutas de Cortiços. Foi colaborador nas edições do boletim “Bate-Forte” da ATRM, na confecção dos cadernos “Salário e Moradia: a luta é uma só” e “A luta dos Quintais e cortiços da Região da Mooca”.

Em 1992, organizei a campanha contra a fome e o desemprego em algumas comunidades da região leste. Essa campanha culminou com a conquista do programa de distribuição de leite para as famílias pobres de São Paulo. Cedido pelo Governo do Estado. Colocou também na pauta o programa de renda mínima e o de restaurantes populares. Essas campanhas aglutinaram dezenas de agentes sociais e lideranças do movimento de moradia. Com esse grupo, junto de outros companheiros, estrutu-

rou e fundou a APOIO — Associação de Auxílio Mútuo da Região Leste. Essa instituição intensificou o trabalho dos sem-teto, especialmente moradores dos cortiços. Formataram um programa de ação da entidade intitulado Plano Integrado de Desenvolvimento Social.

Em 1996, a APOIO priorizou a organização dos moradores dos cortiços nos bairros centrais, como Mooca, Belém, Brás, Barra Funda, Bom Retiro, Sé, Glicério, Bela Vista, Santa Cecília e Vila Formosa. Passou então a defender o atendimento de famílias de baixa renda em projetos habitacionais nas áreas centrais da cidade.

Como presidente da APOIO, foi o editor do livro de fotos *Cortiços* e do livro *A fome em São Paulo*. Produziu alguns textos de subsídios para reflexão dos sem-teto, como: *Por uma Reforma Urbana e Habitacional*; *A luta por moradia*; *Do pântano nasce a flor* e o texto base da tese da FLM — Frente de Luta por Moradia, sobre o direito à cidade. É colaborador dos boletins da FLM.

Na APOIO, colaborou com o projeto de defesa de políticas públicas habitacionais para famílias de menor renda. E o programa de atendimento a pessoas em situação de rua.

Em 2016, lançou o livro *No meio do redemoinho – a luta é sempre*. No ano de 2017, recebeu o Título de Cidadão Paulistano, tendo seu trabalho de organização popular e combate à pobreza reconhecido por vereadores, amigos/as, lideranças religiosas, dirigentes de sindicatos, organização sociais e lideranças populares de toda a cidade.

No ano de 2018, assumiu o mandato de vereador pelo Partido dos trabalhadores, por 30 dias. Apresentou 8 projetos de leis nas para superação de problemas de moradia, educação, saúde, infraestrutura, juventude e direito à alimentação. Em dezembro do mesmo ano, celebrou 50 anos de militância, sendo homenageado por amigos/

as, familiares e companheiros/as, que relembrou a trajetória e os caminhos percorridos.

Em 2019, colaborou com o lançamento da Cartilha Construir a unidade nacional da luta por moradia, um texto que resgata princípios e valores para as organizações de luta por justiça e acesso a direitos com o objetivo de capacitar lideranças na formação de grupos com práticas organizativas bem elaboradas, sempre incentivando a disciplina e unidade.

Em 2020, revisitou textos, publicações e experiências percorridas para a produção deste impresso “Tudo começa com uma luta”.

**FOTOGRAFIAS
&
TRAJETÓRIA**

INICIO DE TUDO



Aos 11 anos de idade, na colheita de arroz com a família, no interior de São Paulo.



O mimeógrafo usado no porão da igreja para “rodar” materiais contra a ditadura militar.



Dinâmica em encontro de jovens da Igreja Católica.



Time de futebol do curso de madureza, em 1973.

**Dupla sertaneja
Chulé e Frieira na
festa junina da
Igreja São Felipe
Néri em 1972.**



Time Cruzeiro Futebol Clube no Parque São Lucas, em 1966.



No início da militância, com o grupo de jovens da Igreja São Felipe Neri, em 1968.

NA LUTA SINDICAL



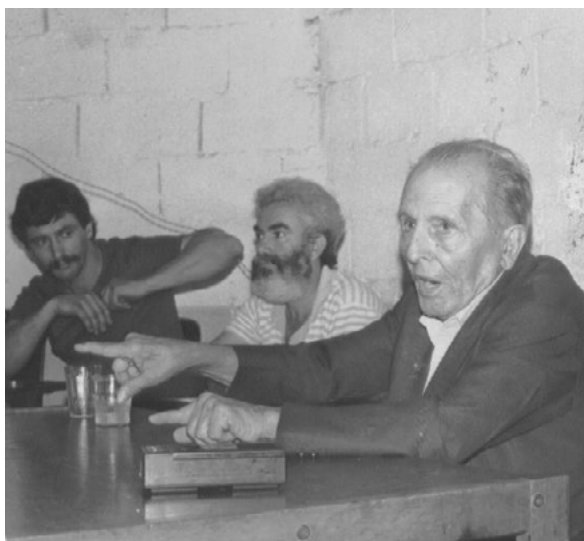
Carteirinhas de filiação aos sindicatos nos anos de 1964 e 1969.



Greve da Antarctica em 1985.



Assembleia de aprovação da greve na fábrica da Brahma em 1987.



Com Luiz Carlos Prestes na Associação de Trabalhadores da Região da Mooca, em 1987.



Assembleia dos trabalhadores em greve da Antartica (1985-86).

ANOS 90



Assembleia da Campanha de Combate a Fome e ao Desemprego no natal de 1993.



Protesto na Prefeitura de São Paulo contra a paralisação dos mutirões pelo prefeito Paulo Maluf em 1993.



Protesto no Parque da Água Branca em defesa da retomada do Programa de Tickets de Leite para desempregados.



Obra na rua Frei Caneca, formando trabalhadores da construção civil sobre condições de segurança e saúde do trabalho, em 1996.



Lançamento do Livro "A Fome em São Paulo" em 1998.

ANOS 2000



Curso para operários da Construção Civil em 2001.



Fórum Social Mundial em Porto Alegre em 2001.



Ocupação do Hotel Danúbio na Av. Brigadeiro Luís Antonio, em 2003.



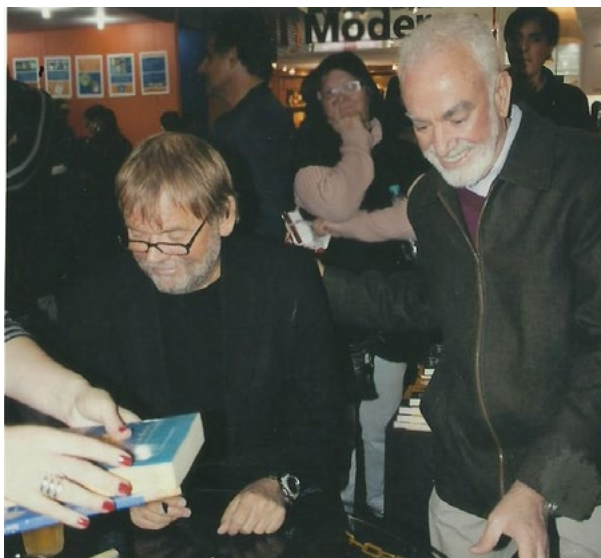
Seminário de Fundação da Frente de Luta por Moradia (FLM) em 2005.



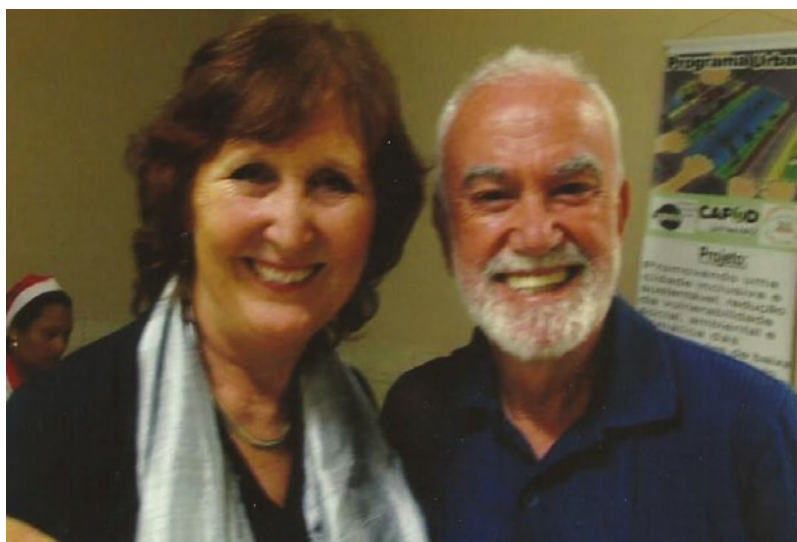
No ato do Dia Internacional das mulheres, participando junto com o Programa Urbano, no ano de 2008.



Primeira assembleia da ocupação Alto Alegre, na Zona Leste, em abril de 2009.



Com Jostein Gaarder, autor do livro O mundo de Sofia, no ano de 2010, durante a Bienal do livro em São Paulo.



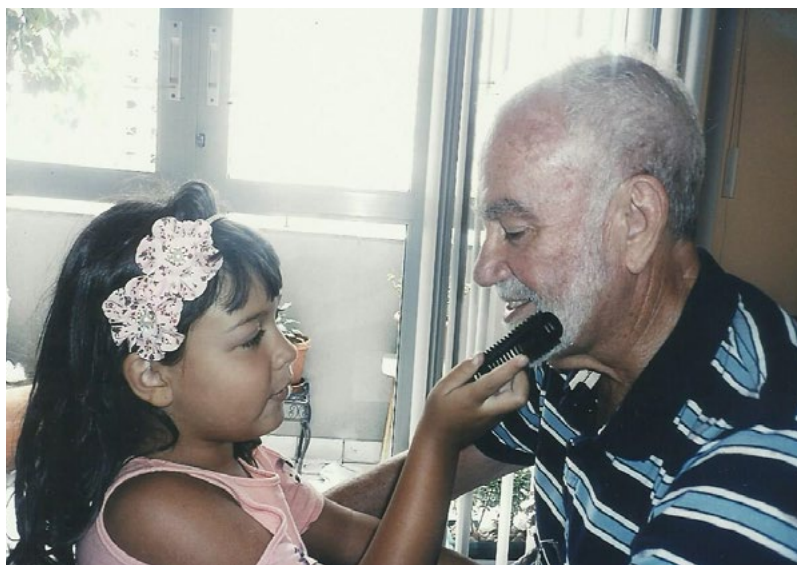
Com Claire Dixon, da Agência Católica de Desenvolvimento, amiga de longa data (2012).



Em ato de encerramento do Grito dos Excluídos, no Monumento às Bandeiras, no ano de 2013.



Participando do ato unificado de 8 de março, em defesa do direito das mulheres, em 2014, junto com a FLM.



Brincando com minha neta Sophia (2016).



Assembleia da Ocupação Direitos Humanos, na Zona Norte, em 2016.



Durante Sessão Solene de entrega do título de cidadão paulistano, em 2017, na Câmara Municipal de São Paulo. Crédito: Fotografia_CCI/CMSP.



Com Val Lima, minha companheira, no dia em que tomei posse como vereador, no ano de 2018.



Em dezembro de 2018, celebração dos 50 anos de militância, com companheiras/os, relembando os caminhos percorridos em defesa da justiça social.



Encerramento do encontro com o grupo Mulheres Negras na Frente, no ano de 2019. Crédito: Monica Alves.



Com Laura, Lígia e Sophia, amadas filhas e neta (2019).



Com o Bloco dos Sem Tetos, durante o carnaval 2020, antes da pandemia de COVID 19. Crédito: Anderson Barbosa.

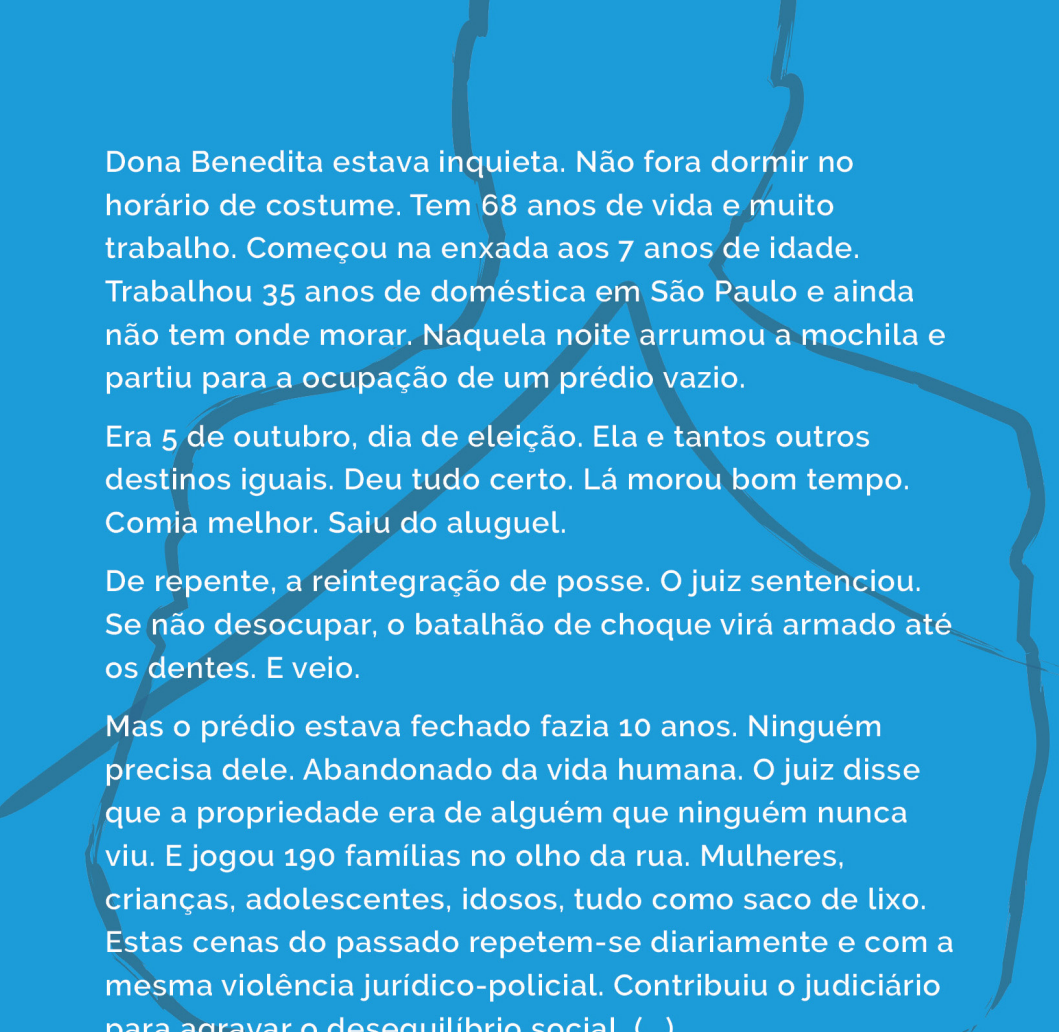


Título **Tudo começa com uma luta**

Formato	14x21cm
Tipografia textos	Libre Baskerville
Tipografia títulos	League Spartan
Papel miolo	Pólen
Gramatura	80g/m ²
Papel Capa	Cartão Supremo
Gramatura	250g/m ²
Diagramação	Israel Dias de Oliveira



Israel Dias de Oliveira
www.livro-reportagem.com.br
(11) 95497-4044



Dona Benedita estava inquieta. Não fora dormir no horário de costume. Tem 68 anos de vida e muito trabalho. Começou na enxada aos 7 anos de idade. Trabalhou 35 anos de doméstica em São Paulo e ainda não tem onde morar. Naquela noite arrumou a mochila e partiu para a ocupação de um prédio vazio.

Era 5 de outubro, dia de eleição. Ela e tantos outros destinos iguais. Deu tudo certo. Lá morou bom tempo. Comia melhor. Saiu do aluguel.

De repente, a reintegração de posse. O juiz sentenciou. Se não desocupar, o batalhão de choque virá armado até os dentes. E veio.

Mas o prédio estava fechado fazia 10 anos. Ninguém precisa dele. Abandonado da vida humana. O juiz disse que a propriedade era de alguém que ninguém nunca viu. E jogou 190 famílias no olho da rua. Mulheres, crianças, adolescentes, idosos, tudo como saco de lixo. Estas cenas do passado repetem-se diariamente e com a mesma violência jurídico-policial. Contribuiu o judiciário para agravar o desequilíbrio social. (...)

Trecho do texto: Reintegração de posse: a sentença de morte.

